PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC - SP

CLAUDINEI AFFONSO

NECESSIDADES E CONFLITOS EMOCIONAIS DE ADOLESCENTES MÃES
ABRIGADAS NOS PERÍODOS PRÉ E PÓS-NASCIMENTO, SOB O OLHAR DA
TEORIA DE D.W.WINNICOTT

DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

São Paulo
2015

CLAUDINEI AFFONSO

NECESSIDADES E CONFLITOS EMOCIONAIS DE ADOLESCENTES MÃES
ABRIGADAS NOS PERÍODOS PRÉ E PÓS-NASCIMENTO, SOB O OLHAR DA
TEORIA DE D.W.WINNICOTT

DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, como exigência para a
obtenção do título de Doutor em Psicologia Clínica sob a
orientação do Professor Doutor Alfredo Naffah Neto.

São Paulo
2015

Banca Examinadora

Agradecimentos

À Fundação São Paulo, mantenedora da Pontifícia Universidade Católica – PUC/SP, pela bolsa integral para a execução desta pesquisa.

Ao Prof. Dr. Alfredo Naffah Neto, pela disponibilidade em rever e apontar as alterações necessárias para que este estudo pudesse ser concluído.

Às adolescentes gestantes abrigadas, por se disporem a compartilhar suas experiências, sendo a referência principal deste estudo. À direção do abrigo e a suas profissionais, que abriram as portas da instituição, expondo suas dificuldades e carências, e assim viabilizando esta pesquisa.

À profa. Dra. Paula Miura pela disponibilidade e certeza da compreensão; à profa. Dra. Hilda Avoglia, que, de certa forma, é responsável pelas minhas escolhas profissionais; à profa. Dra. Elisa Cintra pela atenção e carinho de sempre; à profa. Dra. Ana Cristina Marzolla pela confiança.

Aos colegas e professores da PUC-SP, pelo incentivo nos corredores e conversas nos intervalos das aulas. Aos alunos da PUC-SP, que sempre me incentivaram, questionando e debatendo os temas deste trabalho.

Às irmãs Petroucic, pelo carinho de sempre e pela força nos momentos de necessidade e impaciência, pela familiaridade na vida.

À Ciça pela amizade e conversas animadoras e desanimadoras que me fizeram caminhar.

Aos colegas Vera e Edu, que participaram dos momentos bons, das dúvidas e discussões, que me impulsionaram ao final.

À fraternidade do ABCDM que sempre estiveram na torcida, obrigado!!!

À Cecília pelo seu cuidado e atenção sem restrições; as amigas do grupo de estudo em Winnicott: Diana, Terezinha, Malvina, Eleonora, Batia, Carla, Gina e Ariane pelas conversas e suporte.

Ao amigo Leopoldo, muito obrigado pela permanência.

Aos meus amigos de pouco tempo, mas de muito cuidado, Luiz e Ricardo, pelo socorro, carinho, disposição de amparar e acolher meus momentos.

A toda minha família de diferentes afetos, mas de afetividade sempre presente. Obrigado pelo carinho, torcida, apoio, orientação, paciência e tempo.

Ao meu pai Álvaro e meu irmão Marcelo, que concluíram rapidamente o percurso da vida, mas deixaram em mim a certeza de que se aqui estivessem estariam tão felizes quanto eu estou. A minha Tia Maria, com quem aprendi muito sobre o viver e suas possibilidades.

Dedico esta tese à minha mãe.

RESUMO

Este estudo teve como objetivo investigar a percepção das adolescentes mães abrigadas sobre os períodos pré e pós-nascimento de seus bebês. A fundamentação teórica de D.W.Winnicott foi utilizada para reconhecer as necessidades e os conflitos emocionais vividos nesses períodos. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, individuais, a partir de um roteiro adaptado; a análise centrou-se nos conflitos emocionais compartilhados, que foram associados à teoria do amadurecimento emocional. Devido à complexidade de fatores que envolvem a gestação na adolescência, o holding do ambiente se apresentou como fator primordial, devendo este estar preparado para compreender atitudes defensivas provenientes dos conflitos familiares e situações de vida marcadas pelo desamparo. Foram identificadas organizações defensivas nas jovens, como: falso-self, tendência antissocial, assim como estados de depressão e dissociação. Compreender esses mecanismos contribui na promoção das condições necessárias para que possam amadurecer emocionalmente e, conseqüentemente, na qualidade da relação mãe-bebê. Os profissionais que atuam com estas jovens necessitam de qualificação para sustentar conflitos, podendo assim minimizar os desgastes emocionais provocados pela responsabilidade que assumem. É fundamental que contem com a presença de supervisores que auxiliem na elaboração das tensões emocionais criadas no contexto de abrigo, pois estas podem resultar em limitações na atuação profissional. O abrigo pode ser um espaço decisivo para diagnosticar e amparar o adoecimento emocional, cuidar das adolescentes grávidas e mães de maneira especial e diferenciada, através de ações pontuais que priorizem a sustentação dos estados de regressão, de dependência e das angústias provenientes desse período. As ações, pautadas na prevenção, devem reconhecer a importância do cuidado na maternidade, sem desconsiderar as necessidades pessoais das adolescentes, para que se evitem traumas desnecessários ao longo do processo de amadurecimento emocional de seus bebês.

Palavras-chave: D.W.Winnicott, amadurecimento emocional, gravidez, adolescentes, abrigo.

ABSTRACT

This study aimed to verify the perception of adolescent mothers sheltered during the pre- and post-birth of their babies and used the theoretical foundation of D.W. Winnicott to recognize the emotional needs conflicts of adolescents in these periods. Individual interviews were conducted using as a support an adapted screenplay referring to those periods; the interviews were analyzed and the emotional conflicts were associated with the theory of emotional maturation. The holding was considered the key factor to deal with the complexity of conflicts involved in that period. The environment should be prepared to understand defensive attitudes deriving from family conflicts and situations of life marked by helplessness. Some defensive mechanisms were identified as false-self, antisocial tendency, as well as depression and dissociation states. The understanding of these mechanisms contributes to change the way to host adolescents and promote the conditions to their emotional maturing. Ensure the health of mothers and their babies and, contribute to the quality of the mother-infant relationship and prevent actions that cause trauma. Professionals working in this area need skills on issues involving the emotional maturity; so they can minimize the emotional tension caused by the responsibility assumed by them. Adolescents seek rapid growth, if they are impulsed to it, the result will be a false maturity and the impossibility of experiencing the immaturity of adolescence. Thus, they disregard the immaturity of their actions, their emotional dependence and the personal and social impediments involving the care of a baby. It is essential, the presence of supervisors to assist in the elaboration of emotional tensions created in this context, as these may result in limitations on professional performance. The shelter can be a decisive space to diagnose and support the emotional illness, to care for pregnant teenagers and to the young mothers in a special and differentiated way, through specific actions that prioritize the support of regression states, dependency and anguish from that period. Actions based on prevention, recognizing the importance of maternity care, without disregarding the personal needs of adolescents, in order to avoid unnecessary trauma over emotional maturation process of their babies are required.

Keywords: D.W. Winnicott, emotional maturity, pregnancy, teenagers, shelter.

RÉSUMÉ

Cette étude a eu pour objectif l'investigation de la perception des mères adolescentes à l'abri dans des refuges durant les périodes situées avant et après la naissance de leurs bébés. Le fondement théorique de D.W.Winnicott a été utilisé pour reconnaître les nécessités et les conflits émotionnels vécus durant ces périodes. Des interviews à demi structurées, individuelles, ont été réalisées à partir d'un plan adapté; l'analyse s'est concentrée sur les conflits émotionnels partagés, qui ont été associés à la théorie de la maturité émotionnelle. Face à la complexité des facteurs qui impliquent la gestation durant l'adolescence, le holding du milieu est apparu comme un facteur primordial, celui-ci devant être préparé afin de comprendre des attitudes défensives provenant des conflits familiaux et des situations de vie marquées par l'abandon. Des organisations défensives chez les jeunes ont été identifiées, telles que le faux-self, la tendance anti-sociale, ainsi que des états de dépression et de dissociation. Comprendre ces mécanismes contribue à la promotion des conditions nécessaires pour que ces jeunes puissent atteindre une maturité émotionnelle et, en conséquence, contribuer à la qualité de la relation mère-bébé. Les professionnels qui accompagnent ces jeunes ont besoin de qualification pour affronter les conflits, afin de minimiser les effets d'usure émotionnelle, provoqués par la responsabilité qu'ils assument. Il est fondamental qu'ils puissent compter sur la présence de superviseurs qui accompagnent l'élaboration des tensions émotionnelles créées dans le contexte de l'hébergement, car celles-ci peuvent entraîner des limites dans l'exercice de la profession. Le refuge peut être un espace décisif pour diagnostiquer et éviter une maladie émotionnelle, et s'occuper des adolescentes enceintes et des mères, de manière spécifique et différenciée, à partir d'actions ponctuelles qui priorisent le soutien dans le cas des états de régression, de dépendance et d'angoisses provenant de cette période. Les actions, basées sur la prévention, doivent reconnaître l'importance de l'accompagnement durant la maternité, sans oublier les nécessités personnelles des adolescentes, afin d'éviter des traumatismes sans nécessité, tout au long du processus de maturation émotionnelle de leurs bébés.

Mots-clés: D.W.Winnicott, maturité émotionnelle, grossesse, adolescentes, refuge.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - O Abrigo como Garantia de Direitos	22
1.1. Desafios do Abrigo	26
1.2. Qualificação dos Profissionais da rede socioassistencial	29
1.3. O Acolhimento às Famílias	33
CAPÍTULO 2 - A Contribuição Teórica de Winnicott.....	37
2.1. Da Gestação à Preocupação Materna Primária	38
2.2. A Dependência Absoluta	40
2.3. Da Dependência Relativa à Independência Relativa	45
2.4. Rumo à Independência Relativa	49
2.5 O Amadurecimento na Adolescência	52
2.5.1. As Mudanças na Puberdade	56
2.3.2. A Tendência Antissocial	60
2.3.3. As Possibilidades do Ambiente	61
CAPÍTULO 3 – Método	63
3.1. Instrumento	63
3.2. Procedimentos	66
CAPÍTULO 4 - Análise das temáticas trazidas nas entrevistas e considerações sobre a dinâmica relacional com a instituição	71
4.1. Ressonâncias afetivas e necessidades emocionais identificadas nas entrevistas	72
4.2. Leitura e interpretação dos temas investigados nas entrevistas	116
4.3. A dinâmica com a Instituição	130
CONSIDERAÇÕES FINAIS	144
REFERÊNCIAS	151
ANEXO A – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS	157
ANEXO B – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	162

INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é compreender as necessidades de jovens mães abrigadas, durante o período pré e pós-nascimento de seus bebês, contribuindo, assim, para a excelência da atenção a elas disponibilizada.

A ênfase na questão das necessidades maternas originou-se durante minha pesquisa de mestrado sobre adolescentes em conflito com a lei. Tendo como base a abordagem da teoria Sócio Histórica, a pesquisa revelou que a relação dessa população com suas mães era muito significativa, o que me conduziu ao estudo da obra de D.W.Winnicott, em especial sobre a tendência antissocial.

Nessa ocasião, também participei do projeto de pesquisa “Prontidão para a prevenção dos maus-tratos infantis”, realizado pelo Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo (NEV-USP/SP), em parceria com a Organização Mundial de Saúde (OMS) e o Instituto Fetzer, durante o período de 2009 a 2012. O objetivo era verificar a prontidão para a prevenção dos maus-tratos contra a criança no Brasil, por meio da elaboração de um questionário multidimensional dirigido a quarenta e um profissionais da área da infância e da adolescência, provenientes de agências governamentais e não-governamentais. Ao final, as respostas foram analisadas, qualitativa e quantitativamente, o que possibilitou a produção do *Relatório sobre os maus-tratos contra a criança no Brasil*¹ que foi comparado, posteriormente, aos de outros quatro países (Malásia, Arábia Saudita, África do Sul e Macedônia) que participaram simultaneamente do projeto.

Ao longo desse trabalho, ficou evidente a importância das questões que envolvem a primeira infância na área da saúde, cujas pesquisas começam a associar problemas da vida adulta com a qualidade das condições ambientais da primeira infância. Assim, temas como reprodução da violência, obesidade, doenças crônicas, drogadição, bem como saúde mental têm sido relacionados aos cuidados fornecidos nos primeiros anos de vida, ressaltando-se a importância da elaboração de políticas públicas que atuem na prevenção e na garantia de direitos para crianças e adolescentes (SHONKOFF, 2000).

¹ O relatório final desse trabalho pode ser encontrado na íntegra no site: www.nevusp.org, do Núcleo de Estudos da Violência – USP/SP ou no site: <http://www.who.int>, da Organização Mundial de Saúde.

Durante a pesquisa sobre maus-tratos infantis, os relatos recolhidos durante as entrevistas realizadas com os profissionais da área da infância e da adolescência evidenciaram que a legislação brasileira, no que se refere à proteção dos direitos das crianças e adolescentes, é reconhecida como uma das melhores do mundo. A lei enfatiza a importância da atenção integral a essa população, em respeito à sua condição específica de pessoas em desenvolvimento. O Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (BRASIL, 1990), assim como a Constituição Federal da República de 1988, em seu artigo 227, reforçam a responsabilidade da família, da sociedade e do Estado em prover as condições adequadas para esse desenvolvimento, tendo como princípio o respeito à liberdade e dignidade humana.

Nessa perspectiva, tanto as determinações legais como os estudos realizados por Winnicott convergem na proposição que enfatiza a necessidade de prover condições adequadas para o desenvolvimento emocional de crianças e adolescentes.

Retomando minhas análises sobre o relatório, pude observar que, apesar de os entrevistados reconhecerem a abrangência das leis e dos tratados que protegem crianças e adolescentes brasileiros, a pesquisa alerta para as dificuldades referentes ao exercício e cumprimento dessas leis em sua totalidade. Os entrevistados fizeram menção à necessidade de investimentos em recursos materiais, humanos e sociais, que se traduzem em equipamentos, tecnologia, estrutura física, bem como na qualificação profissional, na criação de núcleos de formação e pesquisa, no envolvimento social e, ainda, na motivação política para debater o tema. A falta de agentes governamentais e representações sociais para defender direitos das crianças e dos adolescentes também é uma questão relevante, já que, aparentemente, existe uma sensibilização da população, mas, em termos de ações concretas, pouco é realizado.

Esse distanciamento entre o âmbito da elaboração das leis e as ações que envolvem sua execução cria um espaço propício para aprofundar reflexões. Nesses termos, considero valorosa a contribuição de Winnicott, que atrela o desenvolvimento social ao individual, observando que “a sociedade não pode ir além do denominador comum da saúde individual, e não pode avançar mais porque a sociedade tem que cuidar de seus membros enfermos” (1967, p.4). Menciono esse trecho da obra do pediatra e psicanalista,

pois penso que as leis se constituem em dispositivos que nos conduzem a uma conduta comum, mas seu cumprimento depende da maturidade de cada indivíduo, que, inserido em sociedade, pode reconhecê-las como significativas. Isso implica fornecer condições que facilitem o amadurecimento das pessoas, para que possam utilizar seu potencial de socialização e de identificação com a sociedade, “sem sacrificar em demasia os impulsos espontâneos pessoais, sendo isto uma das raízes da criatividade” (WINNICOTT, 1961a, p.137).

O potencial criativo existente nos indivíduos poderá ser exercido diante das condições de sustentação do ambiente, nas experiências dos cuidados suficientemente bons, geralmente ofertados pela mãe, ou, na ausência dela, por outros adultos significativos. Para o bebê que inicia a vida desse modo, “o sentimento de confiabilidade” pode surgir naturalmente (WINNICOTT, 1963a, p.92), o que nos leva a pensar que o ambiente facilitador encerra um compromisso substancial nas questões que envolvem o desenvolvimento.

Assim, um ponto relevante na teoria winnicottiana diz respeito à constituição da moralidade a partir da crença na confiabilidade do ambiente, o que leva à possibilidade de o indivíduo reconhecer e lidar com as regras sociais de forma criativa e através de uma experiência pessoal. É crucial, pois, compreender quais são as condições necessárias para que o indivíduo exerça sua criatividade, insira-se na cultura e proponha mudanças para os contextos em que vive.

Voltando à pesquisa sobre prevenção de maus-tratos contra crianças, os resultados das entrevistas demonstraram: (i) a necessidade da qualificação e formação de profissionais na área da prevenção, (ii) a importância da avaliação de programas e serviços na área da infância e adolescência, (iii) a relevância das ações em rede entre as instituições envolvidas nesse tema, (iv) a necessidade da produção de dados mais sistematizados nessa área. A falta de prontidão e a ausência de programas de prevenção dos maus-tratos contra crianças também foram apresentadas como relevantes, ressaltando-se, ainda, que pouco da produção acadêmica é utilizado para a elaboração desses programas, incluindo-se aqueles voltados à qualificação profissional. Há, portanto, um distanciamento entre as pesquisas acadêmicas e as demandas sociais (CARDIA, LAGATTA, AFFONSO, 2012).

E foi justamente a busca por associar questões do indivíduo às demandas institucionais de qualificação profissional, a partir de conceitos teóricos disponíveis no contexto acadêmico, que me motivou a realizar o presente estudo. Penso que priorizar as necessidades de jovens mães em situação de abrigo, compreendendo-as através da teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott, pode contribuir para estreitar as distâncias entre produção acadêmica, qualificação profissional e demanda social.

- **As jovens mães no Brasil**

O amadurecimento emocional humano é composto de vários estágios, nos quais o indivíduo, desde que sustentado pelo ambiente, vive experiências pessoais que contribuem para sua integração psicossomática, possibilitando que possa atingir certa independência, que nunca é totalmente conquistada. Em muitos momentos, é necessário retornar a experiências anteriores para novamente retomar os caminhos do amadurecimento. Nesse percurso, a fase da adolescência se manifesta como um período de diferenciação e isolamento, um momento para retirar-se da infância com o intuito de ingressar na vida adulta.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 1996), a adolescência compreende a faixa etária de 10 a 19 anos, caracterizando-se como um período de transição entre a infância e a idade adulta. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei n.º 8.069/90 (BRASIL, 1990), art. 2, delimita esse período entre 12 e 18 anos de idade. Porém, é importante considerar que, em termos emocionais, é necessário ir além da cronologia e ponderar as mudanças provenientes da puberdade, bem como as questões que envolvem o ambiente em que o indivíduo se desenvolve como indicadores das condições de amadurecimento nesse estágio.

De acordo com dados de 2012, a população de adolescentes no Brasil representava 18% do país, correspondendo a 34.275.813 habitantes, dos quais 50,4% eram homens e 49,5%, mulheres (BRASIL, 2012). Trata-se, portanto, de uma porcentagem significativa de indivíduos ainda em desenvolvimento, necessitando, portanto, de suporte para conquistar a vida adulta.

Nesse momento de sua vida, o adolescente busca se reconhecer e se sentir real; faz novas descobertas pessoais que modificam sua relação com a família, precisa conquistar novos espaços e tornar-se independente. Não se trata, porém, de um processo linear; ao contrário, podem ocorrer breves oscilações entre estados de independência revoltosa e momentos de dependência regressiva, e até mesmo a coexistência dos dois extremos (WINNICOTT, 1961b). As constantes certezas e incertezas comprometem a estabilidade emocional do adolescente, sempre sob a ameaça de estados de fragilidade e dependência.

Na puberdade, as inúmeras e intensas transformações biológicas e fisiológicas conduzem o adolescente ao reconhecimento de seu potencial destrutivo, de sua agressividade, e culminam com seu potencial reprodutivo. A sexualidade também é marcada por um período de incertezas: as experiências sexuais ajudam na integração dos instintos e no amadurecimento da sexualidade, mas, muitas vezes, a atividade masturbatória e relações sexuais compulsivas podem servir para descarregar as tensões e, em última instância, livrar-se do sexo. Nesse sentido, essas atividades não servem para o amadurecimento sexual, como destaca Winnicott:

Às vezes se assume que meninos e meninas que, como se diz, “pulam de cama em cama” e que mantêm relações sexuais (e talvez tenham uma gravidez ou duas) alcançaram a maturidade sexual. Eles mesmos sabem que isso não é verdade, e começam a desprezar o sexo como tal (WINNICOTT, 1968a, p.160).

Essas ideias apontam para a imaturidade sexual do adolescente, que busca, através das experiências pessoais, decifrar seus instintos. Estes últimos, por sua vez, podem provocar sentimentos de incerteza, tensões e ansiedades, assim como a necessidade de descarregá-los de alguma forma e com urgência, levando, eventualmente, a comportamentos compulsivos. A busca por alcançar uma sexualidade adulta pode, portanto, ser um percurso longo, e a gravidez pode tornar-se uma realidade — quando esta ocorre, além das transformações físicas e emocionais próprias deste período, o adolescente terá de se ver com as modificações provenientes da gestação.

A maternidade na juventude parece ser comum em nossa população. Dados sobre nascidos vivos no Brasil, em 2009, mostraram que 51,4% (1 512 374) deles são filhos de mães com idade até 24 anos, sendo: 0,9% (27 610) de mães do grupo etário de 10 a 14

anos, 20,6% (605 270), de 15 a 19 anos, e 29,9% (879 493), de 20 a 24 anos (BRASIL, 2009).

Segundo esses dados, 21,5% (632 880) dos nascidos vivos tinham mães na faixa etária entre 10 e 19 anos; ou seja, uma população jovem, que ainda vive as questões emocionais da adolescência e de uma imaturidade ainda presente. Do ponto de vista físico, a gravidez nessa fase da vida é vista como preocupante, sendo considerada de alto risco sob a perspectiva obstétrica, devido ao elevado índice de morbidade materno-fetal. Observam-se, nesses casos: maior índice de anemia, infecção urinária, eclampsia; baixo ganho de peso materno, baixo peso do bebê, desmame precoce, aumento das doenças sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada, aborto, rejeição da criança e suicídio (GODINHO et al., 2000; SILVIA et al., 2009).

Outro fator importante: estudo divulgado em 2005 indicou que a maioria das adolescentes grávidas pertencia aos estratos de renda mais baixos: 44,2% das jovens de 15 a 19 anos com filhos estavam na faixa de renda média familiar per capita de até meio salário mínimo, correspondendo a 26,7% das adolescentes nessa faixa etária (IPEA, 2005).

Baixa escolaridade, falta do companheiro e condições insatisfatórias do ponto de vista financeiro e estrutural da família também se apresentam como fatores preocupantes na gravidez na adolescência (AMORIM et al., 2009).

Importante lembrar ainda que, em termos emocionais, o período gestacional constitui uma etapa delicada, que conduz a gestante a uma sensibilidade exacerbada, um estado psicológico muito especial denominado por Winnicott (1956a) “*preocupação materna primária*”. Trata-se de um processo que promove um envolvimento único que favorece a adaptação sensível e terna da mãe às necessidades do bebê.

Após ter atingido esse estado sensível de envolvimento com o feto e ter superado os riscos da gestação e do parto, a adolescente precisa cuidar do bebê e iniciar uma comunicação com ele, sendo então, pela maternidade, introduzida na vida adulta e, assim, entrando em contato com uma nova identidade. Porém, vive uma situação ambígua, pois

é ainda uma adolescente, com todas as idiosincrasias próprias desse momento de seu processo de amadurecimento (MATOS; MADEIRA, 2000; BERGAMASCHI, 2007).

A imaturidade emocional das adolescentes é vista como um impedimento para que a jovem mãe cuide adequadamente de seu bebê. Nesse contexto, o apoio familiar (emocional e financeiro) é importante, mas a realidade demonstra que nem sempre ela poderá contar com isso. Muitas vezes, o que se constata é que a maioria das jovens não tem vínculo com seus familiares, nem pode contar com seu suporte; além disso, há o despreparo ou o abandono por parte do parceiro (GODINHO et al., 2000; BERGAMASCHI, 2007; SILVIA et al., 2009).

Para Winnicott (1988), o apoio do ambiente, seja familiar ou social, é determinante, pois “ a mãe, se adequadamente assistida por seu companheiro ou pela Previdência Social, está preparada para uma experiência na qual ela sabe, muitíssimo bem, quais são as necessidades do bebê. ” (p.4). Isso assegura as condições para o início da relação mãe-bebê e garante o cuidado ao recém-nascido.

Ainda segundo Winnicott (1988a), o desenvolvimento depende de um ambiente facilitador com condições de confiabilidade e adaptação para suprir as necessidades do indivíduo ao longo do processo de amadurecimento pessoal, representando um papel determinante na aquisição da experiência de criar a própria existência, de criar o próprio mundo. Assim, um ambiente confiável e adaptado às necessidades de uma jovem gestante ou mãe, se estiver disponível para sustentar suas demandas ao longo desse processo, pode facilitar seu desenvolvimento emocional.

Ao contrário, em situações de desamparo, tais condições só podem ser atingidas se a adolescente considerar a rede de suporte social disponível para o seu acolhimento. Mas como funciona essa rede? Será que, de fato, vem cumprindo suas funções de cuidado junto a essa população?

- **A constituição da rede de cuidados voltada a crianças e adolescentes no Brasil**

O ECA (1990), em seu Cap. I, art. 98, determina “medidas de proteção a crianças e adolescentes sempre que seus direitos reconhecidos na lei forem ameaçados ou violados;

I – por ação ou omissão da sociedade ou do Estado; II – por falta, omissão ou abuso dos pais ou responsáveis; III – em razão de sua conduta” (BRASIL, 1990).

No caso das mães adolescentes, se as condições financeiras, emocionais e estruturais para ampará-las, bem como a seus bebês forem insuficientes, se essas jovens estiverem fora do contexto familiar, em situação de vulnerabilidade social e ameaçadas no seu direito de proteção, deverão ser amparadas nas instituições de acolhimento social.

Para a aplicação de medida de proteção em abrigo, o art. 100, cap. II, determina que devem ser levadas em conta as necessidades pedagógicas, preferindo-se aquelas que visem ao fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários. E, ainda, “toda criança ou adolescente tem o direito a ser criado e educado no seio da sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar, comunitária, em ambiente livre da presença de pessoas dependentes de substâncias entorpecentes”, conforme Cap. III, seção I, art.19 do ECA (BRASIL, 1990).

O relatório do Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Comunitária e da Família – CONANDA, demonstrou que, em 2006, existiam cerca de 20 mil crianças e adolescentes atendidos nas 589 instituições de abrigos beneficiados com recursos do Governo Federal (BRASIL, 2006). A maior parte dessa população se encontrava na região Sudeste, que concentrava 49% deles. Já a participação das demais regiões nesse total era bem menor: 29,4% na região Nordeste, 15,5% na região Sul, 8,2% na região Centro Oeste e apenas 1,9% na região Norte. O maior número de instituições de abrigo estava no estado de São Paulo (362), seguido pelos estados de Minas Gerais (352), Rio Grande do Sul (213), Rio de Janeiro (173) e Paraná (131). O maior número de crianças e jovens abrigados também se encontrava no estado de São Paulo: 8.485 do total. Em sequência, temos os estados de Minas Gerais (5.574), Rio de Janeiro (4.422), Rio Grande do Sul (3.802) e Paraná (2.943) (IPEA/CONANDA, 2006).

Os critérios de atendimento nas instituições de abrigo estão garantidos pelas determinações do ECA que, em seu Art. 92, Parágrafo III, traz como princípio às entidades que desenvolvem programas de abrigo a necessidade de um atendimento personalizado e em pequenos grupos. Dessa forma, a lei reforça a relevância do olhar para

as questões individuais em um contexto estruturado e com características familiares (BRASIL, 1990).

O abrigo é o lugar para o qual são encaminhadas as crianças e os adolescentes que sofreram a ausência e a omissão de muitos, razão pela qual necessitam de amparo e cuidados especiais. Essas instituições, portanto, devem proporcionar uma experiência de convívio cotidiano que se aproxime ao ambiente familiar, criando espaços acolhedores que promovam o desenvolvimento dessa população.

Apesar da situação de desamparo em que se encontram, é função dos abrigos reaproximar crianças e adolescentes de seus familiares, buscando canais de comunicação e resolução dos conflitos para manutenção do vínculo entre eles. Isso porque, de acordo com o ECA, art.101, parágrafo único, o abrigo foi concebido como um lugar de passagem, de reestruturação da vida e de restabelecimento do contato com a família ou familiares próximos, daí a importância de não se estender o tempo de permanência nessa instituição.

Essa prerrogativa, porém, não vem sendo cumprida. Segundo dados nacionais do CONANDA (2006), mais da metade das crianças e dos adolescentes abrigados vivia nas instituições há mais de dois anos, enquanto 32,9% estavam nos abrigos por períodos entre dois e cinco anos, 13,3% entre seis e dez anos e 6,4%, por mais de dez anos. Observou-se que, em relação às ações de incentivo à convivência das crianças e dos adolescentes com suas famílias de origem, a maioria dos programas realizava visitas domiciliares, uma minoria permitia visitas livres dos familiares aos abrigos e somente 31,2% realizavam as duas ações conjuntamente (BRASIL, 2006). A ausência das relações e de convivência com os familiares faz com que os abrigados permaneçam por mais tempo do que o previsto na instituição, muitas vezes, passando por períodos de grande sofrimento.

Em função disso, há necessidade de ações de prevenção ao rompimento dos vínculos familiares, buscando-se a criação de práticas que auxiliem a qualificação do atendimento dos serviços de acolhimento e o investimento ao retorno à família de origem (BRASIL, 2006).

Tendo isso em vista, cabe aos serviços de acolhimento apresentar as condições estruturais e profissionais para amparar e dar suporte às necessidades pessoais de crianças

e adolescentes, uma ação que requer a participação de outras áreas de conhecimento, além da assistência social. A inclusão das famílias resulta em reconhecer as dificuldades que envolvem as relações e diagnosticar problemas e carências, para então elaborar estratégias de atendimento mais amplas.

É importante que os adolescentes sintam a possibilidade de retorno à família, ou se percebam em condições pessoais para recomeçar as relações afetivas que envolvem parentes e também amigos. Os profissionais que atuam nesse contexto devem receber e prover suporte emocional às jovens; mas, para que isso ocorra, deve haver uma reconstrução da mentalidade a ser concretizada ao se enfrentar essa realidade. “Isso passa, necessariamente, pela efetivação de mais investimentos na capacitação e formação profissional em todos os níveis.” (OLIVEIRA, 2006, p. 43).

De fato, são lançadas contendas aos profissionais dos abrigos que ultrapassam a manutenção da estrutura física dessas instituições. Em sua função social de proteção e cuidado, esses profissionais enfrentam situações que demandam suporte emocional e adaptação às ações imaturas e de confronto características da adolescência. É fundamental, então, que se mostrem preparados para fornecer o amparo emocional que essa população necessita para resgatar o contato com os familiares, partilhando essas situações para a facilitação do processo de conquista do amadurecimento emocional desses jovens.

Os abrigos abrem as portas para ansiedades, angústias, conflitos e sentimentos ambivalentes, mas devem fechá-las para ameaças externas concretas, que põem em risco a integridade física e psíquica dessa população. Concretamente, como instituição, determinam um limite real: um dentro e um fora, materializados. As experiências constituídas nesses espaços se configuram pela materialidade do limite entre o real vivenciado internamente, entre as paredes do abrigo, e o subjetivo presente interna e externamente nas constituições somáticas de crianças e adolescentes. Trata-se, pois, de uma lógica que apresenta grande complexidade para aqueles que trabalham cotidianamente nesses espaços de passagem, o que é de certa forma agravado no caso das jovens gestantes e mães.

Diante desse quadro, este estudo se propõe a oferecer subsídios que possam contribuir para a melhoria das condições dos profissionais que trabalham nos abrigos, nesses espaços de transição, de passagem, pensados sob a lógica da proteção e constituídos para assegurar a integridade física e emocional das crianças e jovens abrigados, em especial no que se refere ao atendimento das adolescentes grávidas.

Na complexidade desse tema, questionamos: Como estariam essas jovens diante das transformações provenientes da gestação e da maternidade? Como percebem as condições e possibilidades existentes no abrigo que se propõe a protegê-las e solucionar os conflitos resultantes desse processo? Como se configuram as experiências de vida de jovens na situação de abrigo?

Esses questionamentos podem auxiliar a compreensão de como as jovens utilizam esse espaço, concretamente objetivo, mas que, no entanto, cria condições para experiências subjetivas de ser. Na busca pelo amadurecimento emocional, o abrigo é o ambiente que reconhece e acolhe as necessidades emocionais das jovens mães. Nesse processo, torna-se o ambiente facilitador, disponível para elas, que pode sustentar e favorecer o retorno a um estado de dependência.

O abrigo não é o lar, mas as abriga e as acolhe; dá segurança, mas não quer dependência; por ser um lugar de passagem, trabalha a favor da independência, na expectativa de que a jovem possa adquirir a maturidade necessária para assumir uma vida adulta, de trabalho, estudo e responsabilizar-se pelo cuidado de seu bebê.

Fundamentado na teoria do amadurecimento emocional de D. W. Winnicott, o presente estudo pretende investigar então, a partir do discurso de jovens gestantes e mães adolescentes abrigadas, quais suas necessidades e conflitos emocionais durante o período pré e pós-nascimento de seus bebês, com o intuito de compreender como o amadurecimento emocional dessa população se configura nesse contexto.

Para isso, a tese foi estruturada da seguinte forma: O capítulo I apresenta as questões que envolvem o Abrigo como garantia de direitos de proteção; os desafios do abrigo em termos de atingir seus objetivos; a qualificação dos profissionais da rede assistência social; a importância do acolhimento das famílias. No capítulo 2, a teoria do

amadurecimento emocional de Winnicott, com ênfase inicial na preocupação materna primária; seguida pelos estágios do amadurecimento emocional; o amadurecimento na adolescência; as mudanças na puberdade; a tendência antissocial e as possibilidades do ambiente. No capítulo 3, foram descritos os métodos e os procedimentos para a realização do estudo. O capítulo 4, encontram-se as descrições de trechos das entrevistas; suas análises e uma análise da dinâmica institucional. As considerações finais encerram o estudo.

Capítulo 1 - O ABRIGO COMO GARANTIA DE DIREITOS

Crianças e adolescentes brasileiros privados do convívio familiar e em situação de risco pessoal e social contam, atualmente, com a proteção integral do Estado, sendo este um direito garantido no artigo 227 da Constituição Federal de 1988:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA - Lei Federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990) reforça esse princípio em seu artigo 4º:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1990).

O ECA garante, sem distinção, o reconhecimento de crianças e adolescentes como pessoas com direitos e deveres. Visa proteger menores de 18 anos proporcionando-lhes um desenvolvimento físico, mental, moral e social condizente com os princípios constitucionais da liberdade e da dignidade, preparando-os para a vida adulta em sociedade.

O ECA estabelece direitos à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária para meninos e meninas, e também aborda questões de políticas de atendimento, medidas protetivas ou medidas socioeducativas, entre outras providências. Trata-se de direitos diretamente relacionados à Constituição da República de 1988.

A implementação do Estatuto tem mobilizado várias áreas do conhecimento que se preocupam com a formulação, avaliação e execução de políticas públicas que favoreçam sua execução. Nesse ponto, muito já foi conquistado, mas ainda existe um

longo caminho a ser percorrido para que se possa compreender, com a devida relevância, a importância dos cuidados com a primeira infância e a adolescência. O tema ainda precisa ser debatido em várias esferas sociais, devendo ser considerado como prioridade para os setores da política, do judiciário, da saúde, da educação, da assistência social e da sociedade em geral.

Medidas protetivas são necessárias, já que crianças e adolescentes continuam a sofrer com situações de maus-tratos e violência em nosso país, de maneira silenciosa, apesar das marcas que se mantêm doloridas. Há poucas notificações de suspeita de abusos e faltam dados oficiais a respeito dessas violações, o que agrava ainda mais o problema da violência contra essa população. Trata-se de uma epidemia que, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), deve ser tratada no âmbito da saúde:

As violências são caracterizadas pelo uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou comunidade que possa resultar em ou tenha alta probabilidade de resultar em morte, lesão, dano psicológico, problemas de desenvolvimento ou privação (OMS, 2002, p. 5).

Dados publicados pela organização em 2002 revelaram a gama de violência sofrida por crianças e adolescentes: cerca de 53.000 crianças e 0-17 anos de idade haviam sido vítimas de homicídio.

Segundo as últimas estimativas da Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2013), no ano 2000-2012, 5.7 milhões de crianças realizavam trabalhos forçados ou em regime de servidão, 1.8 milhões estavam envolvidas com prostituição e pornografia e 1.2 milhões foram vítimas de tráfico. O estudo revelou, ainda, que crianças e adolescentes que se encontravam em centros de detenção frequentemente eram vítimas de atos de violência por parte do pessoal da instituição, por vezes como forma de controle ou castigo, na maior parte dos casos por infrações menores. Em 77 países, instituições penais aceitam como medidas disciplinares legais castigos corporais e outras formas de punição violentas.

O desenvolvimento econômico, o status social, a idade, o sexo e o gênero são alguns dos muitos fatores associados ao risco da violência letal. Estimativas da OMS

sugerem que a taxa de homicídios de crianças em 2002 foi duas vezes mais alta em países de baixa renda do que em países de renda alta (2,58 versus 1,21 por 100,000 habitantes). A taxa de homicídio mais alta foi registrada entre adolescentes, principalmente meninos, com idades entre 15 e 17 anos (3,28 para as meninas, 9,06 para os meninos) e entre crianças de 0 a 4 anos de idade (1,99 para as meninas, 2,09 para os meninos) e adolescentes.

Em seu trabalho sobre maus-tratos a crianças e adolescentes, Martins (2010, p.662) coletou dados alarmantes:

Calcula-se, que no mundo, o coeficiente de mortalidade por maus-tratos é de 2,2 por 100.000 crianças do sexo feminino e de 1,8 por 100.000 crianças do sexo masculino, sendo os maus-tratos perpetrados pelo pai biológico (em 41,3% dos casos), pela mãe biológica (38,9%), pelo padrasto (11,1%), pela madrasta (3,4%), por outros parentes (4,9%) e por famílias e parentes adotivos (0,4%), calcula-se que, no mundo, cerca de 40 milhões de crianças e adolescentes sofrem abuso. Devido às circunstâncias em que ocorrem e a dependência das vítimas ao agressor (pai, padrasto, parentes, entre outros próximos), o sigilo dessas ocorrências permanece e as consequentes dificuldades para denunciá-las ainda é uma triste realidade.

Ainda segundo o autor (op. cit.), em 2005, no Brasil “as agressões constituíram a primeira causa de óbito na faixa etária de 0 a 19 anos de idade (39,7%), com proporção expressiva na faixa etária de 15 a 19 anos (55,1%).

Em 1975, o Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATAUSUS) implementou o Sistema de Informação sobre Mortalidade – SIM, tendo como finalidade reunir dados quantitativos e qualitativos sobre óbitos ocorridos no Brasil; para priorizar a Política Nacional de Promoção de Saúde, o Ministério da Saúde implementou a Ficha de Notificação/ Investigação Individual de Violência Doméstica, Sexual e/ou Outras Violências, estabelecida pela Lei no10.778/2003, que torna compulsória para os profissionais da área de saúde a identificação e a notificação desses casos. Os registros de casos de violência contra adolescentes demonstraram que, dos casos registrados de violência contra adolescentes, 56,3% foram de agressões sexuais; as agressões psicológicas ocuparam o segundo lugar, com 49,9%, e as físicas, 48,3%, seguidas de negligência e abandono, com 12,6%, 50% em residências e 17% nas vias

públicas; 78% eram do sexo feminino, e a violência sexual foi a principal violência contra adolescentes de 10 aos 19 anos de idade (BRASIL, 2008).

O desafio atual reside em envolver os profissionais no processo de notificação, pois, muitas vezes, embora suspeitem da vitimização, preferem não se envolver com o problema.

Diante dessa situação de intolerância, fatalidade e falta de informações que atinge vários níveis, os casos notificados pelos Conselhos Tutelares, serviços de saúde, programas e projetos sociais são encaminhados ao Juizado da Infância e da Juventude e recebem medida protetiva para o acolhimento em instituição de abrigo.

Além desses dados sobre violência perpetrada, outro levantamento, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2005), buscou compreender as circunstâncias que conduzem crianças e adolescentes aos abrigos. O estudo constatou um cenário de falta de recursos materiais das famílias ou responsáveis, de abandono por parte dos pais, violência doméstica, dependência química dos pais ou responsáveis, vivência de rua e orfandade. Ao serem encaminhados aos abrigos, crianças e adolescentes precisam, portanto, de atenção e cuidado, de acolhimento físico e emocional, de modo a minimizar os impactos da violência sofrida.

Neste sentido, os abrigos devem apresentar as condições de sustentação necessárias para amparar essa população nas situações críticas que comprometem seu desenvolvimento. É necessário que estejam preparados para garantir, preservar e manter o desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes, devendo garantir sua integridade física e emocional, criando programas protetivos e socioeducativos destinados exclusivamente aos abrigados (BRASIL, 1990). O objetivo dessas ações é caminhar ao encontro das necessidades e características da população atendida no serviço de abrigamento, favorecendo atividades que possam beneficiá-la.

Para garantir que os programas protetivos atuem e cumpram suas incumbências, as prerrogativas do ECA (BRASIL, 1990) determinam as condições para o funcionamento dos abrigos. Em seu artigo 91, fez referência às instalações para o funcionamento dos abrigos, negando o registro às entidades que não oferecessem

instalações físicas em condições de habitabilidade, higiene, salubridade e segurança. Em seu artigo 92, descreveu os seguintes princípios a serem adotados pelos programas de abrigo: I – preservação dos vínculos familiares; II – integração em família substituta, quando esgotados os recursos de manutenção na família de origem; III- atendimento personalizado e em pequenos grupos; IV- desenvolvimento de atividades em regime de coeducação; V- não-desmembramento de grupos de irmãos; VI – evitar, sempre que possível, a transferência para outras entidades de crianças e adolescentes abrigados; VII – participação na vida da comunidade local; VIII – preparação gradativa para o desligamento; IX – participação de pessoas da comunidade no processo educativo - o dirigente de entidade de abrigo é equiparado ao guardião, para todos os efeitos de direito.

Em termos objetivos, essas determinações buscam assegurar cuidados físicos e emocionais aos jovens, viabilizar caminhos para solucionar os problemas que os deixaram na condição de desamparo, garantir os processos educativos, a reintegração nas famílias e a reinserção social.

No caso das adolescentes grávidas, o abrigo cumpre o papel de ampará-las e acompanhá-las em um período especial de sua vida. A gravidez, frequentemente, impede a permanência da jovem em sua família, que, geralmente não tem condições financeiras, estruturais e emocionais para mantê-la com um bebê. Assim, conseguir um lugar que disponibilize moradia, alimentação e cuidados traz a segurança mínima para um período de grandes mudanças. Além das garantias estruturais, físicas, médicas e de pré-natal, o acolhimento afetivo é parte primordial nesse processo, pois as questões emocionais provenientes da história de vida das jovens e do período de gestação demandam condições de atendimento especializado e qualificado.

Ao promover suporte estrutural e criar um ambiente capaz de acolher e amparar as jovens nesse período, devemos ter em vista que, na saúde, o psiquismo e o somático estão enredados ou buscam integração mútua.

1.1. Desafios do Abrigo

As instituições de acolhimento são convocadas a se responsabilizar por questões que podem apresentar desdobramentos inesperados. Isso porque, à medida que a

sobrevivência básica está garantida, outras necessidades se manifestam, possivelmente aquelas que não foram reconhecidas devido à gravidade da carência. O grande desafio é refletir sobre as condições do abrigo para atender crianças e adolescentes que estão privados do convívio familiar e que, em muitos casos, viveram experiências precoces de rompimento de vínculos e intenso sofrimento psíquico (OLIVEIRA; MILNITISKY-SAPIRO, 2005).

Diante dessas questões, é fundamental considerar que crianças e adolescentes abrigados trazem consigo uma experiência traumática, que requerem cuidado específico e particularizado. Nesse sentido, a perspectiva do abrigo pode contribuir, mas existem mazelas que dificultam essa visão, como o estigma social:

Ser visto como um adolescente que vive em uma Instituição de abrigo é ainda um forte estigma social e, sobretudo, uma marca muito forte que eles passam a carregar, pois as pessoas, via de regra, julgam que uma criança ou adolescente institucionalizado carrega algum problema em sua “bagagem” (ARPINI, 2003, p.72).

O estigma social que envolve o abrigamento, muitas vezes, conduz a um relacionamento utilitário com o espaço, o que pode significar uma maneira de se defender da condição de desamparo. Nesse caso, é importante que os profissionais possam tolerar as reações voltadas ao ambiente, às vezes de caráter destrutivo, e busquem protegê-lo das ansiedades provenientes da experiência de se encontrar desamparado. O desafio está em criar novas possibilidades relacionais e percepções sobre o significado desse espaço, viabilizando experiências de amparo.

Na busca de melhorar o atendimento, como vimos, o ECA estipulou que os abrigos devem atender um número reduzido de crianças e jovens. Entretanto, muitas instituições ainda não seguem essa orientação, o que dificulta, ou mesmo impede o cuidado personalizado, o acolhimento e o reconhecimento de necessidades singulares (RIBEIRO; CIAMPONE, 2002).

Embora seja um passo importante, diminuir o número de abrigados talvez não seja suficiente para retirar o caráter de internação construído durante os anos de história dessas instituições.

Soma-se a isso o caráter transitório do abrigo, que contribui para a percepção deste como um alojamento que apenas fornece alimentação e moradia, por um tempo específico, diminuto. Essa visão contribui para o escasso planejamento de atividades, levando à falta de motivo para estar no abrigo, o que pode agravar todo o processo (OLIVEIRA, 2006; MENELAU, 2009).

Na realidade, a permanência em abrigos, apesar de seus objetivos de transitoriedade, supera as expectativas de serem breves. De acordo, com o Levantamento Nacional de dos abrigos para crianças e adolescentes (IPEA/CONANDA, 2003), essa população permanecia nessas instituições durante um período que variava de sete meses a cinco anos (55,2%), sendo a parcela mais significativa (32,9%) de dois a cinco anos. Em São Paulo, 37,2% estavam abrigados havia dois anos, e 52,9%, acima desse período. O autor constatou também adolescentes institucionalizados por 18 anos!

Esses dados fazem pensar em novas estratégias para evitar que o abrigamento se mantenha por muitos anos. A seguinte disposição, introduzida ao ECA pela lei no12.010/09, de 2009, artigo 19, em seu parágrafo 2o refere que “A permanência da criança e do adolescente em programa de acolhimento institucional não se prolongará por mais de 2 (dois) anos, salvo comprovada necessidade que atenda ao seu superior interesse, devidamente fundamentada pela autoridade judiciária.”

Neste sentido, a lei alerta para a necessidade de os profissionais que atuam nos abrigos desenvolverem ações para atingir essa meta. Trata-se de um novo desafio, que acarreta a necessidade de qualificação profissional (OLIVEIRA, 2006; PENNA et al., 2012).

De fato, o aprimoramento da qualificação profissional na instituição é uma preocupação de vários estudiosos, pois há a expectativa de que as dificuldades dos abrigados sejam acolhidas por aqueles que assumem as tarefas de cuidado cotidianamente. Sendo assim, todas as ações que envolvem uma nova perspectiva para a questão do abrigamento devem considerar a visão dos próprios profissionais que atuam nessa instituição (OLIVEIRA, 2006; MENELAU, 2009). Adiante, ainda neste capítulo, desenvolvemos o tema com mais profundidade.

Apesar desses desafios, o abrigo ainda é um local que possibilita a retirada de crianças e jovens dos contextos de violência e vulnerabilidade, podendo então oferecer um espaço com maior tranquilidade e apoio, até que suas vidas sejam reestruturadas (ARPINI, 2003, p.72). Isso contribui para que a instituição seja vista como menos ameaçadora, como um lugar para organizar a vida, de relação entre os pares, onde jovens e crianças devem se sentir protegidos e seguros em relação às ameaças que impedem as possibilidades de conquistar, para si, a maturidade necessária para conduzir a vida.

O abrigo como ambiente de acolhimento tem o desafio de adaptar-se às demandas dos jovens, supri-las nos momentos necessários, conseguir manejar as situações de conflito, podendo criar, assim, um espaço para relações de confiança e proteção. Araújo (2007, p.28) complementa a ideia destacando que:

O montante de condições à disposição do indivíduo, a provisão do ambiente, deverá se especializar promovendo condições de confiabilidade. O ambiente tornar-se-á, então, um ambiente especializado formado por profissionais como assistente social, psicanalista, e até mesmo pelos próprios pais.

Um espaço estável e um cotidiano previsível servem de contraste aos processos conflituosos e às intensas transformações por que passam os adolescentes. A sustentação às dificuldades e a estabilidade das ações podem contribuir para que experimentem a emergência de sentimentos e situações conflituosas, de modo a buscar alguma forma de superação e retomada de seus processos de amadurecimento.

1.2. Qualificação dos profissionais da rede socioassistencial

Pelo fato de as percepções dos abrigados se alterarem à medida que as necessidades se apresentam, os profissionais do abrigo precisam criar um espaço de relações que promova a expressão das necessidades por parte dos adolescentes, devem possuir as condições de identificação com os conflitos dos jovens, para que então possam intervir.

Neste sentido, a qualificação e formação dos profissionais que atuam na área da assistência social e nas instituições de acolhimento requerem atenção, pois a tarefa que

se apresenta para eles é, de fato, bastante complexa. Por ser a formação profissional uma preocupação dos órgãos sociais e políticos, novas diretrizes que envolvem programas de capacitação e qualificação têm sido estabelecidas no campo das instituições de abrigamento.

Essa preocupação começou a ganhar visibilidade com a Política Nacional de Assistência Social – PNA (BRASIL, 2011), que iniciou uma nova política voltada para a formação e capacitação dos trabalhadores da rede pública e privada, gestores, dirigentes da rede socioassistencial e conselheiros da assistência social. Essa política se fundamenta nos princípios da educação permanente e da interdisciplinaridade, visando ao aprimoramento da gestão e à qualificação dos serviços e benefícios socioassistenciais.

Nessa perspectiva, a formação deve possibilitar a sistematização da qualificação dos profissionais de maneira constante e permanente, valorizando as experiências teórico-práticas e a troca de experiências e a universalidade das informações e concepções. A meta é melhorar e ampliar a capacidade laboral dos trabalhadores, em função das necessidades individuais destes, da equipe de trabalho e da instituição (BRASIL, 2011).

A formação tem como base reconhecer os atributos primordiais para os profissionais que trabalham em instituições de abrigamento, devido à especificidade das funções que exercem. A Política da Infância e Adolescência (2010) favorece a ideia de que todos que trabalham na equipe sejam considerados como educadores, pois, independentemente de suas funções (educador/cuidador, auxiliar de educador, psicólogo, assistente social, pedagogo), deverão manter um nível de relacionamento com as crianças e os adolescentes.

Porém, o educador que lida direto com a criança precisa receber uma atenção especial de todos – dos técnicos, do coordenador e do gestor –, não só ao ser selecionado e contratado, mas também na formação em serviço. Esta capacitação constante vai ter um efeito importante nos resultados do trabalho com a criança (GULASSA, 2010, p.77).

Para assumir a função de educador que trabalha diretamente com crianças e jovens, é preciso ter a formação básica do Ensino Médio, compreender que a prioridade é a de exercer um atendimento personalizado e ter a habilidade de tratar cada um em sua

singularidade. Assim, o planejamento do atendimento no serviço deve possibilitar espaços que preservem a intimidade e a privacidade, inclusive o uso de objetos que possibilitem à criança e ao adolescente diferenciar “o meu, o seu e o nosso” (BRASIL, 2009).

Os princípios norteadores para exercer a função englobam: compreender a importância e a responsabilidade de seu papel e apresentar as condições para vincular-se afetivamente às crianças e aos adolescentes, viabilizar a construção de um ambiente familiar na instituição e buscar fortalecer os vínculos familiares, favorecendo o processo de reintegração da criança e do adolescente à família ou o encaminhamento à família substituta.

Segundo Gulassa (2010), algumas características têm sido apontadas pelos profissionais que trabalham na área, como parte do perfil e das competências que devem assumir:

A necessidade de abertura para conhecer o novo; disponibilidade para o autoconhecimento; uma personalidade equilibrada, estável, sensível, afetiva e positiva; flexibilidade para lidar com situações diferentes; desenvolver-se para lidar com a dor e o sofrimento; ter um projeto de vida com aspirações pessoais; tornar-se uma referência positiva para crianças e adolescentes, saber acolher, aconchegar e dar confiança; seja capaz de organizar o espaço físico para o desenvolvimento de brincadeiras e trabalho; trabalhar em grupo e compartilhar suas experiências; ser um mediador entre criança e família; conduzir, planejar e avaliar seu fazer educativo (GULASSA, 2010, pp.77-8).

Como já destacamos, existe uma gama de expectativas em torno dos profissionais que trabalham em instituições de acolhimento e assistência. A demanda emocional presente no exercício dessa profissão não é, de fato, algo simples de ser sustentada, exigindo trocas de experiências com outros profissionais e suporte de outros trabalhadores de áreas envolvidas com crianças e adolescentes para amparar os educadores. Eles devem receber apoio e orientação permanente para construírem novas estratégias de intervenção (BRASIL, 2009).

Em termos emocionais, parece inevitável que as situações diárias de sofrimento e as angústias vividas em um abrigo ressoem nas experiências pessoais de cada profissional, o que pode interferir em seu potencial de atuação. Por este motivo, espaços

que possam servir para acolher e elaborar os sentimentos e conflitos provenientes de sua atuação precisam ir além dos espaços coletivos e grupais, devendo também ser disponibilizados espaços de atendimento individual que sejam considerados parte do processo, para garantir a privacidade e respeitar a individualidade do profissional, nas situações que lhe são particulares.

Winnicott (1948), em sua experiência de trabalho com crianças alojadas, alerta para a importância do apoio àqueles que trabalham com crianças frustradas pelo seu contexto familiar. Segundo o autor, no trabalho em alojamentos, é importante priorizar os seguintes aspectos:

Para assegurar essa possibilidade de proporcionar cuidados individuais, o alojamento deve contar com um quadro adequado de pessoal, e os supervisores devem ser capazes de suportar a tensão emocional envolvida em cuidar de qualquer criança, mas especialmente de crianças cujos próprios lares não conseguiram suportar tal tensão. Por isso, os supervisores de alojamentos necessitam do apoio constante do psiquiatra e da assistente social psiquiátrica. As crianças (de um modo espontâneo) esperam que o alojamento ou, caso ele falhe, a sociedade, num sentido mais amplo, forneça-lhes a referência que seus próprios lares não conseguiram lhes dar. Uma equipe de trabalho inadequada não só torna impossível o tratamento pessoal como leva a problemas de saúde e colapso entre seus próprios membros, interferindo, portanto, na continuidade das relações entre eles, essencial nesse tipo de trabalho (WINNICOTT, 1948, p. 82-3).

A relevância do trabalho de um educador em um abrigo merece a realização de estudos que possam contribuir para ampliar as possibilidades de atuação desses profissionais. Além disso, é importante ressaltar a necessidade de uma perspectiva de trabalho interdisciplinar, que forneça suporte à equipe de profissionais que trabalham nesse contexto. O princípio da interdisciplinaridade visa superar a visão fragmentada do conhecimento, pois as situações de vulnerabilidades e riscos sociais são fatos homogêneos e simples, mas complexos e multifacetados, exigindo respostas diversificadas alcançadas por meio de ações contextualizadas, e não apenas por intermédio do envolvimento individualizado de técnicos com diferentes formações (BRASIL, 2011).

A interdisciplinaridade nas ações sociais pode contribuir para intervenções diversas, compreendendo a formação e qualificação de profissionais que atuam nas instituições de acolhimento, não devendo se resumir, apenas, à formação teórica. Priorizar também as questões que envolvem a maturidade emocional desses profissionais pode contribuir para compreender formas de atuação que envolvem a promoção de relações afetivas em detrimento de relações profissionais desprovidas de afetividade pela dificuldade de adaptação e identificação com essa temática. A esse respeito, Barros (2014, p.46) destaca:

Espera-se que o afeto do educador promova a autonomia das crianças e dos jovens, pois não deve alimentar uma dependência; o desafio é se aproximar afetivamente e ao mesmo tempo se afastar profissionalmente. Esses aspectos realçam a importância de cuidados com o profissional e a necessidade de acolher suas demandas.

Nessa concepção, apresenta-se a dicotomia entre afetividade e profissionalismo: a proximidade afetiva traz o perigo da dependência, enquanto, em oposição, o profissionalismo excessivamente técnico conduz ao afastamento e à ausência de afeto. Essas posições antagônicas causam conflitos, e devem ser superadas para que os profissionais, estruturados afetiva e profissionalmente, possam reconhecer e compreender a subjetividade de crianças e adolescentes, sem perder a percepção da objetividade das ações e sem torná-las intrusivas.

Ampliar os contextos que contribuam para o reconhecimento das histórias que constituem essas crianças e jovens promove o acolhimento pessoalizado que pleiteamos — um trabalho que aproxime as famílias dessa temática parece ser um caminho promissor para atingir com maior propriedade a complexidade de fatores que resultam em abrigo.

1.3. O acolhimento às famílias

A capacitação da família vem sendo preconizada como uma das opções para evitar a institucionalização de crianças e adolescentes e/ou diminuir o tempo de abrigo, compreendendo-se as razões que levaram a esta necessidade.

Ao longo da história da assistência à criança e ao adolescente, o Brasil vem rompendo com a convivência familiar e comunitária, em vez de preservá-la. Essa

perspectiva ideológica tinha como premissa fortalecer o Estado em sua função paternalista de controle e contenção social. Ao desqualificar os vínculos familiares, principalmente nas situações de pobreza, tratou as famílias como incapazes e optou pela prática de suspensão provisória do poder desta ou da destituição dos pais e de seus deveres em relação aos filhos (BRASIL, 2006).

Entretanto, as políticas de promoção e proteção a crianças e adolescentes estão buscando resgatar esses vínculos, trabalhando com as famílias com o intuito de compreender as questões que impossibilitam esse convívio; os vínculos de convivência devem ser fortalecidos e podem contribuir para o rompimento de uma cultura que ainda privilegia o abrigo.

O cenário de carências por que passam crianças e adolescentes, de maneira geral, afasta-os do contexto familiar. No caso dos adolescentes abrigados, dados do IPEA (2005) revelaram que a maioria vinha conseguindo manter contato com seus familiares (57,6% dentre os 86,7% que possuíam famílias).

Siqueira e Dell’Aglia (2007/2010) advertem que o fator abandono não está associado à ausência de figuras parentais, mas sim à falta de condições estruturais ou afetivas das famílias para acompanharem esses adolescentes. Assim sendo, há a necessidade de elaboração de novas ações de assistência às famílias, que precisam de auxílio na aquisição de condições materiais e afetivas para que possam assumir suas funções de cuidado junto aos filhos.

De modo a garantir ações que priorizem a ressignificação da relação dos adolescentes com seus familiares, o ECA tem como prerrogativa o Art.92:I., que atribui às entidades que desenvolvem programas de abrigo o princípio da preservação dos vínculos familiares. Essa prerrogativa tem como objetivo envolver os profissionais do abrigo na perspectiva de criação de condições relacionais que incluam as famílias e encorajem a relação entre esses pares.

Para isso, foi introduzido ao ECA (lei no12.010/09, artigo 19, parágrafo 3º) o seguinte dispositivo legal: a manutenção ou reintegração de criança ou adolescente à sua

família terá preferência em relação a qualquer outra providência, caso em que, a família, será incluída em programas de orientação e auxílio.

O Plano de Convivência Familiar e Comunitária (2006) e a lei 12.010/09 apontam para:

A necessidade da urgência no trabalho a ser desenvolvido com esta população e sua família nos serviços de acolhimento. Se as crianças têm família, há de se investir no fortalecimento desse vínculo e no retorno para ela; caso isso não seja possível, prevê-se a colocação da criança em família substituta por medidas judiciais — guarda, tutela ou adoção. Caso nada disso aconteça, deve haver um projeto específico de acompanhamento para elas. Elas não podem ficar soltas no espaço (BRASIL, 2010, p. 82).

Essa perspectiva constituiu-se em um marco nas políticas públicas no Brasil, rompendo com a cultura da institucionalização das crianças e adolescentes, bem como fortalecendo o paradigma da proteção integral e da preservação dos vínculos familiares e comunitários preconizados pelo ECA (1990).

A Constituição Brasileira de 1988 define, no Art. 226, parágrafo 4o: “(...) como entidade familiar a comunidade formada por qualquer um dos pais e seus descendentes”. O ECA (1990), em seu Art. 25, define como família natural “a comunidade formada pelos pais ou qualquer deles e seus descendentes”. Tais definições enfatizam a existência de vínculos de filiação legal, de origem natural ou adotiva, independentemente do tipo de arranjo familiar:

Em outras palavras, não importa se a família é do tipo “nuclear”, “monoparental”, “reconstituída” ou outras. [...] Torna-se necessário desmistificar a idealização de uma dada estrutura familiar como sendo a “natural”, abrindo-se caminho para o reconhecimento da diversidade das organizações familiares no contexto histórico, social e cultural. Ou seja, não se trata mais de conceber um modelo ideal de família, devendo-se ultrapassar a ênfase na estrutura familiar para enfatizar a capacidade da família de, em uma diversidade de arranjos, exercer a função de proteção e socialização de suas crianças e adolescentes (BRASIL, 2006, p.23).

Portanto, os responsáveis pelos filhos são aqueles que exercem a função de cuidado e orientação, de proteção e socialização. Porém, reconhecer e aceitar as diversas formas de organizações familiares possíveis ao longo das transformações sociais e da cultura parecem ser ainda grandes desafios para os profissionais que trabalham em instituições de acolhimento.

A perspectiva de assegurar o efetivo trabalho com a família de origem da criança no abrigo visa melhorar da criança ou jovem com o espaço do abrigo, para valorizar sua importância no desenvolvimento das crianças e dos jovens. Ao se tratar a família de forma acolhedora, fortalece-se o apoio e a segurança afetiva para os abrigados, assim como para suas famílias, e os vínculos tornam-se mais esperançosos em relação ao futuro. Vista como parceira, e não opositora, a família, muitas vezes fragilizada e impotente, deve ser respeitada e fortalecida em seus valores para que possa assumir sua prole de volta. A instituição de acolhimento é responsável por fazer a mediação entre filhos e família, devendo articular-se em rede para viabilizar o acesso a outros serviços que possam beneficiá-los (BRASIL, 2010).

Capítulo 2 - A CONTRIBUIÇÃO TEÓRICA DE D.W.WINNICOTT

Neste estudo, apresento a contribuição teórica de Donald Woods Winnicott, a partir da leitura de seus artigos, conferências e palestras publicadas em livros que reúnem suas ideias, interesses e sua vasta experiência clínica. Também são citados alguns comentadores de sua obra, que têm colaborado para descrever e sistematizar seu pensamento, ressaltando seu estilo peculiar.

Na apresentação da obra do pediatra e psicanalista à edição brasileira do livro “Consultas Terapêuticas”, Outeiral e Graña (1994) destacam que o autor faz uso de uma linguagem simples, direta e interativa: “A exposição de sua obra propõe que seus textos sejam lidos de maneira criativa, ‘leitor e autor criando juntos’ uma ‘leitura pessoal’, um espaço transicional onde o leitor ‘descobrirá’, como um achado pessoal, o que D.W.W. escreveu” (OUTEIRAL; GRAÑA, 1994, p. viii).

A possibilidade de brincar com as palavras, de maneira espontânea e criativa, dificulta a sistematização de sua obra, que ainda não foi reunida em uma única edição, um paradoxo para um autor que enfatiza a tendência inata do indivíduo à integração em uma unidade.

Na saúde, o indivíduo se desenvolve a partir de um estado de dependência em direção à independência; o crescimento emocional se constitui ao longo do tempo, em idas e vindas, que conduzem à maturidade. As fases do amadurecimento são conquistas que podem ser perdidas ao longo do processo e, às vezes, precisam ser revividas para que, posteriormente, o indivíduo possa caminhar para o futuro.

Nas fases iniciais, o ambiente facilitador é a mãe, que, identificada com o bebê, reconhece a sua dependência e, adaptada às suas necessidades, consegue atendê-las à medida que se apresentam. “O que o bebê necessita é da preocupação e dos cuidados efetivos de uma mãe real, que continua sendo consistente ela mesma, falível porque humana, mas confiável exatamente por ser falível” (DIAS, 2003, p.133).

A mãe suficientemente boa sustenta o bebê ainda imaturo e sem condições de elaborar suas experiências emocionais e instintuais. Nesse início, ele é parte da mãe:

assim, sustentado por ela, não sabe de si e não concebe a existência de cuidados externos a ele. Existe, assim, uma dependência absoluta dos cuidados maternos devido à imaturidade do recém-nascido para viver as próprias experiências.

Essa sintonia fina, própria da relação mãe-bebê, é atingida devido a “um estado especial que necessita de um período preparatório inteiro de nove meses” (WINNICOTT, 1988b, p.132), denominado pelo autor: “*Preocupação Materna Primária*”. A saúde psíquica da mãe, amparada pelo suporte externo do pai ou da família, contribui para que esse estado seja atingido ao longo do período gestacional.

O estado de preocupação materna primária inicia um período de comunicação e cuidados com o feto, que se prolonga e atinge seu ápice no final de gestação, permanecendo até as primeiras semanas após o nascimento do bebê. Trata-se de um período fundamental para que a mulher se torne mãe, aproxime-se e crie uma sintonia fina com seu filho. Identificada com ele, comunica-se, percebe seus movimentos e suas reações e pode, assim, senti-lo como um outro, diferenciado dela, mas ao mesmo tempo parte da sua existência.

2.1. Da gestação à preocupação materna primária

Segundo Winnicott (1956a), o indivíduo nasce com uma tendência inata ao amadurecimento, mas depende de um ambiente facilitador para que essa(s) tendência (s) conquiste(m) seu desenvolvimento. Esse ambiente facilitador deverá estar adaptado às várias tendências individuais herdadas, cuidando para que o recém-nascido conquiste seu amadurecimento pessoal.

Os cuidados maternos possuem essa peculiaridade e, às vezes, se iniciam no momento em que um casal planeja a gravidez. Nestes casos, o bebê planejado pode ser incluído na família, pensado como parte da vida do casal. Outras vezes, esse planejamento não acontece, e quando a mulher toma conhecimento da gestação, tende a duvidar de seu estado. Com o tempo, as alterações físicas vão se pronunciando, seguidas dos movimentos do bebê dentro de si, e a futura mãe passa então a conceber o feto como algo real, podendo aceitar esse novo ser. Preparada, a mãe espera o momento em que o bebê está pronto para nascer, revelando certa maturidade física e estrutural e reivindicando um

ambiente diferente para que continue a existir. Ainda frágil e sem conceber sua nova condição, o recém-nascido é recebido em um ambiente externo a ele; mas a mãe, cujo olhar concebe o bebê em sua fragilidade, dependência e personalidade, envolve-se nos cuidados, tendo como função sustentar os processos para que ele se constitua ao longo do tempo.

Durante toda a gestação, a mulher é tomada por alterações físicas e psicológicas. Sua sensibilidade aumentada faz com que se volte para si e para seu bebê; assim, fica mais retraída e tende à regressão, atingindo um grau de adaptação e envolvimento com o feto que revela sua *preocupação materna primária*.

Gradualmente, esse estado passa a ser o de uma sensibilidade exacerbada durante e principalmente ao final da gravidez. Sua duração é de algumas semanas depois do nascimento do bebê. Dificilmente as mães se recordam depois que o ultrapassaram. Eu daria um passo a mais e diria que a memória das mães a esse respeito tende a ser reprimida (WINNICOTT, 1956a, p. 401).

A possibilidade de adoecer e recuperar-se depende das condições psíquicas da mulher neste período; em condições de saúde, pode caminhar para este estado de sensibilidade exacerbada.

Durante os nove meses de gestação, a mulher entra em contato com sentimentos e emoções inesperadas – é comum que retornem afetos e inseguranças referentes a experiências anteriores a esse período; neste momento, o ambiente ao seu redor deve lhe garantir suporte emocional. O ambiente de relações da futura mãe traduz-se em cuidados fornecidos a ela por parte do pai do bebê, de sua família, dos amigos e, na falta destes, das instituições sociais de acolhimento; ela precisa se sentir amplamente acolhida e protegida.

A gestante deve aproveitar esse momento e sentir-se em condições de vivenciá-lo sem preocupações externas a ela. Assim, sugere Winnicott (1957a, p. 28):

Divirta-se deixando que as outras pessoas cuidem do mundo, enquanto você está produzindo um dos seus novos membros. Divirta-se com sua concentração interior, quase enamorada de si – o bebê é uma parcela tão próxima de si. Divirta-se com a maneira como o seu homem sente-se

responsável pelo bem-estar tanto seu como do bebê (...). Divirta-se com toda a espécie de sentimentos femininos que você não pode nem sequer começar a explicar a um homem.

Essa condição talvez apresente dificuldades para ser atingida, pois nem todas as mulheres possuem o mesmo envolvimento com o bebê. Assim, essa preocupação se manifesta em graduações diferentes - algumas, apesar de boas mães em vários aspectos, não conseguem atingir esse estado de “doença normal”, ou podem atingi-lo com um filho e não com outro; outras não conseguem se preocupar com o bebê sem excluir outros interesses durante esse período. Também pode ocorrer um tipo de “fuga para sanidade”, quando a mulher não apresenta condições para vivenciar a gestação, ou em situações em que há preocupações maiores que não consegue deixar de lado; às vezes, a mulher tem uma forte identificação masculina, o que pode dificultar a realização das funções maternas. Nas circunstâncias em que não se aproveitam os bons resultados da preocupação materna primária, a mãe terá de tentar se adaptar às necessidades da criança por um longo período, na busca de sanar as distorções da relação inicial (WINNICOTT, 1956a).

Somente no caso de a mãe estar sensível do modo como descrevi poderá ela sentir-se no lugar do bebê, e assim corresponder às suas necessidades. A princípio, trata-se de necessidades corporais, que gradualmente transformam-se em necessidades do ego à medida que da elaboração imaginativa das experiências físicas emerge uma psicologia (WINNICOTT, 1956a, p. 403).

Nesse caminho, o bebê necessita então contar com o suporte de uma mãe identificada e adaptada as suas necessidades, podendo-se pensar que o bebê não existe sem a mãe. O recém-nascido tem as condições para desenvolver suas tendências inatas à integração, a partir do suporte materno. Nessa relação inicial mãe-bebê, existe uma dependência absoluta do bebê em relação à mãe, neste “primeiro estágio: o bebê está fechado em si mesmo, uma criatura viva que, no entanto, se encontra cercada pelo espaço. O bebê não tem conhecimento de nada, exceto de si mesmo” (WINNICOTT, 1950, p.16).

2.2. A dependência absoluta

No estágio de dependência absoluta, a mãe adaptada fornece o holding que protege e sustenta o bebê, evitando qualquer intrusão do ambiente externo, e assim garantindo a sua continuidade de ser. No início, ele só pode crescer e se desenvolver na

relação com a mãe, mas ela deve reconhecê-lo como indivíduo sem que ele, psiquicamente, o seja: “Winnicott nos dá um exemplo de primeira mão deste paradoxo do indivíduo que descobre ser ele mesmo, por meio do outro” (BONAMINIO, 2007, p. 4).

A situação de dependência absoluta reflete uma condição do recém-nascido, pois ele deve ser sustentado no tempo, para que possa viver sua continuidade-de-ser sem interrupções. A mãe adaptada está pronta para satisfazer necessidades instintuais do recém-nascido, de maneira que o ambiente externo seja imperceptível: “Pode-se dizer que um ambiente satisfatório é aquele que facilita as várias tendências individuais herdadas, de tal forma que o desenvolvimento ocorra de acordo com elas” (WINNICOTT, 1967, p.4).

O *holding* proporciona as condições de segurança e confiabilidade necessárias para evitar as ameaças provenientes dos instintos fisiológicos ou das falhas do ambiente. Nesta fase, o amor materno é expresso a partir dos cuidados físicos, referentes ao bebê e ao ambiente em geral. A mãe mantém a previsibilidade do ambiente, sustenta a situação no tempo, está presente para ser encontrada quando for necessário: "A mãe através de sua identificação com o lactente sabe como o lactente se sente, de modo que é capaz de prover quase exatamente o que o lactente necessita em termos de *holding* e provisão do ambiente em geral" (WINNICOTT, 1960, p. 52). Este estado de identificação primária fornece a provisão ambiental necessária para que os processos de temporalização e espacialização possam ser estabelecidos como experiência.

A função do *holding* é permitir a aquisição de novas sensações corporais; o toque materno transmite segurança, afeto e a percepção de si:

O toque suficientemente bom inaugura uma “psique que habita o soma”; Winnicott refere-se a isto como “personalização”, o que significa que o bebê passa a sentir, como uma consequência do toque amoroso, que seu corpo se constituiu nele mesmo (o bebê) e/ou que seu sentimento de ego centra-se no interior de seu próprio corpo (ABRAM, 1996, p.138).

A personalização é responsável pelo alojamento da psique no corpo. O cuidado se apresenta em termos do *holding* “segurar” o bebê no colo com firmeza, evitando a

sensação de que ele possa cair, tranquilizando-o, criando circunstâncias satisfatórias para mantê-lo em sua continuidade-de-ser. Concomitantemente, o manuseio do corpo do bebê (*handling*), nas situações em que é trocado, no banho, nos momentos de carinho, contribuem para esse sentido de estar em si (realização). Também, se inicia a capacidade de estabelecer relações com os objetos: a mãe, aos poucos, apresenta os objetos do mundo externo, garantindo que nenhuma intrusão seja feita, que nada interrompa a continuidade do ser. Dessa maneira, criam-se através das repetições desses cuidados, os fundamentos de sua capacidade de sentir-se real.

A relação com os objetos externos inicia-se com a amamentação. O seio é o primeiro objeto de relação do recém-nascido. Devido a sua imaturidade, não pode conceber-lo como externo a ele; então, pela adaptação materna às suas necessidades, o seio se apresenta quase que magicamente e sacia sua necessidade de alimento. Desta forma, é como se fosse criado e concebido pelo recém-nascido como parte de sua vida subjetiva. É desse modo, a partir da subjetividade que o indivíduo pode chegar a reconhecer os objetos de maneira real, no mundo objetivo compartilhado.

Para que esse processo ocorra de maneira cuidadosa, respeitando o ritmo e individualidade do recém-nascido, deve se iniciar uma comunicação entre mãe e bebê, uma relação íntima, que se desenvolve durante a amamentação. A primeira mamada teórica, configura-se como uma série de mamadas, em que mãe e bebê começam a se comunicar, de maneira especial e silenciosa. A troca afetiva nesses momentos é fundamental para o desenvolvimento emocional do recém-nascido, uma experiência mútua, que ocorre a partir das identificações entre mãe e bebê. Essa comunicação silenciosa configura-se no contato corporal, contato que introduz uma linguagem pessoal entre os corpos, no olhar, no tônus corporal, podendo-se afirmar que:

Quando a mãe pode conter seu bebê em seus braços de forma harmoniosa, não haverá ruídos nesta comunicação. Ela naturalmente saberá quando apanhá-lo e quando deixá-lo quieto. Essa comunicação silenciosa, ou de confiabilidade, protege o bebê das reações automáticas às intrusões da realidade externa, reações estas que romperiam sua linha de vida (TOLEDO, 2009, p. 196).

Na primeira mamada teórica a excitação oral torna-se a primeira fase do desenvolvimento instintivo, mas também a fome pode ser uma exigência instintiva tão assustadora que o bebê pode sentir que sua existência está ameaçada: “Ter fome é como ter dentro de si uma alcateia de lobos. ” (WINNICOTT, 1968, p.90). Neste momento, o seio se apresenta como se fosse criado por ele, e sacia sua fome; o leite aquecido passa pela garganta, chega à barriga, trazendo a sensação de satisfação. Todas as funções corporais que envolvem esse processo são elaboradas de maneira imaginativa pelo bebê: “Na obra de Winnicott a ‘psique’ é descrita como a ‘elaboração imaginativa dos elementos, sentimentos e funções somáticas’, o que muitas vezes se apresenta como sinônimo de ‘fantasia’, ‘realidade interna’ e *ego*” (ABRAM, 1996, p. 187).

Nos estados de excitação instintual, as funções corporais são importantes, “a excitação pode ser local ou geral, e a excitação generalizada pode contribuir para que o bebê se sinta um ser total, quanto ser resultante do estágio de integração alcançado no percurso do desenvolvimento. ” (WINNICOTT, 1988c, p. 58). Os instintos vêm e voltam, assim não constituem um aspecto da vida do bebê, da criança ou do indivíduo adulto o tempo todo; quando o bebê retorna a um estado tranquilo e repousa, a continuidade de ser prossegue: desta forma, o humano não difere do animal, pois a excitação instintual conduz a expectativa de uma satisfação. Assim surgem os impulsos para agir e alcançar o ato do clímax para posteriormente viver um pós-clímax.

O humano se diferencia dos animais pois todas as suas funções corpóreas passam pela elaboração imaginativa, o indivíduo se relaciona com um corpo imaginativamente elaborado. “Por isso, ao se falar de excitação instintiva, é sempre necessário distinguir entre o corpo, ele mesmo, e as ideias e sentimentos que o indivíduo tem desse corpo. ” (DIAS, 2003, p. 176).

No processo de elaboração imaginativa, o bebê ao retornar a um estado tranquilo, mantém a continuidade-de-ser, e vive a ilusão de que criou o seio. O cuidado suficientemente bom fornece ao bebê as condições para a experiência de onipotência.

A experiência de onipotência permite que ao bebê a ilusão, fundamental para que sua criatividade primária se desenvolva. Ao iludir-se, o bebê cria seu próprio mundo, seus objetos são parte dele, criados para ele e por ele, em um mundo de objetos subjetivos.

Neste mundo subjetivo, a realidade compartilhada ainda não existe: em um mundo de instintos e necessidades, a espontaneidade do gesto se manifesta a busca de algo no ambiente. Não possui a intenção de encontrar nada em específico, apenas se movimenta no espaço a sua volta, a excitação instintiva de braços e pernas refletem o tônus muscular e a o erotismo do movimento. A motilidade faz parte do bebê vivo, de sua força motora em relação ao espaço: ao mesmo tempo em que os instintos buscam uma satisfação, os impulsos instintuais são também as raízes da agressividade.

O bebê dá pontapés dentro do útero: não se pode dizer que ele esteja abrindo o caminho para fora a pontapés. Um bebê de poucas semanas agita os braços: não se pode dizer que ele esteja querendo golpear. O bebê mastiga os mamilos com suas gengivas: não se pode dizer que ele esteja pretendendo destruir ou machucar. Em suas origens, a agressividade é quase sinônimo de atividade: trata-se de uma função parcial (WINNICOTT, 1950-55, p. 289).

A motilidade e a impulsividade instintual integram-se ao longo do processo de amadurecimento para que então a agressividade possa ser incorporada pelo indivíduo em uma integração psicossomática. “A agressão está sempre ligada, desta maneira, ao estabelecimento de uma distinção entre o que é e o que não é o eu” (WINNICOTT, 1939, p.104).

Neste sentido, as atividades motoras, apesar de não terem intencionalidade, acabam por esbarrar nas limitações do espaço, tanto do bebê quanto ao redor dele. As sucessivas experiências corpóreas, marcadas pelo contato físico com a mãe e que favorecem a personalização, e a garantia dos cuidados nos estados de excitação e de tranquilidade fortalecem o bebê, que, por volta dos seis meses, apresenta melhores condições para tolerar as interferências do mundo externo.

Nesse período de dependência absoluta, as ameaças que interferem na continuidade-de-ser se apresentam “nos momentos em que uma frustração instintiva provoca um sentimento de desesperança ou futilidade, a fixação da psique no corpo enfraquece, sendo então necessário tolerar um período de não relação entre a psique e soma” (WINNICOTT, 1988d, p.143). Se existir um padrão de intrusões ambientais que interferem na integração psique e soma mais tempo do que o bebê possa tolerar esta

separação, a falta de previsibilidade e confiança no ambiente provoca uma cisão na relação ambiente-indivíduo. Devido à intrusão do ambiente e ao medo de ter experiência de agonias impensáveis, o amadurecimento é interrompido e o bebê se organiza defensivamente para proteger o *self-verdadeiro*.

Uma parte do *self-verdadeiro* constitui então um *falso-self* patológico, que protege o verdadeiro das intrusões e omissões do ambiente. O *falso-self* patológico é uma organização defensiva que atua como resposta ao ambiente intrusivo, que se impõe e submete o indivíduo às suas demandas. O bebê, ao invés de ser espontâneo, reage ao ambiente intrusivo, correspondendo às suas expectativas; a submissão nesse sentido, interrompe a criatividade originária e traz um sentido de inutilidade para a existência do indivíduo. As intrusões e omissões do ambiente, que resultam em experiências traumáticas impedem a sua continuidade-de-ser e, assim:

O hiato entre a adaptação total e a adaptação incompleta é enfrentado pelos processos intelectuais do indivíduo pelos quais, gradualmente, as falhas do ambiente tornam-se aceitáveis, compreensíveis, toleráveis, e mesmo previsíveis. A compreensão intelectual converte a adaptação insuficientemente boa numa adaptação suficientemente boa (WINNICOTT, 1952, p. 312).

Um padrão de falhas intrusivas e a imprevisibilidade do ambiente ocasionam a cisão na relação ambiente-indivíduo, revelando-se traumática no processo de integração do ego em uma unidade. Desta cisão resultam as personalidades psicóticas, as esquizofrenias e as personalidades *borderline*: “A morte, para um bebê nos estágios iniciais, significa algo bem definido, ou seja, a perda do ser em razão de uma reação prolongada contra a intrusão ambiental (o fracasso total da adaptação suficientemente boa)” (WINNICOTT, 1988e, p.156).

2.3. Da dependência relativa à Independência Relativa

Quando tudo corre bem nos estágios iniciais, após sucessivos períodos de *holding* nos estados excitados e tranquilos, o bebê vive maiores períodos de integração do ego e, conseqüentemente, as condições para suportar as falhas do ambiente também aumentam. O *self-verdadeiro* apresenta maiores condições para reconhecer o ambiente externo, e, da

mesma maneira, a mãe começa a retomar as atividades de sua vida pessoal, diminuindo o imediatismo de seus cuidados. Assim:

Quando há saúde, é sobre essa base de uma compreensão não-mental que o funcionamento intelectual começa a operar, sem ser uma defesa patológica que visa o controle de intrusões potenciais. A partir desse momento, o bebê começa a usar o seu intelecto para saber que os ruídos na cozinha indicam que a comida está prestes a aparecer (DIAS, 2003, p. 230).

Nesta fase de adaptação, o bebê começa a compreender, tolerar e tornar previsíveis as falhas maternas. Para isso, conta com o início dos processos intelectuais que impulsionam o uso da mente e ajudam a reconhecer as pequenas falhas maternas que provocam pequenas descontinuidades no ser.

O estágio de *dependência relativa*, é marcado pela desadaptação gradual da mãe e impulsiona o amadurecimento emocional do bebê para retirá-lo da experiência de ilusão onipotente. Desta forma, os processos que mantiveram garantidas a experiência de onipotência se modificam e as falhas de adaptação se iniciam. O bebê não perde a capacidade de ilusão criativa, mas começa a adquirir um senso de realidade que está ligado à sua realidade subjetiva e a seu potencial criativo.

O bebê que teve garantidas as condições para viver a experiência de onipotência mostra-se em condições de experimentar a desilusão: “A desadaptação gradual da mãe à necessidade do bebê é imprescindível para o início do rompimento da unidade indiferenciada mãe-bebê, que levará o bebê a um eu unitário e, separado, capaz de estabelecer relações com o não-eu e o mundo externo” (DIAS, 2003, p. 228).

Este rompimento tem início quando o mundo subjetivo do bebê entra em contato com o mundo objetivo da realidade compartilhada; ele percebe, então, que o objeto que antes fora criado por ele já existia antes de tê-lo criado. Seu primeiro objeto de relação, o seio, magicamente criado para alimentá-lo, pertence a alguém. Neste sentido, sua realidade subjetiva se desfaz e algo da realidade externa se apresenta para ser reconhecido como realidade objetiva: “Se tudo corre bem, o bebê pode, na realidade, vir a lucrar com a experiência de frustração, já que a adaptação incompleta à necessidade torna reais os objetos, o que equivale a dizer, tão odiados quanto amados” (WINNICOTT, 1958a, p.25).

Os objetos e fenômenos transicionais contribuem para que a passagem de um estado de onipotência atinja um estado que reconheça a impossibilidade do que seja possível. Uma desadaptação lenta e gradual permite ao bebê habitar o espaço transicional: ao utilizar este espaço potencial, pode elaborar sua relação com os objetos subjetivos e os objetivamente percebidos. O mundo subjetivo em relação ao mundo de objetos compartilhados passa a existir, simultaneamente, em uma área intermediária de experiência: “entre o polegar e o ursinho; entre o erotismo oral e a verdadeira relação de objeto, entre a atividade criativa primária e a projeção do que já foi introjetado, entre o desconhecimento de dívida e o reconhecimento desta” (WINNICOTT, 1958a, p.14).

Nesta área de experimentação, as relações subjetivas criadas pelo bebê contribuem, tanto quanto a realidade externa percebida por ele. A importância de reconhecer a primeira posse não-eu, está no fato de que o bebê alcança nesta ocasião, a função da área intermediária entre o subjetivo e o objetivamente compartilhado. O bebê geralmente escolhe um objeto seu, sua primeira posse, que o auxilia nessa passagem: o objeto é usado como substituto da mãe em situações de dependência, ou nos momentos de regressão a estados mais primitivos.

É verdade que a ponta do cobertor (ou o que quer que seja) é simbólica de algum objeto parcial, tal como o seio. No entanto, o importante não é tanto seu valor simbólico, mas sua realidade. O fato de ele não ser o seio (ou a mãe), embora real, é tão importante quanto o fato de representar o seio (ou a mãe) (WINNICOTT, 1958a, p.19).

O objeto transicional introduz a atividade simbólica na vida do bebê, mas, também é importante sua realidade objetiva, pois como objeto real pode sofrer as projeções do bebê sem ser alterado, mantendo-se como é. O objeto é o cobertor, mas pode substituir a mãe sem ser alterado em sua realidade: a característica de estar sempre ali para ser usado quando necessário permite seu uso, sem alterar a sua natureza. O objeto tem o potencial de sustentar as angústias e fragilidades da criança, que precisa destruir suas experiências subjetivas para entrar em contato com a externalidade.

A mãe, que deve se tornar um objeto real separado do bebê, precisa ser destruída como objeto subjetivo; para isto, tem que tolerar as exigências de um bebê que se torna impiedoso (*ruthless*). Esta é uma etapa muito difícil do amadurecimento, pois o bebê

precisa perceber a mãe como algo externo a ele, a mãe subjetiva deve ser destruída para que o bebê possa usá-la no mundo real. Neste período, o bebê não tem nenhuma preocupação em usar a sua destrutividade, a mãe terá que sobreviver aos ataques e indiferenças, sem alterar sua capacidade de amar, sem retaliar ou vingar-se. O ambiente tem que sobreviver à destruição para que possa ser reconhecido como real. Para Winnicott (1958b), seria como dizer:

Eu te destruí. Eu te amo. Tua sobrevivência à destruição que te fiz sofrer confere valor à tua existência, para mim. Enquanto estou te amando, estou permanentemente te destruindo na fantasia (inconsciente). Aqui começa a fantasia para o indivíduo. O sujeito agora pode usar o objeto que sobreviveu (p.126).

Neste sentido, a destruição representa a criação da realidade, colocando o objeto para fora do mundo subjetivo: é possível reconhecer e diferenciar a sobrevivência do objeto real de sua destruição na fantasia inconsciente. Desta forma, o bebê constituiu um mundo interno de fantasia, configurado ao longo de um processo de destruição subjetiva e criação dos objetos no mundo real.

Por volta do primeiro ano de vida o ego adquire as condições necessárias para diferenciar-se do mundo externo, passa a existir uma separação entre o EU e o Não-EU. Cria-se uma externalidade e pode haver a aquisição de uma unidade psicossomática. Neste momento, a criança já pode dizer EU SOU: “A consequência é o reconhecimento de que há algo equivalente ao EU na mãe, o que implica em senti-la como uma pessoa; o seio, então, é visto como parte da pessoa” (WINNICOTT, 1958c, p.88).

A passagem de um mundo subjetivo para outro da realidade objetiva compartilhada, só pode ser alcançada na presença de um ambiente facilitador. A partir de um ambiente suficientemente bom é possível atingir as condições para poder usar os objetos do mundo real para a conquista de um sentido de unidade do ego, com uma diferenciação entre o mundo interno e o externo, mas, garantindo que o caminho de volta para o mundo subjetivo jamais seja perdido.

A partir disso, as condições para discriminar os estados tranquilos dos excitados, reconhecendo que ambos fazem parte do relacionamento com a mãe-pessoa, fazem com

que os dois estados sejam integrados – a mãe que oferece o seio é, também, atacada pelos impulsos amorosos primitivos.

A agressividade dos impulsos amorosos primitivos direcionados à mãe, podem ser reconhecidos pelo bebê, mas que ainda não possui condições para lidar com essa culpa e nem de reconhecer o pai como um interventor, que daria segurança às fantasias de ataque. A única forma de resolver essa questão está na capacidade imaginativa do bebê para reparação dos danos causados ao objeto. Então, pode desenvolver um sentido de responsabilidade pelos impulsos direcionados a mãe, assim pode também reconhecer-se como independente do objeto externo.

No estágio do *'concern'*, o bebê pode reparar aquilo que acredita ter destruído devido a agressividade dos instintos. A possibilidade do bebê se responsabilizar pelos ataques à mãe depende das condições maternas para sustentar a situação no tempo, favorecendo a situação para que o bebê se sinta culpado e repare imaginativamente os danos causados por seu amor primitivo. “Na relação comum entre mãe e bebê esta sequência de machucar-e-curar se repete muitas vezes. Gradualmente, o bebê passa a acreditar no esforço construtivo e a suportar a culpa, e assim tornar-se livre para o amor instintivo” (WINNICOTT, 1958d, p. 90). É importante que a mãe real (ou substituta) mantenha sua qualidade de relacionamento com o bebê, pois, somente assim, ele poderá sentir-se culpado e fazer a reparação, até que se construa um *círculo benigno*. Nas situações em que a mãe, ao alimentar seu bebê, o faz de forma impessoal e/ou mecânica, a possibilidade de reparação não se constitui. Então, desperdiça-se a oportunidade para a construção de um círculo benigno, que é responsável pelo sentimento de culpa e reparação diante dos impulsos instintivos.

Após ter atingido um estado de *'concern'* fica evidente o amadurecimento da criança, que agora habita o próprio corpo, tem experiências pessoais e se diferencia do ambiente. Atingiu conquistas importantes nessa “progressão da *ruthlessness* até o *concern*, da dependência do EU ao relacionamento do Eu em relacionamento; da pré-ambivalência à ambivalência; da dissociação primária dos estados de tranquilidade e excitação à integração dos dois aspectos do *self*.” (WINNICOTT, 1988f, p. 89).

2.4. Rumo à Independência Relativa

Em busca da independência relativa, a criança, por volta dos dois anos, pode reconhecer o pai como parte de sua relação com a mãe, sua percepção do ambiente se ampliou, mas permanece a sua necessidade de um ambiente estável, que a mantenha segura e cuidada. A criança, agora inserida na família, precisa do amparo dos pais para que seus impulsos amorosos possam ser acolhidos e controlados em momentos favoráveis de sua expressão, pois necessita manejar os impulsos de amor e ódio, provenientes dessa relação triangular.

É a partir da possibilidade de diferenciar um mundo interno, que pode postergar as ações e reprimir (inconscientemente) os impulsos primitivos; sem a perda de sua personalidade, a criança agora tem condições para perceber a existência de um terceiro: o pai. “O modo de ser do pai naturalmente determina a maneira como a criança usa ou não esse pai, na formação da família dessa criança em particular” (WINNICOTT, 1966, p.127). No contexto da família, a criança reconhece que o relacionamento entre mãe e pai é anterior a sua existência, e que ela é a terceira nessa relação.

Segundo Dias (2003), após perceber o triângulo familiar, a criança apresentará questões que envolvem a lealdade, pois, se muito identificada com o pai, começa a ver a mãe a partir da perspectiva paterna e passa a se relacionar com ela de maneira diferente; isso pode fazê-la sentir-se traído a mãe. A visão do pai auxilia no afastamento da criança em relação à mãe, algo necessário para constituí-la como pessoa inteira. Em termos de estruturação da personalidade, o ambiente tem cada vez menos interferência, mas a criança continua a necessitar de segurança e estabilidade, de modo que não precise se preocupar, podendo assim sonhar, brincar e elaborar internamente as relações de amor e ódio. Quando a família pode ser usada como referência pela criança, no sentido de manter-se e perdurar, mesmo nas situações em que haja dificuldades, ela pode sentir-se segura para ter sentimentos e atos agressivos. Ainda que os pais se separem, é importante que continuem fazendo o seu papel, contribuindo para manter a estabilidade no amadurecimento emocional dos filhos.

A criança conta com os pais para a elaboração das questões edípicas, que assumem outra potência nesse período. O menino precisa viver a experiência de identificar-se (com

o pai ou) com a figura paterna: “o menino possui uma potência por procuração e uma potência adiada que poderá ser recuperada na puberdade” (WINNICOTT, 1988g, p.73). Ele pode reconhecer o pai como um rival e desfrutar da amizade que surgirá desta rivalidade.

Winnicott não se opõe à existência do Complexo de Édipo, mas reconhece o fenômeno como parte do processo de amadurecimento emocional do indivíduo e não como uma questão central do desenvolvimento. A sexualidade infantil é real e deve ser reconhecida pela família, sendo que as excitações genitais podem ser de responsabilidade da fantasia do impulso instintivo da criança. Quando ela tiver condições de sentir-se culpada, reparar a destrutividade e tolerar as ameaças de castração paterna, pode experimentar o complexo edípico e tolerar a ambivalência das relações triangulares e ultrapassar o amor incestuoso em direção a outros objetos eróticos.

Na fase de latência, que sucede o período edipiano, a criança está mais voltada para as exigências intelectuais, preparando-se para um estágio em que as demandas sociais serão maiores. Desta forma, o ego identificado com os padrões da família sente-se fortalecido, e sua integração permite que se reconheça em contextos ampliados, como a escola. Se o suporte familiar é confiável, se alguém permanece presente, mantendo a calma, a criança começa a dar-se conta da passagem do tempo. A sexualidade poderá estar ou não madura na época em que as transformações da latência aparecem. Se a sexualidade estiver imatura, perturbada ou inibida ao final desse primeiro período de relacionamentos interpessoais, ela ressurgirá, imatura e inibida, na puberdade.

A tranquilidade da fase da latência será interrompida pela puberdade - as várias transformações físicas, hormonais e psíquicas desse período podem representar uma quebra na continuidade-de-ser; assim, mais uma vez, o adolescente terá de contar com o ambiente familiar para sustentar e se responsabilizar pelo seu desenvolvimento. A adolescência apresenta mudanças no amadurecimento, pois o jovem que antes contava com a fantasia inconsciente agora tem a potência para realizá-la. O potencial para agredir e ter experiências sexuais amedronta e assusta o adolescente, que revive angústias de estágios anteriores do amadurecimento. Imaturo, não sabe quem ele é; sua busca, neste período, é de encontrar um sentido de real, conquistar a vida adulta e inserir-se na sociedade, preservando sua personalidade.

Ao conquistar a vida adulta, o indivíduo tem como tarefa manter sua singularidade; a partir de sua criatividade original, é possível, através do brincar, transformar a rotina do dia-a-dia em algo novo, sem deixar de cumprir com as exigências da vida. Na vida adulta, também é possível aceitar as imperfeições da condição humana e perceber a finitude; assim, as pessoas maduras podem envelhecer e aceitar a morte como o último estágio do estar vivo.

O amadurecimento emocional é uma continuidade da existência ao longo do tempo, sempre em direção à maturidade a fim de suportar os momentos difíceis e manter o sentido de que a vida vale a pena ser vivida.

2.5. O Amadurecimento na Adolescência

Na perspectiva de Winnicott, o amadurecimento emocional do adolescente deve ser considerado a partir de questões históricas e de mudanças sociais que o impulsionam para o crescimento.

Em seu artigo “Adolescência: Transpondo a Zona das Calmarias (1961)”, destaca mudanças sociais significativas, como o combate às doenças venéreas e as técnicas contraceptivas, que colaboraram para a exploração da sexualidade e da sensualidade com maior liberdade. Faz referência, ainda, à bomba atômica, ressaltando que, depois dessa invenção, foi desnecessário organizar a sociedade considerando o rigor da disciplina, visto não era mais necessário disciplinar o jovem para lutar pela pátria. A ideia de não haver mais guerras tornou sem sentido impor uma disciplina militar forte ao adolescente, o que levou a sociedade a pensar em como lidar com o potencial agressivo desse grupo.

A adolescência, mais do que em qualquer época, está hoje sendo obrigada a se conter; essa realidade contida é em si bastante violenta – um pouco parecida com o inconsciente reprimido do indivíduo, que não parece tão belo quando é exposto ao mundo (WINNICOTT, 1961b, p. 121).

Desta forma, a agressividade do adolescente estaria restrita às brigas em barzinhos, a violência de rua e as expressões agressivas esporádicas no contexto social; ou seja, a necessidade de conter-se mantém-se válida nos dias de hoje. Outeiral (2008)

acrescenta que a sociedade atual apresenta novas características que devem ser consideradas, quando se discute a questão de impulsionar o jovem ao crescimento – o aumento das doenças sexualmente transmissíveis (DST/AIDS), a banalização da violência, o aumento da gravidez na adolescência, o espaço virtual, o aumento do consumo de drogas e a guerra social.

Atualmente, existe o entendimento de que a sexualidade deve ser discutida desde muito cedo, devido ao aumento das doenças sexualmente transmissíveis, mas parece que, quando se trata da população jovem, a informação não é o suficiente:

Entre as gestantes infectadas pelo HIV, um percentual significativo está na faixa etária entre 15 e 19 anos de idade, indicando a necessidade de se abordar o tema saúde sexual e reprodutiva nessa população. O diagnóstico de sífilis na gestação em adolescentes também é frequente. Em 2010, 160 (1,6%) das gestantes com sífilis tinham entre 10 e 14 anos de idade, e 2.054 (20,4%) entre 15 e 19 anos (BRASIL, 2013).

No que se refere à violência, assistimos um aumento do teor de crueldade, indiferença e banalização. Na população brasileira na faixa entre 15 e 24 anos, dados de 1980 e 2011 indicam um aumento da mortalidade violenta nessa população, devido a causas externas. Os homicídios cresceram 132,1%, e os suicídios, 56,4%; também os óbitos por acidentes em transporte aumentaram em 28,5% (BRASIL, 2013). O suicídio deve ser considerado como uma possibilidade na adolescência, devido à falta de sentido de real na vida e a necessidade de conter a própria agressividade. No relatório da OMS (2012) sobre: “Saúde para os Adolescentes do Mundo”, o suicídio é uma categoria que deve ser considerada com cuidado, pois, atualmente, é a terceira principal causa de morte entre adolescentes de 15 a 19 anos, só perdendo para as causas externas, mortes no trânsito e HIV. A morte durante o parto é a segunda maior causa de mortalidade entre as jovens com idades entre 15 e 19 anos, depois do suicídio.

Ao mesmo tempo, podemos constatar que, na sociedade moderna, instalou-se a necessidade de o adolescente estar inserido no mercado de trabalho, devido à premência do consumo excessivo e imediato, do poder de compra e da propriedade. Lipovetsky e Charles (2004) define nossa sociedade como “sociedade da moda”, reestruturada pelas técnicas do efêmero, da renovação e da sedução permanentes. Aponta para a revolução da informática e da globalização, que instalaram um sentido de imediato e

simultaneidade; desta forma, as questões que envolvem o tempo e o espaço também passam por transformações – podemos nos comunicar com várias pessoas ao mesmo tempo, em tempos e espaços diferentes.

Diante desses fatos, o adolescente é impulsionado ao crescimento rápido – há certa pressão diária para não desperdiçar tempo, otimizar as relações, buscar soluções imediatas para as dificuldades e adquirir qualificação para conquistar a vida adulta o mais breve possível. Neste sentido, está sendo impulsionado para uma vida adulta pautada pelo trabalho, com a finalidade de alcançar a independência financeira e de consumo.

Há também outro aspecto a se considerar:

Os muitos colapsos psicológicos entre os adolescentes demandam nossa tolerância e nossos cuidados; o novo tipo de desenvolvimento exerce uma tensão sobre a sociedade, pois os adultos que foram privados da adolescência não gostam nada de ver meninos e meninas à sua volta (WINNICOTT, 1961b, p119).

De fato, aqueles que exercem a função de cuidadores dessa população, muitas vezes, podem se deparar com a inveja que a adolescência pode provocar, sem perceber a origem disso. Se o cuidador não pôde viver a própria adolescência, a possibilidade de identificar-se com as transformações do jovem fica prejudicada. Na saúde, o adolescente deve ser respeitado em suas imaturidades, pois se trata de uma fase de possibilidades e descobertas pessoais. Winnicott (1968, p.198) nos aconselha: “por amor aos adolescentes, e à sua imaturidade, não lhes permitam crescer e atingir uma falsa maturidade, transmitindo-lhes uma responsabilidade que ainda não é deles, mesmo que possam lutar por ela”.

Àqueles que cuidam do adolescente, serve o aviso: considerem que ele está engajado na experiência de viver, na busca do sentido de sua existência, da própria identidade e do sentir-se real. O fator determinante para a conquista do amadurecimento emocional é a possibilidade de ser. “A partir do ser, vem o fazer, mas não pode haver o fazer antes do ser – eis a mensagem que os adolescentes nos ensinam.” (WINNICOTT, 1967, p.7).

O amadurecimento precisa de sustentação do ambiente, mas os adolescentes “não querem ser compreendidos” (WINNICOTT, 1961b, p115), e buscam viver as próprias

experiências. Porém, ainda assim, a presença do ambiente é fundamental para conter o crescimento. Nas situações em que os pais estão presentes, é possível contar com um ambiente em condições de sustentá-lo em um período de várias indagações e desejos. Mas se os pais não assumem a responsabilidade pela saúde física e psíquica dos seus filhos, os jovens passarão por uma falsa maturidade, perdendo a maior vantagem dessa fase: a de poder ter liberdade de agir e pensar segundo seus impulsos (OUTEIRAL e ARAÚJO, 2001).

A participação dos pais e da família, de maneira mais ampla, pode conter a tendência do adolescente ao crescimento e suas características imediatistas, “o processo não pode ser acelerado” (WINNICOTT, 1963b, p.163), mas pode ser interrompida ou destruída senão for bem conduzida, ou se houver alguma doença psiquiátrica. Nos casos em que o ambiente falha em prover as condições de sustentação para o adolescente, as instituições de acolhimento devem assumir esse papel de contenção do crescimento. Apesar das questões contemporâneas que impulsionam os adolescentes rapidamente à vida adulta, é importante perceber que a solução “da adolescência vem com o passar do tempo.” (WINNICOTT, 1961b, p.122). A passagem do tempo é fator determinante para que o jovem possa emergir para a vida adulta.

Contrariamente, as mudanças físicas provenientes da puberdade, as suas ideias sobre o que é a vida e a desilusão diante do mundo dos adultos de falsos valores atingem o adolescente, de maneira rápida e imediata. Para Winnicott (1961b), alguns sofrem muito nesse período: precisam de ajuda e devem recebê-la. A adolescência é marcada, por períodos de dependência, misturados aos de rebeldia; o jovem oscila entre ambos e, ao mesmo tempo, manifesta padrões de dependência que talvez remontem aos seus primeiros meses de vida.

O fato é que a dependência inicial continua a ter significado durante toda a vida, em especial na adolescência, mesmo que ela possa se mostrar de modo disfarçado. As tarefas permanecem as mesmas da infância, mas, à medida que o ser humano cresce e se desenvolve, ele se torna cada vez mais engajado na verdadeira luta que é a vida. Assim, as tarefas acabam se configurando de modo díspar, para fases diferentes (FROTA, 2006, p.59).

O ambiente facilitador, nesse momento, deve ser aquele que reconhece tanto as necessidades da infância, ou mesmo os desejos e fantasias do inconsciente. Esse

ambiente, sendo confiável, oferece condições para que o adolescente possa expressar com intensidade as suas necessidades, que para Winnicott (1961b, p.123-4) são:

A necessidade de evitar falsa solução; A necessidade de sentir-se real, ou de tolerar a absoluta falta de sentimento; A necessidade de ser rebelde num contexto que, confiadamente, acolha também a dependência; A necessidade de aguilhoar repetidamente a sociedade de modo que o antagonismo desta se faça manifesto, e possa ser rebatido por um contra antagonismo.

Diante das necessidades expressas, “coloca-se então uma pergunta: a nossa sociedade terá saúde para fazer isso? ” (WINNICOTT, 1963b, p.173). Essa questão nos leva a pensar na visão da sociedade atual em relação ao adolescente e o que está sendo feito para que ele possa estar protegido em seu processo de crescimento.

Os adultos maduros que têm condições para assumir esta responsabilidade precisam se identificar com os esforços dos adolescentes para encontrarem o próprio destino, em uma sociedade que não respeita os processos pessoais e se sobrepõe às necessidades do indivíduo, conduzindo o jovem à necessidade de consumo.

O idealismo social é a parte mais emocionante desse período, que dura poucos anos, podendo trazer novas perspectivas e ideias, se a imaturidade for respeitada; trata-se de uma propriedade que será perdida e substituída pela vida adulta. A sociedade e sua parcela de adultos maduros precisam então ser capazes de se identificar com o potencial do adolescente de ser livre, ter esperança, visões, sonhos e planos para um mundo melhor.

O importante é que esse desafio possa ser aceito, sem ser compreendido e sem que o adolescente seja informado de sua imaturidade. Ele sabe que não estará preparado para a vida adulta sem o suporte de um adulto maduro, que deve aceitar o desafio de acompanhá-lo em seu ritmo e tempo. Mas, se for impulsionado a uma maturidade falsa, baseada na personificação do adulto, os resultados disso podem ser terríveis.

2.5.1. As mudanças da Puberdade

As mudanças causadas pela puberdade resultam em tensões significativas para o adolescente. O crescimento físico constitui-se na aquisição de força real para concretizar

atos de violência, assim como a sexualidade vivida na fantasia inconsciente pode ser um fato concreto. Para o adolescente, o crescimento é um ato de agressividade; por sentir-se imaturo, os conflitos gerados entre a relação do crescimento físico, das tensões emocionais e sociais aumentam a sua necessidade de contar com um ambiente facilitador. Neste momento, os pais, a família ampliada e as instituições de acolhimento podem colaborar para conter o crescimento e a tensão existente diante da sensação do potencial para a realização e a frustração de sua impotência diante da realidade.

Na infância, a fantasia era uma forma de realizar, de maneira subjetiva e controlada, o amor e o ódio diante do ambiente, atingir o potencial para lidar com a ambiguidade e integrar a agressividade em si. Trata-se de um longo processo que se inicia na infância e caminha à adolescência. Gradualmente, o adolescente começa a se responsabilizar por suas fantasias inconscientes e suas realizações no mundo real; esse processo, porém, não depende exclusivamente de sua tendência herdada ao amadurecimento, mas depende de um ambiente facilitador que deve assumir a responsabilidade por esse processo. O adolescente precisa “lidar com problemas graves, pois crescer significa tomar o lugar dos pais. E realmente o faz. Na fantasia inconsciente, a agressividade é inerente ao crescer” (WINNICOTT, 1968a, p.153).

Neste sentido, durante a puberdade e a adolescência, existe “*a morte de alguém*” (WINNICOTT, 1968a, p.155 - grifo do autor); ao longo do amadurecimento, a luta entre a vida e a morte estará presente. As situações em que o jovem precisa amadurecer precocemente, por exemplo: pela falta dos pais ou perda de um familiar, no rompimento da relação dos genitores, quando precisa cuidar dos irmãos mais jovens ou conseguir dinheiro para sobreviver, em políticas sociais em que os adultos transferem sua responsabilidade a eles, tudo isso pode representar um ato de abandono. Se a adolescência representa a substituição dos pais, ou a morte de alguém, este alguém precisa ser substituído para que o adolescente triunfe. Quando isso não acontece, o jovem se torna responsável e adquire uma maturidade falsa. Isso resulta na perda de toda a sua atividade imaginativa:

A rebelião não faz mais sentido, e o adolescente que ganha o jogo muito depressa logo é apanhado em sua própria armadilha; tem que se tornar ditador. Tem que ficar aguardando ser assassinado – ser morto não por uma nova geração de seus próprios filhos, mas por

irmãos. Naturalmente, ele procura controlá-los (WINNICOTT, 1968a, p.156).

A agressividade contida no processo de crescimento do adolescente se refere às fantasias inconscientes de um embate real; ele precisa triunfar, em uma luta de vida e morte, superar os pais, mestres e cuidadores. Trata-se de um embate que causa sofrimento ao adolescente e aos adultos que dele cuidam; a agressividade inconsciente pode se manifestar em fantasias de suicídio, ou no suicídio real, mas ele precisa saber que ainda não pode ser responsabilizado por todos os sofrimentos, assassinatos e homicídios que acontecem pelo mundo. “Parece que o sentimento de culpa latente que existe no adolescente é terrível” (WINNICOTT, 1968a, p.160).

Atualmente, os estudos sobre depressão em crianças e adolescentes (SUKIENNIK; SEGAL; SALLE; et al. 2000; OUTERIAL, 2008; BIAZUS; RAMIRES, 2012) apontam os seguintes sintomas como provenientes desse quadro: piora no rendimento escolar, humor deprimido, fadiga e falta de concentração, falta de sono e apetite, baixa autoestima, queixas somáticas, uso de drogas, distúrbio de conduta, atividades sexuais compulsivas e distúrbios alimentares.

Para Winnicott, “o adolescente é essencialmente um isolado” (WINNICOTT, 1961b, p.118), um isolamento que se assemelha ao do bebê, mas que agora faz parte de sua busca à identidade pessoal. O mesmo isolamento está presente nas experiências sexuais ainda imaturas, na tensão sexual que se cria para que ele descubra sua identidade sexual; muitas vezes, pode encontrar um escape nas atividades masturbatórias compulsivas, que descarregam a tensão sexual. O adolescente ainda não busca relações com pessoas totais - está descobrindo-se e não sabe se será um homossexual, bissexual ou apenas um narcisista. Os jogos sexuais que envolvem ou não a afetividade podem ser as primeiras experiências com pessoas totais.

Os grupos também são algo importante para o adolescente, que se identifica com eles a partir do gosto; estando em um grupo de iguais, quando o grupo é ameaçado pode reagir com todos seus membros, pois estão unidos similaridade de gostos. Se um é agredido é como se todos o fossem. O grupo, na realidade é um agrupamento de indivíduos isolados que, quando não se sentem atacados, voltam-se para suas questões pessoais; isoladamente, o adolescente busca descobrir e saber quem é. Isso inclui a tensão

sexual, que aparece nesse período com muita intensidade e é uma questão difícil de ser resolvida de maneira imediata, necessitando de tempo e dependendo das experiências pré-genitais da infância.

A fantasia sexual inconsciente parece ser a mais difícil e agressiva para o adolescente, assim como a rivalidade associada à escolha objetal. A partir do momento em que a criança consegue se conceber como um EU e percebe os que estão a sua volta como pessoas totais, já pode ter experiências genitais sem o potencial de procriação que será adiado até a puberdade. Neste período de latência, a criança deve se identificar ao máximo com os pais ou adultos a sua volta, sonhar, brincar, ter experiências com o corpo ou sem ele, deve ter experiências pré-genitais e genitais imaturas e aproveitar a passagem do tempo: “se a sexualidade de uma criança é imatura, perturbada ou inibida ao final do período de relacionamentos interpessoais, assim ela ressurgirá imatura, perturbada e inibida na puberdade” (WINNICOTT, 1988g, p.76).

A busca ou perseguição à maturidade sexual deve incluir toda a fantasia inconsciente do sexo, e o indivíduo, em última análise, deve ser capaz de chegar a uma aceitação de tudo o que surge na mente, juntamente com a escolha de objeto, a constância objetal, a satisfação sexual e o entrelaçamento sexual. O importante é ter em mente que a adolescência é mais do que a puberdade e o crescimento físico; embora se baseie neles, implica em crescimento, o que leva tempo:

Repetindo: se o adolescente quiser transpor esse estágio do desenvolvimento por processo natural, então deve-se esperar um fenômeno a que se poderia dar o nome de depressões adolescentes. A sociedade precisa incluir isso como característica permanente e tolerá-la, enfrentá-la, mas não curar (WINNICOTT, 1963b, p173).

Neste momento, é importante lembrar que a moralidade rígida do adolescente dificulta sua relação com a vida adulta. A dificuldade se encontra em sua noção de verdadeiro e falso, certo e errado: ele não consegue relativizar as situações e utilizará seu potencial intelectual para justificar e argumentar seus posicionamentos. Na busca de auxiliar o adolescente a encontrar soluções, conselhos e informações não podem ser sentidos como algo a que ele deve se submeter. Desta forma:

Pais, professores e todos os que fazem parte do ambiente do adolescente podem ser reconhecidos ora como opositores, ora como cuidadores, ora como pessoas com as quais se identifica e depende, ora como pessoas das quais quer suas próprias respostas como afirmação e busca de si mesmo (OLIVEIRA; FULGÊNCIO, 2010, p.73).

Diante do confronto, da agressividade que o crescimento significa para o adolescente, se ele quiser estar vivo, ser ouvido e enfrentar o mundo, precisa da figura de um adulto que reconheça que o confronto é pessoal. “O adulto, em sua firmeza, tem de estar pronto para ser testado em sua autoridade, questionado e insultado. Se é que os adolescentes querem, ter vida e vitalidade, os adultos são necessários.” (WINNICOTT, 1968b, p. 202).

2.5.2. A Tendência Antissocial

Os atos de rebeldia que desafiam aos pais, professores e a sociedade correspondem aos aspectos da tendência antissocial, da mesma forma que se manifestam na delinquência.

Segundo Winnicott (1961a, p.125), “na raiz da tendência antissocial há sempre uma privação”, que ocorre após uma fase de cuidados suficientemente bons seguidos de uma ruptura². Devido à privação, encontra-se na tendência antissocial a busca do objeto perdido (roubo) e a destruição; o ato antissocial implica em esperança de que o ambiente, quando confiável, possa reparar a falha provocada pela ausência ou perda da afetividade conquistada pela criança. A criança busca o objeto perdido, acreditando que possa ter o retorno dos seus direitos por parte da mãe, que ela criou em sua experiência de onipotência, aquela que estava disposta a ser encontrada (WINNICOTT, 1956b).

Os primeiros sinais da privação podem ser reconhecidos em um comportamento imperioso, na avidez comparada à inibição do apetite, nas reclamações compulsivas devido à frustração; também pode haver: sujeira (defecar, urinar), enurese noturna, direito

² Loparic (2001), propõe o neologismo “deprivação” para traduzir *deprivation* e diferenciá-lo de *privation* (que descreve a privação quando a criança ainda não diferencia o mundo interno e externo; ao contrário da privação quando, além de distinguir um dentro e um fora, a criança culpabiliza o ambiente pelas suas perdas).

de molhar o corpo da mãe, compulsão para sair e comprar alguma coisa, fugas, saídas sem objetivo, como a vadiagem, e a destrutividade compulsiva.

A partir disso, a criança pode ser reconhecida como desajustada ou incontrolável, receber tratamento em alojamentos especiais e/ou a incompreensão dos pais ou daqueles que dela cuidam. Caso seja mantido este tratamento, o adolescente poderá vir a ser um delinquente. Como jovem adulto, poderá desenvolver alguma psicopatia e ser remetido para institutos correcionais ou para uma prisão.

Uma criança em situação de privação que precisa organizar-se em uma defesa antissocial, busca no ambiente a possibilidade de resgatar aquilo que lhe era de direito e foi retirado. A privação não é uma característica básica de toda a adolescência, mas pode se manifestar de maneira branda e difusa; isso não exigirá defesas antissociais, o que parece é que a atitude antissocial na adolescência pode se manifestar em ações grupais contra as perseguições externas ao grupo do qual o adolescente faz parte. Trata-se, portanto, de defesas que o grupo apresenta contra os ataques externos e que contribuem para o sentido de realidade do adolescente. Em uma formação de grupo, de adolescentes, quando nada acontece, o grupo vive a ameaça de perder o significado; por isso, existem os indivíduos antissociais no grupo que assumem a provocação à sociedade, o que novamente cria a coesão entre os membros: “Nenhum dos membros faltará à lealdade e todos darão apoio àquele que agir pelo grupo, embora nenhum deles aprovasse essa atitude em si mesma” (WINNICOTT, 1961b, p.126).

Na busca de um sentido de realidade, o adolescente desafia, e faz parte da vida adulta aceitar esse desafio - a ideia é não tentar curá-lo e retirá-lo de sua busca. “Há centenas de soluções falsas. Tudo que dissermos ou fizermos estará errado. Damos apoio e estamos errados; retiramo-lo e continuamos errando” (WINNICOTT, 1961b, p.127). O importante é estar presente, provendo as condições para que, depois de um tempo, possa se perceber que esse jovem está se identificando com a sociedade, com a família e com grupos mais amplos, sem o perigo de perder sua identidade.

Então, o ambiente facilitador ocupa um lugar fundamental nesse processo, pois deve ser testado, muitas vezes, para verificar se suporta a agressão, consegue reparar a destruição e tolera todo desconforto que isso ocasiona. O ambiente não pode entrar em

confronto, mas deve demarcar e conter as ações antissociais sem desqualificar o indivíduo.

2.5.3. As Possibilidades do Ambiente

Durante a II Guerra Mundial, Winnicott (1948) trabalhou em alojamentos para crianças, contribuindo para que os profissionais responsáveis se organizassem e lidassem com aquelas que apresentavam distúrbios emocionais. Para ele, em tempos de paz, essas crianças seriam aquelas “cujos lares não existem ou cujos pais não conseguem estabelecer uma base para o desenvolvimento delas, e crianças que têm um lar, mas, nele, um pai ou uma mãe mentalmente doente” (WINNICOTT, 1948, p. 82). Nessas condições, é necessário que a criança possa contar com um ambiente estável que lhe forneça um padrão comum de cuidados individuais, que possa assegurar essas condições.

Os alojamentos em que trabalhou contavam com um quadro de funcionários e supervisores que precisavam ser capazes de lidar com a tensão emocional criada nesses espaços, mostrando-se dispostos a “deixar-se roubar” em alguns anos de vida. A criança acredita que a sociedade deva lhe prover o ambiente que sua família não pôde ofertar, e cobra essa atenção através de atos antissociais, como vimos anteriormente. Na visão do autor, o atendimento não poderia ser exclusivamente de psicoterapia, pois essas crianças necessitam de um local onde se sintam cuidadas, contando com um supervisor que se responsabilize pelo alojamento, assegurando que está adequado para fornecer cuidados. Ao mesmo tempo, os pais devem poder visitar os filhos na instituição.

Winnicott (1948) acreditava que os funcionários deveriam ser supervisionados para que pudessem manter seus objetivos em relação aos internos. Aqueles envolvidos no trabalho clínico deveriam, então, integrar três aspectos: “política oficial, supervisores e crianças” (p. 84). Um trabalho difícil, que precisa desenvolver-se para contribuir com aqueles que assumem essa responsabilidade e precisam lidar com as limitações e a complexidade das questões emocionais que se apresentam. Esse trabalho não se resume a aliviar os conflitos psíquicos, mas deve oferecer um lugar onde as crianças possam ser cuidadas sem que fiquem degenerando em casa, causando aflições e afetando outras pessoas.

O ambiente institucional representa aquela parcela da sociedade que, por meio da estabilidade promovida por seus códigos e normas de conduta e por meio de seus fins, viriam a complementar os papéis parentais ou, na falta destes, substituí-los, assim promoveriam condições básicas para o desenvolvimento do indivíduo (ARAÚJO, 2007, p.68).

A sociedade representa o crescimento individual em termos de realização pessoal; coletivamente, a estrutura social é mantida e reconstruída por indivíduos, portanto, o crescimento pessoal do adolescente está atrelado à sociedade, assim como, a sociedade não poderá crescer senão respeitar os processos de crescimento dos adolescentes. Enquanto a família está ausente, a sociedade deve prover, a partir de seus membros saudáveis, condições para suprir essa ausência, que, no caso do adolescente, representa assegurar sua estabilidade diante da variedade de acontecimentos que estão por vir.

CAPÍTULO 3 - MÉTODO

Este estudo utilizou a teoria do amadurecimento emocional de D.W.Winnicott para o levantamento de temas que envolvem a gestação e a maternidade em jovens abrigadas.

Todos os cuidados éticos foram tomados, sendo que a instituição responsável judicialmente pelas adolescentes firmou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (vide Anexo)³, permitindo a coleta de dados, que ocorreu entre 2012 e 2014. A situação de custódia garante o sigilo de justiça às histórias das jovens, motivo pelo qual a direção do abrigo não forneceu informações sobre o processo de abrigamento, nem sobre a vida pregressa das internas, garantindo assim a privacidade delas.

As adolescentes, após serem informadas sobre os procedimentos e objetivos do estudo, voluntariamente se prontificaram a participar. Todas estavam alojadas em uma casa localizada na cidade de São Paulo, que, na ocasião da pesquisa, atendia dez adolescentes gestantes ou mães e seus bebês, além de duas crianças abandonadas, liberadas para adoção. A instituição caracterizava-se como uma entidade assistencial fundada nos anos 1950, conveniada da Prefeitura de São Paulo, cujo objetivo era atender pessoas em situação de vulnerabilidade social e pessoal, tendo como missão criar vínculos afetivos entre mãe e filho e encorajar a conquista da autonomia.

3.1. Instrumento

Para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas pensadas a partir de questões que envolvem o período gestacional e pós-nascimento, enfatizando os cuidados maternos, o reconhecimento da experiência de maternidade, bem como o desenvolvimento do bebê. Como guia temático para investigação dessas questões, utilizamos o questionário desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa em Infância, Desenvolvimento e Psicopatologia e pelo Núcleo de Infância e Família, ambos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PICCININI ET AL, 2005). Esse modelo foi adaptado (anexo A) aos objetivos deste trabalho. Embora o roteiro apresente uma sequência de perguntas fechadas, os tópicos não foram abordados dessa forma ao longo das entrevistas, apenas servindo para orientar e demarcar o campo temático em questão.

³Esta pesquisa foi avaliada e aprovada pela Plataforma Brasil sob número 39265013.1.0000.5482

Para assegurar a fidedignidade dos relatos, as entrevistas foram gravadas, com a autorização das adolescentes, e transcritas posteriormente. A transcrição e escuta exaustiva dos relatos forneceram bases para a interpretação e a análise dos temas que traduziram as necessidades emocionais das jovens. A trajetória consistiu em: a) transcrição das entrevistas; b) leitura exaustiva do material transcrito; c) interpretação dos conteúdos relatados acerca do assunto investigado; d) identificação dos fenômenos transferenciais e contratransferenciais; e) análise dos conflitos emocionais; e) identificação dos correlatos temáticos, com base na teoria do amadurecimento emocional.

Somado à observação, o campo psicológico que se configurou no contexto da entrevista permitiu a análise e o reconhecimento de pontos que auxiliaram na formulação de hipóteses, planejamentos e na interpretação dos relatos das adolescentes.

Bleger (1998), aplicando os princípios de configuração do campo psicológico, concebe a entrevista psicológica como instrumento fundamental do método clínico. Propõe que o entrevistador seja flexível o suficiente para permitir que o entrevistado configure o campo da entrevista a partir de suas características de personalidade, mas também ressalta que, numa entrevista cujo objetivo é a pesquisa, o entrevistador deve despertar o interesse e a participação do entrevistado.

Ocampo, Arzeno e Piccolo (1994) fazem referência a entrevista semidirigida como uma estratégia que viabiliza a expressão livre do entrevistado, no sentido de iniciar seu discurso da maneira que prefere e deseja, o entrevistador configura o campo psicológico que o entrevistado usará para estruturar sua fala da maneira que se sentir melhor. Dessa forma, o entrevistado demonstra sua organização, o que auxilia o entrevistador na análise de pontos importantes. Assim, bloqueios e paralisações podem ser identificados e favorecem o reconhecimento das informações que o entrevistado não conseguiu apresentar. Esse tipo de entrevista ainda possibilita extrair dados que permitem, após uma análise exaustiva do discurso do entrevistado, a formulação de hipóteses, planejamentos e a interpretação dos dados de modo detalhado.

Para Bleger (1998), a entrevista aberta é uma possibilidade mais ampla e profunda de investigação da personalidade do entrevistado, embora a entrevista fechada permita uma comparação sistemática de dados, próprias de todo método padronizado. Sob essa perspectiva, o caminho adotado no presente estudo para realizarmos as entrevistas priorizou disponibilizar às jovens espaço para que pudessem expressar livremente seu

ponto de vista sobre o tema e discorrer sobre suas percepções. Assim, ao longo do processo, os conteúdos presentes no roteiro foram sendo introduzidos, com o cuidado de manter o interesse e a participação da jovem, sem descaracterizar o campo psicológico da entrevista criado pela entrevistada.

Sobre a entrevista psicológica, Bleger (1998, p.9) afirma:

Pode-se dizer que o entrevistador controla a entrevista, porém quem a dirige é o entrevistado. A relação entre ambos delimita e determina o campo de entrevista e tudo o que nela acontece, porém o entrevistador deve permitir que o campo da relação interpessoal seja predominantemente estabelecido e configurado pelo entrevistado.

Uma entrevista apresenta sentimentos e afetos que são atualizados e reconhecidos como característicos dos indivíduos. Também podem se apresentar inconscientemente, sendo identificados como provenientes das expressões dos modelos adquiridos nas relações interpessoais desenvolvidas no meio familiar.

Seguindo esse horizonte, foi possível observar os aspectos característicos das entrevistadas e os modelos de relação apresentados, examinar as fantasias de cada uma, as resistências, investigar necessidades, reconhecer estados de negligência em suas histórias de vida.

O contexto da entrevista se configura para além da efetivação de perguntas e respostas, tornando-se uma situação em que se observa parte da vida da pessoa, que se desenvolve em relação a nós e diante de nós. Bleger (1998) preconiza que os fenômenos da transferência e da contratransferência aparecem em toda relação interpessoal e, por isso mesmo, também ocorrem na entrevista e no decorrer do processo terapêutico. A diferença é que, na entrevista, esses fenômenos devem ser utilizados como instrumentos técnicos de observação e compreensão.

Neste caso, esses fenômenos foram utilizados para auxiliar no processo de interpretação dos relatos e, ao mesmo tempo, ajudaram na análise das relações desenvolvidas ao longo do trabalho entre todos que participaram deste estudo.

As temáticas foram entendidas à luz da teoria do amadurecimento emocional de D.W. Winnicott, com o objetivo de incluir o pensamento deste teórico no que se refere às

questões do abrigo de mães adolescentes. A intenção foi aprimorar o atendimento às adolescentes, ressaltando as experiências de cada uma delas.

3.2. Procedimentos

Considero relevante descrever a trajetória para a realização deste estudo, de modo a contextualizar como ocorreram os encontros com as jovens e as reuniões com a equipe de profissionais responsáveis pela instituição.

O contato inicial com o abrigo aconteceu via telefone. De imediato, a diretora mostrou-se interessada no projeto e sugeriu que eu o encaminhasse à administração da instituição (mantenedora), para que fosse avaliado. Diante da avaliação positiva da proposta, agendei a primeira reunião, da qual participaram a diretora, a psicóloga e duas assistentes sociais do abrigo.

Nesse primeiro encontro, a diretora discorreu sobre os objetivos, a missão, as características de funcionamento e as normas da instituição, destacando sua missão: “capacitar o ser humano para o pleno exercício da cidadania, inserindo-o de forma produtiva à sociedade”. Para atingir seus objetivos, desenvolvia dois projetos sociais: Programa de Educação Profissionalizante e Programa de Proteção Integral. A instituição também educava sobre o desenvolvimento da prática dos direitos e deveres do cidadão, tendo em vista sua relação e participação na sociedade.

O Programa de Educação Profissionalizante proporcionava o aprendizado de habilidades técnicas e humanas (curso de moda para jovens adultos em situação de exclusão social), visando à inserção no mercado de trabalho e à geração de renda, promovendo o desenvolvimento da autoestima e a reestruturação psicossocial.

O Programa de Proteção Integral possuía uma equipe de profissionais qualificados e atendia mensalmente 120 pessoas em situação de risco pessoal e social, incluindo mulheres em situação de violência doméstica, acompanhadas por seus filhos; adolescentes gestantes; adolescentes mães com seus filhos; crianças e adolescentes, preferencialmente grupos de irmãos. O Projeto que contribuiu para a realização deste estudo pertencia a esse Programa, e visava atender adolescentes gestantes, bem como seus filhos. O principal objetivo era criar vínculos afetivos entre mãe e filho, a fim de diminuir os riscos que interferem no bom desenvolvimento gestacional e estimular o sentido da maternidade. Também objetivava despertar nas adolescentes a responsabilidade pela

educação da criança, encorajando uma perspectiva de vida futura com foco no autogerenciamento e na conquista da autonomia.

As jovens grávidas eram encaminhadas ao abrigo pelo Conselho Tutelar, pelas Varas da Infância e da Adolescência, ou buscavam espontaneamente a instituição, que comportava, no máximo, dez adolescentes com seus bebês e possuía um quadro de funcionários composto de: onze educadores, duas cozinheiras, dois auxiliares, um mantenedor, uma psicóloga, duas assistentes sociais e uma diretora. Para administrar o alojamento das adolescentes, existia um sistema de rodízio com outros abrigos, caso houvesse lotação ou espaço vago para atendimento.

Na ocasião do primeiro contato, a instituição abrigava seis adolescentes e oito crianças, duas das quais abandonadas pelas mães e em processo de adoção; posteriormente, duas outras jovens foram abrigadas e entrevistadas ao longo da coleta de dados.

Para a organização e funcionamento do abrigo, assim que as jovens estavam alojadas, recebiam informações sobre as regras básicas de convivência, os horários e as atividades diárias. Os educadores desenvolviam relatório mensal sobre as atividades planejadas, e a diretora também apresentava um relatório das atividades, que era enviado à Prefeitura da cidade de São Paulo e à Administração da Fundação/Mantenedora.

A instituição buscava trazer acolhimento às jovens, criando um ambiente que se aproximasse ao máximo de um lar. Elas se dividiam em dois quartos, com beliches, e os bebês dormiam em berços, num quarto separado; também deveriam se revezar nas tarefas de limpeza e arrumação da casa, estando sempre com seus bebês, respeitando os horários e só saindo com autorização da direção.

Assim, o abrigo fornecia proteção às jovens através de sua estrutura física, organizava atividades diárias e acreditava no desenvolvimento do sentido de responsabilidade ao determinar que o cuidado dos bebês e os afazeres da casa estivessem sob responsabilidade exclusiva das adolescentes. Tinha ainda como perspectiva desenvolver atividades educativas, fazê-las frequentar a escola e incentivar a inserção no mercado de trabalho, de modo que se tornassem independentes e em condições de cuidar de sua vida pessoal sem depender da ajuda dos pais, que, em geral, não se apresentavam em condições para tanto. Essa preocupação envolvia o ganho financeiro para o sustento do bebê e a moradia fora do abrigo, a formação escolar da jovem e a busca de um adulto

que se responsabilizasse pelo cuidado do bebê enquanto a jovem mãe trabalhava e estudava.

O contato inicial e o processo de entrevista se iniciou no segundo semestre de 2012, estendendo-se até novembro de 2013. Em maio de 2014, fiz novo contato com o abrigo, com a expectativa de reencontrar as jovens, mas elas não estavam mais na instituição. Devido a uma nova determinação da Prefeitura do Município de São Paulo, todos os abrigos da cidade devem receber crianças e adolescentes sem restrições; assim, não existem mais instituições exclusivas para gestantes e mães na cidade. Mesmo assim, consegui que a psicóloga e a diretora me fornecessem informações sobre os encaminhamentos de cada adolescente após a entrevista, conforme relatados no próximo capítulo.

- **Primeiro contato com grupo de jovens abrigadas**

Três semanas após a primeira reunião com a equipe técnica, a psicóloga me ligou propondo um sábado, pela manhã, pois este seria o melhor dia da semana para reunir todas as jovens.

No dia e horário agendados, compareci ao abrigo, mas o encontro não aconteceu devido a um imprevisto com a profissional responsável, que não apareceu para abrir a casa. Conversei com uma das jovens, mas estávamos separados pelo portão de ferro que impedia minha entrada - nenhuma das internas tinha a chave e nem autorização para abri-lo; resolvi então deixar um aviso de que havia comparecido e que entraria em contato em outra oportunidade.

Na semana seguinte, telefonei para agendar outra data, sendo informado de que a psicóloga entraria em contato comigo. Fiquei surpreso com a maneira como o descompromisso comigo foi tratado – tudo muito natural, sem qualquer preocupação com o fato.

Após duas semanas, consegui então um novo agendamento. Quando cheguei à casa, a assistente social me aguardava e pediu que eu esperasse alguns minutos em sua sala, pois as jovens ainda estavam se arrumando: *As meninas já estão acordadas faz tempo, mas quando souberam que você vinha, voltaram a se arrumar, fazendo “chapinha” no cabelo, e como só tem um aparelho para todas, estão fazendo fila* [risos].

Uma está arrumando o cabelo da outra, está parecendo dia de festa só porque você veio. A assistente social utilizou um tom que reforçava a importância de minha presença.

Surpreso, não compreendi a expectativa criada, pois imaginava que as jovens não estariam receptivas à minha proposta, conforme ficou claro na primeira reunião com a equipe profissional.

Segundo a assistente social, as adolescentes haviam acordado às sete horas da manhã, no sábado, para arrumar os cabelos para o encontro comigo. Isso porque algo na comunicação fez com que imaginassem que seriam entrevistadas para uma revista. Fui informado posteriormente de que uma jornalista colheria histórias de vida das jovens alguns meses atrás, então elas esperavam que eu faria o mesmo. Apesar disso, a assistente social assegurou-me de que as jovens sabiam que eu não era jornalista e que apresentaria uma proposta de estudo.

Ao encontrá-las na sala de televisão, todas reunidas e arrumadas, como se fossem para uma festa, ficou visível o desapontamento diante da minha proposta de entrevista para um estudo acadêmico. Essa percepção se fortaleceu quando, imediatamente após a apresentação, duas jovens expressaram o desinteresse em participar. Então, retomei a proposta e verifiquei se havia perguntas ou dúvidas. O silêncio tomou conta da sala. Esperei um pouco e optei por uma abordagem individual. Aproximei-me de cada uma delas, pois a essa altura houvera certa dispersão no grupo, e as jovens voltavam sua atenção para as crianças que estavam na sala.

Inicialmente, houve certa resistência, mas, aos poucos, as adolescentes foram se colocando à disposição, embora sem se comprometer com nenhuma data ou horário. Minha percepção inicial de que haveria muita resistência foi então se desfazendo. Com certo cuidado, fui me aproximando e percebi que havia espaço para conversar sobre a proposta de entrevistá-las e conhecê-las melhor. Passado o constrangimento inicial, penso que consegui superar a frustração percebida no rosto das jovens e refiz o contato. No final, das oito moradoras da casa, apenas duas não concordaram em participar da pesquisa. Nesse contato mais individual, pude perceber que, apesar de dividirem a mesma casa, havia pouca interação entre elas, um certo constrangimento em se expressar e pouca receptividade quando estavam em grupo. Juntas, ficavam mais constrangidas, introspectivas e intimidadas, e as trocas não ocorreram, corroborando a observação de Winnicott (1968a, p. 118), segundo a qual: “O adolescente é essencialmente um isolado.

Todo relacionamento entre indivíduos e, em última instância, toda socialização, parte de uma posição de isolamento”.

Assim, elas buscaram privacidade na conversa, para se sentirem mais confiantes e se expressarem com mais facilidade. Isso pareceu evidente quando uma das jovens se mostrou interessada e disse: *Se você quiser podemos conversar agora, eu não vou para lugar nenhum hoje.* Aceitei a oferta e pedi autorização à assistente social para realizar a entrevista, e ela concordou. Após entrevistar a jovem, compreendi sua disponibilidade: ela tinha acabado de ser transferida de um abrigo do interior do Estado de São Paulo, não conhecia ninguém do abrigo e nem na cidade, não havia parentes, amigos ou referências, sentia-se sozinha e complementou: *Eu não tenho muitas amigas aqui, sou nova... Queria voltar para a minha cidade. Eu não queria ficar aqui...* percebi, posteriormente, que, além da possibilidade de ter alguém com quem conversar, havia nesse encontro um pedido de socorro. A jovem enfatizava, constantemente, que gostaria de voltar para sua cidade, que não estava feliz em São Paulo. Ficou evidente que um contato individualizado daria às jovens a sensação de exclusividade, de importância e diferenciação de que tanto precisavam.

No próximo capítulo, essa e as outras entrevistas são apresentadas e discutidas, à luz da teoria winnicottiana.

CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DAS TEMÁTICAS TRAZIDAS NAS ENTREVISTAS E CONSIDERAÇÕES SOBRE A DINÂMICA RELACIONAL COM A INSTITUIÇÃO

Inicialmente, minha percepção das entrevistadas sofreu a influência da apreciação da equipe de profissionais dos abrigos, o que me levou a abordá-las com certa cautela, principalmente no que se referia as suas histórias de vida, repletas de sofrimentos. Fiquei preocupado com a ênfase dada ao segredo de justiça, já que todas eram menores vulneráveis, e busquei então evitar temas que julguei desagradáveis ou delicados, pois minha intenção não era fragilizá-las ou rememorar situações de intensa angústia.

Essa preocupação foi se atenuando, no decorrer das entrevistas, pois percebi que as jovens não se sentiam invadidas quando compartilhavam suas histórias; ao contrário, muitas tinham necessidade de falar e de serem ouvidas. Pude então reconhecer a riqueza e diversidade dos relatos, observando, também, que havia algumas similaridades entre os discursos, em especial no que se refere à experiência na instituição: estar abrigada significava reafirmar, diariamente, a situação de desamparo e de abandono.

Como em qualquer outra relação interpessoal, também no contexto da entrevista fenômenos transferenciais e contratransferenciais estiveram presentes; mas, neste caso, foram usados como a técnica que possibilitou as análises. Segundo Bleger (1998, p.23):

Na contratransferência incluem-se todos os fenômenos que aparecem no entrevistador como emergentes do campo psicológico que se configura na entrevista: são as respostas do entrevistador às manifestações do entrevistado, o efeito que têm sobre eles. Dependem em alto grau da história pessoal do entrevistador, porém, se elas aparecem ou se atualizam em um dado momento da entrevista é porque nesse momento existem fatores que agem para que isso aconteça.

Dessa forma, a possibilidade de reconhecer os fatores que atuam nas manifestações do entrevistador ao longo da entrevista contribui para a observação dos efeitos provocados pelas entrevistadas nesse campo psicológico. De fato, pude reconhecer a significância de observar meus sentimentos como entrevistador, buscando compreender e discernir os fenômenos transferenciais e contratransferenciais presentes nesse contexto.

Ao realizar as entrevistas com as jovens, foi importante que eu demonstrasse atenção a seus relatos, disponibilidade de ouvi-las e fornecesse o acolhimento necessário às expressões afetivas e aos possíveis conflitos por elas vividos. Os encontros, inicialmente permeados por estranhamentos de ambas as partes, demandaram a necessidade de manejo da situação, de segurança e de cuidado, de modo que elas sentissem confiança para compartilhar suas vidas.

De fato, em muitos momentos, esteve presente a necessidade de apoiar as jovens na tentativa de suprir tantos desamparos contidos nessa situação de abrigo, mas, ao longo das entrevistas, foi possível perceber que necessitavam de muita atenção e cuidado para restaurar a série de ausências e abandonos expressos nos relatos.

4.1. Ressonâncias afetivas e necessidades emocionais identificadas nas entrevistas

Sendo a entrevista uma técnica de investigação e coleta de dados, podemos afirmar que os modelos estabelecidos ao longo do desenvolvimento do entrevistado - em especial, na relação interpessoal com o meio familiar - podem ser atualizados a partir da expressão de sentimentos, de atitudes e condutas inconscientes. Bleger (1998) confere à transferência as condições de atualização de atitudes afetivas vivenciadas pelo entrevistado na relação com o entrevistador:

A observação desses fenômenos coloca-nos em contato com aspectos da conduta e da personalidade do entrevistado que não se incluem entre os elementos que ele pode referir ou trazer voluntária ou conscientemente, mas que acrescentam uma dimensão importante ao conhecimento da estrutura de sua personalidade e ao caráter de seus conflitos. Na transferência o entrevistado atribui papéis ao entrevistador e comporta-se em função deles (BLEGER, 1998, p.22).

A partir dessa concepção, as análises priorizaram a identificação dos conflitos que emergiram desse encontro, pois são indicativos de ausências, falhas ambientais, carências afetivas e omissões. Esses indicativos forneceram o substrato para reconhecer as necessidades emocionais que emergiram no contexto da entrevista e colaboraram para discriminar temáticas relevantes para esse grupo de jovens. Os comportamentos defensivos também puderam dar indícios das situações de inadaptabilidade, camuflando privações emocionais e falhas ambientais que podem ter dificultado o amadurecimento nesse momento de suas vidas.

A teoria winnicottiana do amadurecimento emocional permitiu conduzir o olhar às possibilidades de sustentação nos momentos aflitivos e de insegurança característicos das experiências de desamparo, abandono e solidão, presentes durante a gestação, a maternidade e na adolescência vivida no contexto de abrigo.

As oito entrevistas são aqui apresentadas separadamente. Em cada uma, busquei identificar os seguintes aspectos:

- i. Experiência de vida da adolescente antes da gravidez;
- ii. Reações diante da gravidez;
- iii. Reações do pai do bebê;
- iv. Relação com o pai do bebê;
- v. Sentimentos da jovem em relação à experiência da gestação;
- vi. Relação com a família depois da gravidez;
- vii. Percepção da jovem sobre sua experiência no abrigo;
- viii. Reflexos da maternidade em sua vida;
- ix. Expectativas de futuro da jovem.

As falas destacadas em negrito representam os temas mais marcantes trazidos pelas jovens, servindo para ilustrar os principais conflitos de ordem afetiva, indicativos das necessidades emocionais identificadas nos discursos. A apresentação das análises segue a ordem em que as entrevistas foram realizadas.

- **“Eu quero voltar para a minha cidade”**

A primeira entrevista foi realizada com Kelly, na época com dezesseis anos. A adolescente engravidara aos treze, e o filho estava então com um ano e sete meses.

De imediato, fui surpreendido com a segurança e a clareza com que a jovem expressou seus sentimentos diante da gravidez, opostos às concepções e aos valores vinculados à maternidade que circulam socialmente – aceitação, alegria, importância de cuidar de um bebê com carinho, disponibilidade, atenção, dedicação.

*Eu sei que eu queria abortar meu filho, eu odiava estar grávida.
Eu não queria ficar grávida de jeito nenhum, eu queria abortar!*

Não queria ficar grávida de jeito nenhum. Eu falava que não estava grávida. Eu dava soco na minha barriga e falava que não estava grávida. Fazia várias coisas... Eu tinha treze e hoje tenho dezesseis, para mim, foi meio assustador, porque... treze anos grávida!!! Muito nova... Para mim não foi uma coisa boa, não foi bom.

Kelly negou a gravidez até os seis meses, quando fez o primeiro ultrassom:

Depois que eu peguei o ultrassom, que eu vi o bebezinho... aí eu acreditei que eu estava grávida mesmo. Aí eu comecei a falar: Agora eu falo que estou grávida. Porque eu vi o que antes eu não via. As pessoas falavam: Você está grávida, você tem que ter consciência. Aí eu falava que não estava. Aí depois que eu peguei o ultrassom, eu falei: Agora eu posso dizer que eu estou grávida. Eu fiz [ultrassom] com seis meses, mas eu não tinha barriga e não sentia nada. Aí eu falava que não estava grávida.

De fato, a adolescente não trazia condições emocionais para a incorporação do feto. Além disso, ou talvez em razão disso, sua gravidez foi de risco: *Fiz o pré-natal, foi uma gravidez de risco, mas foi bom. Eu tive anemia profunda durante a gravidez, não conseguia comer nada, fiquei deitada durante a gravidez. O médico me tratou bem e foi o mesmo médico que fez o meu parto.* Apesar de toda gravidez na adolescência ser considerada de risco, esse quadro anêmico, com falta de apetite e necessidade de resguardo, traduz como o corpo resiste, rejeita e sofre para gerar um bebê não desejado.

Suas impressões sobre o momento do parto também aludiam à ausência de envolvimento ou de sentimentos significativos - Kelly simplesmente mencionou que foi realizada uma cesárea e que não apresentou nenhum desconforto, *nenhuma dor*; Normalmente, o momento do parto traz certa ansiedade, dúvida e insegurança, mas ela se referiu a essa passagem com indiferença, como se não houvesse nenhuma gravidade ou importância. Porém, após o nascimento do bebê, demonstrou certa emoção: *Eu comecei a chorar de emoção, eu não sei o que eu senti, só comecei a chorar.* Neste momento, Kelly, enfim, pôde reconhecer-se emocionada, foi tocada de alguma forma pelo nascimento do filho, mas não teve como compreender o porquê dessa reação.

Apesar de ter se emocionado, revelou seu despreparo e insatisfação em cuidar do bebê: *Para mim foi meio estressante... Dá muito trabalho, muito trabalho. Ele chorava muito quando era pequenininho, chorava bastante.* A emoção presente após o parto, que poderia estar associada ao nascimento, não se manteve durante o período inicial de cuidados com o bebê. Mas, em sequência, Kelly contou, como se precisasse demonstrar

sua afetividade para com seu filho, sobre o período de amamentação, que, opostamente, lhe pareceram mais gratificantes: *É legal amamentar, é da hora, eu fiquei mais junto dele. Mamava muito e chorava porque tinha cólica. Traz carinho pela criança, amor, é bem legal... Ele parou de mamar sozinho e agora toma mamadeira.*

Os momentos de amamentação proporcionaram a oportunidade de certa aproximação com o bebê, favorecendo um olhar afetivo sobre ele, mas, ao mesmo tempo, Kelly não deixou de fazer uma alusão ao choro e às cólicas, uma lembrança de que nem tudo foi agradável:

Quando ele nasceu, ele era calminho, depois que ele completou um ano, ele ficou nervoso, eu não imaginava que ele seria assim (...). Depois que ele nasceu, mudou tudo pra mim, porque eu tive responsabilidade com ele, mais noção que tenho que ficar cuidando dele, não ficar causando problema como fazia quando estava grávida. Agora não, eu tenho que ficar com ele. Agora, até quando eu vou para o computador eu tenho que levar ele.

A compreensão intelectual da existência do bebê, da responsabilidade do cuidado e de que o imaginado não era compatível com a realidade parecia estar presente, mas a maturidade emocional para conduzir essa situação não havia ainda se constituído. Sua insatisfação em não poder usar o computador sem que o filho atrapalhasse expressava essa imaturidade e sua necessidade de ser sustentada nas situações de cuidado, ainda dependendo muito do ambiente.

De qualquer forma, a criança vinha sendo cuidada pela jovem, que, entretanto, deixou claro que se sentia melhor quando amparada pelos profissionais da instituição:

Ele chora quando está nervoso, se eu pegar uma criança no colo, ele começa a chorar, acho que ele vai sofrer quando tiver que ir para a creche, não acho que está pronto para ir para a creche, porque, toda vez que eu saio, ele começa a chorar. Ele se bate (...). Ele fica junto comigo. Eu brinco com ele, a gente joga quebra-cabeça, eu leio para ele. Ele tem uma guitarrinha que ele gosta, ele vai sozinho pegar a guitarrinha, larga tudo para pegar ela. Quando eu brigo com ele, ele pede desculpa e vem me abraçar(...). As educadoras ajudam a cuidar dele, eu me sinto bem quando alguém cuida dele.

No geral, em relação ao filho, presente na entrevista, Kelly mostrava-se muito pouco cuidadosa, inclusive sendo indiferente diante de seu pedido de alimento. Agia de modo impulsivo, irritando-se com facilidade e colocando a criança de castigo, sentada embaixo da mesa das refeições; muitas vezes, chegou a empurrá-lo para que não subisse

no seu colo ou atrapalhasse nossa entrevista. Apesar de essas atitudes me causarem grande indignação, pude perceber que a necessidade da jovem mãe de ser cuidada era maior do que a do filho.

Em muitos momentos, a intensidade que Kelly imprimia em suas falas trazia certo desconforto e, contratransferencialmente, a sensação de obrigatoriedade de resolver sua principal questão: voltar à sua cidade de origem. Anteriormente, ela morava em um abrigo no interior do Estado de São Paulo, mas fora transferida para cidade de São Paulo. Ela resgatava os momentos bons da vida sem o filho, trazendo um desejo de voltar ao passado:

Antes de engravidar, meu cotidiano era bom, eu saía com os amigos, eu dormia o dia inteiro. Morava em um abrigo no interior, ficava no computador, depois que eu tive ele [filho], não consigo mais mexer em nada, ele não deixa. É difícil eu usar[computador], ele não deixa eu mexer em nada.

Sua percepção da vida atual atrelava-se às suas experiências passadas, antes de ser mãe, quando seu *cotidiano era bom*; mas agora não podia nem usar o computador sem o filho atrapalhar. Soma-se a isso que a transferência de instituição foi determinada à sua revelia, pois, judicialmente, os coordenadores do abrigo em que vivia não queriam que ela tivesse contato com o pai da criança; portanto, Kelly trazia a insatisfação de estar em uma cidade grande como São Paulo e a compreensão de que isso havia ocorrido devido ao nascimento de seu filho. Em conversa com a diretora da Abrigo, esta mencionou: *Eu a levei para conhecer a praça Roosevelt e você precisava ver a cara dela, ela dizia: Mas, tia, isso aqui é muito grande, olha o tamanho dos prédios, eu não vou conseguir viver aqui! Eu fiquei com muita pena... ela estava perdida, me deu um dó!*

A ameaça de ter de viver em uma cidade grande e que não reconhecia como sua acompanhou toda a entrevista. De alguma forma, Kelly retomava esse tema, expressando sua angústia e infelicidade diante dessa situação, bem como seu desejo de retornar à sua cidade. Embora não acreditasse nessa possibilidade, devido à burocracia judicial, ela expressava seu pedido e desejo de ser ajudada.

Questionei sobre as impossibilidades para que voltasse à sua cidade natal, relacionadas ao pai de seu filho. Mas Kelly ficou extremamente incomodada e ansiosa, evitando se alongar no assunto, o que me despertou a desconfiança de que algo muito grave havia ocorrido em sua vida: *O pai dele, não tenho contato, o juiz não deixou, a ex-coordenadora e o psicólogo que tinha no outro abrigo não deixaram, por isso eu não*

tenho. Também perguntei sobre seus familiares, onde estavam morando, mas ela também evitou fazer comentários sobre isso. Diante dessa negativa, percebi que o tema era delicado; era importante então mantê-la segura e não a ameaçar com novos questionamentos.

Nesse contexto de insatisfações, quando falou sobre seu futuro, Kelly enfatizou suas obrigações, mas expressou a necessidade de ajuda e o desejo de retornar ao lugar de sua infância:

Quando ele ficar maior, eu não sei como vai ser, agora ele vai começar ir para a creche e eu vou começar a trabalhar o dia inteiro (...). Aqui eu posso ficar até os 18 anos, depois tenho que arrumar um emprego e o pessoal do Vem, Vamos Embora [projeto social da Casa⁴] arruma uma casa para nós, faz o primeiro pagamento, até os primeiros seis meses eles ajudam. Lá no interior é diferente. Eu queria voltar para minha cidade. Eu nasci lá, queria voltar para lá. É difícil não poder voltar.

A entrevista com Kelly foi realizada em dois momentos: ambos duraram por volta de quinze minutos. No primeiro dia, quando apresentei a proposta para o grupo de jovens no abrigo, Kelly foi a única que prontamente se ofereceu para realizar a entrevista naquele momento; mas tivemos de encerrá-la logo, pois, desde o início, seu filho chorava, pedindo comida. Sua resposta era de indiferença e, às vezes, chegava a empurrar a criança para que não a atrapalhasse. Percebi que a entrevista se tornara algo importante para ela, pois era nova na cidade e se sentia sozinha. Depois das várias intervenções de seu filho, resolvi sugerir que continuássemos numa próxima oportunidade. Inicialmente, ela não aceitou, dizendo que poderíamos continuar, mas, após assegurá-la de que voltaria, concordou e encerramos o encontro. No segundo momento, enquanto conversávamos, seu filho pedia colo, mas ela o empurrava para ir brincar, não querendo contato com ele. Depois de um tempo, o filho defecou na roupa e, quando ela percebeu, perguntou se poderia sair para dar banho nele: *Você espera?* Respondi que depois poderíamos conversar mais, mas que naquele momento era melhor levá-lo para o banho. Perguntei se estava tudo bem e ela respondeu que sim.

⁴ O projeto “Vem Vamos Embora”, da mantenedora, tem por finalidade fornecer um lugar às jovens que não têm para onde retornar. O projeto, através das assistentes sociais, busca uma casa para a jovem e seu filho, pois, após as meninas completarem dezoito anos, têm de sair do abrigo. Desta forma, podem ir para uma casa alugada pela Fundação, durante seis meses. Após esse período, a jovem deve se manter por conta própria.

Em relação ao encaminhamento da jovem, conforme me explicou a diretora do abrigo, após ter permanecido na instituição por seis meses, Kelly finalmente conseguiu ser transferida para sua cidade de origem:

Ela vinha transferida de um abrigo do interior por questões de segurança, mas não se adaptou na cidade de São Paulo. A gente viu que ela estava sofrendo, entramos em contato com o abrigo da cidade dela, que justificou que ela deveria ficar aqui porque em São Paulo ela teria melhores condições para arrumar um emprego. O problema dela é que tem que se auto sustentar após sair do abrigo, não tem nenhum familiar para ajudá-la. Nós aqui, tivemos que argumentar que isso era uma questão da prefeitura da cidade dela, pois aqui ela tinha ataques de raiva, atirava coisas, fugiu para a Rodoviária do Tietê várias vezes, para voltar para casa, e maltratava muito o filho. Então, eles tinham que resolver essa questão. A questão mais grave é que o único familiar é o pai dela, que não pode ter contato com a filha, mas eles conversam pelo facebook, algo que era proibido judicialmente, mas eles precisam resolver isso na cidade dela.

- **“Eu faço tudo pelo meu filho... Gosto de estar aqui porque tem gente para cuidar dele e de mim”**

A segunda jovem entrevistada foi Lucélia; na época da entrevista, ela estava com dezesseis anos e havia engravidado aos quatorze; assim, seu menino tinha um ano e seis meses. Um fato inesperado e que me surpreendeu foi ver a jovem caminhando pelo corredor até a sala da entrevista com o filho enrolado em uma toalha - ele havia acabado de sair do banho e, para não perder nosso horário de encontro, deixou de vesti-lo, mesmo tendo sido assegurada de que eu esperaria por ela. Mas Lucélia afirmou que o filho gostava de ficar assim, molhado no seu colo; de fato, ele parecia bem, permaneceu o tempo todo da entrevista no colo da mãe, sem sair, quieto e tranquilo, muito bem aconchegado, tanto, que chegou a dormir.

A jovem mãe iniciou falando sobre sua vida antes de ter tido seu filho: *Era pior do que hoje... Porque saí da casa da minha mãe, fiquei um pouco na rua, depois eu fui morar com o pai dele e foi aí que eu engravidei.*

Foi uma alegria, eu já sabia que estava grávida, só fiz o teste para fazer o pré-natal e confirmar mesmo. Porque, quando eu fiz o teste, eu já estava com quatro meses, a barriga já estava aparecendo, já estava mexendo... Então, eu já sabia que estava grávida, só fiz o teste para o pai dele acreditar que eu estava. O pai dele não acreditava, mas eu já sabia. Eu quis!

Segundo Lucélia, a gravidez se apresentou como meio para conseguir formar uma família e viver com o namorado, de quem gostava: *Eu queria ter a minha casinha*. Contou que, quando soube do nascimento da criança, a família dele *ficou feliz*; mas, apesar de tudo parecer bem, separou-se do rapaz. Ela não quis falar sobre os motivos da separação, e quando se referiu a ele, demonstrou indiferença e certa insatisfação em tê-lo por perto: *Ele vem aqui, hoje mesmo eu vi ele... Vou fazer o quê, é o pai dele*.

Quanto a sua família, Lucélia mencionou o discurso feito por sua mãe quando soube que estava grávida:

A única coisa que minha mãe falou foi: Para você está bom, filha, porque é uma responsabilidade. Porque, na época, eu não fumava, agora que eu fumo, e ela disse: Você não fuma, não bebe, não curte balada, não sai, para você uma responsabilidade está ótima, um filho está bom. Eu já morava com o meu marido, já tinha a minha casinha. Então, para mim, eu achei que foi bom.

Apesar de dizer que tudo estava bem, que tinha condições para a maternidade e que o bebê era bem-vindo, o relato feito pela jovem parecia um pouco confuso.

Lucélia reafirmou que sua vida melhorara com o bebê: *Agora está melhor do que antes. Agora eu tenho o meu filho que é completamente tudo para mim*. Mas não deixou de expressar a sobrecarga de afazeres, além do conformismo diante de sua nova condição: *O dia-a-dia fica corrido, mas fazer o quê?* Quando perguntei o que tornava o dia tão corrido, respondeu: *Trabalhar, estudar, passar a maior parte do meu tempo com meu filho*. Ou seja, o tempo que passava com o filho fazia parte do rol de obrigações a serem arduamente cumpridas.

Apesar de demonstrar carinho pelo bebê, era evidente o quanto Lucélia se sentia privada de cuidados, apresentando uma grande necessidade de ser amparada:

Me senti mais ou menos sozinha... Senti, porque eu só tinha o pai dele, a minha sogra... A minha mãe só foi ao hospital duas vezes, uma vez para me visitar e outra para me buscar. Só essas duas vezes. O pai dele ia todo o dia, mas nunca no horário de visita, sempre mais tarde. O horário de visita começa as duas horas, ele chegava as quatro, cinco horas e oito horas acabava o horário de visita. Então, eu ficava sozinha no leito.

A solidão que expressou após o parto não estava associada à falta de pessoas e de suporte de seu companheiro na época, pois o rapaz esteve presente nesse período, ainda que não todo o tempo. A origem de sua solidão talvez estivesse relacionada a algo anterior

à maternidade. Seus afetos expressavam uma falta que não pôde ser suprida com o fato de se tornar mãe.

Em vários momentos da entrevista, observei sua constante necessidade de demonstrar seu carinho pelo filho, algo excessivo, que se apresentou, às vezes sem qualquer necessidade: beijando o filho, enquanto ele dormia, dizia: *a mãe te ama, filho, você é tudo pra mim, filho, somos só nós dois agora, não é, filho?*

Essa necessidade de demonstrar-se carinhosa e afetiva, insistentemente, foi se revelando excessiva e forçada. Pensei que essa falta de espontaneidade poderia revelar uma fantasia da jovem, de que, ao ser entrevistada, deveria demonstrar que era uma boa mãe e que amava seu filho, para não perdê-lo, ou para não ser desabrigada.

Essa desconfiança inicial ficou mais evidente quando, ao analisar as entrevistas, percebi que formulei a mesma pergunta de três diferentes maneiras: 1^a. “Como foi cuidar de seu bebê? 2^a. Como é ser mãe para você? 3^a. Como está sendo ser mãe?”. A primeira me ocorreu quando Lucélia falava sobre o pós-parto: *Não foi difícil para mim, porque eu já estava acostumada, eu cuidei das minhas duas sobrinhas, porque minhas irmãs tiveram filho cedo. Elas saíam para as baladas e eu ficava com as crianças. Eu é que cuidava delas, eu já sabia cuidar de criança.* Por um lado, o fato de já estar acostumada a cuidar de crianças poderia significar um benefício para a jovem mãe; mas, por outro, também poderia levá-la a exercer os cuidados com seu filho de forma mecânica, deixando de privilegiar as necessidades particulares dele.

A segunda pergunta foi feita quando a jovem falava sobre sua gestação: *Às vezes, eu fico me perguntando, será que eu sou mãe deste menino, gente?! É impressionante. Porque um dia destes ele ainda era um bebezinho... Agora ele já está deste tamanho. Cresce muito rápido. Só de pensar que eu sou mãe desta criança ...*

Assim, mesmo tendo expressado que gostaria de ser mãe, parecia que ainda não acreditava que isso tivesse ocorrido. Entre as adolescentes, há um misto de percepções que envolvem a maternidade. Quando o bebê é pequeno, os impedimentos são menores e é comum que a jovem já tenha alguma experiência prévia de cuidar de outras crianças da família, como no caso de Lucélia; mas tudo se altera quando a criança começa a iniciar sua relação com o ambiente externo, além do contato materno. Nesse momento, a adolescente entra em contato com uma referência temporal externa real: *É*

impressionante. Porque um dia destes ele ainda era um bebezinho, agora ele já está deste tamanho. Cresce muito rápido.

A terceira e última pergunta, “Como está sendo ser mãe?”, foi feita no momento em que Lucélia fazia uma reflexão sobre esse tema. Ela respondeu:

Não está sendo muito fácil. Mais ou menos. Porque chega nesta fase aqui você precisa ter paciência, porque, se você não tiver paciência, acaba fazendo besteira... Porque brinca, aí tem que ter muita paciência, ele sai correndo, bagunça tudo, bagunça isto, tira isto do lugar. Fico me segurando até o dia que eu dou uns tapas nele, porque é difícil, tem que ter muita paciência. Criança não é fácil...

Neste momento, ela conseguiu demonstrar o quanto estava difícil cuidar de uma criança, que, nessa fase da vida, começa a confrontar-se com a mãe e demonstrar sua agressividade, relutando a fazer o que ela pede. Mencionou então a necessidade de paciência com o filho, mas também salientou que, às vezes, acabava batendo nele.

Pensando em termos de adaptação à demanda da criança, embora Lucélia lhe dedicasse atenção e cuidado, na verdade, parecia mais desamparada, dependendo do afeto do filho, pois não vinha mantendo relação com sua família origem, que não parecia ter condições de confortá-la. A jovem realmente estava sozinha com o filho naquele momento:

Agora só eu e o meu filho. Porque o pai dele nunca está presente. Vem aqui de vez em quando. Minha mãe não está em condições de vir, minha irmã foi para a Bahia, minha outra irmã está morando em Ferraz de Vasconcelos, a gente só tem contato pelo face e eu entro pouco no face, meus outros três irmãos são pequenos... Então, não tem ninguém, eu só tenho ele [bebê] agora.

Assim, a criança passou a ser para jovem a única referência de família e, ao mesmo tempo, aquela que garantiria sua identidade de mãe, a qual vinha lhe assegurando a possibilidade de abrigo, acolhimento e cuidado.

Busquei então saber sobre seu período gestacional, com o intuito de verificar se a jovem apresentava qualquer característica que fizesse menção à preocupação materna primária; isso garantiria que o cuidado com seu bebê, tão enfaticamente expresso, seria algo real e não estereotipado. Lucélia reconheceu que sua gestação foi boa, que recebeu a compreensão e o cuidado que merecia, sentindo-se especial e diferenciada em muitos

momentos da gravidez - fato que corresponde ao envolvimento da jovem com o feto, durante o período gestacional.

Quando mencionei o pré-natal, demonstrou gratidão aos médicos e às enfermeiras, pois tiravam a sua pressão e, se estivesse alta, *eles chamavam a ambulância e me levavam para o hospital para me medicar. Eles me ajudaram bastante, porque, se não fosse eles, eu nem saberia que estava com a pressão alta.* A consideração era tanta que, quando perguntei o que gostaria que o filho fosse quando crescesse, disse: *Quando ele crescer, eu queria que fosse auxiliar de enfermagem, para ajudar as pessoas como eles me ajudaram... eles me ajudaram bastante.* A mesma expectativa de cuidado estava presente em relação ao abrigo, mas reconhecida como possível através do filho:

Ele [bebê] me ajudou em algumas coisas... Porque, se não fosse ele, eu não estaria aqui. Estou aqui por ele. Se eu não tivesse ele não estaria aqui. Poderia estar aí na rua, de casa em casa, na casa dos outros... Mas não. Tenho ele, então prefiro um lugar que ajude a mim e a ele, que cuide de mim e cuide dele. Foi como eu disse para a Renata [Assistente Social], até eu completar 18 anos acho que eu não vou querer sair daqui, não vou. Porque aqui a gente tem tudo. Me ajudam bastante, meu filho... Não tem porque eu queira fugir daqui. Porque lá fora eu provavelmente não ia ter. Eu não ia conseguir.

É compreensível a situação de necessidade de amparo pela qual a jovem passava; ficou nítido que precisava de ajuda, para além de sentir-se mãe ou para cuidar de seu filho. Em um momento da entrevista, Lucélia revelou que fora abandonada muito cedo, e por isso não tinha referências familiares ou sociais significativas:

Parei [de estudar] com 13 anos. A escola era muita bagunçada, muita briga, eu tinha medo de arrumar uma briga e acabar apanhando. Aí eu parei de estudar e por causa de menino também, porque com 13 anos, já sabe, né? Se eu for parar para escrever a minha vida inteira, vai dar um livro e tanto (...) fiquei morando na casa de um, na casa de outro, sem casa fixa.

Lucélia não revelou os motivos que a levaram a sair de casa, mas é importante observar que, aos treze anos, já não contava com amparo familiar. O abandono a fez buscar uma nova família e também a companhia de meninos, iniciando as experiências sexuais com certa precocidade. A figura paterna não se apresentou em nenhum momento de seu relato, e a mãe parecia ter poucas condições de fazer algo pela filha. Perguntei se gostaria de morar com a mãe, e a jovem respondeu: *Agora não... Está difícil, agora também aconteceu um acidente com ela... agora vai ficar mais difícil.*

Nesse sentido, o abrigo parecia ser uma alternativa para que ela pudesse sentir-se acolhida e segura, recebendo cuidados, assim como o seu filho.

Existem pessoas para ficar com meu filho. Porque se não fosse essas pessoas, ele iria para a creche de qualquer jeito, mas quem ia buscar ele na creche, quem ia levar, se eu não tivesse em casa? Se eu tivesse que ir ao médico, eu tinha que levar ele, aqui eu não preciso levar. É tudo mais fácil aqui. Assim, quando eu sair daqui, eu já estou preparada...

A perspectiva futura era de estar preparada para sair do abrigo e ter uma casa, trabalhar e cuidar do seu filho, algo difícil na complexidade dos dias de hoje. Como dissera a diretora do abrigo em um de seus comentários: *Elas não têm opção, precisam cuidar da vida e do filho sozinhas.*

Essa situação parece ser angustiante para a adolescente, que precisa do filho para manter-se abrigada, apesar de imaginar que poderá ter sua casa e cuidar dele. Parece que estão presentes condições de abandono que deveriam ser cuidadas para que a jovem pudesse então cuidar de si e ter condições de cuidar de seu filho.

Após mais de meia hora, nossa entrevista chegou ao final. A assistente social entrou na sala e pediu para encerrarmos a conversa, pois Lucélia tinha um compromisso. Agradei, perguntei à jovem se tinha alguma questão, e disse que poderíamos conversar em outra oportunidade, se ela tivesse interesse. Ela falou que tudo estava bem.

Quanto ao encaminhamento da jovem, a diretora da instituição me informou que Lucélia permaneceu abrigada por mais de um ano; depois, abandonou o filho e fugiu. Ainda segundo a diretora, quando estava na Casa, Lucélia não cuidava da criança: *Ela era dissimulada, falava uma coisa e fazia outra totalmente diferente.* A guarda do filho foi retirada da adolescente, e a criança foi encaminhada para adoção. Então, a avó paterna assumiu a guarda da criança e a adotou. A psicóloga me explicou a situação em detalhes:

Foi dada a oportunidade à jovem de ver o filho nos finais de semana, mas ela não demonstrou interesse. Nem a mãe dela sabe onde ela está... A avó paterna, que ficou responsável pela guarda, disse que a criança mudou a vida da família. Quando eu fui visitá-los, para verificar se tinham feito um quarto para ele, uma das condições para assumir a guarda, a avó disse: Olha, minha cozinha, antes, nem tinha azulejo, mas porque ele veio para cá construímos um quarto para ele e pusemos piso na casa, a família ficou unida e nos organizamos para arrumar tudo para ele vir.

A psicóloga ainda disse que assumir a guarda da criança foi muito positivo para a família do pai: *Quando a avó veio buscá-lo, fomos nos despedir dele, ele nem quis se despedir, não largava a mão da avó, parecia que estava com medo de ela ir embora.*

- **“Tudo bem... Tá bom.... Ah! ... Eu não sei...”**

A jovem Jéssica foi a terceira a ser entrevistada; estava com quinze anos de idade e disse ter engravidado aos quatorze. Na ocasião da entrevista, seu bebê tinha quatro meses e oito dias. Quando questionei sobre o pai do bebê, expressou: *Não quero mais nada com ele... Ele era amigo do namorado da minha prima, tinha 18 anos quando eu conheci, agora ele tem 19.*

Ao descrever sua vida antes de engravidar, Jessica rememorou: *eu saía, chegava a hora que eu quisesse em casa, saía toda sexta e chegava a hora que eu quisesse ... Eu era rebelde. Saía. Lá para os bares, respondia ao meu pai. Por isso que eu estou aqui hoje.*

Jéssica morava com o pai antes de ser abrigada, sua mãe falecera quando a adolescente tinha doze anos de idade e, desde então, passou a assumir as tarefas de casa e o cuidado dos irmãos, relatou que: *Já era bem dona de casa, fazia comida, limpava a casa, tinha que cuidar dos meus irmãos. Eu já tinha prática porque eu já cuidava dos meus irmãos. Eu tenho seis irmãos, mas só cuidava dos dois menores. Desde que minha mãe faleceu, tive que ajudar o meu pai.*

Sua expressão distante demonstrava que estava pensando em sua família. Após a morte da sua mãe, seu pai começou a beber, tornando-se violento e agressivo com os filhos, o que levou à necessidade de abrigamento. Os dois irmãos mais novos da jovem estavam em outro abrigo, separados dela: *Não tenho nenhuma notícia deles... A Gabi [assistente social] está tentando falar com o Fórum e ninguém atende. Ainda não sei nada dele [pai], não tenho notícias de nada... Ele [pai] agora está sem os três por perto. Ele ficou sozinho.* A solidão do pai traz à tona o sofrimento com a ausência da mãe. A figura do pai, mesmo sendo agressivo com os filhos, representava sua família, pela qual se responsabilizava. Nesse caso, o abrigamento colocou Jéssica na posição de filha e vítima da violência paterna, ao mesmo tempo em que instaurou a separação da família.

Por isso, quando mencionou o cuidado que dedicava ao pai, aos irmãos e a seu bebê, mostrando-se ciente da responsabilidade sobre eles, expressou claramente sua necessidade de logo sair do abrigo:

Eu não quero que o meu filho esteja dentro do abrigo, eu não quero que ele esteja no abrigo... É que fica ruim para mim, mas eu não quero um filho dentro do abrigo, eu não quero, mas tomara que seja logo. Eu quero ir embora.

Por outro lado, reconheceu os ganhos de estar na instituição, principalmente porque não sofria maus tratos: *Para mim está bom, é melhor estar aqui do que ficar em casa apanhando. Porque aqui eu recebo cuidado e tenho as coisas, então, tá bom aqui.*

Quando falou sobre o abrigamento, Jéssica demonstrou ambiguidade, pois, ao mesmo tempo em que se sentia distante de sua família, reconhecia que, no abrigo, estava protegida das violências desferidas pelo pai.

Seus familiares também pareciam estar presentes e eram importantes para Jéssica, conforme relatou: *Eu nasci em São Paulo, na Vila Maria, minha família mora lá, mas meu pai é do norte, pernambucano, minha vó é do norte, e meu vô, mas meus primos são todos daqui. Minha família é grande, se reúnem quando tem festa, todo mundo vai.* Existe um núcleo familiar, além do pai e dos irmãos, que parece ser próximo e unido. Essa proximidade se revelou no momento em que a jovem mencionou os comentários de suas tias sobre sua gravidez: *As minhas tias ficavam falando que eu não ia dar conta de cuidar dele, que eu deveria dar meu filho para adoção. Eu falava que não e discutia com elas. Eu falava que não ia dar meu filho para adoção. Eu queria ele.* A maternidade, neste contexto, poderia simbolizar o lugar da mãe, que Jessica tanto precisava preencher. A ausência materna não poderia ser vivida, pois poderia colocá-la em um lugar de dependência, uma ameaça nesta situação. Ao mesmo tempo, estar com seu filho no abrigo significou a confirmação da previsão das tias, algo que, para a adolescente, não era verdadeiro, pois, em sua percepção, tinha condições de cuidar de seu bebê, visto que já cuidava dos irmãos e do pai.

Em outra perspectiva, é importante pensar que a jovem precisava de cuidados, os quais só poderiam ser compreendidos se, durante seu afastamento do núcleo familiar, ela recebesse as condições para sentir-se amparada em suas angústias. As angústias, apresentadas pela jovem referiam-se ao fato de estar cuidando do seu bebê dentro de um abrigo, pois, para ela, uma boa mãe não poderia cuidar de um filho no abrigo, mas também

englobavam seu medo de estar abandonada, sua necessidade de preservar sua família, o medo de perder o amparo desta, de reconhecer que o ambiente familiar se desfez após o falecimento da sua mãe.

Provavelmente, se não estivesse sofrendo com os maus-tratos do pai, Jéssica estaria em casa cuidando de seu bebê, de seu pai e de seus irmãos, mantendo assim a família que não queria perder. Esse quadro, provavelmente, não se alteraria se as agressões não se agravassem durante o período da gravidez. Seu relato revelou, de certa forma, o quanto tolerou a situação, e se não houvesse tido seu bebê, talvez ainda estivesse sendo fisicamente violentada: *Ficava pensando: Será que o meu pai vai continuar me batendo? (...) Porque ele me batia na cara. Não adiantou nada [a gravidez], ele continuou me batendo, foi a mesma coisa, ele [bebê] nasceu e ele [pai] me bateu.* A proteção do abrigo evitou justamente a realidade da violência que vinha sofrendo, abrindo espaço para que pudesse pensar em si. De certa forma, estar protegida garantiu sua integridade física, mas, ao mesmo tempo, precisava garantir que não seria violentada pelo desamparo e abandono, do qual se defendeu a ponto de aguentar a violência do pai. Neste caso, parece que a maior violência era estar próxima ao sofrimento de abandono e à tristeza de perder o ambiente materno.

Durante a entrevista, a desmotivação da jovem traduzia um pouco de sua tristeza e distanciamento afetivo; conversava sem nenhum contato visual, um olhar distante que ultrapassava a janela. Suas respostas eram curtas e sua voz, baixa; falava com a mão na boca, o que me causou certa impaciência, pois acreditava que minha proposta seria motivadora e interessante para ela. Surpreendeu-me quando começou a falar sobre seu bebê, sua fisionomia e a maneira de se expressar se alteraram significativamente: ela se tornou sorridente, fazendo contato visual, sorria, olhava para o bebê e, depois, para mim:

Eu gosto quando eu estou no quarto com ele sozinha, eu começo a conversar com ele do nada. Quando eu estou dormindo, ele fica me chutando, batendo os pezinhos em mim, aí a gente fica conversando lá, eu acho bom... Já me reconhece, ele me entende... Quando ele está chorando, eu sei que ele quer peito, mas às vezes, quando ele não quer peito, às vezes é colo. Para mim tá sendo fácil entender ele, até agora... Para mim está sendo tranquilo. Ele fica resmungando, eu acho que ele está conversando, começa a sorrir, está sendo gostoso.

A jovem parecia estar envolvida no estabelecimento de uma comunicação com seu bebê; em alguns momentos, ficava claro que reconhecia o que o bebê necessitava, em

outros, ainda precisa entendê-lo. Para ela, o mais importante parecia ser a troca afetiva que vinha experimentando com o filho, os momentos de companhia: *Quando eu estou dormindo, ele fica me chutando, batendo os pezinhos em mim, aí a gente fica conversando lá, eu acho bom... Já me reconhece, ele me entende...* A possibilidade de ser entendida recaía sobre o bebê, que estava disponível para ouvi-la. As possibilidades de expressar os sentimentos pareciam estar restringidas, o que poderia aumentar o sentimento de abandono. Para compreender as possibilidades de contato social da jovem, perguntei então sobre suas amigas: *Tenho bastante amigas ainda, mas não estou podendo sair com o Tales [bebê] ainda. Porque eles pensam que eu vou fugir...* Em seguida, mudou o discurso para falar do pai: *Eu estou proibida de ver meu pai, por enquanto... aí eu só fico cuidando dele [bebê] ou dormindo [ri]. Estão vendo para eu ir para um abrigo junto com meus irmãos, aí vai ficar bom.*

A necessidade de amparo ficou evidente, pois pouco do que se apresentou pareceu ser mais relevante do que retornar à sua família, lugar onde se sentia segura, mesmo sendo maltratada. Importante seria que o abrigo se tornasse um lugar de confiança e segurança de maneira mais ampla.

Durante a maior parte de nossa conversa, que, diante da desmotivação da jovem durou menos de meia hora, Jéssica permaneceu triste, mostrando sua infelicidade pela perda da relação com o pai e irmãos. Queria sair do abrigo, sua perspectiva era voltar para casa, conforme expressou: *Talvez eu vá para a casa da minha tia ou talvez eu volte para a casa do meu pai, porque ele está fazendo um tratamento de alcoolismo, e eu volto a morar com ele, é melhor.* É importante ressaltar que a jovem gostaria de voltar a morar com o pai e irmãos, pois, dessa forma, estaria vivendo na sua família e não precisaria morar com a tia. Sua esperança era de que o pai se recuperasse e apresentasse as condições para cuidar dela e dos irmãos.

Quando finalizamos, perguntei se havia alguma coisa sobre a qual gostaria de falar ou perguntar, se tudo estava bem com ela; respondeu que estava tudo bem, mas que não gostaria de falar mais. Agradei sua disponibilidade e terminamos a entrevista.

Segundo a diretora do abrigo, Jéssica permaneceu na instituição por um ano. Sua saída da instituição aconteceu após uma de suas tias assumir a guarda da jovem e de seu bebê. Ela estava bem, mas, na ocasião, o pai ainda não estava recuperado do quadro de alcoolismo.

- **"Eu não vou dar conta. Eu nunca trabalhei. Tenho medo de fazer alguma coisa errada"**

Janaína, a quarta entrevistada, tinha dezoito anos de idade e engravidara aos dezesseis. Sua menina estava com sete meses. O pai do bebê era um educador do abrigo onde vivera anteriormente e estava sendo processado pela mãe da jovem. Eles não mantinham mais contato, mas, segundo Janaína, o educador solicitou exame de DNA, pois estava noivo e, antes de se casar, precisava saber se tinha uma filha.

De acordo com os relatos da jovem, suas experiências anteriores à gravidez não foram muito boas. Lembrou que, na sétima série, começou a *cabular aula*, mas, mesmo assim, conseguiu passar de ano. Depois, na oitava, ficou *pulando de escola em escola*, e nunca conseguiu terminar o ensino fundamental. Nessa época, começou a usar drogas, lembrando que: *Essa vida era só decepção*. Por causa das drogas, foi acolhida em uma casa de passagem⁵, não tendo nela permanecido por muito tempo porque tinha família; portanto, voltou para casa, já desconfiando de que estava grávida.

Na casa dos pais, Janaína fez o teste e contou para mãe:

Minha mãe agiu normal, agora, meu pai, eu fiquei com medo dele... Fugi de casa, fugi para voltar para o abrigo. Eu estava com medo, arrumei minha mala, fugi e voltei para o abrigo (...). Quando minha mãe voltou ao abrigo, ficou brava ao descobrir que o pai do bebê era um educador, então resolveu processá-lo.

A adolescente não concordara com o processo, pois acreditava que não fora culpa do educador: *Ela [mãe] não entende... não foi um estupro. Eu quis, só que minha mãe fala que, como eu era menor e eu estava ali para ser protegida, ele não tinha que fazer isto... e está aí o processo correndo*. Embora compreendesse as razões da mãe, sua percepção do fato era diferente: *Eu era uma adolescente louca, então não tinha como... Assim, se eu fosse virgem, quieta, aí tudo bem, mas não, eu era terrível, então não tem nada de tão grave... é, mais ou menos, porque eu engravidei... Só que eu não culpo ele não e também não me culpo*.

⁵ Serviço que tem como objetivo fornecer acolhimento de caráter emergencial, com espaço adequado e profissionais preparados para receber a criança e adolescente em qualquer horário do dia ou da noite, quando da necessidade de atendimento imediato. O acolhimento é de curta duração, tempo suficiente para avaliar a situação e encaminhar para seus familiares ou para outros serviços de acolhimento.

Neste momento, foi possível perceber que a adolescente, apesar de ser menor judicialmente, sentia-se adulta e madura para responder por sua vida sexual. Aos dezesseis anos, uma adolescente pode se sentir potencialmente madura para o exercício da sexualidade, mas não parece ter maturidade para compreender o que isso significa em termos da vida adulta. Janaína mencionou: *eu era terrível, então não tem nada de tão grave... é, mais ou menos, porque eu engravidei... Só que eu não culpo ele não e também não me culpo*. Neste caso, é importante salientar que os profissionais que trabalham com adolescentes devem compreender que, apesar de fisicamente maduras para o exercício da sexualidade, isso não deve ser reconhecido como algo que tenha o mesmo correlato na vida emocional.

Conceber a sexualidade como um exercício necessário para a descoberta da identidade sexual dos adolescentes não significa que eles tenham condições de assumir, com maturidade, as consequências de uma gravidez. Janaína exemplifica essa condição ao falar que, quando soube que estava grávida, não acreditou: *Até hoje eu não acredito que eu tenho uma filha, de verdade... Eu com nove meses e a ficha não caía que eu estava grávida. Eu falava: Não acredito, gente! Eu pensava: Será que é um bebê que está aqui dentro ou é outra coisa? Eu não acreditava*. Normalmente, no início da gestação, a mãe precisa de um tempo para conceber psicologicamente o feto; mas o relato da jovem indica que sua dificuldade era de outra natureza, provavelmente relacionada à falta de maturidade emocional para se ver em sua nova condição, de futura mãe.

Neste sentido, a gestação foi sentida como algo estranho a ela, embora, ao mesmo tempo, tenha se beneficiado com o tratamento privilegiado recebido pelas pessoas nesse período: *Era muito bom. Em tudo, em todo lugar era muito bom. A melhor parte da gravidez é ter direito a tudo. Eu lembro que tinha tia [educadora do abrigo] que chegava aqui com coisa de comer diferente e me dava escondido. Em todo lugar eu tinha preferência [risos]*. Perguntei a Janaína se achava que tinha direito a um tratamento diferente, ao que respondeu enfaticamente: *Eu tinha! Eu estava grávida!* [risos]. A gravidez passou então a ser reconhecida mais como oportunidade de aproveitar os benefícios e direitos especiais que essa situação poderia lhe oferecer do que propriamente relacionada à existência do bebê. O amparo recebido durante a gestação reflete sua necessidade de atenção, sua carência afetiva e, também, o quanto gostaria de ser cuidada; talvez, a necessidade de regredir a um estado que a tornasse dependente daqueles que poderiam acolhê-la.

A ideia de uma adolescente imatura para assumir uma gravidez não é inusitada; a própria jovem disse que ficou com medo do pai e, por isso, fugiu para o abrigo, pois não tinha como assumir sozinha sua atitude.

Interessante destacar que Janaína reconheceu que recebia atenção e cuidado de sua família, embora isso envolvesse a limitação de sua autonomia:

Faziam de tudo para eu não sair de casa. Eu lembro de uma época que eu falava: Mãe, eu saio porque não tem o que fazer aqui dentro... Minha mãe comprou um computador para eu ter o que fazer dentro de casa, mas aí era brigar por causa de um computador. Então, minha mãe comprou outro computador, porque nós somos em três, nunca dava certo, comprou dois, mas, mesmo assim, eu ia pra rua. Ela sempre tentou dar um jeito para eu não sair. O meu pai nunca deixou eu trabalhar, falava que eu não estava passando fome.

A adolescente sentia então que todos esses esforços da mãe e do pai não estavam sendo feitos por sua causa, mas sim para mantê-la no controle da família, o que talvez impedisse o seu amadurecimento; por isso, a necessidade de buscar outros espaços fora do contexto familiar.

Esse movimento, para deixar a família e tomar as próprias atitudes, levou a jovem a se envolver com drogas, que, na época, ajudavam a mantê-la na rebeldia. Mas ela expressou seu arrependimento diante dessa atitude: *o pior era ver meu pai e minha mãe magoados comigo, decepcionados*. Os pais sempre cuidaram dela e, quando passou a usar drogas, fez com que eles sofressem muito; diziam que Janaína não os respeitava. Apesar dos desentendimentos, a mãe sempre a visitou nos finais de semana, e a jovem, algumas vezes, ia à casa dos pais, sendo sempre bem recebido por eles. Devido à sua idade, dezoito anos, não poderia permanecer no abrigo, devendo voltar à casa dos pais, mas estava aguardando o juiz avaliar seu caso e decidir se ela poderia ou não manter a guarda de sua filha.

O momento era importante para Janaína. Pedi-lhe então que avaliasse a diferença entre morar no abrigo e na casa da família:

Para morar... regra... eu prefiro aqui, porque aqui tem horários para comer, tomar banho, essas coisas, e para Julia [filha] é importante isso, para mim não. Eu como a qualquer hora, para ela aqui é bom. Na minha casa é tudo bagunçado. A gente acorda tarde, toma café ao meio dia, almoça às quatro horas. Então, não tem como cuidar da Julia assim... Eu falei para minha mãe:

Quando eu voltar, vai ter uma regra para ela. Eu vou ter que acordar, fazer a sopinha dela, o suco... Agora, eu não, eu qualquer hora eu como... Então, eu preferia aqui... E lá porque eu tenho a minha liberdade. Quando eu vou para lá [casa da família], eu não gosto de sair, eu prefiro ficar dentro de casa. Aqui eu já quero sair, lá eu faço o que eu quero, abro a geladeira a hora que eu quero, computador mexo, é muito diferente... Aqui não tem isto, aqui eu nem assisto televisão, fico o dia inteiro lá no quarto.

A percepção da jovem sobre a importância das regras para o cuidado da filha demonstrou sua maturidade diante das necessidades da criança. Porém, havia certa contradição em seu discurso: ao mesmo tempo em que na casa dos pais tinha *liberdade*, quando lá estava, preferia não sair. Contrariamente, dizia preferir o abrigo para *morar, pelas regras e horários*, mas quando estava na instituição, queria sair, por não ter nada para fazer. Assim, ela parecia valorizar a importância das regras e dos limites, mas não sentia que precisava se ajustar a eles; ao mesmo tempo, quando tinha mais liberdade, não se arriscava.

Muitas vezes, a única forma de atingir o amadurecimento é rompendo com as regras, desde que o ambiente se mostre com condições e firmeza para lidar com essa situação. Do contrário, se as condições de sustentação mantêm a jovem na imaturidade e na submissão, não há singularidade nas ações, e o amadurecimento fica impedido de se realizar.

As responsabilidades do mundo real e as exigências judiciais obrigaram Janaína a estudar e arrumar um emprego para que pudesse manter a guarda da filha sem a ajuda da família. Essa imposição, provavelmente, fez com que a jovem se ajustasse às exigências judiciais, pois, se não conseguisse cumpri-las, corria o risco de ter de abandonar a filha ou contar com a família para se responsabilizar por ela e pela criança. Diante dessa imposição, relatou:

Eu nunca trabalhei e agora eu estou com medo... Eu tenho medo de não conseguir fazer o que é para fazer. Eu vou lá no Mac [McDonald's], fico olhando... é muito agitado. Eu tenho medo de não aprender, eu acho que todo emprego é difícil... Acho que eu não consigo aprender.

No momento em que a jovem fez esse relato, demonstrou-se insegura e amedrontada. Na perspectiva de tranquilizá-la, esclareci que passaria pelo treinamento de funcionários e que poderia contar com outras pessoas para ajudá-la. No final, quando

esse tema estava esclarecido, Janaína pareceu mais calma, mas, ao retomarmos a questão, falou sobre as dificuldades de conciliar trabalho e estudo:

É que eu estudo também, fica muito corrido... Se fosse um ou outro tudo bem, mas agora eu vou trabalhar e depois ir para a escola... Eu estou estudando à noite, então, eu trabalho e a escola é do lado do trabalho... Como eu moro longe, moro na Cidade Tiradentes, eu vou ter que sair de lá para vir para cá e depois voltar, eu vou chegar em casa uma hora da manhã... Eu saio onze horas da escola, daqui até a minha casa são duas horas, vai ficar muito longe.

Essa passagem mostra como estava sendo difícil para a adolescente assumir ambas as atividades, em razão das distâncias e horários que teria de cumprir. Na realidade, observei que a jovem tinha boa desenvoltura, não aparentava ser frágil, e a insegurança demonstrada não me pareceu tão real. Sua preocupação estava em ter de assumir algumas responsabilidades que gostaria de evitar. O abrigo lhe apresentou demandas presentes na vida de uma jovem mãe – ela precisaria se responsabilizar, minimamente, para manter a guarda da filha, o que exigia que tivesse o suporte necessário para tanto ou que fosse amparada pela família, que se responsabilizaria em seu lugar. Essas exigências, muitas vezes, contribuem para o aparecimento de comportamentos defensivos, fuga da instituição e abandono das crianças para adoção, caso a família da jovem não garanta os cuidados à jovem e a seu bebê.

Todo o discurso de Janaína estava permeado de objeções para realizar as atividades a ela propostas, indicando certa resistência ao amadurecimento e a necessidade de suporte emocional para se desenvolver nesse caminho. De certa forma, ela ainda mostrava necessidade de manter-se sob os cuidados da família, que parecia tratá-la como dependente e imatura, mas a jovem parecia ter condições de conquistar seu amadurecimento, precisando, porém, de um ambiente que a compreendesse sem o sentimentalismo que parecia permear suas relações familiares.

Essa condição de maturidade pôde ser reconhecida quando falou sobre cuidar da sua filha; sua desenvoltura, iniciativa e segurança demonstraram que Janaína tinha condições para desenvolver qualquer trabalho:

Nunca achei difícil não, eu me saio super bem nessa parte. Para mim é muito fácil, uma que eu já cuidei de um primo meu, bebezinho... e quando ela [filha] nasceu, lá mesmo no hospital, eu me virei, aqui também, sempre me virei. De vez em quando eu

não sei o que fazer, eu peço ajuda para alguém, fora isso nunca pedi ajuda.

A desenvoltura para cuidar da criança estava associada a experiências prévias, tornando-se algo comum, sem grandes consequências. Porém, o mesmo não ocorreu quando contou o que sentiu durante o trabalho de parto:

Foi horrível. Foi normal, doeu, ia chegando oito meses, nove... ia chegando o tempo de ganhar e eu não acreditava. Eu pensava: Caramba, está chegando. Eu não acreditava, não caía a ficha, minha barriga estava redondinha, aí começaram as dores, as contrações... horrível... Teve uma madrugada que eu não dormi com dor. Aí, de manhã, eu fui pedir ajuda para tia [cuidadora do abrigo], porque eu não estava aguentando de dor. Ela falou: É hoje! E eu disse: Não é hoje não, tia. É só uma dorzinha... não é hoje não... [risos] Ela falou: É hoje sim. Põe uma roupa. É uma coisa muito estranha, contração... Aí eu fui com dor e a dor foi piorando... Aí eu cheguei no hospital às seis horas, ela nasceu a uma hora. Eu só fui comer às oito horas da noite.

Janaína temia passar pela experiência do parto. A sensação que teve diante da fala da jovem foi de que, se pudesse evitar esse momento, evitaria. Mas quando a cuidadora do abrigo se apresentou com firmeza e autoridade, a jovem enfrentou a situação; mesmo assim, não deixou de mencionar que ficou muito tempo sem comer.

O parto deve ser executado por profissionais que transmitam confiança para a mãe, de modo que ela se sinta segura o suficiente para deixar-se cuidar e permitir que os profissionais cumpram a sua função. Se isso não for possível, a mãe tentará controlar a situação, imaginando que poderá conduzi-la, tornando o parto mais difícil e prolongado.

Mesmo sentindo-se insegura e amedrontada, a jovem se lembrou, emocionada, de um momento logo após o nascimento, que, para ela, pareceu *coisa de louco*:

Nossa, foi coisa de louco... porque ela nasceu, na hora a pediatra pegou ela e colocou do meu lado... aí eu ri para ela, aí ela colocou do meu lado, na sala de parto ainda... Eu fiquei na cama e ela ficou lá... aí ela ficava olhando pra mim e eu pra ela [surpreendida], sabe?! Os médicos saíram, na hora que ela nasceu, deixaram ela ali... Eu olhando para ela e ela olhando para mim, sabe? A gente se olhando, foi muito legal, e ela bebezinha ainda...

Essa cena foi descrita com muito carinho e alegria. Janaína ficou realmente sensibilizada ao lembrar desse momento. O nascimento fez com que ela realizasse o bebê concretamente, se identificasse e percebesse sua existência separada da filha. Em

sincronia, o resgate das experiências da gestação e do parto se realizava na presença real do bebê, com quem agora ela poderia se identificar.

Contudo, Janaína também referiu certa dificuldade em compreender a filha, apesar dos sete meses juntas: *É porque ela não está com fome, eu não sei porque ela está chorando, é complicado...* Perguntei: “Você a entende?”, *Não*, respondeu; “Ela te entende?”; *Acho que não, bebê não fala, se falasse...*

Mesmo assim, a relação com a maternidade não lhe parecia tão assustadora quanto assumir as responsabilidades da vida adulta. Janaína ressaltou o quanto sua família era cuidadosa e preocupada com ela, buscando mantê-la protegida no lar. Já o abrigo trabalhava no sentido de ela conquistar a independência dos pais. Mas a perspectiva de ter de se inserir na vida adulta, trabalhar, estudar e deixar a instituição a assustava.

De qualquer forma, Janaína apresentou condições de analisar e avaliar seu momento de vida de forma clara, surpreendendo-me com a sua ponderação. Conversamos abertamente sobre sua vida e suas perspectivas de futuro. Ela estava em tratamento psicológico há um ano, do qual gostava muito, mas estava triste porque não poderia continuar. Sua saída do abrigo já havia sido autorizada pelo juiz, pois, com dezoito anos completos não poderia continuar na instituição. Aguardava agora o posicionamento do juiz em relação a sua filha, se ela poderia levá-la para a casa dos pais ou não.

Foi uma entrevista tranquila e, de certa forma, fiquei empolgado em conhecê-la. A perspectiva de ter uma jovem com maior compreensão de seu momento pessoal, de suas limitações e possibilidades reafirmou minhas hipóteses de que um acompanhamento próximo para as questões pessoais favorece o processo de amadurecimento.

As dificuldades para conquistar o amadurecimento pareceram estar presentes desde de sua saída da escola. Ao parar de estudar, Janaína entrou em contato com as drogas e passou a ser usuária, passou por uma casa de passagem e ali engravidou de um educador; ao voltar para casa e constatar a gravidez, fugiu com medo do pai e foi para o abrigo. Agora, teria de retomar a vida, mas apresentava as mesmas dificuldades, não se sentindo segura para o trabalho e para o estudo, e, apesar de sentir que a maternidade era algo fácil, ainda não apresentava condições para assumir as responsabilidades de uma vida adulta. A relação com a família, protetora, ao mesmo tempo em que se apresentava como algo positivo, também poderia estar dificultando a conquista de sua maturidade.

Encerramos a entrevista depois de um pouco mais de meia hora, pois a cozinheira do abrigo chegou para avisar que era o horário do almoço. Perguntei se estava tudo bem com ela, se havia alguma dúvida que gostaria de esclarecer, ela respondeu que não.

Em contato com os profissionais da instituição, fui informado que a jovem permaneceu na casa por oito meses. Voltou então para casa dos pais, e sua mãe ficou judicialmente responsável pela neta.

- **“Fico pensando como esse bebê coube dentro de mim. Como é feito o olho, a boca...”**

Na ocasião da entrevista, Natasha estava com quinze anos, havia engravidado aos quatorze e a recém-nascida tinha apenas cinco dias. O pai do bebê era namorado da jovem e, quando ela engravidou, estava com dezessete anos. Natasha morou com ele por um tempo, mas *não deu certo*. Ela ressaltou: *Na verdade, eu já estou na vida há dois anos, fazendo referência a viver nas ruas antes de se encontrar com o pai de sua filha.*

Ao iniciar sua entrevista, Natasha comentou que sua relação com a família não era boa: não conhecia o pai e sobre sua mãe, relatou: *Minha mãe tem problema de cabeça, eu não pude ficar com ela. Parte do cérebro dela não se desenvolveu, ela é tipo uma criança, quando ela tinha treze anos, o cérebro dela era de uma criança de três.* Por isso, Natasha precisou morar com a bisavó e uma tia:

Tinha hora ruim e boa... o ruim delas é que elas me mantinham muito presa, porque elas são evangélicas, aí para elas é assim, escola, igreja e casa... eu queria viver, sabe? Conhecer o mundo... aí, quando eu conheci, eu me perdi... Aí, ela [bisavó] falou que já era tarde, quando ela soube que eu estava usando droga.

As parentes então a mandaram para um abrigo, mas, cada vez que era abrigada, Natasha se rebelava, fugia e ia morar na rua, até encontrar o pai da sua filha, com quem morou por um tempo até se separar e voltar para a casa da tia; mas, como estava grávida, foi expulsa novamente. Quando ficou sabendo da gravidez, ficou com medo da reação da família; a bisavó advertiu então: *Não quero você aqui na minha casa.* Natasha foi então encaminhada ao Conselho Tutelar e conduzida ao abrigo.

A família do pai do bebê, segundo a jovem, também ficou muito brava no começo, mas, depois, a aceitavam melhor, embora ainda não a tivessem visitado na instituição. Quanto ao pai da filha, contou: *O pai dela não está nem aí pra vida não, eu estou ainda*

com ele, mas ele apronta, aprontava, usava droga, roubava, esses dias foi para fundação [Fundação Casa] e agora diz ele que mudou. Nesse contexto, o despreparo da família para atender às necessidades da adolescente traduziu-se em incompreensão e desamparo; assim, as ruas se apresentaram como alternativa para quem buscava tolerância e liberdade, embora não tenha sido a melhor alternativa. A relação com o namorado parece ter sido uma tentativa de conquista afetiva, que não deu certo. A gravidez a fez então retornar à casa da bisavó, mas, neste período em que a dependência afetiva parece ficar mais evidenciada, Natasha foi novamente rejeitada, tendo de voltar para o abrigo.

Nesse retorno, a jovem se sentiu acolhida pelas outras adolescentes que moravam no abrigo, não tendo, porém, demonstrado grande simpatia pelas educadoras da Casa:

Essas educadoras todas falavam: Você vai ter sangramento, que não sei o quê. Ficavam sempre jogando praga, ficavam sempre jogando praga, eu sei lá. Tipo assim, quando eu estava com dor, eu falava: Tia, eu estou com dor, eu não posso fazer nada. Não é que elas me ajudavam, não pegavam um pano e passavam na minha barriga assim [fazendo o gesto de carinho por cima da barriga], ficava comigo. Na minha gravidez, essas tias nunca me ajudaram não, elas tinham preguiça, elas têm preguiça até quando é passeio.

A adolescente demonstrou, claramente, sua mágoa em relação às educadoras da Casa. Quando passou a mão na barriga, simbolizando o carinho materno, na verdade, evidenciou o desejo de acolhimento como filha, e não como gestante. A gestação reconduz a mulher aos laços originários com a figura materna, aos cuidados que foram providos a ela; neste caso, a jovem não teve essa oportunidade, e buscava na figura das educadoras a oportunidade de resgatar a afetividade materna de que tanto precisava.

Em sequência, contou também que, no dia do parto, havia ficado com muito medo: *Nossa! Eu até me joguei no chão de tanta dor, eu bati na pediatra, eu agredi a tia [educadora do abrigo] que estava comigo. Mas foi rapidinho, eu cheguei no hospital era dez e pouco da noite, quando foi duas e cinquenta ela nasceu, ela nasceu inchada.* A confiabilidade é fundamental para que, nos períodos de ameaça extrema, a adolescente possa confiar nas figuras que se disponibilizam para o cuidado. O ambiente, porém, não conseguiu constituir-se em termos de confiabilidade; por esse motivo, a jovem reagiu às tentativas de ser amparada. A agressividade demonstrava o quanto se sentia ameaçada, buscando reconhecer se havia no ambiente condições para protegê-la.

Quando se referiu ao parto, lembrando-se de tudo que passou, voltou seu olhar para sua filha, admirando cada parte do corpo dela. Em silêncio, distanciava-se da situação da entrevista e se identificava com o bebê:

Eu sei que vou fazer de tudo para me dar bem com ela, vou querer ser o que a minha família nunca foi para mim, uma amiga... Porque prender e dar bronca não adianta, minha família tanto fez isto, que eu já usei droga e estou aqui agora. Não quero que aconteça alguma coisa com ela, ela vai contar as coisas para mim, eu vou poder dar conselho.

Sua expressão trazia as lembranças de experiências que marcaram sua história, projetando na filha a esperança de uma vida melhor em termos de compreensão e afeto. A falta de um ambiente que pudesse estar identificado e adaptado às necessidades da jovem a conduziu para situações traumáticas e ameaçadoras. Nesses contextos, de fato, o indivíduo organiza defesas para responder a um ambiente intrusivo ou negligente, que impõe suas demandas. No caso de Natasha, ela não conseguiu se adaptar ou submeter-se e reagiu fugindo da casa da bisavó – situação que poderia ter sido evitada se houvesse melhores condições para compreender as necessidades da jovem.

Em sequência ao momento em que se identificava com o bebê, Natasha retomou seu discurso dizendo que, após o nascimento da filha, nunca mais se desgrudou dela: dormiam juntas, apesar de ser proibido na instituição:

Nem dormia direito, só cochilava assim e qualquer barulhinho eu acordava... Ainda é assim, eu não gosto de deixar ela no berço, porque ela chora, e como o choro dela é bem baixinho, eu não escuto... Aí eu pego e coloco ela na minha cama e não pode, mas eu coloco e aí a gente dorme.

O interessante neste discurso está na reafirmação de que a adolescente estava totalmente fusionada ao bebê, não conseguindo dormir sem senti-lo seguro ao seu lado. Observei sua admiração e ressaltai o quanto demonstrava estar envolvida com sua filha; ela concordou e complementou dizendo:

Fico olhando para ela assim e fico pensando como é formado o olho, o nariz, o olho lá dentro... É estranho, eu fico olhando, como é que essa coisa toda coube toda dentro de mim? [tenta encaixar o bebê na barriga e ri]; pensei que ia nascer com um quilo... não, nasceu com quase três, dois quilos oitocentos e oitenta e cinco.

Apesar de seu bebê ter nascido há apenas cinco dias, Natasha sentia que havia mudado muito após o nascimento da filha. Ela atribui a mudança a diferença com que

vinha se envolvendo com as outras jovens do abrigo - estava menos preocupada com as brigas e com as fofocas. Segundo Natasha, antes de o bebê nascer, discutia muito e brigava com quem mexia com ela; agora, estava bem melhor. A possibilidade de estar vinculada ao bebê fez com que ela deixasse de se envolver com as outras meninas do abrigo - sua atenção estava toda voltada a ele, possibilitando que se adaptasse e atendessem às demandas da filhinha. Mas isso só se efetivaria se fosse amparada pelo ambiente, que precisava criar as condições para que a jovem pudesse se preocupar unicamente com o bebê, ou se tivesse condições emocionais para manter-se nessa relação.

Considerando que a instituição de acolhimento deve promover o amparo neste período logo após o nascimento, investiguei as percepções da adolescente sobre o ambiente e como este poderia favorecê-la neste momento. Ao tecer seus comentários sobre o tema, ela foi enfática: *Aqui tudo é injusto*. Suas reclamações se referiam ao excesso de regras: *Chato! Porque não tem nada para fazer; as atividades são sempre as mesmas e se você não faz, recebe advertência. Não pode assistir televisão*. Falou também da sensação de estar presa: *a gente não pode ir pra lugar nenhum*, além das restrições para se comunicar com a família:

Aqui, não pode ter celular, e quando a gente quer receber ligação da família ou fazer, não pode, porque uma delas [educadoras] tem que estar aqui. No dia das mães mesmo, nós pedimos para ligar para nossas mães, ela [diretora] não deixou e ainda achou ruim porque a gente ligou para ela para ver se podia ligar.

Reclamou, ainda, da restrição alimentar, mas disse que a qualidade da comida era boa:

(...) se quiser repetir, vai só comer arroz e feijão. A gente não pode, mas as técnicas podem. Elas vivem ali conversando, comem, bebem, tomam quanto suco quiser, já a gente não pode. O lanche então, quando é bolacha, são cinco bolachas só... suco ou chá e o lanche da noite é a mesma coisa. Na janta não tem suco. Nossa, acho isso muito injusto. Tem muito abrigo, que é misto, só que é muito melhor que este aqui... ainda falam que este é para mãe e para adolescente que amamenta e que está grávida; quando está no final da gravidez, tem que comer de duas em duas horas, que é o certo, mas aqui, né? Você vai pedir uma fruta, não pode, só para as crianças, aqui é muito injusto... Vou fazer o quê? Vou ficar aqui.

As reclamações da adolescente abrangiam direitos, reivindicações e questionamentos sobre as normas e regras da Casa. Sua postura diante dessa questão foi

totalmente diferente de quando falava sobre sua filha, quando se apresentava interessada, feliz e preocupada com o bem-estar dela. Ao mencionar sua percepção sobre o abrigo, de fato, seu tom de voz se alterava, ficava mais agressiva e indignada com o que considerava injustiça. As necessidades instintuais que envolviam alimentação e suporte afetivo, as quais se referiu, não pareciam estar sendo atendidas pelo ambiente, que tinha obrigação de supri-las; mas o sentido de injustiça tinha origem na história familiar da jovem, sendo visto como parte de todas as relações que envolviam o cuidado. Assim, de certa forma, as críticas feitas ao abrigo poderiam representar a esperança de que suas necessidades fossem atendidas pelo ambiente.

O acolhimento do abrigo, apesar de apresentar-se como falho, permitiu que Natasha acalentasse a expectativa de nele permanecer até seus dezoito anos; mesmo assim, ressaltou que não sabia se aguentaria. Os projetos para seu futuro incluíam voltar a estudar, conseguir um trabalho, se profissionalizar, fazendo algum curso, para sair instituição em condições de morar na própria casa, e não voltar para a casa da bisavó.

A entrevista durou pouco mais de meia hora. Em vários momentos, permaneci em silêncio, admirando a jovem que admirava seu bebê, com quem parecia totalmente identificada, algo fascinante de ser observado. Ao mesmo tempo, surpreendeu-me o fato de fazer reivindicações quanto ao funcionamento do abrigo de maneira agressiva e com tanta indignação. Ao final, perguntei se estava tudo bem com ela, se gostaria de descansar um pouco, ao que ela respondeu afirmativamente. Então, avisei que, se quisesse falar mais alguma coisa, eu estaria sempre na Casa, e se quisesse conversar em outra ocasião, era só pedir para as funcionárias marcarem comigo.

Depois, soube pelas funcionárias da instituição que Natasha permaneceu no abrigo por um ano, até ser retirada do abrigo pela tia, que assumiu a guarda da adolescente e do bebê.

- **“Meu pai falou que vai ver como me comporta: se eu for uma boa mãe, eu volto para casa”**

Natália tinha quinze anos de idade e estava no oitavo mês de gestação; o pai do bebê já tinha outros quatro filhos, não era casado e estava com trinta anos quando engravidou. Ele nunca procurou saber dela ou do bebê - eles não namoravam. A jovem revelou que: *foi só uma vez, uma saída, uma vez...*

A adolescente foi abrigada, inicialmente, pela família, pois fugia de casa para ir a bailes *funks* com as amigas: *eu via minhas amigas saindo de casa, para o baile funk, eu queria fazer o mesmo, mas como meu pai não deixava, aí eu fugia... Meu pai não deixava eu sair, nem minha mãe, eles são mais rígidos. Aí eu engravidei e vim para cá.* Após saber que estava grávida, Natália foi encaminhada para a Abrigo, e como a família não sabia de sua gravidez, telefonou para a mãe e notificou o fato. Ao telefone, a mãe não reagiu bem e, inicialmente, não aceitou a ideia, mas, aos poucos, foi assimilando; ao contrário do pai, que se recusou a falar com a jovem e não aceitava a situação. Natália dizia temê-lo, e também não confiava na mãe, que, segundo ela, submetia-se muito ao marido e contava tudo para ele. Sentia que não poderia confiar em ninguém, apresentando-se muito introspectiva, tímida, retraída e com dificuldade de se expressar. Aos poucos, foi sentindo-se mais à vontade e começou a falar comigo sobre suas dúvidas e inseguranças.

Na percepção da adolescente, a família, que parecia ter grande expectativa em relação ao comportamento de Natália, ficou chocada com a gravidez pelo fato de ela ser filha adotiva: *é que eu não sou filha deles de verdade, eu sou adotiva... Então, foi mais um choque para eles ainda, mas eu tinha tudo, tudo que eu queria eu tinha, meu quarto, fazia de tudo.* Pelo seu relato, a família possuía dois filhos mais velhos que já eram casados e pouco apareciam na casa, sendo a adolescente tratada então como filha única, talvez com cuidados excessivos. Os irmãos nunca foram visitá-la no abrigo, assim como o pai, que afirmou só aceitá-la novamente se ela se mostrasse responsável para com seu bebê. Assim, o suporte da família estava presente na figura da mãe, mas como também nela Natália não confiava, a jovem parecia estar abandonada.

Ao se referir ao grupo de amigas que tinha antes de estar no abrigo, lembrou que duas delas também estavam grávidas e que sempre perguntavam quando ela voltaria para casa, mas isso dependia do juiz e do pai. A aceitação do pai era algo muito importante para Natália, pois, do contrário, teria de ficar no abrigo, e isso era algo que não queria.

Quando a jovem mencionou ter sido rejeitada pelos pais adotivos devido à gravidez, fiquei entristecido e, contratransferencialmente, senti a responsabilidade de repor o afeto perdido e a privação sofrida. Ela me mobilizou o desejo de retirá-la do sofrimento de rejeição; senti que precisava minimizar a sua privação afetiva e percebi o quanto a necessidade de ampará-la me mobilizou quando, um dia, fora do contexto da entrevista, pensei como seria se pudesse adotá-la...

Na época da entrevista, Natália estava fazendo o pré-natal com a médica que visitava a Casa; nessa relação, parecia haver a confiança que ela não depositava na mãe: *Confio porque é mulher*. Perguntei: “Se fosse homem, você não confiaria?”. Ela respondeu: *É, não muito...* A desconfiança da figura masculina pode estar relacionada à postura do pai adotivo e do pai de seu bebê, de quem ela pouco sabia.

A gestação vinha correndo muito bem, embora Natália sentisse muito sono, dormindo o dia todo: *O que eu sinto mais é sono, eu durmo direto, eu acordo de manhã, levanto só na hora de almoçar e durmo o dia todo*. “Mas sempre foi assim?”, perguntei; *Não. No começo não, mais agora para o final*. O final da gestação representou a mudança real do lugar de filha para o de mãe, algo que pode ser ameaçador para quem não confia no ambiente. As alterações emocionais, de fato, são intensas, e o *self* precisa se organizar defensivamente para suportá-las; assim, o sono de Natália poderia representar a fuga da maternidade, pela falta de condições emocionais e de suporte do ambiente para elaborar essa situação.

As mudanças físicas durante a gestação ajudam a mãe a compreender e conscientizar-se de que existe um bebê que dependerá de seus cuidados ao nascer. No caso de Natália, essas mudanças foram poucas, mesmo já estando no oitavo mês, e assim a jovem tentava esconder seu estado, dizendo: *nem parece que estou grávida*. Natália não imaginava engravidar neste momento, mas, segundo ela: *aconteceu*, e sua vida mudou muito depois disso:

Aprendi o outro lado da vida, a pessoa que tinha tudo em casa, não precisava fazer nada, agora tem que correr atrás. Eu mudei bastante, o comportamento, o respeito, porque antes eu não respeitava ninguém. Meu pai falava, eu virava as costas e xingava ele, agora não, agora eu estou mais preocupada.

Natália preocupava-se, com razão, com a incerteza em relação a sua vida, pois não tinha um lugar em que se sentisse segura e temia ser novamente abandonada.

A relação com o feto ainda parecia discreta e incipiente. Natália sentia o bebê mexer, mas: *mexe demais, às vezes incomoda, mas é bom sentir mexer, é uma sensação diferente*. Acreditava que o bebê seria “terrível”, como ela, quando pequena; lembrou então os comentários da mãe sobre sua infância: *Eu era terrível, minha mãe falava que eu pegava as coisas e tacava no chão, pegava shampoo tacava dentro da privada... Ela falava que eu fazia birra [Ri muito ao contar isso], mas acho que ele vai ser terrível*.

Interessante observar que a percepção que trazia de si estava associada a situações de desobediência, de travessura, como se tivesse dado muito trabalho para ser cuidada. Muitas vezes durante a entrevista, falava de sua vida na casa da família, do seu arrependimento e de como se sentia mal com a perda de uma vida da qual gostava. Estava presente um sentimento de culpa, que a levava a assumir toda a responsabilidade pelo que ocorrera e a se preocupar muito com os pais. Esse sentimento demonstrava que a jovem tinha noção que sua nova realidade a retirara de uma vida subjetiva e onipotente, fazendo com que se sentisse triste e, provavelmente, deprimida.

Nessa condição, sua percepção do abrigo não poderia ser das melhores, pois a instituição representava o lugar da realidade e Natália não apresentava condições emocionais de aceitá-la e elaborá-la sem amparo: *Acho aqui [abrigo] um horror, porque é totalmente diferente de casa. Ah! Ultimamente eu quero ter meu filho logo e voltar para casa. Essa intolerância ao espaço e seu desejo de sair fizeram com que as relações no abrigo ficassem estremecidas: Às vezes, quando eu perco a paciência, eu brigo. Ah! a pessoa fica falando demais no meu ouvido; sabe quando a pessoa fica repetindo a mesma coisa? Me irrita!*

Essa somatória de fatores fez com que Natália se sentisse pouco amparada neste momento: *Acho que ninguém está me ajudando, eu não desabafo com ninguém, minha única mania é esta, tudo que eu sinto eu vou guardando. Eu não sei, eu tenho este problema, eu acho, porque minha mãe também pagava psicólogo e eu não falava nada.* Comentei: “Você está sentindo muitas coisas neste momento...”. Ela replicou: *Muitas coisas... nem com a minha mãe eu me abro.* Continuei procurando acolhê-la: “Deve ser difícil lidar com tudo isso sozinha”; *É, porque aqui você conta para uma pessoa e ela espalha para casa toda, tem este problema também. A minha mãe fala para o meu pai, ela também não guarda para ela.* Natália não confiava em ninguém; sua condição solitária dificultava a elaboração dos medos e das inseguranças vividas neste período, podendo conduzi-la a estados de adoecimento psíquico e físico.

A adolescente buscava fugir da realidade e da condição de vida em que se encontrava; o excesso de sono durante o dia poderia ser um indicativo de defesas organizadas para lidar com a situação. O fracasso dessas defesas poderia levar ao adoecimento ou ao desenvolvimento de novos comportamentos defensivos para evitar a sensação de abandono e a falta de condições emocionais para elaborar seus sentimentos.

A entrevista com Natália, que manteve-se introspectiva, foi permeada por vários momentos de silêncio. Percebi que, diante do vazio, seu pedido era de socorro e de acolhimento.

Após permanecermos por um longo tempo calados, encerramos a entrevista, que durou meia hora. A adolescente disse então, emocionada: *Eu acho que não precisava estar aqui...* Estava entristecida, quieta e pensativa, conclui que não queria mais conversar. Disse-lhe que se quisesse retomar, estaria disponível. Permanecemos juntos por um tempo, a jovem me pareceu melhor, disse que estava tudo bem e que gostou de conversar comigo. Prometi voltar outro dia e mais uma vez me dispus a conversar novamente, caso ela sentisse necessidade. Falei que esperava vê-la antes de o bebê nascer. Ela sorriu e nos despedimos.

Segundo a psicóloga do abrigo, a adolescente permaneceu mais de um ano no abrigo e acabou fugindo. Não sabiam onde ela se encontrava, perdeu a guarda do filho que foi colocado para adoção:

Ela foi difícil. Não tinha nenhum envolvimento com o bebê, passava o dia todo com ele na cama e não deixava ninguém pegar, mas não cuidava. Não dava banho, o bebê ficou assado, pois ela não limpava, o bebê chorava a todo momento. Ela saía a cada dia com um rapaz diferente, se apaixonava, falava que estava amando, mas quando questionada, dizia: Esse já foi, tia, agora estou com outro. Fugia para ir dormir fora do abrigo e não cuidava do bebê. A família não quis saber mais dela, os pais não querem ela de volta de jeito nenhum. Então, a criança está para adoção. Tivemos que tirar a guarda dela porque ela estava maltratando o filho.

Esse relato demonstra o quanto a jovem estava despreparada para a maternidade; a maneira que encontrou de suportar a situação foi dormir. Ao mesmo tempo, havia a ambiguidade com relação ao bebê - Natália ficava com ele na cama o dia todo, não deixava ninguém se aproximar, mas não tinha condições de cuidar dele. A busca da afetividade através de relações sexuais, neste caso, pode ser caracterizada como uma defesa ao sentimento de abandono e desamparo.

- **“Depois que meu pai morreu, tudo mudou. Eu sinto falta dele ...”**

Evelyn, de dezesseis anos, engravidou aos quinze e estava no sétimo mês de gestação. O pai do bebê, um ex-namorado, estava com dezoito anos. Sobre ele, relatou:

Falou que, quando o bebê nascer, vem me ver ... Ele não vem me ver, mas a gente conversa toda vez que eu entro no 'face', mas como é difícil eu entrar... última vez que eu entrei ele estava online e a gente conversou bastante. Ele só fala sobre a minha filha, porque ele não gosta de falar comigo sobre eu e ele... e eu nem ligo, eu gosto dele, mas também eu nem ligo. Ele ainda fala que quer fazer o DNA, para ver se é dele, eu falo que nós vamos fazer, porque eu sei que é dele, eu não tenho medo. Se o bebê nascer com o rosto dele, nem vai precisar fazer... Quando eu fui falar para ele que estava grávida, ele começou a me bater, começou a me chutar, fazendo um monte de coisas, falando que não queria ter filho agora, porque ele era muito novo... Ele pegou e me falou: Se você estava grávida, agora não está mais porque eu acabei de te bater... Aí passou uns meses e a barriga começou a crescer, mesmo ele me batendo, por isso ele não acredita que é dele. Ele falou: Eu te bati naquele dia, te dei chute, dei murro na sua barriga e você ainda está grávida?

A adolescente fez referência ao relacionamento que procurava ter com o ex-namorado, a dificuldade dele em aceitar a paternidade e como buscou resolver a questão, de forma onipotente, usando de potencial agressivo, característico da adolescência. De fato, a capacidade destrutiva é real e pode ser vista como uma forma de solucionar a angústia deflagrada por uma situação indesejável. Assim, desconfiando da paternidade, o ex-namorado passou a agredi-la, numa tentativa de se livrar da angústia de ser um pai jovem e na fantasia de poder se livrar da responsabilidade paterna.

Quando se referiu ao ambiente familiar, Evelyn revelou a importância de seu pai. Ela explicou que a mãe resolveu se separar dele, que era usuário de drogas e, como consequência, ficava agressivo com a mãe e os filhos. Na época da separação, a jovem tinha doze anos; com quatorze, decidiu morar com o pai, ficou alguns meses com ele e acabou voltando a morar com a mãe.

O meu pai era mais liberal do que a minha mãe. Todo o final de semana me deixava sair... Porque meu pai deixava eu fazer de tudo, eu pedia, no começo ele falava que não, aí depois ele falava que sim. Fui furar o nariz, esses negócios de adolescentes, fazer tatuagem, meu pai: Não, não; mas aí, no outro dia, ele falava: Ah! Faz. E ainda me dava dinheiro para fazer, agora, a minha mãe fala não e acabou...

O pai então se tornou morador de rua, recebendo um carinho especial da adolescente, mas faleceu depois de alguns meses:

Eu não tinha vergonha de vê-lo, fazia parte da minha rotina, eu fazia as minhas obrigações em casa, almoçava e fazia uma

marmita para levar para ele, todo dia era isso. Mas depois eu comecei a sentir falta disso, porque ele não estava mais lá... eu via ele todo o dia.

A mãe nunca impediu a filha de encontrá-lo e, às vezes, também levava os outros filhos para vê-lo: *depois que ele faleceu, todos ficaram tristes*. Evelyn sentia a ausência do pai, mantendo a figura paterna como objeto de amor e cuidado. Já a mãe representava o conflito, e a jovem não admitia que ela exercesse autoridade sobre si. Na verdade, a relação delas se tornou mais difícil depois que a mãe mudou de religião, tornando-se mais rigorosa e impedindo-a de sair com os amigos, algo que não acontecia anteriormente; isso fez com que a adolescente resolvesse sair de casa.

Apesar de a jovem associar sua saída de casa à mudança de comportamento da mãe, a oposição a ela parecia mais vinculada à ausência da figura paterna, que representava a autoridade possível de contê-la.

Evelyn buscava um grupo de iguais, amigos que viviam as mesmas questões e indefinições, o que, de certa forma, fazia com que se sentisse protegida. Foi morar então na casa de uma amiga, junto com outras três garotas; os pais dessa amiga as aceitavam como moradoras. Porém, após seis meses, incomodada com as regras impostas por esses pais, resolveu sair e procurar uma igreja, cujos pastores a encaminharam para o Conselho Tutelar. Este a colocou em um abrigo, e quando ficou sabendo que estava grávida, foi então encaminhada ao abrigo.

A adolescente relatou que não teve dificuldades para falar com a mãe sobre sua gravidez:

Quando eu morava com as minhas colegas, de vez em quando eu ia visitar a minha mãe. Aí, toda vez que eu ia visitar a minha mãe, ela falava que tinha sonhado comigo, me viu grávida de uma menina, a cara do pai da menina... Aí eu falava: Mãe, não quero ficar grávida... Depois de dois meses que a minha mãe falou isso, eu engravidei, quer dizer, engravidei não, depois de dois meses que ela falou, fui fazer o teste, fui fazer um ultrassom, eu vi que estava de três meses... Eu já estava grávida quando ela sonhou, de dois meses, quando ela sonhou... Agora, quando ela vem aqui me ver, ela fala que sonhou de novo e sempre a mesma coisa, eu com uma menina, a cara do pai dela. Agora eu já sei que é uma menina mesmo, pelo ultrassom.

A gravidez adquiriu a condição de desejo divino, uma *revelação* feita por Deus através do sonho da mãe.

Evelyn não pretendia esconder que estava grávida; falava de sua condição para todas as amigas no facebook: *eu não nego, eu falo para todo mundo. Quando minha filha nascer, eu vou tirar uma foto e colocar no face, não quero esconder; a única coisa que eu quero esconder é enquanto está na minha barriga, porque eu estou muito feia.* Porém, a mãe a fotografava a cada visita, para mostrar como estava engordando. Neste momento em que estava no abrigo, a relação com a mãe parecia ser de proximidade, embora oscilasse entre momentos de afeto e confrontos:

Ela [mãe] só vem me ver uma vez por semana, porque, se eu ficasse todo dia com ela..., a gente nunca se deu bem, deixava ela falando sozinha. Ela torrava a minha paciência e eu torrava a dela, nós duas morando juntas não dá certo. A gente não se dá bem, eu quero fazer alguma coisa, a minha mãe não concorda, aí ela manda eu fazer alguma coisa e eu não concordo também. Na hora de sentar para conversar, ela tenta, direto, eu vejo que ela tenta conversar comigo e se dar bem, mas eu nem dou atenção, fico calada. Aí ela começa a chorar, fala que não entende porque eu fico deixando ela falando sozinha. Eu falo que é porque ela não me entende também. Então, eu não entendo ela e ela não me entende... eu não sei o que fazer para entender a minha mãe e nem ela sabe o que fazer para me entender. Ela vive falando que não sabe mais o que fazer para se entender comigo, mas ela fala que eu não deixo, mas eu falo que é ela que não deixa e fica nessa. Uma acha que é a outra e nenhuma das duas sabe o que fazer, é por isso que fica neste desentendimento, mas quando ela vem aqui [abrigo], a gente só quer saber de ficar abraçada. Lá na casa dela, ela me pedia um abraço, eu falava: Sai fora mãe, olha o meu tamanho... Ela ficava brincando na frente do meu namorado, falava: Filha, senta aqui no colo da mãe. Eu falava: Sai fora! Olha o meu tamanho. Mas hoje eu sinto falta disto. Toda vez que ela vem, sou eu quem falo, brincando: Mãe, deixa eu sentar no seu colo? Mãe, me pega no colo? E ela responde: Pegar você é uma bola! Sai fora. Hoje é ela que não me aguenta mais ... Ah! Eu gosto da minha mãe ...

Nesta ocasião, a mãe tinha um novo namorado, o que Evelyn não aceitava, pois entendia que ele queria tomar o lugar do pai dela:

Eu fico meia assim ... não gosto quando ele fala: Senta para conversar comigo, você ainda vai ver que eu vou ser melhor que o seu pai... Fico meio assim, para mim não tem homem melhor que o meu pai, não interessa se ele pode me dar uma casa, um carro, não interessa, meu pai é um só. Ah! vai ser melhor que meu pai... Ele diz: Você vai ver, eu vou fazer sua mãe muito feliz... Mas meu pai também fez minha mãe muito feliz, minha mãe nunca falou que se arrependeu de ter namorado meu pai. Aí eu começo a falar do meu pai e ele fica com raiva, eu não estou nem aí.

Conheceu a minha mãe agora e já quer tomar o lugar do meu pai? Se ele tivesse pelo menos uns dois anos com a minha mãe, tem meses ainda com ela. Mas tirando isso ele é legal, ele quer agradar os filhos para ganhar a mãe...

A adolescente não poderia trair os sentimentos que guardava pelo pai, não poderia transgredir o que sentia por ele e não aceitaria alguém que o substituísse; isso não lhe parecia correto e, assim, repudiava com severidade essa situação. A rigidez do julgamento moral e a não aceitação de falsas soluções, características da adolescência, pareciam estar dificultando a aceitação do novo relacionamento da mãe, além da necessidade de Evelyn preservar a figura paterna viva.

A maior parte do discurso de Evelyn foi dedicado à sua infância, seu pai, sua mãe, ao namorado desta, e ao próprio namorado. Sua maior preocupação no momento era ter sua filha e aprender a cuidar dela, para depois voltar a morar com sua mãe, que a visitava todos os finais de semana. O abrigo a ajudava a esconder a gravidez, pois não queria ser vista gorda, com barriga; queria sair de lá quando estivesse com a *barriga retinha*. Ainda que tenha se desentendido com as pessoas logo que chegou à instituição, levando advertências, ressaltava os benefícios de lá estar, como as doações que as internas recebiam de voluntários, os passeios, a facilidade de fazer amizades:

Agora em dezembro vai ter bastante passeio, para gente, bastante presente, todo mundo gosta. Agora, só fico preocupada, que nem: já veio três pessoas pedindo para fazer carta pedindo presente não muito caro, porque eles não podem, mas uma coisinha assim, até uns quatrocentos, quinhentos reais, já fica assim... Nossa! Tudo isto! Eu pensei que eles iam falar cem reais... Aí eu peço tudo para a minha filha, não peço nada para mim, eu peço banheirinha, eu peço roupinha, esses negócios (...). Eu não quero nada, eu só quero para minha filha... Você pode pedir para as duas, eu deixo, porque ela [voluntária da Casa] vê que eu só penso na minha filha. Aí eu peço uma calça para mim e uma dúzia de roupas para a minha filha, porque eu tenho medo de ficar sem as coisas para ela, aí eu já peço tudo, toda vez que é presente para mim, eu já peço para minha filha.

Evelyn destacava os ganhos trazidos pela gravidez, como o de ganhar sempre roupinhas novas para a filha. Nesses momentos, tinha a nítida impressão de que estava pedindo ajuda financeira, o que supus estar associado à preocupação com o bebê. A adolescente buscava, assim, se beneficiar com a situação, talvez como forma de lidar com os conflitos inerentes ao processo da maternidade. Em outros momentos, evidenciava a

necessidade de cuidado e atenção. Por exemplo, sobre o período de Natal, optou por permanecer no abrigo:

O Natal ainda, não ajuda muito, porque é uma festa e não tem como comemorar de boa, fico lembrando do meu pai, aí eu vou ficar aqui dentro... As meninas estão falando que vão fugir, outras falando que vão ficar com a família, mas eu não quero. Eu quero ficar aqui, porque, se eu fugir, eu vou chorar, se eu for para a casa da minha mãe para passar final de ano, eu e meus irmãos choramos, lembrando do meu pai. Minha mãe também chora e eu não quero estragar o Natal dela. Aí eu vou ficar aqui mesmo...

Em vários momentos, Evelyn parecia mais infantilizada, imaginando que a filha gostaria da cor rosa, assim como ela: *Porque é menininha, tem mais coisinha para enfeitar, ficar mais bonitinha, rosinha ... Lembrava que ainda queria ser vista como uma criança que necessitava de amor, carinho e mimos: Eu sou a maior criança, durmo de rosa, roxinho, branco, tudo que eu ganho é tudo rosinha. Me dá uma coisa branca eu já fico meio assim, eu quero rosa.*

Em relação ao nascimento da filha, imaginava-se sendo uma boa mãe, afirmando sua imensa disponibilidade para dela cuidar, embora reconhecesse que essa dedicação lhe traria certo cansaço:

Tem momentos que as meninas ficam nervosas com os filhos, eu também... Aí as meninas fogem e deixam o filho aqui, eu nunca vou fazer isto, porque o filho de um bate no outro, sem a mãe ver, e a mãe deixa no chão, as adolescentes maltratam. Minha filha vai ficar só no meu colo, vai ficar junto comigo, na minha cama, eu que vou querer cuidar dela. Quando as outras pedirem para segurar, será cinco minutos. Aí, quando nascer, eu vou querer deixar no colo das outras, aí cansou o meu braço: Tó! Eu faço isto com o filho delas, seguro. Eu gosto muito de criança, mas eu seguro meia horinha e aí, toma, cansei.

Com um discurso mais infantilizado e idealizado sobre a maternidade, Evelyn parecia buscar manter-se na infância, tendo necessidade de ser mimada, cuidada e de obter atenção; com essa imaturidade, talvez demonstrasse sua dificuldade em entrar em contato com a tristeza pela perda paterna. Aceitar a nova vida de sua mãe, com um novo companheiro também parecia ser, de certa forma, uma maneira de se distanciar da figura paterna, que sempre a tratou de forma tão privilegiada e diferenciada.

A ansiedade e insegurança do momento se traduziram na velocidade e intensidade com que falava. Seu medo de perder a juventude se configurou na ideia de não sair do

abrigo enquanto estivesse grávida, pois não queria que as pessoas a vissem gorda: *só saio daqui quando minha barriga estiver retinha*. Isso demonstrava sua necessidade de preservar-se no período anterior à gravidez, algo que não seria possível após o nascimento do bebê. De certa forma, a gestação parece tê-la aproximado da figura materna - Evelyn poderia regredir e depender da mãe, e esta poderia, então, exercer seu cuidado e ajudar a filha.

Encerrei nosso encontro depois de um pouco mais de uma hora. Foi a entrevista mais longa; neste caso, o cansaço físico me alertou que era o momento de finalizarmos. De fato, a velocidade de sua fala, a ansiedade, o excesso de detalhamento e de informações, a grande carga emocional foram me fatigando, e resolvi perguntar se não poderíamos continuar em outro momento, colocando-me disponível para um novo encontro, e a jovem concordou.

Evelyn permaneceu no abrigo por oito meses. Foi desabrigada pela mãe, que assumiu a guarda da neta. Segundo a psicóloga do abrigo: *ambas parecem estar muito bem*.

- **“Quando ela chora, eu digo, ‘fica quieta!’ . Ela resmunga, já está querendo me xingar! Desse tamanho e já quer xingar a mãe!”**

Gabriela, de treze anos, engravidou com doze; sua filha tinha três meses na época da entrevista. O pai do bebê, quando a engravidou, estava com vinte e seis anos e não era casado, mas tinha outras três filhas com três jovens diferentes, não estando mais com nenhuma delas. Gabriela morou com ele por quatro meses e, após o nascimento do bebê, separaram-se:

Eu tinha treze e ele vinte e seis, na visão do juiz é pedofilia. Se ele fosse registrar, ia correr para o juiz, mesmo assim ele ia se ferrar. Ele está lá correndo atrás dos advogados dele, ele quer os direitos de pai também. Eu estou correndo atrás dos meus para ele dar pensão e pronto.

Ao longo da entrevista, percebi que os relatos sobre a relação com o pai do bebê eram confusos – em alguns momentos, ele era enunciado como uma pessoa preocupada, que queria vê-la, mas era impedido; em outros, Gabriela dizia que ele não sabia que estava abrigada, mas, quando viesse a São Paulo, iria visitá-la. Também não ficou muito claro se os dois chegaram a morar juntos – por vezes, dizia que sim, depois, falava que o rapaz morava no mesmo quintal em que ela vivia com a avó. Gabriela apenas deixou bem claro

que começou a usar drogas com ele: *ele já foi gerente de biqueira* [ponto de venda de drogas ilícitas], *já foi dono, ele ainda é dono de uma*; ou seja, era um traficante, vendia e também usava drogas. Contou ainda que o rapaz havia se mudado para Santos, para trabalhar, mas também não tinha muita certeza: *Isso é o que eu acho, né? Eu acho isso...*

Quando ficou grávida, Gabriela morava com a avó:

Eu liguei para ela [mãe] e falei: Mãe, eu estou grávida. Ela ficou super preocupada, veio voando para a casa da minha vó, porque eu estava morando com a minha vó. Assim, a casa minha e do pai da minha filha e a casa da minha vó é do lado, no mesmo quintal. Ele ficou feliz também, ele falou: Mais uma. Tá bom, a gente luta e cuida junto. Aí minha mãe pegou, veio, falou comigo, aí pegou e ficou feliz e agora ela é vó coruja dela [bebê]. E a mãe coruja, né? Porque todo lugar que eu ia, minha mãe ia junto com ela, minha mãe hoje gosta dela pra caramba, se entendeu com o pai da minha filha, estamos juntos aí, mas ele não sabe que eu estou aqui. Para ele, eu estou lá em casa dormindo, na boa, ou arrumando a casa. Para ele, eu estou lá, mas se ele descobrir, ele vem ver ela [bebê]. Ele está doido, doido para ver ela, se ele vier aqui, ele vem ver ela.

O pré-natal e a gestação transcorreram sem problemas, mas Gabriela revelou que usou drogas durante a gravidez: *faz um ano que eu não uso*. Relatou que quem a ajudou nesse momento foram a mãe, o pai e seu tio:

Eles me acolheram, foram atrás de psicólogo. Mas eu não fui, eu nunca gostei. Minha mãe falou que psicólogo não é só para louco, ela fala que é para desabafar, para você falar o que sente, o que você não sente, para você não ficar com esta angústia, porque isto vai virando doença, você vai ficando com depressão. Eu fiquei com depressão depois que eu larguei do pai dela, não comia nada, ficava triste, não queria falar com ninguém, só ficava na minha. Às vezes, até... quando eu estava grávida dela, porque eu separei quando eu estava grávida dela, estava de nove meses completo, aí eu não comia, mas ao mesmo tempo pensava nela, pensava em me matar: O que eu estou fazendo aqui? Eu não mereço esta vida... Depois, eu parei e pensei: Se ele não me quer, tem muita gente que me quer e que vai cuidar de mim... Aí eu peguei e separei dele e fiquei de boa. Só que até aí eu me encontrava com ele, conversava de boa, ele perguntava dela... Aí ficou tudo bem, hoje a gente se separou de boa, ele liga, a gente conversa e pronto. Hoje ainda eu tenho uma certa saudade dele, ele ainda tem de mim, mas é o que todo mundo fala: Se eu ficar com ele, é pedofilia... Eu falo para ele: Eu gosto de você demais, mas é melhor você ficar na sua e eu fico na minha, porque ninguém ia gostar, nem a sua família, se eu ficasse com você... você iria preso, ia pagar um pato que eu mesmo quis. Mas só que,

na visão do juiz, é pedofilia... É melhor você ficar do seu lado e eu fico no meu.

A jovem buscava, assim, justificar a separação do pai do bebê, referindo-se à questão da idade. Ficava difícil compreender a lógica do discurso - em alguns momentos, os dois estavam separados, em outros, juntos; havia uma mistura entre realidade e fantasia, as informações não pareciam ser coerência. A impressão que tive foi de que o rapaz a deixou e, por isso, Gabriela teve uma depressão grave na gestação.

Os pais da adolescente estavam separados, e não gostaram de saber que a filha estava grávida:

Meu pai quase me mata, quando soube que eu estava grávida, ele quase me mata... Minha mãe ligou para ele e contou para minha vó, minha vó ligou para ele e contou. Ele falou: Essa menina é louca. Ela está louca. Ela tá doida. Falei: Pai, tá feito, o que tá feito eu não vou tirar... Ele pegou e falou: Você vai tirar. Eu falei: Eu não vou. Eu não sou obrigada a tirar, a fazer o que você fez para minha mãe, para minha mãe me abortar. Eu não sou obrigada a cometer o mesmo erro que você cometeu, o erro do seu passado, não sou obrigada a cometer os mesmos erros que você cometeu, fez a minha mãe beber óleo, fez ela beber um monte de comprimido.

A adolescente assumiu a responsabilidade pela gravidez, ressaltando que não queria cometer os mesmos erros que o pai. Segundo Gabriela, quando sua mãe estava grávida dela, o pai fez com que a esposa ingerisse vários comprimidos para abortar – um dos fetos realmente faleceu, que seria seu irmão gêmeo. Enfim, os modelos da família não apresentavam as condições de autoridade para se sobreporem às suas decisões; as experiências dos pais justificavam as ações da jovem.

Apesar de a adolescente se apresentar segura sobre sua decisão de manter a gestação, disse ter ficado *chocada* quando soube que estava grávida; só percebeu depois de seis meses, pois sua menstruação era desregulada e não deu importância ao atraso. Mas, quando viu que sua barriga começou a crescer, fez o teste e confirmou a gravidez. A falta de contato com o corpo demonstra a dificuldade de entrar em contato com as questões do mundo real; aqui, podemos pensar em falhas na integração psique e soma.

Segundo Gabriela, o parto foi complicado e, de certa forma, traumático, tanto para Gabriela como para sua mãe, que a acompanhou. O primeiro hospital que procuraram se recusou a fazer o parto: *Eles falaram: Não! Você é muito nova! A gente não pode correr este risco... Eu estava sentindo muita dor e fui para o hospital da Mulher e eles fizeram*

o parto. Pelo que a jovem relatou, a gravidez havia passado de 40 semanas, e o bebê chegou a engolir o líquido amniótico, que continha fezes:

Passou da hora, ela ficou muito tempo presa, porque eu tive ela normal, ela ficou muito tempo presa lá embaixo, aí ela perdeu o fôlego e nasceu preta, preta, preta. Eu não aguentei e desmaiei, tiveram que fazer fórceps, aí ela nasceu, ficou na UTI uma semana. Minha mãe assistiu meu parto todinho. Quando ela nasceu, murcha, tiveram que dar choque nela, aí a minha mãe também desmaiou e tiveram que tirar ela da sala. Aí ficou eu desmaiada de um lado e ela de outro. De repente desmaiei, no parto, na hora que estava saindo o corpo dela inteira eu não aguentei, desmaiei. Ainda estourou uma veia e eu fiquei com hemorragia.

No momento do parto, a mãe se manteve presente, mas a assistência de saúde pública negou atendimento à jovem, pois avaliaram que isso seria arriscado. Nessas situações, os serviços de proteção às adolescentes deveriam estar presentes, para garantir o direito à saúde e assistência.

Opostamente, o abrigo garantiu moradia à jovem após o nascimento do bebê, pois ela não tinha onde morar; nesse momento, sua mãe não estava mais presente. Contou, então, que, antes, estava morando com o tio, mas pediu a ele para encontrar o pai da filha, que já tinha três meses. O tio não permitiu, mas a jovem foi assim mesmo. Quando chegou na casa do pai do bebê, este não estava mais lá. A mãe então foi buscá-la e a levou para um abrigo, mas como era um abrigo misto, Gabriela foi encaminhada para a Abrigo:

Eu peguei e falei: Mãe, eu quero mostrar ela [bebê] para o pai dela, o pai dela tem direito de ver ela, se eu proibir, futuramente eu posso me arrepender ou o juiz também pode me dar o coice, porque o juiz sempre faz isto, este daí, porque ele fala que é direito dos pais. Aí eu peguei, fui lá para casa dele, fiquei lá, levei ela. Isto era uma hora da manhã, aí eu dormi lá. No outro dia, eu liguei para minha mãe, falei para minha mãe que eu estava lá, porque ela estava me procurando. Ela foi lá, me buscou e me trouxe para cá. Me levou para outro abrigo, que só tinha adolescente misto, sabe? Tudo misturado, mas não tinha jeito de ficar com ela lá, os nenês que tinham lá eram todos para adoção. Aí, se eu ficasse lá mais um tempo, ela ia sair para a adoção também, aí eles foram e me mandaram para cá [Abrigo], eu vim para cá e fiz amizade com todas as meninas. Hoje nós vivemos bem com todo mundo.

O seu temperamento agressivo foi algo que enfatizou com certo orgulho. Gabriela relatou um desentendimento que teve com uma das mães do pai da filha dela:

A mais velha que eu conheci, eu briguei com ela, eu saí no tapa com ela, foi parar no hospital, eu não fui, eu peguei a corrente no portão e dei nela. Ela ficou me provocando, ela sabia que eu estava grávida e não podia passar nervoso, continuava me provocando. A gente morava assim, eu morava num quintal com ele, aí passava uma esquina ela morava, ela passava lá meio me provocando, e teve um dia que eu me injuriei. Eu estava estendendo roupa, que eu tinha lavado dela [filha], aí ela me provocou, eu fiquei quieta, aí ela passou de volta e continuou, quando ela passou de volta, pronto... aí foi o fim, eu voei em cima dela e ela é mil vezes maior do que eu. Voei em cima dela, dei uns puxões de cabelo, vários tapas. Aí o pai dela ouviu, estava dormindo, tinha acabado de chegar do serviço, aí ele escutou a gritaria e foi lá ver o que era. Quando ele foi ver, ela estava toda estirada no chão, cheia de sangue. A única coisa que ela me deu foi um tapa, a única coisa que ela conseguiu acertar. Na hora, eu estava com tanta raiva... eu sou igual a minha mãe, quando a pessoa mexe, eu continuo na minha, eu vou aguentando... Quando eu vejo que não dá mais, também eu parto para cima e ninguém me tira da pessoa. Eu tive várias reclamações de escola por causa disso, toda escola que eu fui, não teve uma que eu não briguei, ou é por causa de namorado ou é por causa de provocação, todas que eu fui eu briguei. Eu brigo de soco, não brigo de dar tapa e nem de puxão de cabelo, que nem a favela, lembra? Briga de puxão e de tapa, isto é briga de galinha e de puta, briga de mulher de verdade é briga de soco, de murro, de pontapé... Minha mãe também, minha mãe, quando me pegava para bater, era só fiozada que rolava... Meu tio, um dia me pegou pra bater uma vez, era só as fiozada, ficou só os vergões saindo sangue... Aí, hoje ninguém me bate mais. Na casa da minha mãe mesmo, os outros me chamam de barraqueira. Na casa do meu tio, o pessoal fala: Olha, a barraqueira tá chegando, não mexe com ela não, que ela parte pra cima. Lá eles falam assim quando eu chego para visitar a minha mãe. Agora nem posso ir lá mais, estou proibida de visitar os parentes, eles que tem que vir...

A entrevista com Gabriela foi permeada por longos e confusos relatos, com as informações sendo apresentadas de forma diferente a todo momento; o que parecia seguir uma lógica, posteriormente se perdia. Por exemplo: primeiramente, disse que o pai do bebê não o conhecia; depois, Gabriela já estaria morando com ele e lavando as roupas da filha quando brigou com outra jovem. A lógica temporal se perdia no discurso da jovem, repleto de sentimentos de abandono:

Eu quero cuidar da minha filha do jeito que eu não fui cuidada, porque eu não tive muito também, sabe? Eu nunca fiquei morando para sempre com a minha mãe, sabe? Sempre fui jogada de um lado para outro, então não quero que ela fique do mesmo jeito, não quero que ela use drogas, quero que ela estude

e tenha a família dela futuramente, que tenha os filhos dela ou tenha os meus netos, que futuramente eu vou ter... Quero que ela seja feliz também, o que eu não tive ela possa ter... que foi muito carinho, essas coisas, eu não tive, pelo menos da minha parte ela vai ter.

Gabriela também revelou momentos de ansiedade durante e após o parto:

No primeiro dia que eu encostei nela no hospital, assim que ela nasceu, eu já abracei, beijei ela, aí foi a hora que eu desmaiei. Aquele monte de aparelho ligado em mim, ligado nela.... Aí começou a vir a depressão de novo. Imagina minha filha no hospital e eu em casa e não sei se estão tratando dela. Tem vários bebês que morrem porque dão injeção errada, eu ficava pensando, não queria sair do hospital por causa dela.

Outros momentos ficaram ainda mais confusos, como este em que ela descreveu o suicídio do tio:

Como teve este meu tio que morreu por causa que ele tinha preconceito de ser gay, sabe? Eu era mais mimada por ele também. Aí teve um dia que ele ligou o som no último, se enrolou no cobertor e tomou veneno, ninguém sabia de nada: Não, ele tá dormindo. O som no último volume: Não, ele tá de boa... Meu vô: Abaixa este som, abaixa este som! Foi quando eu era neném, isto que me comoveu mais, isto me deixou mais triste, até hoje eu paro e penso: É uma coisa que eu não vou conseguir tirar do coração, por mais que eu fale com alguém, por mais que eu desabafe com alguém, eu não vou tirar do meu peito isto. Como do pai dela, quando eu larguei dele, eu não tiro do peito também. Por causa do meu tio, foi uma das piores coisas, foi quando ele morreu ... É que eu era bebê também, fiquei super triste também... Aí, hoje, qualquer coisa, qualquer coisa que eu fique triste, fiquei nervosa, eu lembro dele também ... Eu fico assim, eu falo: Pelo menos um vento que vier e eu estiver na rua, vai ser meu tio me ajudando, meu tio me dando uma luz do que eu faço, do que eu vou parar de fazer, do que eu estou fazendo de bom, do que eu estou fazendo de errado... Eu acho assim, tem uma música que fala, qualquer lugar que você esteja e um parente seu estiver morto, ele vai estar lá, porque ou vai soar um vento ou vai soar um raio de sol perto de você... Tem uma música que fala isto, então eu fui me apoiar nesta música. Eu falo: Não, se vir um vento, ele está perto de mim, se vir um raio de luz, ele está perto de mim, pelo menos eu acho assim, ele nunca está longe de mim... A mais mimada, ele nunca está longe de mim... com meus irmãos.

A relação com o bebê também aparecia misturada, oscilando entre momentos de grande aproximação e expressões de afeto e outros de agressividade e intolerância: *o leite secou por causa do nervoso que eu passava, eu ficava muito nervosa, eu me estressava*

muito rápido, qualquer coisa me estressava. Ai, que inferno, sai daqui, que ódio! Eu ficava nervosa, ia tentar dar leite para ela e não saía nada, eu me acalmava e ela mamava... Durante a entrevista, a menina, que estava presente, regurgitou um pouco de leite, pois Gabriela não parava de jogá-la para o alto, brincando e, ao mesmo tempo, mostrando irritação: Ô menina nojenta... sua porca! Ao descrever sua relação com o bebê, deixou a impressão de que estava sendo amparada por ele:

A gente se dá bem, eu brinco com ela e ela ri, falo do pai dela, de vez em quando, eu estou triste, ela sabe que eu estou triste, eu choro e ela começa a chorar também, ela é assim.. Quando eu falo do pai dela, dos momentos bons que eu fiquei com o pai dela, para mim ela entende, por isto que eu falo para ela. É como eu falo para minha mãe, a minha amiga, mesmo que eu sei é a minha filha... e o meu verdadeiro amigo que eu sei é Deus... Falei: Mãe, você pode ser uma pessoa que eu entendo, mas a minha verdadeira amiga mesmo é minha filha, o que eu conto para ela, ela não conta para ninguém, eu conto para ela, fica entre eu e ela... Minha mãe falou: Está bom. Eu desabafo com ela mesmo, às vezes fica eu e minha filha conversando... As tias [educadoras do abrigo] falam: Mas ela não te entende. Eu falo: Ela me entende sim, ela me ouve, eu falo com ela, ela fica bem prestando a atenção. Eu e ela nos damos bastante bem.

Gabriela ressaltou que, depois que o bebê nasceu, ela mudou bastante - parou de usar drogas, começou a se preocupar mais com sua saúde, foi mais ao médico, ficou mais paciente. Também disse que a filha mudou a vida do pai:

O jeito do pai dela ser também ela mudou, coisa que ninguém conseguia mudar ela mudou, sem fazer nada... só ela nascendo. Ele não gostava de trabalhar muito, vivia neste mundo das drogas, agora ele saiu das drogas e está trabalhando por causa dela. Para mim, ela só nascer e mudou a vida dele. Ele já falou para mim: Ela nasceu para mudar a minha vida e a sua...

Quanto a morar no abrigo, Gabriela dizia ser bom e ruim ao mesmo tempo - *bom porque você vai pra escola, tem possibilidade de trabalhar e fazer cursos, mas as regras e não poder visitar a família não são boas.* A jovem também se referiu aos seus medos:

Medo de ficar aqui, de não sair daqui, de ficar aqui... Como eu falei para minha mãe: Mãe! Abrigo não é vida para ninguém. Minha mãe disse: Não interessa, você está no abrigo porque precisa ser ajudada. Mesmo assim, eu não gosto de estar aqui, eu queria estar com a minha família, eu sabia que existia abrigo, mas eu nunca percebi que eu ia estar em um deles, este aqui já é o segundo abrigo que eu passo...

A adolescente demonstrou sua desesperança, pois a família não parecia estar disponível para acolhê-la, e talvez o único caminho fosse mesmo viver abrigada.

Interrompi a entrevista, que durou por volta de quarenta e cinco minutos, pois me senti confuso e cansado; não conseguia compreender a lógica no discurso da jovem - em alguns momentos, não era possível diferenciar o que era real ou fantasia. Sua imaturidade se contrapôs a um discurso e comportamentos de adulto, mas de forma estereotipada, pois Gabriela não trazia experiência de vida suficiente para expressar certas convicções.

Gabriela permaneceu no abrigo por um ano; evadiu-se e abandonou a filha, que foi transferida para outro abrigo e encontrava-se disponível para adoção. A família da jovem não demonstrou interesse pelo bebê, não comparecia às visitas e, segundo a psicóloga, ninguém sabia do paradeiro da adolescente.

Nas entrevistas, a intensidade dos sentimentos, conflitos e sensações apresentados pelas jovens, muitas vezes, tornaram os encontros cansativos. Esta sensação traduz o quanto de disponibilidade emocional é necessário para escutá-las, essa atividade, apesar de simples, requer capacidade de sustentação dos conteúdos e angústias vivenciadas pelas jovens. Os profissionais que atuam em abrigos devem contar com o suporte de supervisores com os quais possam compartilhar seus sentimentos diante de conteúdos tão intensos. A exaustão emocional pode favorecer a utilização de defesas que tornem os profissionais distanciados e indiferentes aos conteúdos emocionais das jovens.

4.2. Leitura e interpretação dos temas investigados nas entrevistas

Como já destacado, o objetivo das entrevistas era investigar as experiências de vida das adolescentes antes, durante a gravidez e após o nascimento do bebê, as relações com familiares, com o pai do bebê, suas percepções sobre a maternidade e o abrigamento. A partir disso, foi possível compreender as percepções das jovens e associá-las a conceitos teóricos da abordagem winnicottiana, observando-se similaridades e diferenças nos relatos.

Ao analisar as percepções das adolescentes sobre os aspectos investigados, observei que, no geral, elas traziam a necessidade de romper com as restrições impostas por suas famílias. Algumas também relataram que as experiências com a escola não eram satisfatórias, não mostravam interesse nos estudos e consideravam o percurso acadêmico desnecessário; assim, faltavam muito às aulas, pois sabiam que isso não resultaria em

reprovação. Aproveitavam o tempo livre para estar com os grupos de amigos, principalmente em bailes, para conhecer meninos e namorar; assim, iniciavam as primeiras relações sexuais e o contato com as drogas. Diante desses comportamentos, a postura das famílias variava entre permissão e indiferença, ou restrição total - as primeiras resultavam em ações desregradadas e a última, em fugas.

Essas posturas polarizadas das famílias desconsidera o momento de vida em que se encontra o adolescente, permeado pela necessidade de ampliar suas relações para além do convívio familiar.

Como vimos em capítulo anterior, apesar de buscar novos grupos, para Winnicott (1961), o adolescente é, em essência, um isolado; assim, todo seu processo de socialização parte de uma posição de isolamento. Neste aspecto, revive uma fase da infância em que o bebê se relaciona com a realidade externa a partir de seu controle onipotente, e os contatos com o ambiente ainda são permeados por uma experiência subjetiva da realidade. O adolescente busca o grupo de iguais para atingir um sentido de real; o agrupamento é, portanto, a forma encontrada para lidar com a agressividade e as ameaças da realidade externa comumente sofridas pelo grupo. Nestes momentos, os membros podem reagir, expressar agressividade e defender-se como uma unidade. Isso dá sentido de realidade, mas, após reagir a essa ameaça, o adolescente volta ao seu estado de isolamento, dentro do próprio agrupamento.

Àqueles que cuidam do adolescente, cabe o aviso: é importante considerar que ele está engajado na experiência de viver, na busca do sentido de sua existência, da própria identidade e do sentir-se real, mas o crescimento não depende exclusivamente das tendências inatas herdadas - há também o entrelaçamento com o ambiente facilitador, que desempenha um papel de extrema importância no sentido de prover a continuidade do ser. O ambiente pode sustentar o processo de crescimento e prevenir muitas das dificuldades pelas quais passam os adolescentes. As condições ambientais podem estar presentes no interesse da família, que, se estiver disponível, será muito utilizada, mas “se a família não estiver mais à disposição, nem que seja para ser posta de lado (uso negativo), então é necessário prover pequenas unidades sociais para conter o processo de crescimento do adolescente” (WINNICOTT, 1968a, p.153). O ambiente deve estar preparado para um período de extrema turbulência e de rápidas alternâncias entre estados de independência rebelde e de dependência regressiva.

Como vimos, esse período de alterações se inicia com a puberdade; o potencial físico adquirido pelo adolescente torna real sua capacidade de matar, de realizar suas fantasias sexuais e também de suicídio. Esse potencial de realização ameaça o adolescente, que, no entanto, não possui maturidade emocional para responsabilizar-se pelas consequências de seus atos; então as famílias, parentes, adultos e instituições sociais devem assumir essa responsabilidade, sem desconsiderar os intensos momentos de angústia por que passam. Tanto a indiferença, supondo-se que o adolescente tenha condições de se responsabilizar totalmente por suas escolhas, como a restrição excessiva, que desconsidera a possibilidade de crescimento, submetem a singularidade do jovem e impõem padrões, de omissão ou intrusão, que não criam condições para o seu amadurecimento.

As questões que envolvem o potencial adolescente, seu estado isolado, sua agressividade, a tensão sexual, devem ser sustentadas ao longo do tempo. As posturas exclusivamente extremistas não são compatíveis com a diversidade de experiências que o jovem precisa vivenciar.

Interessante observar que as entrevistadas, quando se referiram às famílias, destacaram que suas mães foram as primeiras pessoas para quem notificaram a gestação, certamente por estarem mais acessíveis a essas jovens do que os pais. Ainda que, inicialmente, resistam a aceitar a ideia de gravidez da filha adolescente, aos poucos, tendem a compreendê-la e ajudá-la. É fato que as mães e as figuras femininas, com as quais as jovens se relacionavam, estavam mais identificadas com a maternidade e suas consequências do que a figura masculina e paterna. No que se refere à relação mãe e filha-gestante, a identificação das mulheres é imediata e permeada pela qualidade das experiências vivenciadas por estas no próprio processo de gestação. Ao revelar a gravidez para as mães, as adolescentes imaginavam que seriam acolhidas, mesmo sabendo que ficariam insatisfeitas com a notícia. Provavelmente, o impacto da gestação remetia ao luto pela perda da juventude, como se a filha, por procuração, passasse da adolescência para a maturidade materna e vida adulta. Ou seja, tanto a adolescente como sua mãe poderiam sentir que a gestação estava mais associada a uma perda do que a um ganho.

A gestação como perda se relacionava, então, à interrupção de um período de descobertas e experiências distanciadas das responsabilidades da vida adulta. Winnicott (1963) destaca que é sinal de saúde para uma sociedade quando um jovem pode adolecer no tempo certo e nos alerta para o preço a ser pago, em tolerância, paciência e

possibilidade de uma nova tensão social, quando os adultos que foram privados da adolescência se sentem penalizados ao observarem o estado viçoso dos adolescentes ao seu redor. No caso dessas jovens, as mães pareciam reconhecer a importância desse período de experiências sem tanta responsabilidade, talvez por isso o sentimento de perda.

Ainda no âmbito da família, quando se referiam à figura paterna, os relatos das entrevistadas foram variados: algumas não mencionaram seus pais; outras falaram de uma figura rigorosa e exigente, ou violenta e abusiva; houve ainda referência à morte do pai, e a um luto que precisava ser elaborado. De qualquer forma, o pai tem sua importância neste período em que a adolescente se descobre grávida, mas as entrevistadas não contavam com ele para ajudá-las. Interessante que a tarefa de dar a notícia aos pais ficou a cargo das mães, pois eles provocavam medo e insegurança, embora as meninas mostrassem grande preocupação com sua aprovação, aceitação e amor.

Em seu trabalho sobre o pai na teoria de Winnicott, Dias (2007) reafirma a importância dessa figura ao longo dos vários estágios do amadurecimento emocional. As funções paternas aparecem sempre como externas à relação mãe-bebê - o pai pode atuar como suporte para essa relação ou promovendo a separação da dupla. Assim, inicialmente, sua função primordial é sustentar as necessidades maternas; ao longo da gravidez e durante os primeiros meses de vida do bebê, a mãe deve ser amparada e protegida pelo pai ou por um ambiente facilitador. Assim, a função principal da mãe é adaptar-se às necessidades do bebê, enquanto o pai, neste período, pode ser útil em suas características maternas e como substituto da mãe. Depois, ao longo do amadurecimento, o pai assume a função de separar a mãe do bebê; também encarna a ordem e a lei que foram introduzidas pela mãe. Nesse processo de separação, a criança começa a perceber a presença do pai, que pode ser usado como terceiro para apaziguar as angústias da criança diante de seus ataques impulsivos dirigidos à mãe. Em seu papel de interventor, o pai protege e mantém a vida cotidiana, ajudando a criança a discriminar fatos de fantasias. Quando a criança já pode perceber o pai como um terceiro e compreende que ele é parte de uma relação com a mãe, isso contribui para que possa vivenciar o ciúme infantil em relação a ele, ou o amor por ele, ou até mesmo esses sentimentos misturados. A criança pode perceber que existe uma união sexual entre pai e mãe e isso, concretamente construído, ajuda na fantasia para solucionar os problemas das relações triangulares e instaura o sentimento de responsabilidade, culpa e reparação aos danos causados à própria existência.

No caso das adolescentes aqui entrevistadas, a figura paterna deveria estar presente para ampará-las em suas necessidades, garantindo segurança no período gestacional e nos primeiros meses de maternidade, de modo que elas pudessem desenvolver condições de cuidar de seus bebês, sem preocupações externas a isso. A presença da figura paterna, que promove a estabilidade do lar, poderia minimizar as angústias e ansiedades da jovem, conter sua fantasia de agressividade e mantê-la segura no sentido de ter condições de auxiliá-la nos processos de reparação das situações em que ela pudesse se sentir culpada.

Dentre as entrevistadas, Evelyn foi a que mais fez referência ao pai, pois, com o falecimento dele, sua vida se transformou. Sua mãe que, anteriormente, era mais compreensiva, ficou mais rigorosa e exigente com horários e regras da casa; além disso, iniciou um novo relacionamento e a jovem não conseguiu compreender todas essas mudanças, o que a motivou a sair de casa. A perda da figura paterna nesse período dificultou a reinstalação de regras que anteriormente não existiam; a falta da figura do pai, como aquele que pode proteger a jovem de sua impulsividade, permitiu o ataque à figura materna. A mãe sofreu as consequências disso, e a jovem, sem condições de conter sua ação impulsiva, saiu de casa, engravidou e acabou em um abrigo.

O imediatismo das soluções e a impulsividade do adolescente, muitas vezes, resultam em ações imaturas sobre as quais, posteriormente, não tem condições de se responsabilizar ou de reparar.

Nas histórias em que a figura paterna se apresentou como abusiva e violenta, as jovens se mostraram dissociadas ou depressivas. A ameaça cotidiana exercida pelo pai dificultou a diferenciação entre fantasia e realidade, e o sentido de segurança contra as ameaças tornou-se inexistente. Nessas condições, a paternidade invade o campo psíquico de forma agressiva e, diante das angústias impensáveis de desintegração ou dissociação do *self*, as defesas se apresentam na tentativa de garantir a proteção do *self* verdadeiro diante de um ambiente externo ameaçador. Essa organização defensiva resulta em um falso *self* patológico, submisso às demandas intrusivas do ambiente. O falso *self* patológico faz com que o indivíduo tenha uma sensação subjetiva de vazio, futilidade e irrealidade diante da vida.

Nessa direção, Kelly, impedida de falar com o pai e transferida de sua cidade de origem para não ter contato com ele, e Jéssica, agredida fisicamente pelo pai alcoolista,

não pareciam compreender objetivamente a violência sofrida e preferiam estar com os pais em situação de ameaça do que no abrigo, que garantia a integridade física delas.

De forma diferente, quando o pai era apresentado pelas jovens como autoritário, exigente e rigoroso, o que socialmente pode ser traduzido como preocupado e protetor, as adolescentes acabavam fugindo de casa, para “conhecer a vida”; “sair com as amigas”; “ir aos bailes”; “namorar”; “cabular aula”; “usar drogas” - as adolescentes queriam romper com as regras estabelecidas, as quais não lhes pareciam coerentes e verdadeiras. As posturas mais rigorosas se justificavam pelas convicções religiosas, pela superproteção, pelas características de controle da família.

De fato, a imposição de regras e autoridade sem sentido real dificilmente será aceita pelo adolescente; assim, ele busca se rebelar diante de situações que lhe parecem sem fundamento. A esse respeito, Winnicott (1963b, p.172) enfatiza:

A necessidade [do adolescente] de evitar a solução falsa: a necessidade de se sentirem verdadeiros ou de tolerarem não sentir nada; a necessidade de desafiar – num contexto em que dependência deles é satisfeita e podem confiar em que continuará sendo satisfeita; a necessidade de espicaçar constantemente a sociedade, para o antagonismo da sociedade se manifeste e possa ser enfrentado com antagonismo.

Associa-se a isso o ferrenho apego à verdade do adolescente, que não admite ser enganado. Mas não devemos nos esquecer de que a figura paterna, como interventora, pode garantir o alívio diante da impotência do adolescente de ter de buscar soluções para impasses de maneira amadurecida. Assim, o pai pode ser legitimado pelo adolescente em sua potência, mantendo-o protegido de sua agressividade; para isso, o pai não pode “abrir mão” do adolescente; o ambiente deve manter-se firme e seguro, para suportar as imprevisibilidades desse período.

Nas entrevistas, nos casos em que uma figura paterna não fazia parte da vida das jovens ou não se apresentou em seus discursos, foi possível observar um aspecto interessante: o tipo de relacionamento que mantinham com os pais dos seus bebês trazia um conteúdo romântico e fantasioso em relação à vida a dois. Assim, mesmo separadas dos ex-namorados e sem contato com eles, ainda acreditavam que eles poderiam assumir a paternidade e alimentavam a expectativa que poderiam voltar a viver juntos, constituindo uma família.

A importância da figura paterna no desenvolvimento das adolescentes está associada à necessidade do ego de compreender as relações de afeto e amor, considerando um terceiro. Nas relações dessas jovens, o amor e a afetividade se constituíram de forma dual - o pai não se apresentou como um terceiro, nem foi reconhecido como parceiro sexual da mãe. Provavelmente, a jovem buscava na relação com o namorado viver a experiência de afeto, amor e segurança com uma figura masculina. Entre a fantasia e a realidade, havia uma mistura nas posições que esses namorados assumiam, em alguns momentos, eles pareciam assumir a figura paterna de cuidado e proteção e, ao mesmo tempo, a de parceiro sexual e marido. A necessidade de uma família que apoie sua condição imatura, nos momentos de conflito, indica a importância de uma figura protetora que traga a estabilidade e a segurança cotidiana de que a jovem necessita. Na adolescência, a figura paterna protetora deve apresentar-se de maneira diferenciada da masculina como objeto de desejo libidinal; no caso dessas jovens, ambas se integravam em seus namorados e, em alguns casos, com homens bem mais velhos. O desejo de serem cuidadas e de, ao mesmo tempo, poderem amar seus companheiros mantinha-se na fantasia, mas os companheiros não estavam preparados para assumir a responsabilidade de cuidadores das carências afetivas das adolescentes filhas.

A relação entre a realização das fantasias inconscientes e o confronto com a realidade pode ser ameaçadora para o adolescente, período em que está vulnerável, fragilizado e, provavelmente, regredido. Então, nos casos de empobrecimento das possibilidades criativas para a elaboração desses conflitos, o uso de drogas pode se apresentar como uma maneira de lidar com ameaças.

Dentre as jovens entrevistadas, somente Kelly e Natalia não mencionam essa experiência; as outras haviam adotado o uso de maconha e cocaína. Durante a gestação, pararam de consumi-las, inclusive bebidas alcoólicas; somente Gabriela, a mais jovem de todas, contou ter usado cocaína durante a gestação. Mesmo passando por um período de consumo intenso, as jovens relataram não terem o desejo de voltar a consumir drogas. Trata-se, também, de um agravante para as profissionais do abrigo, que precisavam estar atentas em relação ao uso e armazenamento de drogas, pois eram as responsáveis pelos atos das jovens.

Em termos da teoria do amadurecimento emocional, Uchôa (2010) associa a drogadição às falhas ambientais na fase da transicionalidade, quando o ambiente fracassa em fornecer elementos da cultura à criança. Existe um empobrecimento no brincar, que

resulta em uma capacidade lúdica restrita, devido às limitações do espaço potencial, necessário para transição entre os objetos subjetivos (criados pelo bebê para satisfazer suas necessidades) e objetos externos (apresentados pela mãe). Para que o objeto transicional possa se constituir, o objeto subjetivo precisa estar vivo (suficientemente bom) e não ser muito ameaçador; a sobrevivência do objeto subjetivo depende da vitalidade e do comportamento do objeto externo – é importante poder contar com uma família ou cuidadores capazes de manter a vida subjetiva ativa para que a transicionalidade possa ser conquistada.

Winnicott (1953) enfatiza que é importante estar atento para a forma como a separação mãe-bebê influencia os fenômenos transicionais. Nesse longo período de separação, as falhas podem ocorrer quando o objeto se ausenta mais tempo do que o bebê pode tolerar; isso pode se tornar algo traumático. Nesses casos, a lembrança interna que o bebê tem da mãe se esmaece, e os fenômenos transicionais se tornam sem sentido, descatequizados, ou, inversamente, o uso do objeto transicional se torna exagerado, sendo uma forma de negar a ameaça de que ele se torne sem sentido. Também pode ocorrer que o cuidador retire o objeto transicional do alcance do bebê ou provoque uma mudança no objeto, lavando-o, por exemplo; isso pode provocar uma ruptura na continuidade-de-ser e destruir o valor do objeto. Pode ocorrer que a própria mãe seja o objeto transicional (a orelha, os cabelos), o que pode originar grandes problemas, pois, de maneira inconsciente, pode existir na mãe uma necessidade de o bebê se identificar com seus conflitos.

As crianças que se desenvolvem sem as condições para brincar ou com o empobrecimento da capacidade da experiência cultural ficam desfavorecidas na própria imaginação criativa; ou seja, não usam criativamente os objetos. Assim, o significado lúdico das brincadeiras se dissipa. Quando as falhas são muito graves, podem provocar um hábito compulsivo, como de sucção – que pode ser associada à drogadição (UCHÔA, 2010).

No contexto de vida das entrevistadas, as possibilidades culturais estavam restritas aos bailes, encontros com amigas e às experiências sexuais; a escola não era considerada como possibilidade de ampliação de interesses, nem as famílias apresentavam condições para isso. As adolescentes fizeram referências a um cotidiano marcado por vivências restritas: “*para eles [pais/responsáveis] é só da escola pra casa*”; “*não me deixavam sair de casa*”; “*eles eram muito religiosos, eu não podia sair*”; “*eu queria conhecer a vida, ficava só em casa, ia para a escola ou para o culto religioso*”;

“não tinha nada para fazer em casa”; *“eu ia na escola só pra bagunçar”*; *“não tinha aula”*; *“eu nem prestava a atenção nas aulas”*; *“a gente ficava andando pelo bairro”* - essa ausência de objetos externos que pudessem manter o objeto subjetivo vivo talvez tenha feito com que buscassem na experiência com as drogas uma maneira de se manterem internamente vivas. Também podemos pensar que estivessem em uma fase de experimentação, satisfazendo a necessidade de novas descobertas. Mas essa forma de manter a subjetividade viva, tendo a droga como objeto externo, pode restringir a criação do espaço potencial, pois a droga passa a ser a única via para a criatividade, o que limita e restringe a experiência cultural.

O uso de drogas na adolescência ou em outras fases do desenvolvimento é algo que deve ser discutido com maior amplitude nas universidades e na sociedade em geral. Penso que, enquanto não houver uma compreensão das consequências desse uso, pouco poderá ser feito, e a droga continuará sendo utilizada como uma via para manter-se em um estado ilusório de controle onipotente das experiências de vida.

No que se refere à descoberta da gravidez, neste momento, a adolescente poderá sentir-se adulta o suficiente para cuidar de sua vida, independentemente da ajuda das pessoas, ou poderá ficar apavorada, pois sem o apoio da família não terá condições para cuidar do bebê ou mesmo de aceitar a gestação. Em muitos momentos, os sentimentos diante da gravidez podem resultar em reações somáticas, com o corpo traduzindo a fragilidade, a insegurança e a necessidade do ego de sentir-se amparado, ou em processos dissociados, com a falta de contato com o corpo como defesa do ego diante da imaturidade para lidar com a gestação. A jovem Lucélia, por exemplo, relatou ter sofrido com um quadro de pressão alta, tendo de ser conduzida ao hospital para receber cuidados - ela falava disso com alegria, tanto que expressou o desejo do filho se tornar um enfermeiro no futuro, pois esses profissionais a ajudaram muito e cuidaram bem dela. Esse cuidado parece ter ido além das questões técnicas do tratamento dos sintomas, oferecendo sustentação às ansiedades presentes naquele período.

Também a jovem Kelly relatou que, ao saber que estava grávida, pensou em abortar e buscou várias maneiras de fazê-lo, mas sem sucesso; aqui, já temos um risco grave para as mulheres que têm pela frente uma gestação indesejável. Não se deve desconsiderar o potencial adolescente de concretizar suas fantasias, de morte e suicídio. Kelly adoeceu, teve de receber cuidados médicos e passou parte da gestação acamada, sofrendo de anemia e perda de apetite, sintomas que refletiam sua imaturidade emocional

para manter-se nessa condição. Provavelmente, a inibição alimentar refletiu o adoecimento emocional; o ego necessitava do acolhimento da instituição, diante da ameaça que a gravidez representava para a adolescente.

As outras jovens falaram sobre a gestação como um período tranquilo, sem grandes alterações, quase imperceptível durante muitos meses. Não relataram sentir nenhuma alteração física significativa – “eu não mudei nada”; “nem a barriga cresceu”- nem referiram muito contato com o feto. A relação com a gestação parecia estar em um nível dissociado, em que a jovem criava defesas para não conceber esse estado em si; ou em um nível somático, o que poderia conduzir ao adoecimento do corpo. Em termos de defesa contra um processo que se apresenta como intrusivo, a dissociação das experiências corporais vivenciadas durante a gestação pode ser o caminho para se defender das ameaças deste período. Quando a ameaça é sentida como estando dentro de si, a perseguição pode ser sentida como na hipocondria: “Para o hipocondríaco de qualquer idade, o problema é a dúvida e não a doença” (WINNICOTT, 1988h, p.115). Entre as jovens aqui entrevistadas, a dúvida sobre a gravidez se manteve até mesmo depois do nascimento do bebê; algumas delas não conseguiam concebê-lo psiquicamente – “mesmo depois que ela nasceu, eu fiquei pensando: será que essa é minha filha mesmo? É estranho”.

Quando a defesa se apresentou em forma de cisão entre corpo e psique, como Gabriela, muito confusa no relato de sua história e Evelyn que só percebia que seu corpo estava mudando porque a mãe trazia fotos para que ela percebesse a diferença, desintegração se fez presente devido à perda de contato com a realidade – produziu-se uma desarticulação espaciotemporal entre os eventos da realidade, como forma de defender-se dos acontecimentos dolorosos. O ambiente tem papel importante no amparo de gestantes que adoecem, ou regridem, sendo que o *holding* oferecido pode garantir e sustentar o *self* desintegrado. Para Winnicott (1963c, p.217), "esse *holding*, como a tarefa da mãe no cuidado do lactente, reconhece tacitamente a tendência do paciente a se desintegrar, a cessar de existir, a cair para sempre". Mantendo o indivíduo neste estado, sem sentir-se ameaçado com a realidade externa, mas sendo sustentado por ela, o objeto externo apresenta-se receptivo sem ser intrusivo.

Se o *holding* é encontrado, esses sentimentos agonizantes podem ser transformados em experiências positivas, como uma vivência de repouso - cair para sempre passa a ser então o movimento de ser carregado, e morrer transforma-se em uma

sensação de estar vivo, enfim: o *holding* fornece ao indivíduo a confiança na realidade e nos contatos humanos. (JANUÁRIO e TAFURI, 2011).

As experiências de sustentação e suporte durante a gravidez são fundamentais para que o trabalho de parto não seja um momento de medo e insegurança, como foi para Gabriela, que desmaiou. Da mesma forma, Natasha relatou ter se jogado no chão e batido nas pessoas que tentavam ajudá-la. Para Janaina, o parto era algo tão amedrontador que não queria ir ao hospital, mas como não aguentou, foi obrigada a aceitar e, mesmo assim, gritou muito, enquanto seu bebê nascia.

Nos estados em que a mãe se encontra emocionalmente imatura, desinformada, ou talvez deprimida, ansiosa, desconfiada, confusa ou amedrontada, por não saber qual o seu papel neste momento, é importante que o amparo seja realizado por alguém de sua confiança. Para Winnicott (1957), nesses momentos, a enfermeira, que recebe essa mãe deveria ser capaz de fazer um diagnóstico de seu estado emocional, se encontra-se emocionalmente saudável ou doente. Devido ao seu estado de dependência, mesmo uma mãe emocionalmente saudável, e, às vezes, até mais madura que a parteira ou a enfermeira que a assiste, precisa sentir que poderá transferir todo o controle da experiência do parto para uma pessoa de sua confiança. Por isso, deve primeiro conhecer as enfermeiras e o médico obstetra, assim, pode confiar neles ao ponto de perdoá-los se qualquer falha ocorrer.

Promover uma relação de confiança entre a gestante e a equipe de saúde permite que, quando orientada, a gestante compreenda os processos de nascimento; assim, sente-se segura e, provavelmente, não precisará exercer qualquer tipo de controle durante o parto. As mães emocionalmente saudáveis são aquelas que precisam de orientação, enquanto as mães doentes precisam de amparo e encorajamento, pois elas podem testar a tolerância da enfermagem, serem fonte de transtornos, podendo até mesmo ser necessário contê-las em situações em que se tornem maníacas. Se não conseguirem confiar em ninguém, terão dificuldades para deixarem-se cuidar e, assim, tendem a dificultar o trabalho de parto, pois acreditam poder controlar o processo diante da falta de confiança na equipe que as acompanha.

Um sistema hospitalar que não permite que uma mulher saiba com antecedência quem será seu médico e sua enfermeira por ocasião do parto não pode ser considerado bom, mesmo que se trate da clínica mais moderna, bem equipada, esterilizada e

cromada do país. É este tipo de coisa que leva as mães a preferirem ter seus filhos em casa, assistida pelo médico da família, só recorrendo a um hospital em caso de emergência. Pessoalmente, acho que devemos apoiar totalmente as mães que queiram dar à luz em suas casas, e seria um fato lamentável se, na tentativa de propiciar os cuidados físicos ideais, chegasse uma época em que o parto em casa se tornasse inviável (WINNICOTT, 1957, p.65).

Normalmente, o parto é uma situação traumática que o bebê, se nasce a termo, está pronto para enfrentar, mas quando nasce prematuramente, ainda frágil, precisará de maiores cuidados; já nos partos pós-termo, mãe e bebê correm risco de vida. Em condições adequadas, ao nascer, o bebê é recebido pela mãe que dá início à construção subjetiva do bebê, neste período “o amor significa adaptação e cuidados físicos” (WINNICOTT, 1988i, p. 80).

No geral, as jovens aqui entrevistadas não apresentaram dúvidas ou dificuldades quanto aos cuidados iniciais com o recém-nascido, expressando-se com tranquilidade e segurança, pois muitas delas já haviam cuidado de bebês em suas famílias. Ao mesmo tempo, quando se referiam à comunicação com os recém-nascidos, diziam compreendê-lo, mas não se sentiam muito seguras em relação ao que eles necessitavam.

Para que a relação mãe-bebê possa ser bem-sucedida, “é imprescindível que a mãe encontre alegria na tarefa do cuidado materno, do contrário, tudo parece morto, mecânico, sem utilidade” (ROCHA, 2006, p.83).

Esta adaptação, que garante a sensação de alegria no exercício dos cuidados e possibilita desenvolver a comunicação na relação mãe-bebê, é gradualmente atingida durante a gestação e principalmente ao final dela. O período de *preocupação materna primária* sensibiliza a mãe e lhe proporciona as condições para satisfazer as necessidades do bebê devido à sua adaptação quase perfeita, permitindo que ele descubra o mundo de forma criativa (WINNICOTT, 1956a). Esse período tão importante, no caso das adolescentes, deve ser garantido através do suporte externo: a instituição de acolhimento, que lhes oferece os cuidados físicos e psíquicos, deve protegê-las de angústias, trazendo-lhes um sentido de confiança e segurança.

As jovens aqui entrevistadas, no geral, demonstraram reconhecer as necessidades de seus bebês, mas, muitas vezes, esse suposto reconhecimento apareceu misturado a projeções de seus próprios desejos e necessidades – “*eu falo com ela e ela já responde...*”

ela entende quando eu estou triste [bebê de três meses]”; “eu não sei o que ela quer não, ela não fala, se falasse, né? [bebê de sete meses]”; “amamentar é da hora, traz amor pelo bebê [a jovem amamentou por três meses, o leite secou]”.

As adolescentes comentaram que brincavam e conversavam bastante com seus bebês, embora não entendessem muito bem o que eles queriam, ou soubessem exatamente do que precisavam – *“quando ela chora eu sei que ela quer leite... se não for, eu vou tentando descobrir”*; *“ela não está com fome... eu não sei porque ela está chorando... é complicado...”*; *“bebê não fala... se falasse...”*

Ao pensar no início da relação mãe-bebê, a primeira mamada teórica contribui para que a comunicação com o recém-nascido se efetive de maneira positiva. Para Winnicott (1969) a amamentação só pode servir como uma comunicação entre mãe e bebê quando existe uma mutualidade na relação; o bebê é alimentado e alimenta a mãe – *“[...]não existe uma comunicação entre o bebê e a mãe, exceto na medida em que se desenvolve uma alimentação mútua. O bebê dá de comer e a experiência inclui a ideia que a mãe sabe o que é ser alimentada”* (1969, p.198). Quando esta relação de alimentação mútua se desenvolve (por volta de doze semanas de idade), se inicia uma comunicação entre os dois - trata-se de uma conquista do desenvolvimento, mas que depende da presença e do olhar da mãe para que se crie uma experiência de identificações.

A identificação da mãe com o bebê depende das condições do ambiente facilitador, que deve acolhê-la nesse momento; as preocupações externas devem ser minimizadas, garantindo-lhe a segurança afetiva. O importante nesse período é a mãe estar segura, em um ambiente previsível e confiável, pelos reflexos que podem causar na relação mãe-bebê. Deve-se considerar que quando aconchegado no colo da mãe, o bebê está envolvido nas seguintes tarefas: 1. realização de experiências de integração no tempo e no espaço, devido ao seu estado não-integrado (integração); 2. alojamento gradual da psique no corpo (personalização); 3. início das relações objetais; (realização) – essas são tarefas interdependentes e nenhuma pode ser resolvida sem a outra. A possibilidade de a mãe fornecer as condições para que o bebê conquiste essas tarefas dá início ao seu sentido de real (DIAS, 2003, p.166). O sentido de realidade do bebê se configura na relação com a mãe ou mãe substituta, atenta e presente de maneira pessoal e não mecânica, sendo capaz de sustentá-lo (*holding*) de forma a poder manejá-lo (*handling*) com segurança, quando necessário, promovendo um contato físico e com os objetos (apresentação dos objetos), a vida sendo apresentada quase que de maneira imperceptível.

Nesta relação, a mãe torna-se previsível e confiável em seus cuidados, pronta para acolher o gesto espontâneo do bebê, sem ser intrusiva. Ao receber o gesto, a mãe possibilita que os processos de criatividade primária se constituam e o bebê possa imaginar que criou o objeto.

No caso desta pesquisa, o abrigo era o ambiente que deveria ser capaz de acolher e se identificar com as adolescentes. Porém, nos relatos, apresentou-se polarizado entre pontos positivos e negativos, mas sem que ficasse claro um posicionamento mais elaborado sobre o espaço. Em alguns momentos, as entrevistadas destacavam as boas condições estruturais, as possibilidades de acesso a oportunidades que, normalmente, não teriam, como: cursos de profissionalização (cursos de manicure e artesanato), trabalho, moradia, assistência médica e alimentação. Mas também elencavam pontos negativos, reclamando da falta de flexibilidade nas regras, da rigidez dos horários de entrada e saída, do excesso de advertências, das restrições para visitar e se comunicar com suas famílias. Quando se sentiam amparadas em suas necessidades estruturais, podiam reconhecer a importância do abrigo, mas quando se sentiam tolhidas em seus desejos, criticavam as restrições ou advertências, resistindo a aceitar qualquer tipo de controle.

Assim, no estado em que se encontravam, de dependência em relação ao ambiente, quando suas necessidades primárias de sustentação e suporte do ego eram reconhecidas, sentiam como um acolhimento afetivo por parte do abrigo - da mesma forma que a mãe supre as necessidades instintuais do lactante, que, ainda desprovido de sentimentos para elaborar e entrar em contato com as demandas externas, precisa de sustentação para reconhecer exigências internas e/ou inconscientes. O suporte às necessidades estruturais das jovens parecia estar, então, associado à sustentação de um ego, que ainda não pode garantir sua própria alimentação e cuidado no mundo externo. O ego das adolescentes estava ainda criando forças para lidar com as exigências externas e incorporá-las como parte de si. A imposição de regras e de limites na relação com o externo parecia interromper o estado de segurança vivido pelas adolescentes, que se sentiam cobradas e injustiçadas diante de tantas exigências; as questões que envolviam a presença de uma autoridade se apresentavam como impositivas e intolerantes.

Penso que, ao receber os cuidados básicos para sua segurança, as entrevistadas reconheciam que o abrigo podia acolher e cuidar de sua dependência; desta forma, os sentimentos emergiam e, possivelmente, entravam em contato com o abandono, o desamparo, a insegurança, o medo, a raiva que este período pode provocar. De fato, o

abrigo substituí a família, e quando impunha regras, limites e determinava procedimentos, acabava recebendo toda a gama de sentimentos que a adolescente, inconscientemente, reservava àqueles que com elas falharam.

Então, ao sentirem que seus desejos não eram atendidos, reagiam ao ambiente com a agressividade e rebeldia características do adolescente. Importante lembrar que as formações reativas existem como uma forma de confronto, mas não produzem transformações na qualidade das relações. Essas formações podem estar associadas à falta de acolhimento da espontaneidade por parte do ambiente, o que resulta em relações falsas e de submissão. A personalidade tende a se defender das relações com o ambiente intrusivo, e este se impõe; assim, a singularidade não pode existir, e a espontaneidade se transforma em reação ao que é intrusivo.

Outro fator relevante se refere à possibilidade de viabilizar a criatividade originária das adolescentes; o brincar no abrigo parecia estar restrito, sendo as jovens limitadas a cuidar dos bebês. Quando se motivavam com a possibilidade de arrumar um novo emprego, criando a possibilidade de sonhar com uma vida nova, após saírem do abrigo, os sonhos eram invadidos pelas exigências educacionais, profissionais e financeiras que a realidade apresentava para aquelas que buscavam uma vida adulta, que estava muito além daquilo que elas poderiam corresponder.

A possibilidade de usar o espaço potencial, a criatividade diante da vida, depende das experiências com a cultura, com a aprendizagem, dos objetos externos que são apresentados. Quando a perspectiva de uma jovem abrigada está, nas melhor das hipóteses, em trabalhar no *McDonald's* durante o dia, estudar à noite e cuidar da filha, sua vida subjetiva empobrece, suas possibilidades ficam limitadas e a realidade se impõe, sem que se considere a singularidade da jovem.

4.3. A dinâmica com a Instituição

Este tópico aborda os procedimentos e a dinâmica estabelecida durante os contatos, as reuniões e conversas com as profissionais do abrigo, que possibilitam refletir sobre a natureza das relações que se desenvolveram nesse contexto.

Embora este estudo não tenha a pretensão de resolver as questões que envolvem a instituição, considero que a análise da dinâmica estabelecida entre o pesquisador e as profissionais do abrigo revelou fenômenos humanos próprios das relações interpessoais

e traduziu características desse ambiente de cuidado com as adolescentes. As vozes organizadas hierarquicamente no conjunto institucional determinavam as condições e a qualidade do cuidado, devendo, pois, ser ouvidas em suas expressões dissonantes.

Os relatos são apresentados em ordem cronológica, pois a questão temporal foi um fator importante nas alterações da dinâmica com a instituição.

- **Primeiras impressões sobre a instituição**

Em maio de 2013, fui atendido pela diretora da instituição com extrema atenção e cuidado: *Fique à vontade... Vou tirar estas coisas daqui para você se sentar... Você aceita um café, uma água ou um suco? Vou pedir para trazer uma água, está muito quente hoje....* Logo em seguida, desculpas e justificativas, que revelaram certa preocupação com a minha percepção sobre o espaço: *Desculpe a bagunça... É tanta coisa pra gente cuidar... Vou fechar a porta pra você não ver a bagunça do lado de lá....* A impressão que tive foi de que se tratava, de fato, de um espaço de convívio cotidiano, íntimo e familiar, não havendo nada tão desorganizado ou estranho, apenas o movimento natural de uma casa que aloja várias pessoas. A princípio, foi possível perceber então a preocupação da diretora com uma suposta avaliação de minha parte.

Ao longo de duas horas de conversa com a equipe, entrecortada por intrusões telefônicas e demandas das jovens, pude perceber a informalidade com a qual estas se relacionavam com o abrigo. A porta fechada não as impedia de expressar suas necessidades cotidianas - apesar de estarmos reunidos na sala da Direção, a porta era aberta e fechada com extrema informalidade, havendo apenas certo constrangimento por parte das jovens após perceberem a minha presença. Isso me fez levar a concluir que elas se sentiam familiarizadas com o ambiente e desinibidas para requisitar ajuda das profissionais.

Dando continuidade à apresentação de minha proposta, avantei então a possibilidade de gravar nosso encontro. Mas como a diretora demonstrou desconforto, pedi permissão para fazer algumas anotações, o que as deixou mais confortáveis. Mesmo assim, percebi que estar presente, atento ao discurso, era mais importante do que o registro das informações naquele momento. Optei pelo foco na relação e deixei a recuperação das informações para um momento posterior, fora desse contexto, o que pareceu deixar o ambiente mais descontraído e menos ameaçador para elas.

A diretora expressou familiaridade com a proposta da pesquisa e comentou: “*Eu quero só ver o resultado dessa pesquisa. Tem vários trabalhos que foram feitos aqui, mas nunca ninguém voltou para falar, desta vez eu quero ver o resultado.*” Esse questionamento reforça a importância da devolutiva em um trabalho de pesquisa e enfatiza a relevância de um compromisso ético com o campo, o que contribui para aproximação entre demandas sociais e propostas acadêmicas. Ela ressaltou que os processos de construção de conhecimento não estão restritos ao âmbito acadêmico e que era importante para a instituição ter uma devolutiva, a diretora complementou: *Todo conhecimento ajuda, principalmente para nós, que ficamos fechadas aqui, sempre tem algo que ajuda.*

De fato, as possíveis reflexões feitas no campo enriquecem os posicionamentos teóricos, criam condições para propostas inovadoras no âmbito acadêmico e social, favorecendo, então, a produção de conhecimento.

A partir disso, meu compromisso, ao concluir este estudo, foi dar uma devolutiva às profissionais do abrigo, o que será feito após a defesa da tese.

Um ponto me chamou a atenção neste primeiro contato: apesar de todo o interesse que a Fundação/Mantenedora demonstrou pela pesquisa e seus resultados, nenhuma das profissionais do abrigo tinha qualquer informação sobre meu projeto, apenas tendo sido notificadas de que deveriam liberar o espaço para a realização da pesquisa, não sendo consultadas sobre a viabilidade, disponibilidade da equipe ou sobre as condições que teriam para participar do estudo: *Só me avisaram para marcar uma reunião com você e que você viria fazer uma pesquisa aqui,* revelou a diretora.

Acredito que, nas pesquisas em instituições, a dinâmica administrativa, as vivências internas da instituição e as experiências prévias com outros pesquisadores estão presentes, determinando decisões diante de uma nova proposta de estudo. Isso é algo a ser considerado pelo pesquisador. Diante disso, apresentei o estudo de forma detalhada, esclareci os objetivos, minhas perspectivas e as questões metodológicas que envolviam a coleta de dados, preocupando-me em esclarecer todos os pontos levantados.

Fiz também algumas perguntas sobre o funcionamento do abrigo e sobre como as jovens chegavam ao local. A diretora ressaltou que esse era o único abrigo na cidade de São Paulo exclusivamente para jovens gestantes, o que marcava o caráter especial e único desta instituição, possibilitando diferenciá-la das outras, pois tratava-se de uma vivência

exclusivamente feminina. Observei certa deferência no relato desse fato, que torna este abrigo diferenciado de outras instituições de acolhimento.

Quando questionei a respeito do convívio com as jovens, a diretora não entrou em detalhes; suas falas me pareceram genéricas. Já as outras profissionais sinalizaram que não havia grandes conflitos, mas que as jovens apresentavam questões significativas, de vida, e muitas vezes o relacionamento com elas era difícil.

Expressei então interesse pelas relações entre as adolescentes e as profissionais, com o intuito de saber mais sobre as histórias e vivências do lugar. Foi perceptível o resguardo quanto a isso - houve inclusive certo constrangimento em narrar o cotidiano na casa e, de imediato, o tema caminhou para uma conclusão: *É muito difícil, às vezes é impossível, tem horas que parece que a gente não vai dar conta. No fim dá tudo certo, mas é difícil. Não sei o que acontece, mas dá tudo certo.* A expressão da complexidade da questão, da diversidade de situações e o excesso de demandas ficaram evidentes; ao mesmo tempo, tive a sensação de que o questionamento sobre a relação entre profissionais e jovens era algo inusitado. O discurso revelou a necessidade de ajuda e suporte para administrar o excesso de conflitos vividos diariamente, a descrença e, ao mesmo tempo, confiança no próprio trabalho e na possibilidade de solução das tensões.

A diretora também se preocupou em justificar a reserva de relatar episódios da vida das jovens, lembrando do segredo de justiça instituído nesses casos: *Não podemos dar informações porque o caso delas, é segredo de justiça.* Mas alguns fatos marcantes das experiências registradas no convívio emergiram, como a preocupação das profissionais com o abandono de crianças na casa: *Temos duas crianças que estão em processo de perda do pátrio poder e depois serão encaminhadas para a adoção, mas elas já se tornaram tão próximas que uma cuida da outra, são como se fossem irmãos... não sei o que vai acontecer quando forem separados... eu fico preocupada... A gente se apegava... fica preocupada.* O envolvimento emocional das profissionais, associado à questão do abandono, à sensação de impotência e ansiedade, frutos da condição de incerteza das crianças desamparadas que cresciam na casa, fazia com que essas profissionais tivessem de entrar em contato com o próprio desamparo. Penso que seria importante que elas recebessem algum suporte para lidar com sentimentos dessa natureza, o que certamente as ajudaria a sustentar as questões vividas pelas jovens.

Em outros momentos, a ênfase incidiu sobre as normas e regras estabelecidas na instituição e os rompantes da juventude que tendem à desobediência: *O problema é quando elas fogem... saem e não voltam... ou saem à noite fora do horário, não cumprem o horário... Os portões fecham às 22h00, mas têm meninas que não chegam no horário.* Essa conduta inadequada era vista com preocupação pelas profissionais, pois elas eram as responsáveis pelo bem-estar das jovens perante à justiça. A limitação de horário era vista como uma maneira de manter a segurança e protegê-las de ameaças externas; ao mesmo tempo, é próprio da adolescência romper regras e modificar normas. Em termos de amadurecimento, essa dinâmica tem uma função importante para aquisição da maturidade. Mas, de fato, não se pode deixar de considerar a imaturidade das jovens, a fragilidade deste momento, a necessidade de apoio. A diretora fez uma breve menção a isso, lembrando: elas são meninas. No geral, o que ficou evidenciado foi o estigma de adolescentes problemáticas.

Quando mencionaram os cursos e oficinas oferecidos às jovens, enfatizaram a frequência mensal: *Nós buscamos fazer atividades que envolvam as jovens com a questão da maternidade e a responsabilidade de ter um filho. As atividades são programadas mensalmente!* Penso que essa ênfase, além de representar a preocupação com as jovens, e com a realização de atividades diferenciadas, também pareceu revelar a necessidade de reconhecimento da dedicação dispensada na realização do trabalho, algo que demandava muito esforço. Parece existir uma carência, por parte da equipe, de reconhecimento das dificuldades de execução do trabalho.

O abrigo se alinhava a valores e padrões sociais que representam o que seria correto na maternidade, como ilustrou a psicóloga, que descreveu como essa questão era conduzida: *Aqui, cada uma cuida do seu filho, se estão na casa elas têm que se responsabilizar... Se a gente vê uma criança sozinha, fazendo alguma coisa errada, já chamamos a mãe.* A responsabilidade do cuidado é da mãe - qualquer imprevisto com a criança era de responsabilidade dela. Isso, de fato, ficou evidente mesmo durante as entrevistas - as mães traziam os filhos e, caso se esquecessem deles, as educadoras os traziam.

Quando questionadas sobre a importância da instituição para essas jovens, ressaltaram: *O abrigo é um local de passagem; a jovem tem que ficar aqui pouco tempo... o melhor lugar para ela e seu bebê é com a família. Um abrigo nunca vai poder substituir a família da jovem. Jamais!* Ou seja, havia o reconhecimento da importância do

abrigo, mas o mais importante seria retorná-las ao convívio de suas famílias. Neste momento, as famílias são apresentadas como uma via de solução da dificuldade, mas ao mesmo tempo, o ponto de origem dos conflitos; existe a necessidade de articular as questões familiares e associá-las às temáticas das jovens, provavelmente para atuar nas falhas e impedimentos vividos no âmbito da família. Isso pode contribuir para ações que beneficiem a relação da família com a adolescente.

O abrigo parece não ser reconhecido como espaço potencial para criar novas experiências no desenvolvimento das adolescentes, mas sim visto como algo temporário, um local onde as jovens deveriam permanecer o mínimo possível - mas acabavam ficando por um período significativo (neste estudo o tempo de permanência variou de seis a dezoito meses).

A ênfase em minimizar a permanência da adolescente no abrigo, fez-me imaginar como seriam as relações e a comunicação entre as profissionais e as jovens. Quando questionei a esse respeito, a diretora respondeu: *O momento que tenho para conversar com elas é quando sento no chão do quarto e começo a perguntar sobre o dia e como as coisas estão, mas a maioria delas fala muito pouco e não quer conversar sobre o que sentem.* Nesse momento, a diretora e a psicóloga começaram a relacionar o nome das jovens que, segundo elas, deveriam conversar comigo. A expectativa criada era de que a entrevista fosse feita com as mais caladas e que apresentavam uma história de vida difícil: *Elas estão sempre quietas e têm uma história muito difícil. Seria bom se você conseguisse conversar com elas. Isso, se você conseguir fazer elas falarem.* Ao mesmo tempo que havia a expectativa de fazê-las falar sobre suas questões, também havia a dúvida sobre se conseguiria entrevista-las. Ou seja, ficou evidente que as jovens eram pouco comunicativas e que minha tarefa seria árdua. Percebi o desafio lançado pelas profissionais, ao mesmo tempo compreendi que minha proposta não seria bem recebida pelas jovens.

Indaguei sobre as visitas dos familiares às jovens, mas as funcionárias responderam com pesar que, em sua maioria, isso não acontecia: alguns familiares não podiam visitá-las devido à restrição judicial, outros moravam muito longe e não tinham condições financeiras para o transporte: *As visitas são nos finais de semana... e esta semana nenhuma família apareceu. É muito triste quando as jovens estão esperando a família e ninguém aparece. Elas se arrumam e ninguém aparece... é triste...* Novamente, a questão do abandono sensibilizava as profissionais, talvez as remetendo às suas próprias

experiências pessoais de desamparo. Segundo Bleger (1989), "qualquer organização tem tendência a manter a mesma estrutura do problema que tenta enfrentar e em função do qual foi criada." Assim o abrigo, acaba tendo as mesmas características que das próprias abrigadas: o desamparo, o abandono, a insegurança e o medo – “a instituição sofre daquilo que pretende tratar.” (p. 49).

De qualquer forma, um contato com as famílias era feito sistematicamente pelas assistentes sociais da instituição, com o objetivo de aproximar as jovens de seus familiares. As visitas também faziam parte de um programa de desabrigoamento, cujo objetivo era prepará-las e providenciar que retornassem à casa dos pais. Caso isso não fosse possível, garantiam o pagamento de outro local durante alguns meses ou entravam em contato com os membros da família ampliada que poderiam acolhê-las juntamente com seus bebês. Foi possível perceber o quanto era importante para as profissionais do abrigo criar condições para a adolescente retornar à família. Entretanto, paradoxalmente, as adolescentes reclamam da extrema dificuldade, colocada pela instituição, de poderem manter contato telefônico com as famílias.

As assistentes sociais relataram suas experiências, comentam que as dificuldades enfrentadas pelas adolescentes, muitas vezes, estavam refletidas nas famílias, que, segundo as percepções das profissionais, também precisavam de assistência. Reconhecer o quanto a família não apresentava condições para cuidar da adolescente poderia ser uma maneira de equacionar as possibilidades de a própria jovem responsabilizar-se por seu bebê. Afinal, não se pode esperar cuidado daquele que nunca teve, nem afeto daquele que pouco o recebeu, nem amor daquele que sentiu-se pouco amado.

As profissionais revelaram quanto o trabalho na instituição era desgastante, difícil, gerando muita angústia diante de tantos abandonos e desamparos por que passavam as famílias, as adolescentes e as crianças abrigadas. Penso que, na ideia de viabilizar o retorno da jovem à família o mais rápido possível, está implícita a angústia das profissionais diante da complexidade de sentimentos que essa situação carrega. Soma-se a isso a grande responsabilidade assumida no cuidado dessas meninas, uma vivência cotidiana de impotência diante de tantas situações tensas e delicadas.

Nesta primeira reunião com a equipe, também ficou estabelecido que, posteriormente, elas entrariam em contato para organizar dias e horários das entrevistas. Feito isso, dei início ao trabalho com as meninas.

A diretora insistiu para que utilizasse sua sala; assim enquanto aguardava as entrevistadas, conversava com ela e com a psicóloga sobre o cotidiano do abrigo. No início, esse procedimento, que me pareceu ser um gesto de cordialidade, possibilitou que estreitássemos relações; porém, com o tempo, foi dificultando e mesmo impedindo meu trabalho.

Logo na primeira entrevista, as interrupções se iniciaram – funcionárias entravam na sala, constantemente e sem bater, para buscar objetos, vasculhar armários, etc., e percebi que aquele não seria um bom local. Minha hipótese era de que as interrupções funcionavam como controle de minha atuação junto às jovens, por parte da equipe, ou talvez fosse uma maneira de expressar a falta de espaço para a realização da pesquisa, possivelmente transferindo a mim o incômodo que sentiram com todo o processo de tramitação para que eu frequentasse a instituição, estabelecido pela mantenedora, sem a participação da direção do abrigo. O incômodo crescia, juntamente com a minha sensação de intrusão, de estar interferindo na dinâmica estabelecida na casa.

Na segunda entrevista, a sala foi novamente disponibilizada pela diretora, que, mesmo após ter sido questionada sobre outro espaço, enfatizou que poderia usá-la sem problemas; porém, logo em seguida, ela mesma requisitou a sala e tivemos de interromper a conversa. Tive então de aguardar uma nova data para realizá-la; e após um tempo de espera, retornei para retomar a conversa com Lucélia. Na ocasião, todas as funcionárias ocupavam a sala da direção, e apesar de terem outras salas desocupadas, fui encaminhado para o refeitório - um lugar de passagem, no qual sempre havia alguém circulando, o que causou certo incômodo, mesmo com meu cuidado em buscar um local mais reservado.

Na entrevista seguinte, fui encaminhado para o quintal, nos fundos da Casa, do lado de fora, junto ao tanque de lavar roupas, entre as roupas sujas e as estendidas. A psicóloga colocou dois banquinhos de criança, bem baixinhos, de plástico e disse: *“Aqui você pode ficar tranquilo que ninguém vai te incomodar.”* Foi mesmo uma mudança extrema. Percebi que havia, nessa fala, um misto de indiferença pelo meu trabalho e também raiva, o que me causou estranhamento e desconforto, levando-me a refletir sobre essa mudança de tratamento e seus significados.

A trajetória percorrida entre a recepção cordial e cuidadosa do início e esse final desastroso, poderia estar atrelada ao desconhecimento, às formalidades e condutas sociais, mas que, após um tempo de convívio e conhecimento, a mudança na relação era

de se esperar. Alguns eventos pareciam significativos: a qualidade da mudança, da abnegação da própria sala, comparativamente com ser colocado do lado de fora da Casa.

A recepção cordial e cuidadosa do início talvez tenha sido pautada nas formalidades e condutas sociais de praxe, diante de um desconhecido. Essas formalidades, somadas às regras e à hierarquia enunciadas logo ao primeiro encontro colaboraram para manter-me distanciado, evitando possíveis conflitos, e com a diretora e psicóloga mantendo a sensação de controle a partir desses dispositivos de poder. Ponderei que situações e pessoas desconhecidas podem ameaçar o controle e o funcionamento da Casa, daí a necessidade de exercer o poder de maneira a provocar a submissão do objeto conflitante às determinações hierárquicas do abrigo. Na realidade, evita-se entrar em contato com o caos, que pode ser provocado por situações inesperadas, desconhecidas, que fogem aos padrões determinados pelo ambiente. O medo e a ameaça resultam em ações que submetem e subjagam o objeto, como forma de reagir a esses sentimentos.

Um determinado evento, que me foi relatado pela psicóloga, pode ilustrar essas dificuldades. Segundo ela, certa vez, necessitou se trancar em uma das salas do abrigo com uma interna que vinha fazendo intrigas entre todas as outras:

Ela [a adolescente que ela estava protegendo-a na sala] falava mal de uma pra outra e fazia isso com todas... Eu fiquei assustada, porque se elas arrombassem a porta elas iam matar a menina... e elas batiam na porta e eu segurando para elas não abrirem. Chamei a polícia para ajudar, mas eles falaram que não podiam fazer nada... Mas eu falei para eles: Vocês vão ficar aqui até elas pararem, porque se elas matarem alguém eu não quero me responsabilizar... Depois de um tempo elas pararam, mas eu fiquei com muito medo, achei que elas iam me bater também.

A autoridade das profissionais do abrigo raramente é suficiente para conter a agressividade das jovens, o medo que conduz ao controle exige autoridade, mas essa equação nem sempre resulta em submissão e, mesmo que seja esse o resultado, está longe de significar algum tipo de aprendizado que transforme e possibilite o amadurecimento.

Este estudo não tem a pretensão de resolver as questões que envolvem a instituição, mas considera que a análise da dinâmica estabelecida entre o pesquisador e a instituição revela fenômenos humanos que fazem parte das relações interpessoais e traduzem as características de um ambiente que cuida das adolescentes. As vozes organizadas hierarquicamente no conjunto institucional são aquelas que determinam as condições e a qualidade do cuidado e devem ser ouvidas em suas expressões dissonantes.

Voltando à relação estabelecida comigo, penso que estavam presentes processos inconscientes de resistência provocados pela transferência ambivalente da instituição em relação ao pesquisador. Dias (2008) em seu estudo sobre as transferências em Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), cita que os fenômenos de resistência na transferência devem ser identificados e, na realidade, são comuns nas instituições.

Ainda segundo a autora, a transferência, estando encoberta nestes locais, trabalha exclusivamente a favor da resistência. No que se refere à relação do paciente com a instituição pode se tornar de pura dependência. Tudo o que é oferecido a este é uma distância do cotidiano. A importância de pensar a transferência nestes casos está justamente em possibilitar ao paciente o desligamento da instituição. (DIAS, 2008).

Guirado (1987), ao descrever a presença do psicólogo no âmbito institucional, considera que o papel do profissional na instituição é auxiliar. Portanto, considera a psicologia institucional como uma ciência empírica. Outro ponto importante é a questão da separação entre sujeito e objeto da psicologia, uma separação inexistente; somos o tempo todo sujeito e objeto do conhecimento sobre nós mesmos e sobre as relações com outros homens e com o mundo. Neste sentido, é possível que a experiência que vivi no abrigo, e que me despertou sentimentos de estranhamento, exclusão, desinteresse e incômodo, fizesse parte das relações institucionais diante daqueles que lá eram acolhidos.

A partir desse ponto de vista, o papel do psicólogo seria auxiliar no processo de tomada de conhecimento (por parte do indivíduo) das relações que vivencia na instituição. Ou seja, contribuir para desenvolver a auto percepção no indivíduo, especialmente quando o sujeito está na relação com outros, já que esse tipo de relação é o objeto de estudo. Sendo assim, as intervenções devem sugerir a compreensão do indivíduo das relações que estabelece na instituição e como nessas estão inseridos sentimentos e sofrimentos comuns.

A partir dos desdobramentos e análises da relação com a instituição, pude perceber que, ao longo do processo, quanto mais próximo me tornava da instituição, mais distanciado ficava das pessoas que dela faziam parte, em especial, daquelas que inicialmente me receberam com cordialidade. Assim, ao longo do tempo, a familiaridade com o local e com as pessoas trouxe um afastamento das relações.

Essa sensação encontra sintonia nas análises que incluíram questões emocionais, evidenciadas nos relatos da diretora e da psicóloga da Casa, que envolvem os sentimentos

de abandono, desamparo, solidão, um sentimento de desqualificação e impotência diante dos conflitos. Nesse sentido, penso que o próprio ambiente me conduziu a experimentar esses sentimentos, pois justamente eles é que deveriam ser elaborados e reconhecidos. A insegurança originária da falta de interlocução para amparar as aflições das profissionais faz ressonância com a sensação de não serem reconhecidas nas dificuldades diárias para executar o trabalho na Casa.

Em sua preocupação para retornar as jovens às suas famílias, desconsideraram-se as condições de familiares e responsáveis para assumir esse cuidado; seria, então, necessário fornecer meios que sustentem sentimentos, visando a elaboração dos conflitos emocionais das adolescentes e suas famílias.

Um ano após a última entrevista que realizei no abrigo, entrei em contato com a diretora da Casa, com o objetivo de retomar a história das jovens, verificar como se encontravam e quais caminhos foram criados após todo este tempo. Então, marcamos um novo encontro; no contato telefônico ela expressou cordialidade, saudade e disponibilidade para marcar data e horário para um novo encontro dizendo: *“Nossa! Quem é vivo sempre aparece, pensei que tinha esquecido da gente. Esqueceu da gente né!?”*

Ao retornar, observei que o abrigo passava por reformas; ao notar minha observação a diretora da instituição informou que:

“Não são reformas, são alguns reparos. Estamos recebendo crianças, por isso temos que ajustar algumas instalações. ” Ela seguiu relatando as mudanças: *“A casa agora é um abrigo comum, misto, recebemos crianças e adolescentes de ambos os sexos. Neste momento, só temos crianças pequenas, pois a prefeitura não quer que o abrigo seja exclusivo para adolescentes mães... tem que abrigar quem precisa. Não temos mais nenhuma adolescente grávida aqui, não sobrou ninguém. Foram todas embora. ”*

Ela enfatizou que desde maio de 2014 a instituição estava se reestruturando para atender, sem discriminação, crianças e adolescentes de ambos os sexos, dos 6 aos 18 anos de idade; informou que: *“A prefeitura mudou a característica da casa. Agora temos que atender quem vier, não existem mais abrigos somente para jovens gestantes ou mães, na cidade de São Paulo. ”* Ao relatar as mudanças, enfatizou que não haviam jovens gestantes na casa, não deixou de demonstrar certo alívio e satisfação. Na sala da direção, estava, também a psicóloga e pudemos debater sobre as mudanças no abrigo.

A psicóloga, também presente nesse encontro, avaliou positivamente essas mudanças:

É mais fácil lidar com as crianças... por enquanto, só temos crianças pequenas e fica mais fácil o trabalho... você vai dá um beijo e elas te abraçam, querem ficar junto... temos que ensiná-las, mas elas obedecem com mais facilidade. Estamos com sorte, porque até agora não chegou nenhum adolescente, só tem criança pequena... não tem tanto problema. Quando estávamos com as jovens era briga todo dia... Haviam dias que a gente precisa chamar a polícia. Não era fácil... E as fugas então, elas fugiam direto. Nem se compara. Agora a casa está bem tranquila. Até os policiais da região perguntaram se estava tudo bem aqui... eu disse o que aconteceu, aí eles disseram: Ah! Então é por isso que está tudo tranquilo!

A mesma sensação de tranquilidade foi expressa pela diretora da casa, que complementou dizendo:

Agora eu adoro chegar aqui pela manhã e falar: Bom Dia! E todas as crianças respondem juntas: Bom Dia! É tão gostoso... Tem um menino pequenininho... Eu chego, ele vira a bochecha e pede um beijo. Depois que dou um beijo na bochecha dele, ele fala: Aí que gostoso! Imagina uma criança de quatro anos fazendo isso. É muito bom! ... Imagina uma criança de três anos te chamando de vadia. Eu fiquei chocada, mas depois fui ver a história dele, aí eu compreendi o porquê... observando ele na sala, olhando um livro de histórias infantis, vi que ele olhava as figuras, folheava o livro e dizia assim: Vadia... Hum! Vadia mesmo... Olha! muito vadia... Outra vadia... Eu olhei e dei risada. Ele olhava as figuras e chamava todas de vadia... é mais fácil de lidar.

As profissionais avaliam que a mudança melhorou as relações no abrigo e, conseqüentemente, a qualidade do trabalho, pois o trabalho com crianças, aparentemente, se apresentou como mais fácil, tranquilo e afetivo: “Vocês vai dá um beijo e elas te abraçam, querem ficar juntas”, a compreensão que finalidade do trabalho seria: “Temos que ensiná-las, mas elas obedecem com mais facilidade” e, apesar de apresentarem um comportamento que “choque”, parece mais fácil compreendê-las, “Imagina uma criança de três anos te chamando de vadia. Eu fiquei chocada, mas depois fui ver a história dele.... aí eu compreendi o porquê.”

A mesma referência não se confirma quando falam do trabalho com as jovens, as profissionais destacam as brigas diárias, fugas constantes, desobediência, infrações e a desconsideração às regras da casa. Quando expressaram as relações estabelecidas entre as jovens, uma das questões evidenciadas foi a violência, que tornava-se, muitas vezes, uma ameaça, como relatou a psicóloga: “Teve uma vez que quase eu levei uma tijolada, uma brigando com a outra jogou um tijolo que quase acertou em mim.”

A diretora da instituição acrescentou um olhar diferente sobre o tema e acrescentou:

Ao mesmo tempo que elas brigavam, no momento seguinte agiam como se nada tivesse acontecido, uma emprestando o esmalte pra outra, ajudando a outra a fazer alguma coisa. Era assim, parecia que nada tinha acontecido. Sempre quando elas brigavam elas falavam assim: Sai da frente tia que eu não quero te machucar. Sempre avisavam pra gente sair.

Quanto à satisfação no cuidado de crianças, ficou evidente que a receptividade da criança tende a ser maior que a do adolescente, talvez porque a criança torne explícito sua necessidade de cuidado e sua dependência diante do adulto, mas é um equívoco imaginar que o adolescente não seja tão dependente quanto a criança, pelo menos em alguns momentos ou situações. As tarefas conquistadas na infância sendo revividas na adolescência, não seria estranho ou incomum presenciar um adolescente imaturamente pedir cuidado como um bebê. O que é necessário na relação com o adolescente é um adulto que possa assumir a responsabilidade sobre as ações do jovem e, que esteja pronto para assumir o embate que o adolescente lhe propõe.

Então, foi importante questioná-las sobre o que havia de positivo no trabalho com jovens gestantes e mães, a psicóloga mencionou que:

Ah! Era bom. Elas ficavam com mais liberdade para falar coisas de mulher. TMP, por exemplo... Eu não acho que era ruim... A gente vai se acostumando a lidar com os problemas... Eu descobri que tinha uma força que não sabia que eu tinha, porque era muito difícil lidar com elas.

A diretora complementou:

Eu acho que era muito bom para elas, eu também gostava. Sempre falava sobre as minhas experiências pessoais que tive com meus filhos. Falava como eu fazia para amamentar... orientava, faz assim... Essas coisas. Quando tem só mulher é mais fácil entender as coisas. Eu já sabia bem quem estava mentindo ou não.

Importante pensar que quando o tema é abordado a partir da questão da gestante, mãe e mulher, as profissionais se identificam com as jovens, podem se comunicar, expressar as experiências pessoais, o mesmo não ocorre quando falam das condutas que envolvem o comportamento adolescente.

Enfim, a relação com a instituição demonstrou que de certa maneira, tanto as jovens como as profissionais sofrem com abandonos, inseguranças e medos diante do desamparo. No caso da instituição, o desamparo pode ser compreendido como a ausência

de interlocutores para discutir e dar suporte ao desgaste emocional que esse trabalho exige; quando se trata das adolescentes, de alguma forma o cuidado está presente, mas os conflitos pessoais são difíceis de serem acolhidos, devido a demanda emocional que requerem e a complexidade que apresentam. Neste contexto, as impossibilidades tornam-se mais evidentes do que as possibilidades de transformação, o limite de estrutura física e a falta de acesso a elementos da cultura, que viabilizem novas formas de atuação, provavelmente, fazem a ênfase cair nas regras e normas, como forma de controle dos conflitos e distanciamento dos afetos pessoais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, optamos por priorizar a investigação das necessidades e dos conflitos emocionais vividos por adolescentes gestantes e mães abrigadas, diante dos momentos pré e pós-nascimento de seus bebês, considerando, ainda, de que forma esses aspectos influenciaram as possibilidades de amadurecimento emocional delas.

Para refletir sobre o tema, contamos com as valiosas contribuições de D.W.Winnicott, que, além de nos esclarecerem sobre os processos de constituição do sujeito, possibilitaram traçar um novo olhar para o trabalho desenvolvido pelas profissionais que atuavam com a população em foco, aspecto ao qual nos dedicamos nestas considerações finais.

O abrigo, embora tivesse a função primordial de proteger e assegurar o desenvolvimento das adolescentes, no geral, foi enunciado pelas entrevistadas e também pelas profissionais da instituição como um local socialmente desqualificado, estigmatizado e de poucas possibilidades interventivas. O histórico de vida das jovens, pautado por situações de desamparo, e o caráter temporário do abrigo foram apontados pelas profissionais da instituição como limitadores das ações possíveis neste espaço.

Geralmente, as adolescentes permaneciam no abrigo desde o início do período gestacional até alguns meses após o nascimento do bebê ou até o primeiro ano de vida deste. A gravidez parecia garantir alguma estabilidade à vida conflitiva e emocionalmente desorganizada que marcava suas trajetórias. Isso porque, mesmo com a percepção de que tudo caminhava bem antes de engravidarem, muitas jovens já estavam fora da escola, tinham experiências com drogas, haviam fugido de casa e vivido nas ruas.

Assim, em termos de sustentação emocional, o abrigo garantia a segurança física e estrutural, contribuindo, de certa forma, no estabelecimento de um período novo de reflexão, percepção de si e de perspectivas de futuro. Ao tentar manter as características de um ambiente familiar e de cuidados individualizados que valorizassem a singularidade das adolescentes, as profissionais que atuavam no abrigo deparavam com inúmeras situações disruptivas – muitas jovens haviam abandonado seus lares ou tinham sido expulsas devido à gravidez, além de estarem expostas a uso de drogas, envolvimento sexual com adultos, à violência física, entre outros. Diante dessa gama de fatores, o abrigo buscava reorganizar a vida das jovens e recolocá-las em suas famílias, algo que é

garantido na lei, desde que estas estejam disponíveis a recebê-las de volta, e com a perspectiva de que seja realizado um trabalho com o grupo de familiares para o reestabelecimento dos vínculos.

De fato, no período de gravidez, as adolescentes expressaram sua preferência em permanecer em seus lares, mesmo que não fossem adequados. Porém, nenhuma delas retornou à vida em família durante a gestação e apenas algumas, pouco tempo depois do nascimento do bebê. Por outro lado, as famílias preferiam que as jovens permanecessem no abrigo, com a justificativa de que isso asseguraria que se comportariam bem e que assumiriam a responsabilidade dos cuidados relativos ao bebê.

Então, diante desse cenário, em que as jovens tendiam a permanecer no abrigo durante o período de gestação até alguns meses após o nascimento do bebê, penso que havia sim tempo suficiente para intervenções pontuais que pudessem contribuir para o amadurecimento emocional dessas futuras mães, atuando nos cuidados durante a gestação e também no processo de identificação delas com o recém-nascido.

O pré-natal garantia as condições físicas do bebê e da adolescente, mas esse procedimento não deveria se restringir à visão organicista, incluindo e garantindo um acompanhamento dos estados emocionais dessas jovens. Isso porque esses estados podem prejudicar a gestação, criando situações de adoecimento, sofrimentos, atitudes incompreendidas e inconsequentes que afetam as futuras mãe e, conseqüentemente, seus bebês.

As adolescentes deste estudo necessitavam de sustentação emocional para conduzir uma gravidez, geralmente reconhecida como indesejada; sofriam com o estigma de serem adolescentes grávidas não casadas, sendo este o motivo pelo qual algumas famílias as expulsaram de seus lares, demonstrando a falta de condições emocionais e, às vezes financeiras, para lidar com essa questão. No geral, observamos que os familiares desconsideravam o fato de que suas filhas eram imaturas e que, na adolescência, a sexualidade faz parte da experimentação e busca do amadurecimento. Quando conduzidas ao abrigo, as jovens conviviam diariamente com a concretização do desamparo, devendo receber das profissionais acolhimento e sustentação para a elaboração desse sentimento, já que eles acabavam por assumir a responsabilidade pela falta, ausência e incompreensão da família.

Desta forma, as profissionais precisariam estar preparadas para lidar com momentos de tensão e desorganização emocional, rebeldia e dependência afetiva. Muitas eram, portanto, as exigências para atuação nesses contextos, tais como: abertura para conhecer novas situações, autoconhecimento, equilíbrio, resiliência, estabilidade emocional, sensibilidade, flexibilidade diante de conflitos e circunstâncias inusitadas, capacidade para lidar com a dor e o sofrimento. Entendo, pois, que o pessoal do abrigo era uma referência para as adolescentes, devendo acolhê-las e lhes transmitir confiança.

Além disso, poderiam desenvolver outros projetos em grupo, além dos que já realizavam, e que eram mais voltados à profissionalização, valorizando atividades culturais e lúdicas. A função de mediador entre adolescente e família também me parece que não vinha sendo pensada com o cuidado que merecia e poderia sim ganhar mais destaque. Porém, todas essas possibilidades, para serem potencializadas, necessitariam de investimento na formação profissional, através da implementação de programas que envolvessem supervisão das vivências, terapia pessoal e conhecimento das abordagens que trabalham com as experiências humanas e seus afetos.

Os programas de qualificação de profissionais devem viabilizar espaços para que eles possam elaborar seus sentimentos e angústias, acolhendo as demandas conflitivas e a tensão emocional pela qual passam cotidianamente. Vimos que o desamparo não é uma vivência exclusiva das adolescentes – todos os funcionários da instituição, uns mais outros menos, passaram por situações disruptivas, geradoras de sofrimentos, necessitando então elaborá-las para, assim, desenvolver condições de amparar as jovens. Sem isso, muitas vezes, precisam recorrer as soluções “mágicas” para resolver as dificuldades, que são inúmeras. Essa sensação de desamparo, de falta de reconhecimento do próprio trabalho, de ausência de figuras de autoridade que incentivem sua atuação faz com que se restrinjam a cumprir normas e regras burocráticas. Trata-se, pois, de defesas institucionais, que levam à execução objetiva e técnica de funções.

Com relação ao pré-natal, penso que a adolescente deveria ser preparada para um parto tranquilo. Importante considerar que, neste momento, estando mais consciente, a mulher poderá ser mais facilmente conduzida pela equipe de saúde. Necessário, portanto, que conheça o hospital, a enfermeira e o obstetra que cuidarão dela e de seu bebê; isso certamente traria a confiança e segurança imprescindíveis na hora do parto, o que resultaria em menos complicações. Assim, deveria ser desenvolvido um programa especial de saúde para o parto com adolescentes, para evitar situações traumáticas como

a que vimos nas entrevistas, de desmaio, agressões, fuga e medo de ir ao hospital. Portanto, seria fundamental viabilizar o atendimento às jovens em instalações de saúde vinculadas às instituições de acolhimento, uma ação possível e simples para um momento de grande importância.

Já no que se refere às famílias, a comunicação com elas deveria ser viabilizada com maior frequência; e caso isso fosse impossível, as assistentes sociais precisariam se empenhar para garantir a presença de pessoas significativas para as jovens: família ampliada, amigos, namorados, que pudessem dividir esse momento com elas. Isso é algo tão importante quanto o trabalho com o grupo familiar e a mediação dos conflitos.

Outro aspecto fundamental: os pais dos bebês, companheiros, namorados deveriam ser identificados, implicados e judicialmente obrigados a participar de discussões sobre a gestação, parto, compartilhando responsabilidades com as adolescentes, mesmo que não estivessem mais se relacionando com elas. A responsabilidade de manter um parto saudável deveria passar pela presença da figura paterna. A visão de que a gestação é uma responsabilidade exclusiva da mulher, provavelmente, aumentou a solidão das entrevistadas. As famílias, os homens, o abrigo e a sociedade deveriam compreender que gravidez na adolescência não é somente uma questão de descuido da jovem.

Infelizmente, como vimos, a instituição que abrigava exclusivamente as adolescentes gestantes não existe mais, pois a prefeitura da cidade optou por fazer valer a lei, e os abrigos passaram a acolher, obrigatoriamente, qualquer criança e adolescente em situação de vulnerabilidade social. Penso que se trata de um grande equívoco, pois há sim a necessidade de tratar com cuidado especial as adolescentes gestantes e mães, pois esse é um período determinante para assegurar a saúde física e psíquica do bebê e também da mulher. Por esse motivo, os abrigos exclusivos para jovens gestantes não poderiam deixar de existir e, ao contrário do que presenciamos na pesquisa, deveriam garantir um tratamento especial, tanto em termos de espaço, como de alimentação, atividades físicas e outros cuidados para com a futura mãe.

De fato, testemunhamos as dificuldades significativas enfrentadas pelas jovens ao longo da gestação, resultando, em alguns casos, em processos dissociativos e adoecimento físico. A questão do aborto também é importante - algumas entrevistadas se referiram à tentativa de interromper a gestação e ao uso de drogas. O desespero causado

pela notícia de estar grávida, somado à imaturidade da jovem podem conduzir a atitudes impensadas que as comprometeriam, assim como o bebê.

Ficou evidente que, em termos emocionais, as adolescentes não estavam preparadas para assumir uma gravidez sozinhas; apesar da desenvoltura em cuidar do bebê, presente em muitas delas, foi possível identificar o uso de defesas para suportar esse momento. A organização de defesas resultou em comportamentos que, muitas vezes, foram vistos de maneira equivocada - estados depressivos, dissociados, compulsão sexual e tendência antissocial deveriam ser compreendidos como expressão de uma condição emocional que busca socorro no ambiente. Em alguns casos, seria importante uma avaliação psiquiátrica que pudesse dar sustentação a questões mais profundas, que não poderiam ser trabalhadas no abrigo e que precisariam de um acompanhamento especializado.

Porém, o único caminho vislumbrado pelo Estado, representado na figura do abrigo, estava na profissionalização das adolescentes, prioridade que tinha como objetivo garantir a subsistência da mãe e do bebê. De fato, como suporte e quando bem orientado, o trabalho não causa nenhum tipo de situação traumática para aquele que o exerce, mas a exploração é algo que ninguém pode suportar. As perspectivas de trabalho eram precárias para essas jovens; devido à falta de estudo e qualificação, tendiam a ser exploradas em empregos com cargas horárias altas e baixos salários. Voltar à escola, após a maternidade, parecia inviável, pois já haviam demonstrado desinteresse pelos estudos antes da gestação, e os cursos profissionalizantes, que supostamente poderiam auxiliar essas meninas, não podiam ser frequentados, pois precisavam cuidar dos filhos, além de não possuírem formação suficiente para neles ingressar. Então, o que restava era a atividade informal, de prestação de serviços pouco especializados.

Sem a presença implicada de pessoas significativas, que possam apoiar a adolescente, quando ela for impulsionada para a vida adulta precocemente, como no caso da gravidez, dificilmente a jovem poderá dar conta de suas responsabilidades e afazeres; suas dificuldades estarão nos entraves que uma maturidade forçada pode trazer.

Penso então que, em síntese, o momento da gravidez e a situação de abrigamento exigiam a implementação de um suporte emocional às adolescentes, que pudesse garantir um início de vida diferente a elas e aos seus bebês. O Estado deveria garantir, portanto, o cuidado da gestante e do recém-nascido de maneira mais efetiva e comprometida,

fornecendo-lhes cuidados especializados; isso implicaria uma formação específica para os profissionais dos abrigos. Algumas ações nessa direção poderiam ser: passeios diários com a companhia de um adulto; visita de familiares ou amigos, previamente agendadas; alimentação em qualquer momento; cuidados estéticos com o corpo; contato com os pais dos bebês, quando necessário; acompanhamento e responsabilização dos pais dos bebês, entre outras. Importante também a eleição de um hospital de referência em que a adolescente fizesse o pré-natal e o parto, com os mesmos profissionais de saúde. Esta e outras preocupações, como enxoval do recém-nascido, local de moradia após o parto, deveriam ser afastadas das adolescentes no período de gestação e nos primeiros seis meses de vida do bebê. A vida prática somente voltaria a ser planejada a partir do momento em que a jovem percebesse que estava pronta e o bebê suficientemente bem para aceitar as mudanças que viriam.

O conceito de preocupação materna primária, pareceu revelador para aqueles que precisam compreender a importância do cuidado materno. A importância de proteger a mãe, garantir sua saúde psíquica, afastar as preocupações externas durante a gestação, priorizar esse período e fazê-la sentir-se emocionalmente segura, protegida e acolhida. Essas condições poderiam ser viabilizadas pelo abrigo, que pareceu apresentar o espaço e o tempo de abrigamento suficiente para isso. As adolescentes se preocupavam com seus bebês em níveis diferentes, mesmo quando os abandonavam no abrigo para a adoção, era possível verificar, que em algum nível, mesmo que inconsciente, a jovem preferiu garantir ao bebê a segurança que provavelmente não poderia fornecer.

Neste sentido, podemos considerar que a maternidade pareceu instalar nas adolescentes uma preocupação que se manifestou de diferentes maneiras, talvez o que elas não tenham maturidade para saber é que ao abandonar seus bebês, eles jamais as abandonarão e isso é algo a ser considerado pelos que cuidam dessas adolescentes.

Importante buscarmos meios e juntar forças em favor da preservação do sentido da vida humana. É angustiante estar vivo e não ter as condições necessárias para gerir a própria vida; as adolescentes mães ou em período de gestação, que se encontram abrigadas, correm este risco. Estão vivas, gerando seus filhos, mas vivem na iminência de perderem o sentido da vida, diante da necessidade de assumir inúmeras responsabilidades, individualmente, por suas ações imaturas, por estarem grávidas e serem mães. Como vimos, isso resultou, em alguns casos, em abandono do bebê, perda

da guarda do filho e, em casos mais extremos, em fuga da adolescente, que não foi mais encontrada.

Finalizo então com uma pergunta, e penso que este estudo contribuiu para a resposta: A gravidez pode ser uma responsabilidade exclusiva da adolescente?

REFERÊNCIAS:

- ABRAM, J. (1996). *A Linguagem de Winnicott*. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.
- AMORIM, M.M.R. et al. Fatores de risco para a gravidez na adolescência em uma maternidade-escola da Paraíba: estudo caso-controlado. *Rev. Bras. Ginecol. Obstet.*, Rio de Janeiro, v.31, n.8, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-72032009000800006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 21 Mar. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-72032009000800006>, 2009.
- ARAÚJO, S.A. de. Uma abordagem teórica e clínica do ambiente a partir de Winnicott. Tese de Doutorado em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.
- ARPINI, D.M. Repensando a perspectiva institucional e a intervenção em abrigos para crianças e adolescentes. *Psicol. cienc. prof. Brasília*, v. 23, n. 1, mar. 2003. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932003000100010&lng=pt&nrm=iso. acessos em 05 abr. 2015.
- BARROS, N.S. Capacitação para educadores de abrigo de crianças e adolescente: identificando representações sociais. Dissertação (mestrado), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Pós-Graduação em Psicologia, 2014.
- BERGAMASCHI, S.F.F. A vivência da puérpera-adolescente com o recém-nascido, no domicílio. [dissertação]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2007.
- BIAZUS, C.B.; RAMIRES, V.R.R. Depressão na adolescência: uma problemática dos vínculos. *Psicol. estud.*, Maringá, v. 17, n. 1, p. 83-91, Mar. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722012000100010&lng=en&nrm=iso. access on 27 May 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722012000100010>.
- BLEGER, J. *Temas de Psicologia*, São Paulo, Martins Fontes, 1998.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, 1988.
- BRASIL. Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária – Conselho Nacional de Assistência Social e Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, Brasília, DF, 2006.
- BRASIL. [Estatuto da criança e do adolescente (1990)]. Estatuto da criança e do adolescente. Secretaria Municipal de Participação e Parceria. Prefeitura de São Paulo, 2009.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. Marco legal: saúde, um direito do adolescente. Brasília. 60 p, 2009.
- BRASIL. Rede Nacional Primeira Infância. Plano Nacional Primeira Infância – Proposta elaborada pela Rede Nacional Primeira Infância com ampla participação social (versão resumida), Brasília, DF, 2010. Disponível em: <http://primeirainfancia.org.br/wp-content/uploads/PPNI-resumido.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2015.
- BRASIL. Política Nacional de Capacitação do SUAS. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Brasília, DF, 2011.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Indicadores Sociodemográficos e de Saúde no Brasil (Estudos & Pesquisas, Informação Demográfica Socioeconômica, n. 25). http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/indic_sociosaude, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Recomendações para a Atenção Integral a Adolescentes e Jovens Vivendo com HIV/Aids / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. – Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

CARDIA, N.; LAGATTA, P.; AFFONSO, C. A Prontidão para a Prevenção dos Maus-tratos de Crianças: Relatório Brasil. Organização Mundial de Saúde, Genebra, 2012.

DIAS, E. A Teoria do Amadurecimento de D.W.Winnicott. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

DOLTO, F. A gênese do sentimento materno: esclarecimento psicanalítico da função simbólica feminina. In F. Dolto. No jogo do desejo: ensaios clínicos. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

FROTA, A. M. A reinstalação do si-mesmo: uma compreensão fenomenológica da adolescência à luz da teoria do amadurecimento de Winnicott. Revista: Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 58, n. 2, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

GODINHO, R.A.; SCHELP, J.R.B.; PARADA, C.M.G.L.; BERTONCELLO, N.M.F. Adolescente e Grávidas: onde buscam apoio? Rev. Latino-Americana de Enfermagem, Ribeirão Preto, v.8, n.2, 2000.

GULASSA, M.L.C.R. Novos rumos do acolhimento institucional. São Paulo: NECA – Associação dos Pesquisadores de Núcleos de Estudos e Pesquisas sobre a Criança e o Adolescente, 2010.

IPEA/ DISOC. Levantamento Nacional dos Abrigos para Crianças e Adolescentes da Rede de Serviço de Ação Continuada. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/infanciahome_c/acolhimento_institucional/Doutrina_abrigos/IPEA._Levantamento_Nacional_de_abrigos_para_Crianças_e_Adolescentes_da_Rede_SAC.pdf Fonte: IPEA/DISOC (2003). Levantamento Nacional de Abrigos para Crianças e Adolescentes da Rede SAC. <http://www.mprs.mp.br/areas/infancia/arquivos/abrigos.pdf>, 2005.

JANUARIO, L.M.; TAFURI, M.I. A relação transferencial para além da interpretação: reflexões a partir da teoria de Winnicott. *Ágora* (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 259-274, Dec. 2011. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982011000200007&lng=en&nrm=iso>. access on 11 May 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982011000200007>.

LIPOVETSKY, G. e CHARLES, S. Os tempos hipermodernos. São Paulo: Barcarola, 2004.

LOPARIC, Z. Esboço do paradigma winnicottiano. *Cadernos de História e Filosofia das Ciências*, 11(2), 2001.

NEWMAN, A. As ideias de D. W. Winnicott: um guia. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

MARTINS, C.B.G. Maus-tratos contra Crianças e Adolescentes. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, jul-ago; 63(4): 660-5, 2010. <http://www.scielo.br/pdf/reben/v63n4/24.pdf>, 2010.

MATOS, R.; MADEIRA, A.M.F. Mãe adolescente cuidando do filho. Rev. Escola de Enfermagem-USP; 34(4): 332-8; 2000.

MENELAU, T.A.C. Construção de Vínculos entre crianças numa situação transitória de abrigo. Dissertação de Metrado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

OCAMPO, M.L.S.; ARZENO, M.E.G.; PICCOLO, E.G. e colaboradores. O Processo Psicodiagnóstico e as Técnicas Projetivas. São Paulo, Martins Fontes, 7ª edição, 1994.

OLIVEIRA, R.C. A história começa a ser revelada: panorama atual do abrigamento no Brasil". In Abrigo: comunidade de acolhida e sócio educação, São Paulo, Instituto Camargo Corrêa, 2006.

OLIVEIRA, A.P.G.; MILNITISKY-SAPIRO, C. Abrigos para adolescentes: função de lar transitório. In: Simpósio Internacional do Adolescente, 2, São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000082005000200060&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 01 abr. 2015.

OLIVEIRA, D.M. de; FULGÊNCIO, L.P. Contribuições para o estudo da adolescência sob a ótica de Winnicott para a Educação. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 64-80, abr. 2010.

OLIVEIRA, R.C.A fala dos abrigos. In: Abrigo: comunidade de acolhida e sócio educação, São Paulo, Instituto Camargo Correa, 2006.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). Medir o progresso na Luta contra o Trabalho Infantil - Estimativas e tendências mundiais 2000-2012 / Bureau internacional do Trabalho. Programa Internacional para a Eliminação do Trabalho Infantil (IPEC) - Genebra: OIT, 2013.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). A saúde dos jovens: um direito e uma esperança. Genebra: OMS; 1996.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Relatório mundial sobre violência e saúde. Genebra:OMS;2002.http://www.academia.edu/7619294/Relat%C3%B3rio_mundial_sobre_viol%C3%Aancia_e_sa%C3%BAde, 2002.

OUTEIRAL, J.; ARAÚJO, S.M.B. Winnicott e a Adolescência. In_____. WINNICOTT: Seminários Paulistas. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2001.

OUTEIRAL, J. Adolescer Rio de Janeiro: Revinter, 3ª edição, 2008.

PENNA, L.H.G. et al. A maternidade no contexto de abrigamento: concepções das adolescentes abrigadas. Rev. esc. enferm. USP, São Paulo, v. 46, n. 3, junho 2012. Disponível em://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080234201200030003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 abril 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342012000300003>.

REDE NACIONAL PRIMEIRA INFÂNCIA. Plano Nacional pela Primeira Infância (versão resumida), Brasília, 2010.

PICCININNI, C.A. et al. GIPEP/UFRGS/CNPQ. Entrevista sobre a gestação e as perspectivas da gestante. Instrumento não-publicação. Instituto de psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

RIBEIRO, M.O.; CIAMPONE, M.H.T. Crianças em situação de rua falam sobre os abrigos. *Rev. esc. enferm. USP*, São Paulo, v. 36, n. 4, Dec. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S00802342002000400003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 abril 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342002000400003>.

ROCHA, M. P. da. Elementos da Teoria Winnicottiana na Constituição da Maternidade. Dissertação de Mestrado. PUC-São Paulo, 2006.

SIQUEIRA, A.C.; DELL'AGLIO, D.D. Crianças e adolescentes institucionalizados: desempenho escolar, satisfação de vida e rede de apoio social. *Psic: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 26, n. 3, Sept. 2010. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-7722010000300003&lng=en&nrm=iso. access on 05 Apr. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722010000300003>.

SIQUEIRA, A. C., & DELL'AGLIO, D. D. Retornando para a família de origem: Fatores de risco e proteção no processo de reinserção de uma adolescente institucionalizada. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 17(3), 134-146, 2007.

SILVA, A.P.F.; HIRAI, K.N.; SILVA, M.E.; HOEREDIA, E.P. Os fatores emocionais gerados pela gravidez na adolescência. *Conscientizar Saúde*, vol.8(1), 2009.

SHONKOFF, J. P.; PHILLIPS, D.A. Committee on Integrating the Science of Early Childhood Development. *From Neurons to Neighborhoods : The Science of Early Childhood Development*. Washington, DC, USA: National Academies Press, 2000.

SUKIENNIK, Paulo Berél, SEGAL, Jair, SALLE, Emilio et al. Implicações da depressão e do risco de suicídio na escola durante a adolescência. *Adolesc. Latinoam.* [online]. jun. 2000, vol.2, no.1 [citado 27 Maio 2015], p.36-44. Disponível na World Wide Web: <http://ral-adolesc.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-71302000000200007&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1414-7130.

UCHÔA, L.C. Um estudo sobre a drogadição como problema relativo a falhas na fase da transicionalidade. Dissertação de Mestrado. PUC-Campinas, 2010.

WINNICOTT, D.W. (1939). A agressão e suas mães. In: _____. *Privação e Delinquência*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. (1948). Alojamentos para crianças em tempo de guerra e em tempo de paz. In: _____. *Privação e Delinquência*, 4ª edição, São Paulo, Martins Fontes, 2005.

_____. (1950-55). A agressividade em relação ao Desenvolvimento Emocional. In: _____. *Da Pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

_____. (1952). A Psicoses e Cuidados Maternos. In: _____. *Da Pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

_____. (1953). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: _____. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

- _____. (1956a). A Preocupação Materna Primária. In: _____. Da Pediatria a Psicanálise. Rio de Janeiro, Imago, 2000.
- _____. (1956b). A tendência antissocial. In: _____. Privação e Delinquência. São Paulo, Martins Fontes, 2005.
- _____. (1957) A Contribuição da Psicanálise a Obstetrícia. In: Bebês e Suas Mães.
- _____. (1958a). Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais. In: _____. O brincar & a Realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- _____. (1958b). Uso de um Objeto. In: _____. O brincar & a Realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- _____. (1958c). O Brincar. In: _____. O brincar & a Realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- _____. (1958d). A psicologia da separação. In: _____. Privação e Delinquência. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. (1960). Teoria do relacionamento paterno-infantil. In: _____. O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.
- _____. (1961a). Variedades de psicoterapia. In: _____. Privação e delinquência. 4ª edição, São Paulo, Martins Fontes, 2005.
- _____. (1961b). Adolescência: Transpondo a Zona de Calmarias. In: _____. A Família e o Desenvolvimento Individual, Martins Fontes, São Paulo, 2005.
- _____. (1963a) Moral e Educação. In: _____. O Ambiente e os Processos de Maturação. São Paulo, Artmed, 1983.
- _____. (1963b). A luta para superar depressões. In: _____. Privação e Delinquência. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. (1963c) Distúrbios psiquiátricos e processos de maturação infantil. In: _____. O Ambiente e os Processos de Maturação. São Paulo, Artmed, 1983.
- _____. (1966). A criança no grupo familiar. In: _____. Tudo começa em casa. 4. e. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. (1967). O conceito de indivíduo saudável. In: _____. Tudo começa em Casa, Martins Fontes, São Paulo, 4ª edição, 2005.
- _____. (1968a). A imaturidade do adolescente. In: _____. Tudo começa em casa. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. (1968b). Conceitos Contemporâneos de Desenvolvimento de Adolescentes e suas Implicações para Educação Superior. In: O brincar & a realidade. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1968). A Comunicação entre o bebê e a mãe e entre a mãe e o bebê: convergências e divergências. In: _____. Os Bebês e suas Mães. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. (1975) Morte e assassinato no processo do adolescente. In: _____. O brincar & a realidade. Rio de Janeiro: Imago.

- _____. (1988). A mãe dedicada comum. In: _____. Os bebês e suas mães, Martins Fontes, São Paulo, 3ª edição, 2006.
- _____. (1988a). O Ambiente. In: _____. Natureza Humana. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- _____. (1988b). O Estabelecimento da Relação com a Realidade externa. In: _____. Natureza Humana. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- _____. (1988c). Relacionamentos Interpessoais. In: _____. Natureza Humana. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- _____. (1988d). Localização da Psique no Corpo. In: _____. Natureza Humana. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- _____. (1988e). Um Estado Primário do Ser: Os estágios pré-primitivos. In: _____. Natureza Humana. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- _____. (1988f). A posição Depressiva. In: _____. Natureza Humana. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- _____. (1988g). O Complexo de Édipo. In: _____. Natureza Humana. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- _____. (1988h). Ansiedade Hipocondríaca. In: _____. Natureza Humana. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- _____. (1988i). O Conceito de Saúde a partir da Teoria dos Instintos. In: _____. Natureza Humana. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- _____. (1994). Apresentação à Edição Brasileira. In: _____. Explorações Psicanalíticas. Porto Alegre: Artmed, 1994.

ANEXO A – Roteiro das Entrevistas

Nome

Idade

Escolaridade

Relate cotidiano.

1. Fale-me sobre sua gravidez, desde quando ficou sabendo até agora.

O que pensava quando via mulheres com filhos?

Quando soube que estava grávida, como se sentiu? Foi esperado?

Como se sente em relação às mudanças do seu corpo?

Quais suas preocupações neste momento?

Tinha dúvidas se poderia criá-lo(a)?

É sua primeira gestação?

Como é para você estar grávida do segundo filho?

Como está sua saúde desde o início da gravidez até agora?

Confiou no médico?

Como foi tratada?

Discordou do médico? Por quê? Como ele reagiu? Quais foram suas orientações?

Como você acha que será o parto?

2. Como tem sido para o pai desde o início da gravidez até agora?

Tem contato com ele?

Que tipo de apoio tem lhe dado durante este período?

3. Pode me contar sobre a reação de sua família e da família do pai quando ficaram sabendo da sua gravidez?

Como sua família reagiu à sua gravidez? (ex.: sua mãe; seu pai)

Como reagiu a família do pai?

Algum familiar (ou amigo, ou profissional) tem lhe ajudado durante a gravidez?

Com quem você pode contar para obter ajuda? Você espera que alguém possa te ajudar?

4. Agora gostaria que você me falasse sobre você e seu bebê.

Houve um momento em que pensasse só em você e no bebê se esquecendo de todo o resto?

Sentiu-se importante por estar grávida? Centro das atenções? Com direito de receber atendimento especial das pessoas?

Passou a preocupar-se com um só objetivo: seu bebê?

Quais experiências seu bebê tem tido?

O que pensa dele na sua barriga?

Fale-me de algumas das características do seu bebê?

O que pensa dele?

Você acredita que seu jeito de ser influencia seu bebê enquanto está na sua barriga?
Como?

Você acha que ele aprendeu alguma coisa sobre você na gestação?

O que ele pode esperar de você?

Quando ele se mexe o quê você sente?

5. Como você imagina que vai ser o seu bebê quando nascer?

Qual será seu tipo físico? O jeito dele?

Com quem vai ser parecido?

6. Quando nascer, que tipo de relacionamento você imagina que terão?

Como você se imagina como mãe?

Você se imagina cuidando do seu bebê (banho, alimentando, brincando, fazendo dormir)?

7. Como você imagina que será o relacionamento do bebê com o pai?

Ele vai te ajudar a cuidar? Como?

8. Você acha que irá mudar a sua relação com o pai do bebê?

Que tipo de questões aparecerão (financeira, social, familiar, saúde)?

Como o relacionamento de vocês será afetado pelo nascimento do bebê?

9. O que você acha que o seu bebê vai ser quando crescer?

O que você gostaria que acontecesse para o bebê?

O que você não quer que aconteça?

10. Você gostaria de falar mais, acrescentar alguma coisa sobre o que a gente conversou?

Roteiro sobre maternidade e desenvolvimento do bebê

1. Gostaria que me falasse sobre o bebê como ele está agora com... anos

Como está se desenvolvendo/crescendo?

Apresenta algum problema em particular? Quando apareceu? Quais os cuidados necessários?

O que ele(a) faz que te chama a atenção (habilidades)?

Como você descreve o jeito dele(a)? Era o que você imaginava? O que está diferente?

Com ele(a) parece (física/emocionalmente)? Era como você imaginava? Como se sente com isso?

Que coisa ele(a) mais gosta de fazer? O que menos gosta de fazer?

O que ele(a) faz que te desagrada? Como você reage?

Ele(a) percebe que te desagradou? Como ele(a) fica quando percebe?

2. Eu gostaria que me falasse sobre o teu dia-a-dia com o/a...

a) alimentação:

Como está alimentação? Mama no peito? Como você se sente ao amamentar?

Como foi o desmame? Quando aconteceu? Como você se sentiu?

Tem intenção de parar de amamentá-lo(a)? Quando?

Ele(a) usa mamadeira? Tem intenção ele/a que largue? Quando pensa fazer isso? Como?

Acha que a alimentação tem interferido na relação de vocês? (Se sim) Como?

b) uso da chupeta:

Ele(a) usa chupeta? Em que momentos? Você tem intenção que largue? Por quê? Quando?

c) sono:

Ele(a) dorme com quem? Tem seu quarto? Dorme bem?

d) cuidados de higiene pessoal:

Como é o comportamento no banho/ troca de roupa e/ou fralda? Quem faz? Há diferença no comportamento dependendo da pessoa?

e) o choro

Em que momentos chora? Quem acalma? Como esta pessoa o/a acalma?

Como você se sente?

Você percebe alguma mudança no choro? Ele(a) chora diferente?

Você acha que o choro interfere na relação de vocês? Como?

f) Linguagem/fala

Como está a fala? Ele(a) se comunica como quando quer algo?

Tem percebido alguma mudança na fala/linguagem?

Você acha que a fala/linguagem interferem na relação de vocês? De que maneira?

g) atividades e brincadeiras:

O que você mais gosta de fazer com ele(a)?

O que menos gosta de fazer com ele(a)?

Costuma brincar com ele(a)? Com que frequência? Que tipo de brincadeira costumam fazer?

Como ele(a) reage a essas brincadeiras?

Onde ele(a) passa a maior parte do tempo?

Costuma brincar sozinha? Em que momentos? O que ele/a faz?

Divide os brinquedos?

Modificou a brincadeira?

A brincadeira interfere na relação de vocês? De que maneira?

3. Gostaria que você me falasse um pouco da experiência de ser mãe pela segunda vez...(se for o caso)

Como você se sente cuidando novamente de um bebê?

Quais são as dificuldades?

Imaginava que seria assim?

Como você se descreve como mãe de um segundo filho(a)? O que é diferente do primeiro?

4. Gostaria que me falasse sobre algum objeto preferido por ele(a)

Existe este objeto?(caso não seja objeto) Seria uma parte do corpo (da criança/mãe/pai)?

Em que momentos ele(a) procura este objeto? E o que ele faz?

Você lembra quando apareceu?

5. Gostaria que você falasse um pouco dos momentos que você fica longe...

Quais são estes momentos? Como ele/a reage? Como você se sente?

Com ele/a é mais agarrado/a? Tem mais alguém? Quando você percebeu isto? Como você se sente?

Como é quando se reencontram?

6. Existem outras pessoas te ajudando a cuidar dele/a

Quantas horas por dia?

Como você se sente com outras pessoas cuidando dele/a?

O que te agrada? O que te incomoda?

Como você reagiu no começo quando as pessoas ficavam com ele/a? Como reage agora?

Como esta pessoa é com ele/a?

7. Gostaria que falasse um pouco sobre os medos dele/a?

Tem algum tipo de medo? Qual? Quando começou?

Teve alguma mudança no tipo de medo?

Você acha que estes medos tem afetado a relação de vocês? (Se sim) Como tem afetado?

8. Eu gostaria que falasse como ele/a reage às frustrações...

Como ele/a fica quando é contrariado/a quando você não faz o que ele/a quer?

Como é quando você coloca um limite? Como ele/a reage quando você fala um não?

Ele/a tem crises de birra? Em que situações? Como você lida com isto? Como você se sente?

Como você faz quando ele/a não faz algo que é necessário ser feito? O que você faz?

Como você se sente?

E o pai como lida com isto?

Estas situações têm afetado a relação de vocês? (Se sim) Como?

9. Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar sobre tudo isto que conversamos?

ANEXO B - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Primeira (a) entrevista – **Kelly**.

Meu trabalho é compreender como você se sente sendo mãe e conhecer um pouco da sua história. Eu acredito que conhecer um pouco sobre você pode ajudar a entender quais as necessidades de uma jovem no abrigo.

Como foi quando soube que ficou grávida? Quantos anos você tinha? *Eu tinha treze e hoje tenho dezesseis... para mim, foi meio assustador... porque... .. treze anos grávida!!! Muito nova... para mim não foi uma coisa boa... não foi bom... ..*

Havia alguém para te ajudar neste momento? *Eu morava em um abrigo do interior, eles me ajudavam bastante lá... me ajudavam bastante... na minha gestação e até depois quando eu ganhei ele... aí depois que eu vim para cá... ..*

Você não morava em São Paulo? *Não. Eu morava fora daqui... morava no interior... ..*

O que você precisava naquela época? *Eu precisava mais ter paciência... ..*

E na época da gestação? *Aí eu não sei. Eu sei que eu queria abortar meu filho... eu odiava estar grávida. Eu não queria ficar grávida de jeito nenhum... eu queria abortar! Não queria ficar grávida de jeito nenhum. Eu falava que não estava grávida. Eu dava soco na minha barriga e falava que não estava grávida.... Fazia várias coisas... ..*

O que te ajudou a continuar até o final da gravidez? *Quando eu fiz o ultrassom que eu vi o bebezinho... aí eu acreditei que eu estava grávida mesmo... Aí eu comecei a falar: Agora eu falo que estou grávida... Porque eu vi o que antes eu não via... As pessoas falavam: “Você está grávida... Você tem que ter consciência...” Aí eu falava que não estava... aí depois que eu peguei o ultrassom eu falei: “Agora eu posso dizer que eu estou grávida”*
...

Você fez com quantos meses? *Eu fiz com 6 meses, mas eu não tinha barriga e não sentia nada... Aí eu falava que não estava grávida... ..*

O que você pensava? *Eu pensava que eu tinha que estudar e trabalhar pra depois cuidar do meu filho... ..*

Você estava estudando? *Eu não parei... Estou estudando ainda. Agora eu penso em ter um trabalhar... ..*

Você teve o bebê você estava no interior? *Eu estava lá... ..*

Quando foi que você veio para cá? *Eu vim para cá faz uns... três meses... com um ano e três meses... (o bebê)*

Como foi cuidar dele? *Para mim foi meio estressante... Dá muito trabalho... muito trabalho... Ele chorava muito quando era pequenininho... chorava bastante... ..*

... e o parto? *O parto foi cesárea... eu não senti dor... eu esperei... esperei até os nove meses... a minha bolsa estourou e eu fui para o hospital... aí eu fiz cesárea... ..*

Não deu para fazer normal? *Não... não tinha passagem... ..*

O que você sentiu quando viu ele? *Eu comecei a chorar de emoção... eu não sei o que eu senti... só comecei a chorar...*

Ele nasceu pequeno? *Não com 55cm... (Filho começa a chorar, pois estava brincando e bateu a cabeça, vem até a mim e eu o consolo. Ele logo para de chorar. A mãe fica indiferente a queda da criança).*

Você amamentou? *É legal amamentar, é “dá hora”, eu fiquei mas junto dele. Mamava muito e chorava porque tinha cólica. Traz carinho pela criança, amor, é bem legal... Ele parou de mamar sozinho e agora toma mamadeira... ..*

E o pai dele? *O pai dele não tenho contato, o juiz não deixou, a ex-coordenadora e o psicólogo que tinha no outro abrigo não deixaram... por isto eu não tenho...*

Quando você estava grávida você imaginava como ele iria ser? *Não. Eu imaginei que ele fosse ser moreninho, de cabelo cacheado igual ao pai, mas saiu branco de cabelo liso igual ao meu. Quando ele nasceu ele era calminho depois que ele completou um ano ele ficou nervoso, eu não imaginava que ele seria assim...*

Depois que ele nasceu mudou tudo pra mim, porque eu tive responsabilidade com ele, mas noção que eu tenho que ficar cuidando dele, não ficar causando problema como eu fazia quando estava grávida. Agora não, eu tenho que ficar com ele. Agora até quando eu vou para o computador eu tenho que levar ele...

E como é estar aqui? *Eu tenho saída livre aqui, eu saio durante a semana, quando a gente tem atividade de saída a gente sai com as educadoras. Às vezes são só as mães que saem, às vezes quando a gente sai para brincar aí a gente leva os nossos filhos.*

Desde o início da entrevista a criança vem pedir comida, chorando, a mãe pede para que ele espere, pede para a criança sair e ir brincar. A entrevista se torna algo importante para ela, um espaço para conversar e falar sobre suas questões. A condição de estar em outra cidade, estar no abrigo por quatro meses, não ter amigas no local, faz com que este momento seja importante para ela, deixando de reconhecer a necessidade do filho. Depois de vários pedidos do filho e negativas da mãe, questiono se podemos continuar nossa entrevista em outro dia, se não se importa em marcarmos outro dia. Ela parece compreender e busca minha confirmação de que irei voltar. Asseguro minha volta e marcamos um outro dia.

Primeira (b) entrevista – **Kelly**.

Agradeço à ela por estar comigo novamente e recordo sobre o que havíamos conversado na entrevista anterior. Começo a entrevista questionando:

Como era sua vida antes de engravidar? *Antes de engravidar meu cotidiano era bom, eu saía com os amigos, eu dormia o dia inteiro. Morava no abrigo no interior, ou ficava no computador, depois que eu tive ele não consigo mais mexer em nada ele não deixa. É difícil eu usar toda vez que eu vou lá ele não deixe eu mexer em nada.*

Você acha que tem chance de voltar? *Eu acho que não tem chance de voltar, eu tenho o abrigo para ficar mas acho que vai ser muito difícil voltar. Tem todo o processo da justiça, falar com a promotora com o juiz, tem que abrir um processo novo e vai demorar mais, acho que não tem chance de voltar... Acho que lá era fácil, eu não precisa correr atrás de um emprego. Eles arrumam tudo para você, eles arranjavam. Aqui você tem que sair atrás do emprego... tipo o posto era na mesma rua, aqui é tudo muito longe, quando a gente ficava doente o hospital era tudo perto. Aqui não é tudo longe... ..*

Você fez o pré-natal? *Fiz o pré-natal, foi uma gravidez de risco, mas foi bom. Eu tive anemia profunda durante a gravidez, não conseguia comer nada, fiquei mais deitada durante a gravidez. O médico me tratou bem e foi o mesmo médico que fez o meu parto...*

Não pensava em ser mãe, quando via uma mãe com filho achava bonitinho, mas pensar em ter filho não, muito cedo pra ter filho. Eu tive. Agora como mãe me sinto mais responsável, porque eu tenho que ter mais responsabilidade tanto comigo como com ele que é meu filho.

Como você acha que vai ser quando ele crescer? *Quando ele ficar maior eu não sei como vai ser, agora ele vai começar ir para a creche e eu vou começar a trabalhar o dia inteiro... aqui eu posso ficar até os 18 anos, depois tenho que arrumar um emprego e o pessoal do “bem vamos embora”, arruma uma casa para nós, faz o primeiro pagamento, até os primeiros seis meses eles ajudam assim. Lá no interior é diferente.*

Eu queria voltar para minha cidade. Eu nasci lá, queria voltar para lá. É difícil não poder voltar... ..

Com quantos anos ele está? *Ele está com um ano e sete meses.*

Ele já ficou longe de você? *Eu sai um pouco de casa ele ficou doente, ficou com febre. Quando eu estou em casa ele fica o tempo inteiro comigo. Quando eu estou nas escadas ele fica lá encima (referência aos quartos ficam no andar superior da casa), dormimos em 3 meninas em cada quarto, no momento somos em 6 meninas, a gente se reveza na escada, quando estou na escada da noite (lavar a louça e limpar a cozinha) ele fica no quarto.*

Ele faz o que você diz? *Quando eu falo para ele não fazer alguma coisa ele fica bravo, grita, chora, se joga, começa a bater em mim... as vezes uma criança está quietinha no canto ele vai lá quer pegar o brinquedo desta criança, eu falo: Não ... ai ele começa a chorar e gritar, Dai ele começa a bater nas crianças.*

Ele fica nervoso? *Ele chora quando ele está nervoso, se eu pegar uma criança no colo ele começa a chorar, acho que ele vai sofrer quando tiver que ir para a creche, não acho que está pronto para ir para a creche, porque toda vez que eu saio ele começa a chorar. Ele se bate... Ele fica junto comigo. Ele dorme a tarde. Eu brinco com ele a gente joga quebra-cabeça, eu leio para ele... ele está bem melhor hoje, já tomou remédio... ele gosta de bexiga e bola... ele tem um guitarrinha que ele gosta... ele vai sozinho pegar a guitarrinha, larga tudo para pegar ela... Quando eu brigo com ele, ele pede desculpa e vem me abraçar... as educadoras ajudam a cuidar dele, eu me sinto bem quando alguém cuida dele.*

Você tem medo de alguma coisa? *Tenho medo de perder a guarda dele, o maior medo que eu tenho é o de perder a guarda dele, eu sinto este medo desde que ele nasceu.*

Você acha que pode perder? *Depende de mim, vai depender de mim...*

Estou no primeiro ano do fundamental II ... Eu deixei o meu currículo na pernambucana mais acho que vai demorar para chamar porque é do jovem aprendiz.

Posso sair para dar banho nele porque ele está sujo... você espera? Encerramos a entrevista para que ele possa dar banho no seu filho.

Segunda entrevista - Lucélia.

Ele não vai ficar gripado? (O menino tinha saído do banho e estava envolto na toalha de banho com o cabelo molhado. O dia estava quente, pude entender a despreocupação da mãe quanto a criança estar molhada. Ele parecia estar gostando.) *Não. Ele está bem agasalhado...*

Eu não sei o seu nome. Você é a ...? *Lucélia.*

Lucélia eu sou Claudinei... *Eu já te conheço... você veio aqui no outro dia...*

E ele é o ...? *Isaque.*

Ele é sempre assim sorridente? *É!*

Quantos anos ele tem? *Ele tem um ano e seis meses...*

Quantos anos você tinha quando teve ele? *Com 16...*

Com quantos anos você engravidou? *Eu engravidei com 14...*

Como era a sua vida antes de engravidar? *Era pior do que hoje.*

Por que? Ah! *Porque eu sai da casa da minha mãe, fiquei um pouco na rua, depois eu fui morar com o pai dele e foi aí que eu engravidei.*

E o pai dele? *Ele vem aqui... hoje mesmo eu vi ele... Ele vem aqui... ..*

Mas você não estão mais juntos? *Não o vínculo já está... ..*

Tudo bem para você quando ele vir visitar? *Tudo bem... vou fazer o que, é o pai dele.*

Você saiu da casa da sua mãe por causa do pai dele ou porque você quis? *Eu sai por causa dele... só que ele foi embora e me deixou aqui. Aí eu fiquei um tempo na rua, voltei para a casa da minha mãe, ele voltou novamente... aí a gente foi morar junto.*

Você não quis voltar a morar com a sua mãe? *Agora não... Está difícil, agora também aconteceu um acidente com ela... agora vai ficar mais difícil.*

Mas ela vem ver o Isaque? *Bom, ela veio uma vez, mas agora ela não está vindo... Porque ela está sem dinheiro... essas coisas... de onde ela mora para cá é muito distante e gasta muito dinheiro de condução.*

Ela mora onde? *Ela mora em Guaianazes.*

E agora como está a sua vida? *Agora está melhor do que antes. Agora eu tenho o meu filho que é completamente tudo para mim. O dia-a-dia fica corrido, mas fazer o quê?*

O que é corrido? *Trabalhar, estudar, passar a maior parte do meu tempo com meu filho...*

Você já está trabalhando? *Eu vou começar dia primeiro... É das dez às quatro... aí eu volto pra casa, fico uma meia horinha e depois volto para escola de novo. Que é na Paulista (avenida) também. Eu estou fazendo o supletivo, da sexta série...*

Como foi quando ficou sabendo que estava grávida? *Foi uma alegria, eu já sabia que estava grávida, só fiz o teste para fazer o pré-natal e confirmar mesmo. Porque quando eu fiz o teste eu já estava com quarto meses, a barriga já estava aparecendo, já estava mexendo... Então eu já sabia que estava grávida, só fiz o teste para o pai dele acreditar que eu estava. O pai dele não acreditava, mas eu já sabia... ..*

Você quis engravidar? *Eu quis... ..*

Como foi o pré-natal? *O pré-natal foi bom, só no finalzinho que foi difícil porque ele nasceu de 8 meses, a minha pressão subiu, ficou um pouco complicado no final. Os médicos me trataram bem, mas depois que eu ganhei ele... eu estava um pouquinho mal...*

O que aconteceu? *Não sei... era uma mulher lá que era muito ignorante, sabe!? Eu tinha acabado de fazer cesárea, tive que sentar em um banquinho bem baixinho, que não pode... tive que tomar banho frio e me enrolar em um lençol para me enxugar, ao invés dela ir preparando a cama, não, ela esperou eu sair do banho e eu fiquei no vento, esperando ela arrumar a cama. Aí quando eu fui reclamar ela disse se eu queria fazer o trabalho dela... ..*

Onde foi? *Foi no Hospital Geral lá em Guaianazes. Ele nasceu com dois quilos e quinhentos... para um prematuro...*

Você imaginava como ele seria antes de nascer? *Não. Não conseguia imaginar, mas conversava com a barriga no banho... eu falava: “Estou louca pra ver o seu rostinho filho... a mãe te ama antes de você nascer...” Depois que ele nasceu o amor foi maior ainda... Eu imaginava ele bem moreninho sabe... não é do jeito que eu imaginava... eu queria ele com o cabelo liso... nasceu com esse cabelo aqui, enroladinho, mas está ótimo.*

Ele mamou no peito? *Mamou dois meses só, depois ele não queria mais. Ele largou do peito sozinho... para mim não teve problema... ..*

E a família do pai dele? *Ficou feliz. A da minha mãe também ficou, só uns vizinhos brigaram comigo porque diziam que era muito nova para ter filho. Falavam que não queriam que eu andasse com filhas deles senão eu poderia influenciá-las. Então, mudei as amigas, quem quisesse andar comigo andava, quem não quisesse eu não fazia questão. A única coisa que minha mãe falou foi, para você está bom filha, porque é uma responsabilidade. Porque, na época eu não fumava, agora que eu fumo, ela disse: você não fuma, não bebe, não curte balada, não sai, para você uma responsabilidade está ótima, um filho está bom. Eu já morava com o meu marido, já tinha a minha casinha. Então, para mim, eu achei que foi bom... ..*

Na gravidez você se sentiu especial? *Um pouquinho. Não me achava melhor do que ninguém, mas tinha a expectativa de ser diferente, as pessoas me tratarem diferente. A maioria das vezes acontecia assim, as pessoas me tratarem diferente... .. (A criança resmunga um pouco.)*

Ele é bravo? *Ele é. Fica bravo quando ele sai do colo, quando eu não deixo ele fazer as coisas que ele quer. Ele faz de tudo, uma vez estava embaixo destes fios aqui. Machucou o dedo já...*

Quando você repreende ele o que ele faz? *Ele se joga, ele grita, ele me bate... ele vem com a mãozinha para me bater... ele me obedece pouquinho, algumas vezes... .. O que ele gosta mais de fazer? Ele gosta de brincar, mas com as crianças ele não brinca muito não. Comigo ele brinca, a gente brinca junto, nos saímos correndo, brincamos de esconde-esconde, de conversar também... Ele não gosta de ficar trancado, neste chiqueirinho, ele não gosta, ele não gosta de ficar preso. Ele gosta de andar, mas não gosta de dar a mão, ele gosta de andar solto. Ele me obedece pouco, me obedece algumas vezes... só quando eu vou lá falo com ele, as vezes eu dou uns tapas, mas ele obedece pouco.*

Teve alguém que te ajudou a cuidar dele? *Tinha gente que dava algumas coisas, como a minha sogra, minha ex-sogra, dava um apoio mas só eu que cuidava dele. Quando eu cheguei do hospital, ela que dava banho, ela que fazia as coisas, porque eu não podia me movimentar muito, ela que fazia as coisas para mim, mas depois só eu.*

Como foi cuidar dele? *Não foi difícil para mim, porque eu já estava acostumada, eu cuidei das minhas duas sobrinhas, porque minhas irmãs tiveram filho cedo. Elas saiam*

para as baladas e eu ficava com as crianças. Eu é que cuidava delas, eu já sabia cuidar de crianças.

Hoje em dia, tem algo que você faz só para você? Não. Hoje em dia é tudo com ele. Só ir para escola e trabalhar. Saídas, passeios, tudo com ele. Até quando dou fuga é com ele.

O que é dar fuga? Sair e não voltar ou voltar algumas horas depois. Tenho que chegar até as 18hs. A gente tem este horário, mas a gente volta outro horário, 9, 10hs... poder não pode, mas a gente volta, mas ele sempre está junto comigo.

Ele tem algum brinquedo que ele gosta? Não. Ele gosta de jogar bola e skate, quando eu vou para a praça ele fica para lá e para cá com os meninos andando de skate. Ele não gosta de brincar com brinquedo.

Você já ficou longe dele por muito tempo? Não. Só umas quatro horas... mas ele chora, chora bastante... ele não fica sem mim... (Neste momento, expressa satisfação ao abraçar o filho no colo com carinho. Expressa o sentido do significado de sua existência, o bebê a ajuda na conquista de melhores condições estruturais)

Você tem algum medo? Tenho medo de perder ele, de acontecer um acidente com ele, de perder a guarda dele. (O medo surge novamente, associado ao imprevisto e a guarda judicial)

Como você pensa que será quando ele crescer? Quando ele crescer eu queria que fosse auxiliar de enfermagem, para ajudar as pessoas como eles me ajudaram... eles me ajudaram bastante... (Novamente a referência ao reconhecimento do cuidado, como o abraço ao filho que sente sua falta, as enfermeiras não se esquecem dela. A possibilidade de recompensar o cuidado recebido recai sobre o filho.)

Como foi esta ajuda? Toda vez que eu ia ao médico, eles tiravam a minha pressão e quando minha pressão estava alta eles chamavam a ambulância e me levavam para o hospital para me medicar. Então, eles me ajudaram bastante, porque se não fosse eles eu nem saberia que estava com a pressão alta. (Reconhecem a necessidade que ela não tem condições de reconhecer e cuidam.)

Como você se sentiu nesta fase da gravidez? Me senti mais ou menos sozinha... Senti, porque eu só tinha o pai dele, a minha sogra, a minha mãe só foi ao hospital duas vezes, uma vez para me visitar e outra para me buscar. Só estas duas vezes. O pai dele ia todo o dia, mas nunca no horário de visita, sempre mais tarde... o horário de visita começa as

duas horas, ele chegava as quatro, cinco horas e oito horas acabava o horário de visita. Então, eu ficava sozinha no leito. (A necessidade de sentir-se segura e acolhida. Sensação de desamparo neste período.)

E agora como você se sente? Me sinto sozinha. Agora sim. Agora só sou eu e meu filho. Porque o pai dele nunca está presente. Vem aqui de vez em quando... minha mãe, não está em condições de vir, minha irmã foi para a Bahia, minha outra irmã está morando em Ferraz de Vasconcelos, a gente só tem contato pelo “face” e eu entro pouco no “face”, meus outros três irmãos são pequenos... Então, não tem ninguém, eu só tenho ele agora.

O que você precisa para cuidar dele? Agora eu preciso de uma casa. Estou trabalhando só pra isto, para quando seu sair daqui ter uma casa e cuidar dele...

*Durante a gestação você passou alguma necessidade? Você se lembra? Não me lembro...
... ..*

Como é ser mãe para você? Às vezes eu fico me perguntando, será que eu sou mãe deste menino, gente!? É impressionante. Porque um dia destes ele ainda era um bebezinho... eu fiquei vendo o bebezinho da outra menina... Agora ele já está deste tamanho. Cresce muito rápido. Só de pensar que eu sou mãe desta criança... ..

Você mudou? Se eu mudei!? ... Mudei... as performances... até as características mudaram... tudo. O meu jeito... toda a conversa que eu tenho, eu tenho que citar o meu filho... Não deixo de citar. Você tem filho?

Não.

Então você não sabe como é ... Para algumas pessoas, passa a ser melhor e para outras passa a ser pior... não estou julgando a criança, mas em algumas situações... Ele me ajudou em algumas coisas... Porque se não fosse ele, eu não estaria aqui. Estou aqui por ele. Se eu não tivesse ele não estaria aqui... Poderia estar aí na rua, de casa em casa, na casa dos outros... Mas, não. Tenho ele... então prefiro um lugar que ajude a mim e a ele, que cuide de mim e cuide dele. Foi como eu disse para a Renata, até eu completar 18 anos acho que eu não vou querer sair daqui, não vou. Porque aqui a gente tem tudo. Me ajudam bastante... meu filho... Não tem porque eu queira fugir daqui. Porque lá fora eu provavelmente não ia ter. Eu não ia conseguir.

O que você acha que aqui tem que te ajuda? *Pessoas para ficar com meu filho. Porque se não fosse essas pessoas... Ele iria para a creche de qualquer jeito, mas quem ia buscar ele na creche, quem ia levar se eu não tivesse em casa. Se eu tivesse que ir ao médico eu tinha que levar ele... aqui eu não preciso levar. É tudo mais fácil aqui. Assim, quando eu sair daqui eu já estou preparada.*

O que você acha que é preciso para superar tudo que você passou? *Precisa ter muito cuidado, responsabilidade e o principal é amor, porque se não tiver amor pelo que ela fez, não adianta. Porque se foi para ter um filho para maltratar é melhor não ter.*

Você acha que toda menina tem? *Não. Depende da menina, tem algumas meninas que falam: Eu não estou preparada para ter filho então não quero, eu não amo. Tem outras que amam o filho demais, mas não estão em boa situação e tem outras que tem situação boa e que conseguem. É! É só ter amor... ..*

Seu amor que te ajudou? *Se eu não tivesse tanto amor pelo meu filho não estaria aqui hoje, já teria fugido como muitas meninas fizeram aqui, fugido. Abandonar o filho aqui e fugir, curtir minha vida. Precisa gostar muito. Porque a gente deixa de fazer bastante coisa. Como agora, agora era para eu estar terminando meus estudos, trabalhando, curtindo baladinha, perdi tudo isto. Agora que eu comecei a estudar de novo, comecei ontem a estudar de novo... ..*

Quando você parou de estudar? *Antes de eu sair com o pai dele eu já tinha parado. Eu estava morando com a minha mãe ainda, eu já tinha parado. Parei com 13 anos. A escola era muita bagunçada, muita briga, eu tinha medo de arrumar uma briga e acabar apanhando... Ai eu parei de estudar e por causa de menino também, porque com 13 anos, já sabe né... Se eu for parar para escrever a minha vida inteira, vai dar um livro e tanto... fiquei morando na casa de um, na casa de outro, sem casa fixa...*

Como está sendo ser mãe? *Não está sendo muito fácil. Mais ou menos. Porque chega nesta fase aqui você precisa ter paciência, porque se você não tiver paciência acaba fazendo besteira... Porque brinca... olha o dedo dele... (A mãe mostra o machucado do dedo do filho) Olha o estado do dedo dele... isto aqui deu febre, isto aqui está inflamado... você precisa ficar correndo para o hospital... e não adianta acontecer isto porque ele vai lá de novo, vai fazer a mesma coisa... aí tem que ter muita paciência... ele sai correndo, bagunça tudo... bagunça isto... tira isto do lugar... fico me segurando até o dia que eu dou uns tapas nele... Porque é difícil tem que ter muita paciência. Criança não é fácil...*

Você acha que ele te entende? Se ele me entende!? ... *Entende... Está nascendo o dente e ele fica mexendo...*

A assistente social entra na sala e temos que parar a conversa, porque a jovem tem que fazer um compromisso. Agradeço a entrevista e digo que podemos conversar em outra oportunidade. Ela diz que tudo bem.

Comentários: Ao longo da entrevista, percebo que a criança é extremamente calma, fica no colo da mãe sem nenhuma agitação, parece estar bem acolhido e seguro, ao ponto de chegar a dormir, mesmo molhado do banho. A criança é extremamente sorridente e tranquila, o afeto da jovem é presente, mas em alguns momentos percebo duvidar do discurso feito pela jovem. Algo me faz questionar sua necessidade constante de enfatizar o amor que sente pelo filho. O sentimento parece ser real, mas a necessidade de demonstra-lo com tanta ênfase parece ser exagerada, ao ponto de questionar se é verdadeira ou não sua preocupação com o filho. Em alguns momentos, minha dúvida faz com que eu pense que ela precisa de alguém para cuidar do filho, para que ela possa viver sua vida e que nos momentos que houver tempo ela pode cuidar da criança, a criança não me parece ser a prioridade como ela tenta enfatizar, mas sim um meio para que ela possa garantir a estrutura necessária para que ela possa desenvolver sua vida de maneira mais segura.

Terceira entrevista – Jessica.

Quando chego para entrevistar as jovens, a assistente social sai e diz: *“Hoje elas saíram, não sei se vai ter alguma adolescente para conversar com você. Vou ver se tem alguém para você conversar.”* Apesar de termos marcado antes esta data com antecedência.

Aguardo e ela volta dizendo que tem uma adolescente e se eu não gostaria de ir ao refeitório para conversar com ela. Questiono se a adolescente, não estava descansando, mas ela afirma que não há problema e que ela quer conversar.

Chegamos ao refeitório e Jessica está sentada sozinha, seu bebê está dormindo e ela tem um olhar de sono, pergunto se estava descansando, ela passa a mão nos olhos e diz: *Não. Eu estava deitada só...* (Percebo que a assistente social acordou a jovem para conversar comigo.)

Você lembrada de mim Jessica? *Lembro... Você quer conversar comigo.*

Eu gostaria de saber um pouco sobre você... como era sua vida antes da gravidez? *Como era a minha vida antes ... eu saía, chegava a hora que eu queria em casa, saía toda sexta e chegava a hora que eu queria em casa... ..* (Jessica fala pouco, baixo, articula pouco para falar e está sempre com a mão na boca, mesmo quando fala. O que torna difícil compreender o que ela fala. Este contexto me faz sentir a necessidade de preservar ao máximo a jovens, assim não faço nenhuma referência sobre não estar compreendo bem o que diz. Há em mim a necessidade de cuidar para que elas não se sintam desconfortáveis e de interferir o menos possível, quase como se eu estivesse ali, mas sem que minha presença fosse percebida. Precisa estar ali, mas não queria que percebessem que eu estava.)

Com quem você morava? *Morava com meu pai... ..*

Você estudava? *Não... ..*

Como foi sua gravidez? *Eu não pensava em engravidar foi do nada, assim, uma surpresa. Eu engravidei com 14 anos... Eu não tive nenhum problema. Ia ao médico, ele media minha pressão e ouvia o coração do bebê e sempre falava que minha gravidez era normal. Não tive nenhum problema.... Eu só tinha vontade de comer limão... ..*

O que você sentiu? *Eu chorei. Pensei como eu ia contar para o meu pai. Achei que ele ia me bater, aí eu fugi de casa e vim pedir ajuda, no abrigo onde meu irmão estava. Aí me*

trouxeram para cá. Meu pai veio aqui, ficou sabendo que eu estava grávida. Aí eu fui desabrigada. Voltei para casa depois voltei para cá... ..

E o pai? O pai dele é de Guarulhos... não quero mais nada com ele... Ele era amigo do namorado da minha prima, tinha 18 anos quando eu conheci agora ele tem 19... ..

E o parto? Fiquei um pouco com medo. Só imaginava na hora de fazer força, aí eu fiquei com medo, mas depois se acalma... Foi normal... Não senti quase nada, foi rápido... Fiquei três dias no hospital...

Ele ficou com você? Sim... eu fiquei toda bestinha... foi bom... parei um pouco... pensar... mudou minha vida... bastante...

O que mudou? Ah! tudo né... eu era rebelde. Saia. Ia para os bares, chegava a hora que eu queria, respondia ao meu pai... por isto que eu estou aqui hoje...

Quantos anos você tem agora? Agora eu tenho 15anos e ele tem 4 meses e dezoito dias...

E você está amamentando? Estou só amamentando... ele mama muito e dorme no berçário... eu amamento quando ele sente fome, quando ele chora eu já sei que ele está com fome. Ele mama bastante...

Quanto tempo ele mama? Você sabe? Eu não. Eu dou de mamar para ele umas nove horas da noite e depois ele dorme até às 7 da manhã. Na hora que eu saio para a escola.

Como é cuidar de um bebezinho? Eu já tinha prática porque eu já cuidava dos meus irmãos... Eu tenho seis irmãos, mas só cuidava dos dois menores... Desde que minha mãe faleceu... tive que ajudar o meu pai...

Quantos anos você tinha? Eu tinha uns doze por aí... já era bem dona de casa, fazia comida, limpava a casa, tinha que cuidar dos meus irmãos...

Eu seus irmãos? Os dois estão no abrigo, porque meu pai bateu...

E o seu pai como está? Não sei. Não tenho nenhuma notícias deles... porque a Gabi (assistente social) está tentando falar com o Fórum e ninguém atende. Ainda não sei nada dele... não tenho notícias de nada... Ele agora está sem os três por perto... Ele ficou sozinho...

O que você pensa para ele agora? Eu não quero que o meu filho esteja dentro do abrigo... Eu não quero que ele esteja no abrigo...

Porque? *Não sei... é que fica ruim para mim, mas eu não quero um filho dentro do abrigo... eu não quero, mas tomara que seja logo... eu quero ir embora.*

E aí você vai para onde? Tem algum lugar para você ir? *Talvez eu vá para a casa da minha tia ou talvez eu volte para a casa do meu pai, porque ele está fazendo um tratamento de alcoolismo...e eu volto a morar com ele é melhor.*

Você pensa em trabalhar? *Sim. Eu estou esperando fazer 16, aí eu já vou trabalhar, mas eu tenho... quero sair...*

O que você está achando de estar aqui? *Para mim está bom, é melhor estar aqui do que ficar em casa apanhando. Porque aqui eu recebo cuidado e tenho as coisas... então tá bom aqui...*

Como é seu dia? *Hoje eu não fui para escola, porque eu fui para o Poupatempo tirar o meu registro, mas o meu dia é corrido, as vezes eu vou para a escola, as vezes eu vou para o hospital com o Talison... Igual amanhã todos vamos sair, vamos no passeio em um sitio...*

Como é passear com um bebê? *É tranquilo... meu filho é calmo, só chora para mamar...*

E quando ele estava na sua barriga você imaginava como ele seria? *Não. Não imaginava nada. Ficava pensando será que o meu pai vai continuar me batendo... porque ele me batia na cara... não adiantou nada, ele continuou me batendo... foi a mesma coisa, ele nasceu e ele me bateu... as minhas tias ficavam falando que eu não ia dar conta de cuidar dele, que eu deveria dar meu filho para adoção. Eu falava que não e discutia com elas. Eu falava que não ia dar meu filho para adoção... ah! Só isto. Eu queria ele...*

O que você espera para ele? *Eu quero uma vida melhor para ele...*

O que acha que ele pode ter que você não teve? *Estudar bastante desde pequeno, sair daqui e ter um futuro para ele. Só.*

Ele é pequenininho... Como foi dar banho nele pela primeira vez? Eu fiquei com medo, porque ele era molinho, mas aí a médica me ensinou... Ele gosta.

Na gravidez quem te ajudou? *Meu pai, minhas primas, tinha bastante gente para me ajudar.*

E as suas amigas? *Eu tenho bastante amigas ainda, mas eu não estou podendo sair com o Tales ainda. Porque eles pensam que eu vou fugir... Eu estou proibida de ver meu pai, por enquanto... aí eu só fico cuidando dele ou dormindo (ri)... estão vendo para eu ir para um abrigo junto com meus irmãos, aí vai ficar bom... ..*

Você nasceu onde Jessica? *Aqui em São Paulo, na vila Maria. Minha família mora lá, mas meu pai é do norte, Pernambucano, minha vó é do norte, meu vô, mas meus primos são todos daqui. Minha família é grande... se reúnem quando tem festa, todo mundo vai.*

É o primeiro neto do seu pai? *É. Ele tá bestinha...*

Quando ele viu o bebê? *Eu cheguei aqui quando ele tinha 3 meses... eu estava morando com meu pai... depois que ele começou a me bater é que eu vim para cá... ele já conhece o bebê...*

E o pai do bebê? *Não... não vem visitar... quando eu ganhei bebê ele estava no hospital. Ele assistiu o meu parto... Antes ele ia em casa todo o final de semana para levar fralda para o Tales. Depois que eu vim para cá foi que eu perdi o contato... ..*

Ele pode te visitar aqui? *Eu acho que pode... ..*

Você se sentiu importante, especial na gravidez? *Não... ..*

O que você acha de ter tido um filho agora? *Atrapalha um pouco, mas é bom também. Uma parte é boa por outra não...*

O que você gosta mais? *Ele me atrapalha assim, porque eu não queria ter filho cedo, agora... eu queria primeiro terminar meus estudos, ter a minha casa, estar trabalhando e aí sim pensar em ter filho. Por uma parte é boa porque traz alegria, já conversa comigo, já fica resmungando, já grita... É. É bem legal por uma parte, por outra não. Mas eu estou feliz... ..*

Como é quando vocês dois estão sozinhos? *Fico brincando com ele... aí ele começa a chorar, aí ele começa a rir, eu gosto quando eu estou no quarto com ele sozinho, eu começo a conversar com ele do nada... Quando eu estou dormindo ele fica me chutando, batendo os pezinhos em mim... aí a gente fica conversando lá, eu acho bom...*

O que você conversa com ele? *Eu falo bastante coisa, que ele é lindo, que ele é muito especial, eu falo bastante coisa...*

Você acha que ele já te entende, já sabe quem você é, quando você está chegando? *Já sabe... já abre o sorriso... já me reconhece...*

E você entende o que ele precisa? *Entendo...*

Como? *Ah! Quando ele está chorando eu sei que é peito... mas as vezes quando ele não quer peito, as vezes é colo... para mim tá sendo fácil entender ele, até agora... Para mim está sendo tranquilo...*

Ele conversa com você? *Ele fica resmungando, eu acho que ele está conversando... começa a sorrir... está sendo gostoso...*

Seu corpo mudou muito? *Não. Só a barriga que cresceu... depois voltou ao normal. Ele nasceu bem grandão, mas não mudou muito... fiquei com um barrigão, mas só no final...*

... ..

O que você achava da sua barriga? *Nada. Achava engraçado...*

Quais as dificuldades que você acha que existem na gravidez? *Não sei... cada um tem o seu jeito, então eu não sei. Um pouco, a barriga, vai passar por várias diferenças... muitas...*

O que você acha que mudou? *Não muito. Acho que só mudei porque eu fiquei mais tranquila, mais nada...*

Tem alguma dúvida sobre o que eu perguntei? *Não.*

O que você achou? *Tranquilo.*

Teve algo que te incomodou? *Nada. Foi tranquilo.*

Agradeço e encerramos a entrevista.

Comentários: A entrevista com Jessica foi rápida, ela pareceu desmotivada para estar ali, senti que queria estar no quarto quieta, mas foi retirada de seu lugar para conversar comigo. Sua aparente apatia diante das perguntas e de mim reflete a maneira como reage quando lhe é impelido uma atividade que não quer, mas que sente precisar fazer. Ela se torna indiferente diante dos acontecimentos, quando está em uma situação que não tem como controlar.

Quarta entrevista - Janaína

Janaina é uma jovem ativa, comunicativa, entra na casa e ao me ver fala para eu esperar que ela já vem para conversar comigo. Chega com a bebê no colo, senta e começa a amamentar a nenê em seguida já começa a conversar pedindo desculpas por me fazer esperar.

Desculpa eu fiquei te enrolando... Te enrolando...

Está tudo bem. Estava esperando um momento melhor para a gente conversar.

É que eu nunca trabalhei e agora eu estou com medo.

Mas você tem medo do que? *Porque eu nunca trabalhei...*

Mas o que você acha que pode acontecer? *Eu tenho medo de não conseguir fazer o que é para fazer. Eu vou lá no Mac (Mc Donald) eu fico olhando... é muito agitado...*

Mas você vai aprender, não é difícil? *Mas eu tenho medo de não aprender... eu acho que todo emprego é difícil... acho que eu não consigo aprender...*

Acho que no começo pode ser sim. Mas é porque você não conhece. As pessoas que estão lá sabem que você não conhece o serviço... então você pode pedir para te explicar...

Por isto que tem o treinamento!?

Exatamente, por isto que tem um treinamento... E esta quem é?

Esta é a Ana Julia. Ela tem 7 meses... grandona... nasceu em julho.

Fala um pouco da sua vida antes de ter o bebê? *Era horrível. Era muito ruim, sei lá. Acho que quando a gente vira mãe muda. Tem umas que mudam muito, outras mudam pouco... eu acho que eu mudei metade do que eu era, falta metade ainda para eu mudar. Eu era terrível. Aprontava muito...*

Você estudava? *Eu sempre tentava estudar, nunca dava certo... Mas eu comecei aprontar cabulando aula, não entrando na escola. Na 7ª série eu comecei a cabular, consegui passar de ano. Na 8ª... quatro anos eu estou na 8ª, pulando de escola em escola... nunca consegui concluir a 8ª, agora que eu estou tentando terminar a 8ª*

Nesta época você morava com seus pais? *Sempre morei com meus pais... ..*

Como era mora com eles? *Era mais ou menos... eu não podia fazer o que eu queria... dava muito trabalho... pior era ver meu pai e minha mãe magoado comigo, decepcionado...*

Por causa da gravidez? *Não. Bem antes... quando eu comecei nas drogas... esse vida assim era só decepção... ..*

Você engravidou dela com quantos anos? *Eu engravidei dela eu tinha 16 anos...*

Você pensava em gravidez? *Eu sempre disse que queria ter filho cedo e uma menina, mas eu não planejei nada. Teve uma época que eu achei que estava grávida mas não estava... Quando eu entrei no abrigo pela primeira vez eu engravidei... era uma casa de passagem... .. Foi o ano retrasado no final de outubro... ..*

Como você se sentiu? *Como eu tinha família eu não podia ficar no abrigo, aí me mandaram de volta para casa... Eu voltei achando que estava grávida... Chegou na minha casa eu fui fazer o teste e a minha irmã contou para minha mãe. A minha perguntou: Janaína você está grávida? Eu falei que não sabia que eu tinha que fazer o teste ainda. Eu fui, vi, deu positivo. Aí minha mãe agiu normal. Agora meu pai eu fiquei com medo dele... Fugi de casa... Fugi pra voltar para o abrigo que eu estava de novo... que eu estava com medo... aí eu arrumei minha mala, fugi e voltei para o abrigo... Aí no outro dia minha mãe foi lá... aí que ela ficou brava, porque ela descobriu que o pai da bebê era um educador, do abrigo... Nossa... até hoje ela quer meter o pau nele, processar ele e eu não quero... Só que ela não entende... não foi um estupro. Eu quis, só que minha mãe fala que como eu era menor e eu estava ali para ser protegida ele não tinha que fazer isto... e está aí o processo correndo...*

Mas você entende o lado dela? *Eu entendo um pouco... um pouco... mas, assim... gente eu era uma adolescente louca, então não tinha como... Assim se eu fosse virgem, quieta... aí tudo bem, mas não eu era terrível... então não tem nada de tão grave... é... mais ou menos porque eu engravidei... Só que eu não culpo ele não e também não me culpo...*

Ele ficou sabendo? *Ficou. No começo da gravidez eu manda recado para ele no Orkut, mas ele nunca me respondia... Aí eu achei ele no facebook e mandei um recado para ele, aí quando eu ganhei ela que ele respondeu o meu recado... Agora ele está correndo atrás. Ele quer saber se ela é filha dele mesmo... mas no começo ele não estava nem aí...*

Você acha que ele vai te ajudar? *Eu creio que sim... porque ele sempre quis ter um filho... Ele falava para mim que queria ter um filho, tal... Ele não tem filhos... Aí aconteceu isto e hoje ele quer saber... está noivo e ele quer saber se a filha é dele... ..*

Como foi a gravidez dela? *Foi legal... ..*

Seu corpo mudou muito? *Não... nada, nada... ..*

Você acreditava que estava grávida? *Se eu acreditava!? Não. Até hoje ei não acredito que eu tenho uma filha... De verdade... Eu com nove meses e a ficha não caia que eu estava grávida. Eu falava não acredito gente! ... Eu pensava será que é um bebê que está aqui dentro ou é outra coisa... eu não acreditava... ..*

Você imaginava como ela ia ser? *Eu imaginava... Eu imaginava que ela um pouquinho mais clara, porque o pai dela é mais claro, do olhinho puxado...*

Ele parece com ele? *Eles dizem que ela parece com a minha mãe... minha mãe que tem um olhar assim, mas também ele (o pai) tem o olhinho puxado...*

Sua mãe vem visita-la? *Ela não está vindo mais porque eu estou indo para lá... mas quando ela nasceu ela vinha direto... antes dela nascer ela não vinha não...*

Como foi o parto dela? *Foi horrível. Foi normal... doeu... era uma coisa assim... ia chegando oito meses, nove... ia chegando o tempo de eu ganhar e eu não acreditava. Eu pensava... caramba está chegando, eu não acreditava, não caia a ficha ... minha barriga estava redondinha... aí começaram as dores... as contrações... horrível... teve uma madrugada que eu não dormi com dor. Eu achando que era uma dor normal, porque eu já tinha tido dores, mas nesta noite eu não estava aguentando... Eu ia no banheiro, depois voltava, tentava dormir, doía tanto que não dava para dormir... Eu com sono e não conseguia dormir. Aí de manhã eu fui pedir ajuda para tia, porque eu não estava aguentando de dor. Ela falou: É hoje! E eu disse: Não é hoje não tia. É só uma dorzinha... não é hoje não... (risos) Ela falou: É hoje sim. Põe uma roupa... Eu fui tomar banho e depois eu conversando com as meninas tomando banho normal... Daqui a pouco vinha... Sabe uma hora você estava bem e uma outra hora você não aguenta... é muito horrível... É uma coisa muito estranha, contração... Aí eu fui com dor e a dor foi piorando... Aí eu cheguei no hospital as seis horas, ela nasceu a uma hora. Eu só fui comer as oito horas da noite... ..*

Você fez pré-natal? *Sim. Me trataram muito bem. Sempre bem. Principalmente aqui, eu comecei lá no Humaitá, só fui a primeiro mês lá e o resto foi aqui. Eu cheguei aqui com dois meses de gravidez. E a medica daqui, da casa, nossa ela é muito legal... ..*

Você se sentiu especial na gravidez? *Era muito bom. Em tudo... Em todo lugar... era muito bom. A melhor parte da gravidez é que você ter direito a tudo. Eu lembro que tinha tia que chegava aqui com coisa de comer diferente e me dava escondido. Em todo lugar eu tinha preferência... (risos)*

Você achava que tinha direito mesmo? *Eu tinha! Eu estava grávida! (risos)*

Quando ela nasceu ela foi direto para o quarto com você? *Nossa foi coisa de loco... porque ela nasceu, na hora a pediatra pegou ela e colocou do meu lado... aí eu ri para ela... aí ela colocou do meu lado, lá... como se fala... ah! eu não lembro, do meu lado lé na sala de parto ainda... ai eu fiquei na cama e ela ficou lá... aí ela ficava olhando pra mim e eu pra ela (surpreendida), sabe!... os médicos saíram...na hora que nasceu, deixaram ela ali... aí eu olhando para ela e ela olhando para mim... Sabe a gente se olhando... foi muito legal... e ela nenezinha ainda...*

Você foi acreditando que ela tinha nascido... *É... mas ela nasceu feia... Feinha... ..*

Você amamentou logo no começo? *Não. Ela não estava com fome eu achei, porque ela não pedia o peito. Aí eu perguntava se era normal ela não estar mamando. Eles me falaram que existiam casos que era normal, que a criança não quer... ai no segundo dia ela pegou o peito...*

Mama até hoje? *Mama... comida... Papinha...*

Dorme bem? *Dorme a noite toda... ..*

Você tem algum medo? *Meu medo é perder a guarda dela... eu posso perder ainda...*

Porque? *Porque quando eu estava grávida eu ainda fugia muito daqui... muito... principalmente quando eu não tinha barriga ainda... eu ainda curtia, eu saia muito. Depois eu fui criando barriga e comecei a ter um relacionamento... conheci um menino, comecei a fugir para ir para casa dele. Passava o fim de semana longe daqui. Fugia. Fugia. Quando eu ganhei ela eu melhorei muito. Parei. Tem até um relatório das tias falando bem de mim, que eu tinha mudado, mas depois eu voltei de novo. Porque tinha umas meninas aqui que iam para a balada, eu não aguentava. Eu via elas chegando da*

balada... não resistia... acabei indo... Assim, eu mudei muito com fugas, agora eu parei de vez, porque eu tive audiência dia trinta, mas antes do dia trinta eu fugia uma vez na semana. Aí, quando eu cheguei lá no Fórum, a tia falou que eu tinha mudado, que eu diminui na fuga, mas ela falou assim, como você falou que ela mudou ela continua fugindo. Elas não querem saber se você diminuiu, elas não querem que fogue. Pediram para o juiz que a minha filha na guarda do meu pai e da minha mãe durante um ano. Elas falaram que não sabem se ele vai aceitar, pode ser que ele ache que eu não sou uma boa mãe e eu saia e ela fique. Pode ser que a minha mãe fique com a guarda, quem sabe é o juiz. Então eu estou esperando, porque eu já fiz dezoito anos, fiz quarta feira... eu posso ir embora, agora ela... tem que esperar a resposta do juiz...

Se você for você vai para onde? Eu vou voltar pra casa da minha família... (Coincidentemente a bebê faz um barulho de defacando e começa a chorar, pedindo atenção) ... Só que agora eu não tenho opção, vou ter que trabalhar... Antigamente o meu pai nunca deixou eu trabalhar... falava que eu não estava passando fome... Eu queria uma coisa diferente para mim, eu queria o meu dinheiro. Eu arrumei o meu primeiro emprego, um bico, não deu certo. Sai. Depois quis arrumar um emprego e eles não deixaram, mas agora eles querem que eu trabalhe... Então, eu vou ter que me virar... compraram o berço dela já...

Mas o que você acha de trabalhar? É que eu estudo também, fica muito corrido... Se fosse um ou outro tudo bem, mas agora eu vou trabalhar e depois ir para a escola... eu estou estudando a noite... então eu trabalho e a escola e do lado do trabalho... como eu moro longe... moro na Cidade Tiradentes, eu vou ter que sair de lá para vir para cá e depois voltar, eu vou chegar em casa uma hora da manhã... Eu saio onze horas da escola... daqui até a minha casa são duas horas, vai ficar muito longe...

E a Julia vai ficar aqui? Não. Eu creio que não, né... Seu eu for embora com ela, vai ter que ficar na minha casa, eu vou ter que pagar alguém para ficar com ela. Por ela na creche... ..

Essas coisas são difíceis Janaina? Eu não sei... dizem que demora para sair uma vaga na creche... mas como a gente mora no abrigo, a gente pode pedir, as técnicas, podem pedir para ser a primeira da lista... aí elas estão tentando para mim... .. (tem um benefício em estar nesta situação)

Você tem dificuldades para cuidar dela? *Nunca achei difícil não... eu me saio super bem nesta parte... para mim é muito fácil... Uma que eu já cuidei de uma primo meu, nenezinho... e quando ela nasceu lá mesmo no hospital eu me virei, aqui também... sempre me virei... de vez em quando eu não sei o que fazer eu peço ajuda para alguém, fora isto nunca pedi ajuda... ..*

Você lembra da sua infância quando cuida dela? *Não... não sei não... minha mãe é que fala como era... .. Ela fala que a Julia parecia comigo... que como eu fui a primeira filha e não fui planejada ela passou muito veneno (dificuldade) comigo... roupa era do Brás. Ela falou que eu tinha alergia teve que dar um jeito na época para comprar roupa boa pra mim... não foi nada planejado, já o meu irmão que veio depois de mim, foi tudo planejado, roupa boa... ..*

Quantos irmãos você tem? *Eu sou a mais velha, tem um irmão de dezesseis e uma irmãzinha de doze... caçula...*

Como vocês se dão? *Eu e meu irmão não... a gente sempre briga...briga de irmão, mas teve este final de semana... sem ser este... teve uns quatro finais de semana já, eu fui para casa e ele me agrediu ... eu estou sem papo com ele, eu nem voltei a falar com ele... ..*

E na sua família? *Eles sempre fazem o possível para me dar... tudo para eu não sair de casa... Eu lembro de uma época que eu falava mãe eu saio porque não tem o que fazer aqui dentro... minha mãe comprou um computador para eu ter o que fazer dentro de casa, mas aí era brigar por causa de um computador. Então minha mãe comprou outro computador, porque nós somos em três, nunca dava certo... comprou dois, mas mesmo assim eu ia para rua. Ela sempre tentou dar um jeito para mim não sair... ..*

Você tinha muitos amigos? *Tinha ...*

Mudou depois de engravidar? *Nunca mais vi ninguém... eu vou para casa eu nem saio de casa, porque meus amigos não moram perto de mim, moram eu outro bairro... eu evito ir lá, dá vontade de ir, mas eu procuro evitar... ..*

Você fez outras amizades? *Aqui, lá não... lá é a vizinhança fofoqueira de sempre, os 'nóias' da rua, lá onde eu moro tem bastante... é CDHU onde eu moro, aqui eu fiz amizades, na escola também...*

O que acha que mudou em você? *O que eu mudei... caramba... eu já não faço o que eu fazia antes... isto para mim já é uma mudança... já não sou louca como eu era... Jogava*

tudo pro alto. Hoje eu tenho uma filha, mas na época eu tinha uma irmã mais nova para cuidar e eu saía e deixava ela lá... Ela tinha dois, três anos de idade e eu saía... hoje eu não tenho coragem de fazer isto com a minha filha... Se eu pudesse voltar no tempo eu não faria tudo aquilo... isto eu acho que eu mudei... não significa que ... as vezes dá vontade de sair um pouco... esses dias eu sai, bebi um pouco... eu acho que eu não mudei, muito... .. quem nem no meu aniversário na quarta-feira... eu fui para a escola, aí na volta eu falei, até a meia noite é meu aniversário, eu vou ficar na rua até a meia noite... ai dei a volta aqui na praça, conheci todo mundo que estava por lá, conheci uns meninos. Tudo safado... já dei um pé na bunda e saíram fora... Vieram outros meninos e conversaram com a gente, amigos de um colega da gente, né... Ficamos lá conversando, quando fomos ver já era duas horas da manhã... Aí caramba, vamos entrar... Só pode entrar com a GCM se passar da meia noite, fomos lá na GCM falaram que não podiam vir... Tivemos que ligar para a polícia militar para poder entrar... Então não valeu muito a pena, meu aniversário, ter que entrar com a polícia aqui ... Foi horrível, nem curti muito... ..

Em que ter um filho agora te ajuda? Ser mãe nova é bom...

Porque? Porque vou estar velha minha filha já vai estar grande... Eu novo saio na rua todo mundo fica olhando... então é bom... eu não nego que tenho uma filha pra ninguém se me perguntarem: você tem filho? eu falo que tenho uma filha, tem gente que não fala, eu não... eu falo... De ruim é que... ai... Na minha vida sempre quis ter as minhas coisas de marca, agora vou ter que comprar um tênis mais barato, para poder dar as coisas para ela... ..

O que é difícil nisto tudo? Ah! ... A hora do parto e difícil... responsabilidade também, tem que ter muita e eu não tenho completa... assim de cem por cento eu acho que eu tenho noventa, falta dez ainda para eu poder me consertar... E para quem mora em abrigo é pior ainda, porque qualquer coisinha é motivo de Fórum, relatório... então é isto.

Você morou em abrigo quanto tempo? Tem um ano que moro em abrigo... eu entrei em outubro do ano passado...

Tem diferença entre sua casa e o abrigo? Para morar... regra... eu prefiro aqui... porque aqui tem horários para comer, tomar banho, essas coisas... e para ela é importante isto, para mim não eu como em qualquer hora, para ela aqui é bom. Na minha casa é tudo bagunçado. A gente acorda tarde, toma café ao meio dia, almoça as quatro horas. Então,

não tem como cuidar da Julia assim... eu falei para minha mãe que quando eu voltar vai ter uma regra para ela. Eu vou ter que acordar fazer a sopinha dela, o suco... Agora eu não... eu qualquer hora eu como... Então eu preferia aqui... E lá porque eu tenho a minha liberdade... quando eu vou para lá eu não gosto de sair, eu prefiro ficar dentro de casa... aqui eu já quero sair... então lá eu faço o que eu quero, abro a geladeira a hora que eu quero, computador mexo, aí é muito diferente... aqui não tem isto... aqui eu nem assisto televisão, fico o dia inteiro lá no quarto...

O que você faz durante o dia? Quando eu não tenho o que fazer, como hoje eu fui resolver o negócio do meu trabalho, aí eu durmo até tarde, almoço, faço ela dormir, durmo um pouco, acordo para o lanche, no horário para fumar, saio para fumar, não tem o que fazer aqui... aí bom é no horário da escola que a gente sai um pouco a noite... eu gosto... mas eu pretendo não... eu acho bom estudar porque é escola... me interessou... mas se eu voltara a cabular de novo, vai complicar tudo...

Mas o que você acha da escola? Eu acho bom... acho bom a ensinamento de lá... tem uma turma boa...

É muito difícil para passar? Não. Só repete por falta... Você já pode sair do abrigo.

Está feliz de estar indo embora? Mais ou menos... você acostuma em um lugar e ter que ir embora não é muito bom... Como no outro abrigo que eu engravidei... lá era pior, porque do nada eles te chamam e falam você vai embora hoje... aí te pega de surpresa, né. Eu estava acostumando com lá e tive que ir embora...agora daqui... ... (fica pensativa, triste)

(Bebê começa a chorar, novamente quando falamos que ela vi fica longe) É difícil entender o bebe? É... É porque ela não está com fome... eu não sei porque ela está chorando... é complicado...

Você entende ela? Não...

Ela te entende? Acho que não... bebe não fala... se falasse... ...

Era horário do almoço e paramos para que elas pudessem almoçar. Você gostaria de falar mais alguma coisa. Você está bem? Tem alguma dúvida? Não.

Agradeço pela entrevista e terminamos.

Comentários: Janaina parece não acreditar muito em sua capacidade de lidar com as responsabilidades da vida, seus desejos de sair, aproveitar a vida, não são vistos como uma possibilidade. Ela gostaria de ser algo que satisfaça o desejo das pessoas, mas sente que não conseguirá deixar de ser o que realmente é. Como articular a subjetividade e a objetividade, a realidade compartilhada.

Importante perceber como o abrigo cria condições para que ela viva a adolescência, enquanto o ambiente familiar parece não criar a mesma possibilidade, quando refere que quer sair para as baladas quando está no abrigo e na casa dos pais nem sai de casa. Ela tem amigas, ela pode sair, vai à escola, parece que a estrutura do abrigo ajuda esta adolescente.

Quinta entrevista – Natasha

Posso gravar a nossa conversa Natasha? *Pode... ..*

Você está com vergonha Natasha? *Não...*

Quantos anos você tem? *Quinze...*

Conta como era sua vida antes de estar aqui? *Na verdade, eu estou na vida há dois anos...*

Desde os treze? *É... porque eu usava droga, fugi de casa... aí foi que minha família me mandou para o abrigo...*

Mas, eles que te mandaram? *É... só que eu fugia de um abrigo para outro, ficava na rua, até que eu conheci o ano passado o pai dela... aí nós moramos juntos... como não deu certo a gente morar junto, ele foi para a casa dele e eu fui para minha... Aí eu soube estava grávida... aí eu vim para cá porque a minha família não aceitou... ..*

Você morava com quem? *Com a minha bisavó e com a minha tia*

E sua mãe e seu pai? *Meu pai eu não conheço e minha mãe tem problema de cabeça... ..
... aí eu não pude ficar com ela (fala rápida parece querer se livrar da informação, como se já houvesse falado várias vezes, textos sai rápido e sem afetividade, antes a fala era lenta e baixa)*

Sempre morou com a sua bisavó e sua tia? *Sempre... ..*

Com os treze você estudava? *Estudava... mas cabulava aula, para usar droga... fugia de casa... ..*

Ai você conheceu o pai dela. Como ela chama? *Isabelle... ..*

Você conheceu o pai dela, da Isabella, foi morar com ele, separou, voltou a morar com a sua família e depois veio para cá, é isto? (Sinto necessidade de organizar as informações para dar prosseguimento as conversa) *É. Porque o pai dela também é menor... ..*

É quantos anos ele tem? *Dezessete... ..*

Tem vindo ver a Isabelle? *Vem... ele veio ontem... .. agora está bem difícil de vir, fazia uns dois meses que ele não vinha... agora que ela nasceu ele vai começar a vir... ..*

Como foi a gestação para você? *Foi boa... .. sei lá... sei que uma coisa que eu tive foi muita asma, porque eu fumo muito... aí eu fiquei com asma... ..*

Como foi saber que estava grávida? *Sei lá... fiquei com maior medo... fiquei com medo da minha família... foi quando eu falei... foi que a minha bisavó falou: Não quero ela aqui... ai ela me trouxe pra cá...*

Já veio para cá? *Me levou para o conselho tutelar e aí me trouxeram para cá... ..*

Você estava com quantos meses? *Dois... ..*

Ela está com quantos meses? *Ela tem cinco dias... ..*

Como você está achando deste bebê no seu colo? *Sei lá... meio estranho... ..*

A Natasha tem uma fala lenta, baixa e passa o tempo todo olhando para a filha, que no dia da entrevista estava com apenas cinco dias. A mãe fica admirando a bebê, fala, mas são poucas as vezes que ela desvia o olhar da bebê, fica explorando o rosto da filha com os olhos e o dedo. Passa o dedo devagar na boca, no nariz, alisa as sobrancelhas, descobrindo a filha. É difícil não perceber, as vezes me pego admirando a bebê junto com ela. A bebê, apesar da exploração da mãe em seu rosto, dorme profundamente, tranquila, as vezes sorri dormindo, mas seu sono tem serenidade.

Quando você estava grávida você imaginava como ela iria ser? *Não... Eu pensava... (pela primeira vez sorri) mas nada do que eu pensava ela não nasceu com nada... pensava, ela iria ter a cor do meu olho, meu nariz... ela é a cara do pai... só que o pai é preto e ela é branca... a única coisa que parece comigo é o queixo... só isto também, de resto... ..*

Você fez o pré-natal? *Fiz, todinho... a médica é a maior amiga da gente, a Dra. Marina... até as educadoras quando tem um remédio assim... ou para pedir para marcar dermatologista, alguma coisa ela pega e ajuda... da guia... todo mundo gosta dela... ela é bem legal... ..*

Como foi seu parto? *Foi normal...*

Você tinha algum desejo na gravidez? *Eu só gastava meu dinheiro com salgadinho... parecia criança... outro dia eu gastei sessenta reais só de salgadinho... em um dia... trouxe para cá para as crianças e comprei para mim também ... comprei uns cinco pacotinhos pequenos para as crianças e o resto era tudo meu... só com besteira eu gastava... ..*

E como foi o período de gestação? *Fiquei com medo quando eu tive o sangramento... porque eu pensei que estava perdendo ela*

Quando? *Quando eu estava com seis meses, mas aí a doutora falou que era normal... ...
... só isto...*

Quem te ajudou nas horas difíceis na gravidez? *As meninas daqui... ... as educandas...
elas sempre... e ainda me ajudam... ...*

No que elas te ajudam? *Porque... quando eu estava com dor, eu não podia dançar senão
eu tinha o sangramento... aí as meninas sempre que iam colocar um 'dvd' elas falavam,
não dança... sempre que a gente saia, as meninas sempre me tratavam bem... essas
educadoras aí, ichi... tudo, aí você vai ter sangramento, que não sei o que... fica sempre...
tá sempre jogando praga... fica sempre jogando praga... elas sei lá... ... tipo assim,
quando eu estava com dor, eu falava: Tia eu estou com dor... aí eu não posso fazer nada,
não é que elas me ajudavam, não pegavam um pano, passavam na minha barriga assim,
ficava comigo. Na minha gravidez, essas tias nunca me ajudaram não... elas tinham
preguiça... elas tem preguiça até quando é passeio... pro passeio... ...*

Tinha alguém grávida junto com você? *Tem a Natalia ela vai ganhar o mês que vem ...
... ..*

Você tinha dúvida que iria poder cuidar dela? *Tinha... porque tem muita menina já
perdeu... não que eu aprontei muito, eu aprontei uma vez só... para fugir... foi quando eu
arrombei a porta... foi quando eu fiquei com maior medo que quando eu ganhasse eu não
poderia vê-la... eu fui mudando... agora eu estou mudando...*

O que aconteceu? *Nada. Me deixaram de advertência... ..*

O que é ficar de advertência? *É você não poder sair... porque aqui a gente só pode sair
de sábado e domingo, ainda poucas horas... aí são seis horas... das duas às seis, se você
chega às seis e meio você já fica de advertência... aí você só pode sair no próximo final
de semana... é por isto que as meninas vivem pulando o portão... a gente já pediu para
aumentar o horário, mas falam que não...*

E na semana? *Não pode sair... a gente pede para ir ao tele centro, não pode...*

Vem alguém da sua família te ver? *Eles virão sábado... mas é bem difícil deles virem...
é bem difícil, vem a minha mãe, a minha tia e a minha bisavó... ..*

Como sua mãe está? *Ela está bem... o problema dela é que uma parte do cérebro dela não foi desenvolvido... ela é tipo uma criança... quando ela tinha treze anos o cérebro dela era de uma criança de três... agora eu não sei... ..*

E era só você e ela? *Antes era... mas agora eu tenho um irmãozinho de sete anos... que bom.... Minha mãe pelo menos... quando ela me teve ela tinha vinte cinco, ela tem problema, mas tem mais juízo que eu...*

Como era morar com sua mãe, sua bisavó e sua tia? *Tinha hora ruim e boa... o ruim delas é que elas me mantinham muito presa... porque elas são evangélicas... aí para elas é assim, escola, igreja e casa... eu queria viver sabe... conhecer o mundo... aí quando eu conheci eu me perdi... aí ela falou que já era tarde, quando ela soube... que eu estava usando droga*

Mas as drogas você acha que já passou? *Já passou... ..*

E foi bom... Foi, eu não me arrependo não, mas agora eu não faço mais não... ..

E o pai dela o que falou quando você estava grávida? *Ele ficou normal... o pai dela não está nem aí pra vida não... eu estou ainda com ele, mas... ele apronta... aprontava... usava droga, roubava, esses dias foi para fundação e agora diz ele que mudou... então...*

Você ainda gosta dele? *Gosto.*

Muito? *Sim.*

E ele? *Não sei... ele diz que sim... ele até falou que vai voltar mais tarde para dar o nome dela...*

Vai registrar? *Vai... só está esperando um negócio do fórum... aí ele vai registrar...*

Ele está trabalhando? *Tá... fazendo bico vamos dizer... que ele faz...*

E a família dele o que achou? *No começo eles ficaram bem bravos... bem bravo... porque a irmã dele estava aqui também, quando eu entrei ela estava aqui... aí ela foi embora e eu fiquei grávida... ficou brava mas agora está até querendo vim ver... ela, mas sei lá... ela só fala que vai vir, mas não aparece... ..*

Qual a sua preocupação agora? *Só ela... só ela só... de perder ela... várias meninas já perderam o filho...*

Porque? *Porque apronta... porque nasce e aí fica de boa... mas depois vai indo para escola e vendo que não pode sair... tem um filho, aí pega e foge... vai curtir e no final acaba perdendo...*

Perde como? *A justiça tira!? É. A criança vai para o abrigo, fica no abrigo e a mãe vai embora... ou senão vai para a família... tira a guarda da mãe... tipo tira a guarda dela de mim e manda para minha mãe... ..*

(A mãe fica o tempo todo olhando a filha, sem parar)

Ela é tranquila assim... *ela chora quando está com fome... só dorme... só quando coloca no berço ela não dorme...*

Ela tem que ficar no colo? *Não. É só colocar ao lado na cama... se ela fica sozinha no berço ela acorda...*

Porque? *Sei lá... ..*

Você fica o dia inteiro com ela? *Fico... não solto...*

E quando você vai tomar banho, você solta? *Eu peço para alguém segurar...*

E ela não chora? *Ela só dorme... só acorda para mamar só... ..*

O pai dela pega ela? *Pega... fica se babando... pega que não larga mais... fica se gabando porque parece com ele... ..*

Como você acha que vai ser o relacionamento de vocês? *Sei lá... eu sei que vou fazer de tudo para me dar bem com ela... vou querer ser o que a minha família nunca foi para mim, uma amiga... porque prender e dar bronca não adianta, minha família tanto fez isto, que eu já usei droga e estou aqui agora.... Não quero que aconteça alguma coisa com ela... ..*

Você acha que ser amiga dela vai ajudar? *Sim. Porque aí ela vai contar as coisas para mim, eu vou poder dar conselho... ..*

E como foi amamentar? *Nossa!... Arranhou meu peito todinho... nossa, cheguei aqui segunda-feira, este peito aqui não conseguia dar, ficou assim (inchado) ... enorme... de leite... e ela não conseguia pegar... ai eu chorava: ai tia está doendo... foi que eu peguei e fiz compressa... foi quando ela conseguiu pegar e agora ela está conseguindo pegar...*

Ela mama bem? *Oh! Até demais ... até as vezes quando ela tira da boca eu coloco de novo, porque as vezes ela solta porque não está conseguindo pegar... ..* (Parece já ter uma comunicação com o bebe, reconhece as necessidades. Fica bastante tempo em silencio, observando a bebe)

Seu corpo mudou muito na gravidez? *Não... só a barriga mesmo...*

E como foi o parto, ficou com medo? *Nossa! Eu até me joguei no chão... de tanta dor... eu bati na pediatra... eu agredi a tia que estava comigo... aí foi rapidinho... eu cheguei no hospital, era dez e pouco da noite quando foi duas e cinquenta ela nasceu ela nasceu inchada... ..*

O que você acha da sua filha? *Sei lá... Ela é linda! Pena que não parece comigo, mas ela é linda... ..* (Fica perdida olhando a bebê.)

Como é o seu dia aqui? (Volta para uma experiência de realidade objetiva, fica com a fala mais clara menos afetiva) *Chato! Porque não tem nada pra fazer... aqui a gente só pode fazer atividade, que são sempre as mesmas e se a gente não faz não pode assistir tv, fica de advertência, faz as escalas, umas vão dormir e outras vão assistir tv ou fazer alguma coisa...*

Qual são as atividades? *É roda de conversa... sempre as mesmas coisas, higiene essas coisas, mas nunca melhora... pintura em tela, biscuit ou senão quando é passeio... passeio a gente não vai... porque tem educadora que não quer... aí nós não vamos ... a gente quer sair com o nosso filho não pode... porque é dia de semana... tem muita gente aí que deveria ir à escola, eu não vou porque estou de licença, mas não vai para escola... aí elas não deixam sair... aí é o certo né! Porque não vai para a escola... mas acho que deveria deixar sim, porque a gente está aqui mas parece que está preso... não pode nem sair ali fora... a gente não pode ir para lugar nenhum. Só de sábado e domingo, ainda das duas às seis, a gente vai aonde aqui... o único lugar que a gente vai aqui é na República, na Roosevelt ou na Monteiro... não pode passear, não pode fazer nada... ..* (Estar em casa, cumprir as regras, sente-se revoltada, a mesma revolta que acontecia com ela na própria família. Está sentindo-se presa, como na família de origem é muito revoltante para ela.)

Como você acha que deveria ser? *Sei lá... para mim, sair das duas às oito eu ia curtir mais... tem que sair com seu filho lógico, mas pelo menos você vai estar curtindo, vai sair*

para lugar diferente... do que adianta sair todo sábado e domingo e estar indo sempre para o mesmo lugar... eu prefiro ficar aqui em casa, quase não sai, mas quando eu saio é para chegar tarde... eu falo, eu vou sempre lá na casa da minha família... não pode mas eu vou...

Onde eles moram? Capão Redondo ... e muito difícil eu sair, mas quando eu saio é para chegar tarde... não pode chegar... tem que chegar as seis horas, vou para onde? Fazer o que das duas até as seis, ainda mora longe a minha família, mesmo se eu for sair... não pode ir para casa da família, mas se eu for na casa de uma amiga, sei lá... aqui é muito injusto...

O que você acha de estar aqui agora? Está te ajudando ou não? Uma parte sim, uma parte não... quem é que não queria estar com a família... aqui é bom porque aqui você estuda, se você quer fazer um curso eles arrumam serviço também... aqui tem as educadoras que dizem que cuidam, mas entre aspas... mas, sei lá... prefiro na minha casa mesmo...

O que você não acha bom? Porque é assim, aqui é tudo injusto... porque a menina ela quer trabalhar, ela fez o CPF, ela fez a carteira de trabalho, mas a tia não deixa ela sair para trabalhar... não deixa ela sair para procurar emprego e nem elas procuram... aqui para fazer um trabalho de escola, as vezes elas nem deixam, porque ficam com medo de acabar com a tinta... não tem nem computador para a gente pesquisar... lá no tele centro a impressora de lá quebrou, está “maior cota” sem impressão, a gente vai imprimir e fazer onde o trabalho, não tem como. Aqui não pode ter celular e quando a gente quer receber ligação da família ou fazer não pode, porque uma delas tem que estar aqui. No dia das mães mesmo, nós pedimos para ligar para nossas mães, ela não deixou e ainda achou ruim porque a gente ligou para ela, para ver se podia ligar... para nossa mãe.... Aqui tudo é injusto... Comida então, vichi eu nem falo...

Porque? Não é boa? Não! é ótima, só que é assim... café da manhã é um pão, no almoço... gente... não pode repetir... se você comer só pode repetir o arroz e o feijão... mas se você quiser repetir vai só comer o arroz e o feijão. Você não pode, mas já as técnicas podem... elas vivem ali conversando comem, bebem, tomam quanto suco quiser, já a gente não pode... o lanche então... quando é bolacha são cinco bolachas só... e suco ou chá e o lanche da noite é a mesma coisa... Na janta, não tem um suco, nossa acho isto muito injusto, gente... Tem muito abrigo, que é misto, só que é muito melhor que este aqui... ainda fala que este é para mãe e para adolescente que amamenta e que está grávida,

quando está no final da gravidez, tem que comer de duas em duas horas... que é o certo, mas aqui né... você vai pedir uma fruta não pode... não pode... só para as crianças... aqui é muito injusto, vai fazer o que, vai ficar aqui...

Você acha que vai ficar aqui até quando? *Eu vou ficar até os dezoito...*

O que você está pensando em fazer? *Vou estudar, trabalhar, fazer curso... vou sair daqui e voltar para minha casa... A minha casa, minha... minha...*

Você quer ir para um lugar seu? *Sim... ..*

E se o pai dela quiser ir? *Aí ele vai ter que mudar muito... parar de fazer o que ele fazia... até lá tem muito chão... ..*

Você acha que consegue ficar aqui até os dezoito? *Vou tentar... eu acho que eu consigo... quem vai saber... ..* (Ela fica triste, minha mudança de assunto seja por não poder lidar com a perspectiva de que o futuro dela é incerto, inseguro, mas ela não quer lidar com isto e eu também não. O jeito é pensar no momento atual, agora, talvez por isto eu comece a falar do bebe, o tom da conversa modifica e fica mais leve e feliz)

Mas ela é bem quietinha? *É...*

Como foi quando você a viu pela primeira vez? *Fiquei maior feliz... não desgrudei mais dela... nem dormia direito... só cochilava assim e qualquer barulhinho eu acordava... ainda é assim, eu não gosto de deixar ela no berço, porque ela chora e como o choro dela é bem baixinho eu não escuto... aí eu pego e coloco ela na minha cama e não pode, mas eu coloco e aí a gente dorme...*

Vocês dormem juntos? *Isto...*

Mas aí você não dorme muito bem... *Durmo... que, que não... ela também... eu só acordo quando ela chora... aí eu mexo assim nela e ela volta a dormir... ..*

Ficamos os dois admirando a bebe, resalto como ele dorme bem... as vezes sorrindo e dormindo, a mãe fala que ela vive fazendo bico também quando dorme. Ficamos os dois juntos olhando e admirando a bebê. Algo que pareceu dominar-me também o quanto o bebe era tranquilo e bonito dormindo, fiquei admirado, acredito ter sentido parte da admiração da mãe... interrompo dizendo: *É bem interessante ter um filho... Mãe segue dizendo: fico olhando para ela assim fico pensando como é formado o olho, o nariz...*

O olho lá dentro... na barriga? *Sei lá... É estranho... eu fico olhando, como é que essa coisa toda coube toda dentro de mim... (Ela encaixa a bebê na barriga e ri)... ... pensei que ia nascer com um quilo... não... nasceu com quase três... dois quilos oitocentos e oitenta e cinco*

Natasha o que ela mudou a sua vida? *Tudo... tudo... ah eu mudei a minha cabeça, antes eu era muito briguenta... muito... nossa... eu briguei com essas meninas tudo quando eu estava grávida... aí as meninas todas falaram, quando você ganhar eu vou te dar um pau, que não sei o que... eu não, eu vou cobrar... vou cobrar... aí depois que ela nasceu, não, só estou ligando só para ela... o povo fala de mim, não estou nem aí... antes era assim falava de mim, eu tirava satisfação... agora não, as meninas também nem mexem mais... Elas não falam, umas até esqueceram que me ameaçaram...*

Você brigava com elas? *Ninguém nunca chegou a falar na minha cara... só falavam quando estavam em grupinho... ameaçar também, ninguém nunca fez nada...*

Você briga porquê? *Porque aqui é assim, as meninas são cheia de fazer maldade com as coisas dos outras, não vou falar que eu não fiz porque também, porque eu já fiz... eu sou assim mexeu comigo, tipo... eu não falo com você, mas é você na sua e eu na minha... se você mexer eu vou deixar, mexe, mexe, mas vai chegar uma hora que você vai ter que segurar... Duas aí já ficou sozinha na casa, porque nossa... ficou sozinha sem falar com ninguém... agora está aí, quer que quer pegar ela no colo, mas não fala, pede para as amigas dela pedir, mas as amigas delas não deixam. Porque quando eu peço para segurar e para ir tomar banho, comer, aí elas pedem para segurar e elas falam não porque senão eu não deixo mais pegar... Eu sou na minha, converso, brinco, só não dá mancada... só que eu nunca ameacei ninguém aqui, quando eu ameacei eu sai na mão... quando eu cheguei eu estava de dois meses dela... foi a única vez... ..*

O que te irrita? *Tipo está me xingando mas está falando de si próprio... sai falando que deu pra todo mundo, depois vira e fala aí sua cachorra, porque eu sou cachorra de rua se é ela que sai para rua para dar para os outros... eu não entendo... aí passa e fala aí recalcada, porque eu sou recalcada porque ela sai dando pros caras que eu não conheço? Caba absurdo, eu também odeio que me ameacem... se me ameaçar faz, não fica falando... aí eu pego e cobro, você não falou que ia me bater, então você vai ter que me bater ... e também falar mentiras de mim... eu falo uma coisa aí chega na outra de um outro jeito... aí eu fico muito brava... eu sou assim, se eu não gosto eu falo... tipo assim,*

jogar indireta... eu chego assim, ó fulana, você falou isto foi para mim? Mas eu sou na minha... quer jogar indireta joga... ..

Você acha que a sua vida vai mudar muito? Acho... antes eu não tinha tanta responsabilidade...

Você acha que te ajudou? Acho... me deixou mais cabeça... acho que esta responsabilidade toda sei lá, me deixou mais responsável... antes eu fazia as coisas sem pensar, não estava nem aí... agora não...a gora tudo que eu faço eu penso nela... só nela... ela é linda... (Fala apaixonada pela bebê)

De quem é este nome? Foi votação... eu estava falando com as meninas... aí teve um momento de nome... até que é bonito Isabelle... o pai dela não queria, mas quem vai parir sou eu, então eu vou escolher...

Você já tinha vindo aqui antes? Já... Uê eu não te vi...

Comentários: É interessante ver como em vários momentos da entrevista, me pego junto com ela admirando o bebe, parece que este era o lugar de conforto, a mãe estava totalmente ligada a criança.

Sexta entrevista - Natália

Oi Natalia tudo bem com você. Estou fazendo entrevistas para conhecer o que as jovens grávidas e mães pensam deste momento e quais seriam as necessidades porque vocês passam estando aqui.

Quantos anos você tem Natalia? *Eu tenho quinze.*

E você está de quantos meses de gravidez? *Estou de oito meses.*

E o que você está achando disto? *Normal... Perde algumas coisas, né... perde um pouco da liberdade, mas é normal... ..*

Você tem irmãos? *Tenho dois irmãos mais velhos, eu sou a caçula da família... ..*

Como você veio parar aqui? *Foi por causa da minha gravidez, também é porque eu fugia de casa... acho que as amigas me influenciaram muito nisto... Eu via minhas amigas saindo de casa, para baile funk... eu queria fazer o mesmo, mas como meu pai não deixava aí eu fugia... meu pai não deixava eu sair, nem minha mãe... eles são mais rígidos... .. aí eu engravidei e vim para cá... ..*

Como foi para você quando você ficou sabendo que estava grávida? *Quando eu fiquei sabendo eu já estava em outro abrigo já...*

Você estava em outro abrigo porque você fugia? *É ... aí foi no abrigo que eu descobri... aí foi um choque, também... Eu pensei e agora meu Deus o que eu faço... aí minha mãe ligou e eu falei: Mãe eu estou grávida...*

E ela? *Ela me deu uma bronca... uma “comida de rabo” pelo telefone, mas agora ela está aceitando de boa... Ela vem me visitar... tudo... está me ajudando... ..*

Ela já veio te visitar! Já ... ela virá sexta agora de novo... ..

Quanto tempo você está aqui? *Já faz três meses... acho aqui um horror, porque é totalmente diferente de casa... na sua casa querendo ou não você tem tudo na hora e aqui não é assim... ..*

Como era sua vida na sua casa, com a sua família? *Boa... é que eu não sou filha deles de verdade eu sou adotiva... então foi mais um choque para eles ainda, mas eu tinha tudo, tudo que eu queria eu tinha... tinha meu quarto, fazia de tudo... ..*

Você ia à escola? *Eu ia... este mês eu parei... estou desaminada... ..*

Como você está se sentindo? *Bem... Fora as dores que a gente vem sentindo... um mês antes, mas a médica falou que é normal ter contração... mas tirando as dores tudo normal... ..*

Você parece bem? *É... não mudei muito, só aparece a barriguinha... ..*

Você já sabe o sexo do bebê? *Menino.*

E aí como você acha que vai ser este menino? *Não sei... ..*

Você pensa nele? *Às vezes eu penso, mas... .. não sei... .. é educação eu vou dar né... vamos ver se ele vai pegar... vai seguir... ..*

No que você tem pensado ultimamente? *Ah! Ultimamente eu quero ter meu filho logo e voltar para casa... ..*

Você quer ir embora? *O mais rápido possível...*

Você acha que vai ser fácil voltar para casa? *Acho que não... porque meu pai falou que está esperando eu ganhar o bebê para ver se eu vou ser uma mãe responsável, atenciosa, que vai dar carinho, conforme o tempo ele vai ver se eu mudei ou não... ..*

Parece que sua família se preocupa com você? *Sim, muito... .. eu sou muito apegada a minha família... ..*

E o pai do bebê? *Não tenho notícias dele... ..*

Ele não sabe? *Não. Saber ele sabe, só que ele nem procura... ele não vem aqui... .. não se interessa por nada, fala que vai vir nunca vem... não dá dinheiro, não dá nada para a criança...*

E seus pais o que acham dele? *Meus pais falam que se ele não quiser criar, para colocar ele na justiça... ..*

E você o que acha? *Não sei... não sei... apesar que eu não quero que ele tenha muito contato com a criança... porque ele nem liga direito...*

Essa história mudou bastante a sua vida? *Mudou...*

O que você acha que mudou? *Tudo... aprendi o outro lado da vida, né... a pessoa que tinha tudo em casa, não precisava fazer nada, agora tem que correr atrás do que a gente quer... ..*

O que você tem que fazer? *Meu dia... eu estudava de manhã, aí eu faço o curso de manicure, faço curso de conversar de sexta feira e estou fazendo curso... ..*

E de final de semana? *De final de semana eu saio e dou um passei e volto... ..*

Você não pode ir visitar seus pais? *Aqui eles não deixam muito...*

Mas eles podem vir? *Podem... meu pai também, às vezes, quando ele não está viajando ele vem... vem minha mãe e meu pai... ..*

E seus irmãos? *Meus irmãos eu não tive mais contato... faz três meses também que eu não vejo eles... eles são casados... eles já tem suas famílias e eles mais trabalham de final de semana do que ficam em casa... ..*

Você chagou a pouco tempo? *Pouco tempo... ..*

Como é a rotina da casa? *Cada uma tem a sua escala aí você vai fazendo... quando só tem uma tia na casa elas pedem para ajudar... ..*

Você está indo fazer pré-natal? Está tudo bem? *Tá tudo bem... ..*

Você confia na médica? *Confio porque é mulher... ..*

Se fosse homem você não confiaria? *É... Muito não... .. mas eu faço pré-natal direitinho... a médica falou que eu estou bem...*

Tem tido algum desejo? *Não muito... o que eu sinto mais é sono... ..*

Está com vontade de dormir? *Eu durmo direto... eu acordo de manhã, levanto só na hora de almoçar e durmo o dia todo... eu durmo o dia inteiro...*

Mas sempre foi assim? *Não. No começo não, mas agora para o final... ..*

Diziam que quando se está grávida a mulher se sente especial, importante... você se sente assim? (Ela ri muito) *não para mim, essas coisas não...*

Você não acha que as pessoas precisam cuidar de você porque você está grávida? (ri) *Não.*

O bebê mexe? Como é sentir o bebê mexer? *Mexe demais... às vezes incomoda... mas é bom sentir ele mexer... é uma sensação diferente... ..*

Você já pensou um nome? *Já. É Lucas Brian... ..*

Como você chegou neste nome? *Lucas eu peguei do meu sobrinho e Brian eu sempre quis colocar... .. aí ficou Lucas Brian... ..*

Nesta fase, que você está quem tem te ajudado nos momentos que você tem dificuldades? *Acho que ninguém... eu não desabafo com ninguém, minha única mania é esta... que... eu não sei eu tenho este problema eu acho, porque minha mãe também pagava psicólogo e eu não falava nada... tudo que eu sinto eu vou guardando... ..*

Mas você deve estar sentindo muitas coisas neste momento... *Muitas coisas... .. nem com a minha mãe eu me abro... ..*

Deve ser difícil lidar com tudo isto sozinha... *É porque aqui você conta para uma pessoa e ela espalha para casa toda... .. aí tem este problema também... a minha mãe fala para o meu pai, ela também não guarda para ela... ..*

Você acha que seu pai não pode saber das suas coisas? *É pode né... mas depois também vem a bronca... .. eu tenho medo... ..*

O que você acha que pode acontecer se ele te dar uma bronca? *Ah não sei... .. é que meu pai é meio estressado, sabe!? Eu contava mais para a minha mãe...*

O que aconteceu que você parou de contar? *Não sei... é medo, às vezes, também, dela dar bronca, não entender... ..*

Às vezes dá medo mesmo... .. (A entrevista com Natalia é permeada por vários momentos de silêncio, ela se apresenta bem introspectiva, percebo que diante do vazio em que caímos sinto-me como responsável por acolhe-la, fazê-la sentir-se à vontade, necessidade de criar um espaço onde ela possa sentir-se segura e acolhida, para que possa confiar e expressar seus sentimentos. Apesar da postura calada e introspectiva é possível perceber há uma variedade de sentimentos que à percorrem, o quanto seria importante poder minimamente expressá-los, mas com nenhum sentido de confiança é impossível expressar.)

O pai do bebê vocês namoraram ou não? *Foi só uma vez... uma saída uma vez... ..*

Você nem esperava? *Não... eu falava quero ter filho mas não agora... mais pra frente... lá para os vinte anos... Aí adiantou... ..* (Falava com arrependimento)

Você não gostou muito? *Quando eu fiquei sabendo não... queria terminar os estudos entrar em uma faculdade, depois pensar e ter um filho... ..*

É! mas aconteceu antes... tem que ver como dá para fazer as coisas que você quer fazer junto com seu bebê... (Parece que minha fala expressa uma tentativa de imprimir um sentido para um sentido perdido, ou para a falta de sentido que se configura. A desmotivação com que ela se apresenta, faz com que questione potencial agressivo.)

Você briga Natalia? Às vezes, quando eu perco a paciência brigo...

O que te faz perder a paciência? Ah! a pessoa ficar falando demais no seu ouvido, sabe quando a pessoa fica repetindo a mesma coisa, me irrita... ..

Você acha que seu filho vai ser quietinho ou briguento? Vai me dar um trabalho...

Porquê? Porque se eu dei... o pai dele também é terrível...

Você deu trabalho de pequena? Demais... eu era terrível... minha mãe falava que eu pegava as coisas tacava no chão, pegava shampoo tacava dentro da privada... ela falava que eu fazia birra... (Dá muita risada, se diverte falando das suas travessuras na infância)

Você lembra disto? Não, ela que conta.

O que você lembra da infância? Eu só lembro uma vez que eu estava na pia lavando louça, a única lembrança... eu peguei o prato e taquei no chão, de raiva... só... (Ri muito ao contar isto) Mas acho que ele vai ser terrível...

O que você conhece do pai dele? A mãe dele fala que o pai dele é terrível... que ele pegava as coisas de casa e vendia para comprar bala... então eu não sei para quem o Lucas vai puxar né....

E a mãe dele falou o que quando ficou sabendo? A mãe dele também não gostou muito não... ..

Quantos anos ele tem? Trinta... por causa da idade dele também... ele já tem quatro filhos, este é o quinto filho... mas ele não é casado...

Mas ele mora por perto? Ele mora, mas minha família não quer contato com ele... ..

Você tem amigas? Onde eu morava, eu tinha... da escola, do meu bairro...

E elas vem te ver? Não... também a maioria está grávida...

Quantas? Duas... elas perguntam como é aqui... perguntam se eu não vou voltar... eu falei que pretendo, mas quem sabe isto é o meu pai e o juiz... ..

E o juiz o que disse? *Eu não sei ainda, porque eu não fui chamada no fórum... ainda não fui chamada... ..*

Você acha que seu pai está mais compreensivo? *Agora ele está sendo... ..*

Como era quando você queria sair? *Eu pedi... aí meu pai falava não, eu fugia... ..*

Você acha que você mudou? *Mudei bastante... ..*

O que você acha que mudou em você? *Tudo... o comportamento, o respeito... porque antes eu não respeitava ninguém... ..*

Como era isto? *Meu pai falava, eu virava as costas e xingava ele ... agora não... .. agora estou mais preocupada... ..*

O que você sente quando pensa em tudo? *Eu achava que não precisava estar aqui...*

Você já conversou com seus pais sobre isto? *Sobre isto não.*

Você poderia pensar nisto e tentar falar o que você sente... ..

Ela fica entristecida, quieta e pensativa, percebo que ela não quer mais conversar. Agradeço que ela tenha tido tempo para falar comigo, pergunto se tem alguma coisa que ela queira dizer, se está tudo bem com ela. Ela diz que está tudo bem e que gostou da conversa. Digo que volto outro dia e se ela tiver com vontade podemos conversar novamente e que espero poder vê-la antes do bebê nascer.

Comentários: Natalia faz-me sentir sua necessidade de ser acolhida, compreendida e de ter suporte afetivo. Revela a necessidade de confiar em alguém, para garantir sua existência, sustentar suas dúvidas e conflitos, que assegure que continua sendo amada pelo que é, que sua vida irá mudar, mas que não será abandonada novamente. Sinto vontade de tirá-la da tristeza e do isolamento que se encontra.

Sétima entrevista - Evelyn

Tubo bem Evelyn? *Tudo. Fora o sono que eu sinto... estou sentindo muito sono...*

Este sono você acha que é por causa da gravidez? *Eu acho que é, porque antigamente eu não sentia tanto sono...*

E você está grávida de quantos meses? *Sete meses...*

Meu nome é Claudinei estou fazendo um estudo sobre a história das jovens abrigadas. Eu acredito que se e conhecer melhor a sua história e compreender as dificuldades que você está passando neste momento, talvez seja possível contribuir para um atendimento melhor para vocês nesta situação. Tentar compreender melhor o que vocês necessitam e reconhecer as dificuldades que vocês estão passando... Como foi para você ficar sabendo que estava grávida? Eu fiquei com medo e chorei muito, mas depois eu fiquei feliz...

Você ficou com medo do quê? *Do nada... eu não sabia o que fazer, não pensei em nada, só fiquei com medo e chorei muito...*

Para quem você contou primeiro? *Para minha mãe. Só que eu não morava mais com ela. Morava com umas colegas minhas, porque eu tinha fugido de casa... mas eu fui na minha mãe conversei com ela e minha mãe ficou chorando... feliz, mas ela não queria que eu ficasse grávida, eu era novinha...*

Quando você fugiu de casa? *Com quinze anos, eu fugi porque eu não queria morar com a minha mãe, eu queria sair... Minha mãe é evangélica, não queria deixar eu sair...*

Mas ela sempre foi assim? *Não. Só depois que ela virou evangélica... Antes ela me chamava para sair, dava horário para eu voltar no final de semana, mas depois que ela virou evangélica cortou tudo de uma hora para outra, assim ... Por isto que eu não gostei... aí eu sai...*

Quantas meninas moravam juntas? *Eram seis meninas... morávamos com os pais de uma...*

Tinha pai e mãe lá? *Tinha... eles deixam... apoiavam nós ainda...*

Você ficou quanto tempo lá? *Seis meses... bastante para quem nunca tinha saído de casa...*

E porque? *Você achou que era diferente da sua casa? Para mim ia ser melhor, porque lá eu ia sair...mas não foi né!? ...*

Porque? *Porque a gente não estava na nossa casa... do mesmo jeito... toda casa tem regra... aí tinha que ficar com as regras da casa de menina, que não eram muito boas...eu quis sair... não queria voltar para minha mãe, aí eu fui procurar ajuda... Fui em um curso evangélico que eu fazia e lá eles me levaram para o Conselho Tutelar. Eles conversaram comigo e me levaram para o primeiro abrigo e depois eu vim para cá. O primeiro abrigo que eu estava era de criança e adolescentes, não era de gestantes, depois eu vim para cá ...*

Mas isto depois de você saber que estava grávida? *Foi.*

Foi porque você estava grávida? *Eu não quis ficar mais lá com elas... saí porque me deu vontade...*

E sua mãe? *Ela vem me ver todo o final de semana... eu gosto porque eu sinto falta da minha mãe... Ela vem traz meus irmãos...*

Mais velhos? *Não eu sou a mais velha, tem uma menina de dez e um menino de doze...*

E você? *Eu tenho dezesseis... aí vem todo mundo junto, eu gosto de vê-los... na hora de ir embora eu começo a chorar... porque eu não quero que eles vão...*

Você pensa em voltar a morar com a sua mãe? *Agora eu penso... ..*

E ela? *Ela só quer que eu melhore mais um pouco, que ela vai me tirar daqui... ela quer que eu mude. Porque eu queria ir para bailes, estes lugares e ela não quer mais que eu faça isto... eu fui no baile com a minha barriga! ...*

Você vai ao baile? *Nem tenho mais vontade de ir...*

O que você tem feito? *Minha rotina aqui é isto... faço o que eu tenho que fazer e aí eu durmo... levanto, tomo café, faço as minhas obrigações e vou dormir de novo... não tem nada de bom para fazer... tenho que ficar o dia inteiro aqui presa...*

Como está sendo viver aqui? *Muito chato... falta uns passeios, falta a gente ver a rua mais. Porque não é ruim, é porque a gente fica muito preso...*

Quando você pode sair? *Só se for acompanhada, no final de semana... talvez...*

Mas porquê? *Por que eu cheguei faz pouco tempo, aí tem que ficar um certo tempo em casa, para eles verem se eu me comporto, para aí eu sair sozinha... Aí eu já cheguei e briguei com uma menina e peguei castigo... eu não posso sair...*

Brigou porquê? *Por que ela é folgada... Ela ajuntou com as amiguinhas dela, ficou de leva e traz comigo e com as minhas colegas, aí eu fui tirar satisfação com ela... Aí xingou a minha mãe, isto que me deu raiva, eu não ia bater nela. Eu não ia fazer nada... do nada, eu conversando com ela, discutindo, aí ela foi e me xingou... de um nome que eu não gostei e xingou a minha mãe... aí eu bati nela...*

Ela não te conhecia muito? *Não. Mas, só depois da briga ela veio pedir desculpas, falar que estava errada, que não deveria ter xingado a minha mãe... ..*

E como era morar na sua casa? *Era bom... eu fazia de tudo... lá sim eu fazia as coisas... arrumava a casa... eu saía com a minha mãe, eu sempre tinha alguma coisa para fazer... era bom... tinha bem mais liberdade que aqui... Aqui eu não posso fazer nada, não posso nem ir no portão e lá eu só não podia ir ao baile, só isto, o resto tudo minha mãe deixava eu fazer...*

Eram só você, sua mãe e seus irmãos? *Sim, meu pai faleceu... minha mãe não ficou com ninguém, agora que eu entrei no abrigo que ela está querendo casar com um homem ...*

Você tinha quantos anos quando seu pai faleceu? *Quinze... foi bem difícil, porque eu gostava muito dele...*

Mudou muito sua vida? *Não mudou muito, mas era uma coisa que eu fazia todo dia, eu ia ver o meu pai... Meu pai morava na rua, mas mesmo assim eu não tinha vergonha de ver e todo o dia, já era parte da minha rotina, fazia as minhas obrigações em casa, almoçava e fazia uma marmita para levar para ele, todo dia era isto... mas depois eu comecei a sentir falta disto, porque ele não estava mais lá... eu via ele todo dia...*

O que sua mãe achava? *Ela gostava, ela sempre falou que nunca ia impedir a gente de ver o nosso pai... ela levava a gente também e ficava chorando, porque ela não queria vê-lo naquela situação e ela ainda gostava dele, mas aí depois que ele faleceu todos ficaram tristes. Minha mãe até hoje quando alguém fala ou comenta do meu pai, minha mãe começa a chorar, eu também, meus irmãos...*

Ele nunca morou com vocês? *Ele morou nove anos com a minha mãe, teve os três, ajudou a criar os três, assim, meio período, assim... depois ele foi morar na casa dele, eu fui*

morar com ele... minha mãe com meus dois irmãos, depois ele vendeu tudo na casa dele, porque ele virou usuário de droga... aí eu voltei a morar com a minha mãe e ele foi morar na rua... mas ainda assim minha mãe ia lá ver ele ...

Foi por causa das drogas que ele se separou? Foi. Porque, ele também ficava feliz quando a gente ia ver ele, quando a gente ficava um dia sem ir ele já ficava preocupado, já queria saber da gente, perguntava para as pessoas da rua sobre a gente...

Eles separaram antes dele ir morar na rua e você foi morar com ele? Eu não quis morar com a minha mãe porque o meu pai era mais liberal do que a minha mãe... todo o final de semana me deixava sair...

Qual a diferença entre seu pai e sua mãe? Porque meu pai deixava eu fazer de tudo... eu pedia para e no começo ele falava que não, aí depois ele falava que sim... fui furar o nariz, esses negócios de adolescentes de fazer tatuagem, meu pai não, não, mas aí no outro dia ele falava: "Ah! Faz" E ainda me dava dinheiro para fazer... agora a minha mãe fala não e acabou... ..

Você foi morar com seu pai você tinha quantos anos? Acho que quatorze... acho que fiquei alguns meses só... aí antes de fazer quinze eu fui morar com ela, acho que eu fiquei três meses morando com ela, quando eu voltei, aí o meu pai faleceu...

Aí você não ficou mais com ela? Não. Aí eu fiquei com raiva. Aí eu fui embora, fui morar com as minhas amigas...

Depois de quanto tempo você engravidou? Depois destes cinco ou seis meses que eu fugi de casa... mas aí a minha mãe... como a minha mãe é evangélica... que aí, a irmã do meu pai, ela também faleceu primeiro que o meu pai... ela tinha problema no coração, metade do coração dela batia e outra não... aí eu cheguei a morar com ela um tempo, porque como ela só tinha uma filha e precisa de outra para cuidar dela, como eu era sobrinha dela, ela deixou eu morar com ela, mas aí ela faleceu eu fui morar com a minha mãe... Esta minha tinha que faleceu, Deus dava visão para ela no sonho, revelação em sonho... Ela viu meu irmão que ia nascer, antes de minha mãe estar grávida dele... falou que viu ele, o jeitinho que ele é... aí a minha mãe sonhou a mesma coisa comigo, quando eu morava com as minhas colegas... eu morava com elas, só que de vez em quando eu ia visitar a minha mãe... aí toda vez que eu ia visitar a minha mãe, ela falava que sonhou comigo, me viu grávida de uma menina, a cara do pai da menina... aí eu ficava mãe não

quero ficar grávida... depois de dois meses que a minha mãe falou isto eu engravidei... quer dizer engravidei não, depois de dois meses que ela falou eu fui fazer o teste, tudo, fui fazer um ultrassom que eu vi que estava de três meses... eu já estava grávida quando ela sonhou... eu estava grávida de dois meses quando ela sonhou... agora direto, quando ela vem aqui me ver, ela fala que sonhou de novo e sempre a mesma coisa, eu com uma menina a cara do pai dela... agora eu já sei que é uma menina mesmo no ultrassom. Até antes de fazer o ultrassom tudo mundo ficava, não é menina não, sua mãe está doida... agora eu fiz o ultrassom é uma menina mesmo... aí ela falou: agora vai ser a cara do pai dela... ..

E o pai dela você conheceu como? Eu namorei com ela(e)... ele pediu para minha mãe para deixar eu namorar com ele... foi um namorado meu, eu namorei com ele dois meses só... eu engravidei, mas nem eu e nem ele sabia. Nós terminamos por causa de uma briga nossa, aí depois que eu fui descobrir que estava grávida...

Você namorou ele quando estava morando com suas amigas? Com a minha mãe... aí eu fui embora da casa da minha mãe, ainda estava namorando com ele... eu terminei com ele porque ele não quis que eu fosse embora, eu falei para ele parar de se envolver na minha vida, aí ele ficou com raiva e nós dois terminamos... passou os três meses eu descobri, eu falei para ele. Ele não acreditou que era dele, porque a gente tinha terminado... só que aí ele falou, que pelas contas é dele mesmo, porque um mês que nós terminamos... a gente namorou dois meses... aí dois meses depois eu estava grávida de três meses, ele fez as contas, então é dele... Eu falei: mas é seu! Aí ele ficou feliz...

Quantos anos ele tem? Ele tem dezoito... ele falou que quando nascer ele vem ver e tudo... ele não vem me ver, mas a gente conversa toda vez que eu entro no “face”, mas como é difícil de entrar... última vez que eu entrei ele estava online e a gente conversou bastante... Ele só fala sobre a minha filha, porque ele não gosta de falar comigo sobre eu e ele... e eu nem ligo, eu gosto dele, mas também eu nem ligo... mas, ele está preocupado com a filha dele e ele fala que quando nascer vai vim ver... ele ainda fala que quer fazer o DNA, para ver se é dele... eu falo nós vamos fazer, porque eu sei que é dele, eu não tenho medo... ..

Se a bebê nascer com o rosto dele, nem vai precisar fazer... As tias daqui ficam ‘zuando’ quando eu tiver grávida eu vou falar para você sonhar o que é, se é menino ou menina, porque você sempre acerta... já é a segunda vez que minha mãe acertou, a minha e a da

minha tio que estava grávida... a falou que o da minha tia ia ser menino e a cara da minha tia e que o meu ia ser menina e a cara do pai... o meu já é menina e ela já acertou o primeiro... ..

Você está de sete meses então... o que você está achando de tudo isto? Agora eu estou gostando... eu quero que sai logo, porque eu fico muito sozinha aqui, as vezes fico chorando, minha mãe trouxe umas fotos do meu pai, dela, dos meus irmãos para eu ficar olhando pra eu não sentir saudade, mas sinto saudade e quero uma companhia... quero minha filha para ficar aqui comigo... para eu cuidar dela...

Mas você está mais tranquila de estar aqui? Estou, porque aqui não tem muito o que pensar ou muitas coisas para ter medo... lá fora eu tinha medo de acontecer alguma coisa comigo, porque as meninas lá de fora são muito folgada e eu tinha medo de brigar e perder...

O que tem aqui que te ajuda? Tem muita atenção, porque todo mundo me dando a máxima atenção... porque só tem duas grávidas né... nós querendo ou não, nós temos mais atenção que todas... ah! É bom... porque brincam comigo, mexem na minha barriga, ficam perguntando o nome da minha filha... tipo... o nome da minha filha é meio estranho, mas eu falo, com medo, porque é umas zoam... porque o nome do pai dela é Dairom e ele pediu que se fosse menino ou menina ele escolhesse o nome dos dois, eu deixei, mas ele só falou do menino que vai ser Daruam, se fosse menino, como não é menino e eu não falei mais com ele, enquanto isto eu vou deixar Daruane Isabele, e quando eu falar com ele de novo eu pergunto se ele quer este ou se quer mudar... porque o nome da minha irmã é Isabela e eu queria colocar Isabele... a minha irmã ficou toda contente eu não quero tirar o Isabele, porque ela gostou e minha mãe gostou também... mas é porque o pai da minha filha quer com D de qualquer jeito... ele que vai escolher... ..

Quando você morava com sua mãe você cuidava dos seus irmãos? Sim, para ela ir trabalhar, mas eles que cuidavam deles, porque minha mãe sempre ensinou desde pequeno... desde bem novinho, fazer tudo... minha irmã mais nova tem dez anos e falou que já estava fazendo sopa pra minha mãe, porque ela ficou doente... falei nossa! Fazendo sopa, arrumando a casa para ela... eu comecei a trabalhar assim com dez anos também, mas eu pensei que hoje em dia minha mãe fosse ensinar ela mais tarde... quando ele fizesse treze, quatorze... não com dez anos ela já está fazendo sopa, cortando as coisas, direitinho... eu fico meia triste, porque eu queria ver a minha irmã fazendo uma

sopa, esses negócios... ficar enchendo o saco dela na cozinha, coisa de irmão, mas eu não posso... No final de ano é aniversário do meu pai, porque o meu pai faz aniversário no Natal, eu não quero sair, eu quero ficar aqui, porque eu vou ficar chorando lá fora... já passou um ano que meu pai morreu, Natal do ano passado eu passei chorando o Natal todo, lá fora e eu indo para o baile ainda, porque a minha mãe deixou e não tem graça sair e lembrar do meu pai... sinto muita falta dele, ainda mais quando é aniversário dele aí é que sente mais... Natal ainda, não ajuda muito, porque é uma festa e não tem como comemorar de boa, fico lembrando do meu pai, aí eu vou ficar aqui dentro... As meninas estão falando que vão fugir, outras falando que vão ficar com a família, mas eu não quero. Eu quero ficar aqui, porque se eu fugir para sair eu vou chorar, se eu for para a casa da minha mãe para passar final de ano... quando eu e meus irmãos choram lembrando do meu pai, minha mãe também chora e eu não quero estragar o Natal dela... aí eu vou ficar aqui mesmo... ..

Como era a vida vocês juntos? Era ótima quando os dois estavam juntos, era bom eu gostava, por mim eles nunca tinham se separado, mas... este é o sonho de qualquer filho né!? O pai e a mãe não se separar, mas... eles se separaram acho que eu tinha seis anos, eu entendi mais ou menos... mas era porque meu pai batia muito na minha mãe, maltratava muito ela, chegava bêbado em casa e fazia besteira, batia no meu irmãozinho, porque ele bêbado não sabia o que estava fazendo, batia no meu irmão quando era bebê, recém-nascido, aí minha mãe foi embora de casa... mas ainda assim minha mãe nunca impediu a gente de ver meu pai...

Em você ele bateu? Deu um tapa uma vez em mim, mas para nunca mais, quando eu tinha quatro anos. A gente brincando ele estava sem camisa e pediu para eu fazer massagem nas costas dele, aí meu pai era negrão e gostava daqueles correntes grossas, ele acabou dormindo eu fazendo a massagem nele... eu tirei do pescoço dele eu nem sei como eu fiz aquilo e dei nas costas dele... aí subiu o vergão assim e ele começou a chorar gritando, virou e deu um tapa só... eu comecei me mijar chorando, soluçando, foi o primeiro tapa que meu pai me deu, primeiro e último, porque depois desta vez ele ficou com medo de me bater... mas também meu pai é o que eu mais respeito, porque depois deste tapa, sempre que ele falava comigo era o que ele falou... aí eu aprontava com a minha mãe e ele falava eu vou levar você para o seu pai... eles já estavam separados, eu ficava morrendo de medo... chegava meu pai só conversava comigo e ele não brigava, ele falava “filha não faz isto...”, no maior dengo e eu ficava me mijando para ele não me bater e

eu obedecia, tudo que ele falava que era para eu não fazer eu não fazia. Agora minha mãe falava não e eu fazia, ela falava pode e eu não fazia... mas meu pai só me bateu uma vez só...

E sua mãe? Minha mãe sempre me bateu, até hoje minha mãe me dá uns tapas...

Você não tinha medo dela? Minha mãe eu tenho medo dela agora... mas eu enfrentava a minha mãe... ela me batia eu empurrava ela... porque eu e minha mãe nós não sabemos conversar, porque eu começo a falar com ela e ela começa a gritar ou as vezes ela fala umas coisas e eu só choro... eu não tenho paciência eu fico só chorando e não respondo a pergunta... eu não sei porque a gente não se entende, aí ela fica nervosa e começa a me bater, porque eu deixo ela falando sozinha... ela me bate. Hoje em dia eu tenho medo dela, quando ela fala comigo eu já respondo logo pra ela não ficar nervosa e nem me bater... se eu deixar ela falando sozinha ela começa a ficar nervosa, começa a gritar... eu já sei que dos gritos ela já vai para os tapas, aí eu já respondo logo...

Mas então, você deve ter tido coragem para falar que estava grávida? Ah! Minha mãe ficava falando direto toda vez que ela me encontrava na rua... Evelyn sua barriga esta grande... eu não tinha barriga, eu era aquelas meninas que eram sequinhas, eu tinha percing no umbigo, ficava bem bonitinho, a minha barriga era retinha, aí minha mãe viu que o percing estava indo pra frente, minha abarriga estava crescendo... ela falou Evelyn, você está com a cara mais inchada, sua barriga esta grande, você está com os peitos maiores, isto não é normal seu não... aí eu falei: pronto!... eu ficava falando que eu não tinha feito nada, que eu estava tomando injeção, mentia para minha mãe porque eu não estava. Só que aí eu meio que desconfieei, já tinha atrasado minha menstruação e tudo, mas eu não quis falar para minha mãe... aí foi fácil eu falar para minha mãe... eu cheguei e falei, mãe eu estou mesmo... porque ela já estava falando que eu estava, agora se ela não tivesse falando nada eu ia ficar com mais medo eu não ia nem falar... e os outros da rua também falavam, ela está grávida, ela está grávida... eu nem fiz o teste nem nada e eu ainda cheguei a falar para o pai da minha filha que eu achava que estava grávida, porque está atrasando minha menstruação já faz um mês... aí ele começou me bater, começou a me chutar, fazendo um monte de coisa, falando que não queria um filho agora porque ele era muito novinho... Ele pegou e me falou se você estava grávida, agora você não está mais porque eu acabei de te bater... ele falou... mas aí passou uns meses e a minha barriga foi crescendo mesmo assim, mesmo ele me batendo, por isto que ele não acredita que é dele... Porque ele falou, te bati naquele dia, te dei chute, dei murro na sua

barriga e ainda você está grávida... ai depois ainda minha mãe veio com esta história do sonho para ele... e ele não desacredita de revelação em sonho, porque a mãe dele é evangélica e ela também tem isto, por isto... aí ele ficou meio assim já... mas ele está meio triste porque a ex-namorada dele perdeu um dele... perdeu um menino... aí agora vai vir uma menina, agora está com medo de perder também... no começo ele queria me dar remédio para eu perder, para eu tirar e agora ele está com medo de eu perder, também né dois perdido eu não sei... nunca perdi um filho antes eu não sei o que é isto... mas ele já perdeu um... ele ficou triste...

Mas como você tem se sentido a gravidez? Eu estou bem, só com muito sono... o resto normal, nem sinto vontade de comer nada, não sinto enjojo, só tontura de vez em quando e muito sono, muito sono, mesmo... o resto normal... Estou gorda... fico olhando as fotos... cada semana que a minha mãe vem aqui ela tira uma foto, ela fala que toda semana que ela vem eu estou mais gorda... ela fica me zoando falando que eu vou explodir, ela fica me mostrando as fotos de quando eu não estava grávida... quando ela veio me visitar eu já estava com o barrigão, ele me mostra e eu vejo a diferença que eu estou engordando sim... ainda bem que ninguém lá fora vai me ver grávida, porque eu estou feia... ..

O que sua mãe acha de você estar aqui? Minha mãe acha melhor do que eu estar lá fora, ela mesma falou para mim... porque lá fora eu ficava escutando piadinha dos outros com quem eu morava, eles me faziam de escrava, de besta, lá fora eu brigava muito, arrumava muita confusão e lá fora eu era maior sapeca, fazia a desgraça da vida de muita gente ... do pai da minha filha também, porque eu ficava com raiva, não queria aceitar, não queria aceitar, que eu gosto dele, eu queria um filho... não queria agora, mas eu queria um filho dele mesmo... eu falava isto para ele, mas eu queria uma filha sua... aí ele nossa não sei porque... aí fica discutindo comigo... um filho logo meu... eu era maior sapeca lá fora, aí por um lado para mim está bom aqui mesmo, bem melhor do que lá fora, eu só estou meia de estar aqui dentro porque eu fico muito presa... não estou acostumado com isto... todo dia eu levantava e já arrumava a casa e rua, todo dia era assim... agora aqui eu levanto e tenho que ficar aqui o dia inteiro...

E você fazia o que na rua? Ficava andando com as meninas, ficava andando, dançando na casa delas, nós ficamos passeando, todo dia tinha alguma coisa para gente fazer... final de semana a gente saía para ir ao baile, já era de 'lei', todo final de semana se

arrumar cedo para sair, aqui não, no final de semana a gente se arruma para as visitas...ai fica aí... ..

Você não ia à escola? Este ano inteiro eu não fui, o ano passado eu fui... eu não gostava de estudar, eu só ia para bagunçar, mesmo... muito chato... eu sempre estudei na mesma escola, eu via as mesmas caras todo ano, enchia o saco de todos os professores e sempre passava de ano não sei como, mas eu não gostava de estudar... eu não prestava atenção, para mim eu só copiava porque se eu chegasse em casa sem lição do dia eu apanhava da minha mãe... aí eu copiava, mas ficava conversando e nem queria saber da explicação e a minha mãe também não perguntava, ela só queria ver a lição... aí na hora eu falava alguma coisa, e o que você entendeu disto, eu ah! Mãe... eu lia um pouquinho assim e falava, mas eu não gosto de fazer lição...

De onde eram as suas amigas? Tinham da escola, tinham do curso, tinham da rua, tinham colegas de todo lugar...

E agora como estão suas amizades? Minhas colegas perguntam direto de mim no 'face', porque elas não têm o meu número, não tem nada... eu não dou para elas não ficarem enchendo o saco... não sabem que eu estou aqui, mas já sabem que eu estou em um abrigo... e a minha mãe já até falou que tem três colegas minhas que andavam comigo que já estão grávidas também e uma dessas está grávida do primo do pai da minha filha e elas dois trabalham na mesma empresa... imagina a zuação né! As duas colegas e os dois primos... mas sempre que entro no 'face' elas falam que estão com saudades que queriam me ver e estão bem... já perguntam do meu bebê também... eu não nego não já falo pra todo mundo... também não tem nem como ninguém saber que eu estou grávida, porque no 'face' eu só posto esse negócio de mãe, que eu estou feliz eu já posto tudo... quando a minha filha nascer eu vou tirar foto e colocar no 'face' ... não quero esconder a única coisa que eu quero esconder é enquanto está na minha barriga por causa que eu estou feia ...

Você não quer que as pessoas te vejam grávida? Não.

Você é vaidosa? Sou... gosto de me arrumar... so quando dá eu me arrumo e quando não dá preguiça, porque agora está me dando umas preguiças, mas ainda assim eu faço um esforço para me arrumar e tudo... isto preocupava minha mãe, porque ela fala que ia dar trabalho, ela fala que não sabia porque eu me arrumava tanto... o pai da minha filha também, quando a gente namorava, ele chegava em casa perguntava: porque que ela

está arrumada? para onde ela vai? não sei o que... as vezes me dava raiva porque eu tinha muita roupa curta, sentava ele e a minha mãe enfrente o meu guarda-roupa, quando eu não estava em casa, começavam a rasgar meus vestidos, meus shorts, depois ele na maior cara de pau fala, aquele seu shorts eu rasguei o seu vestido também... quando eu ia para a casa dele ele ia me buscar porque não queria que eu fosse sozinha, por causas das roupas que eu usava... quando eu aparecia do nada, porque sempre antes de ir para casa dele eu avisava, 'mô' estou indo, as vezes eu nem avisada e ele falava: o que você está fazendo aqui? Eu não falei que ia te buscar? O que você está fazendo aqui com esta roupa... aí já sabe para onde vai esta roupa né! Aí ele ia lá na loja e fazia questão de comprar outra mais 'comportadinha' e rasgava a que eu estava... Eu nem ligava... ele vai me dar outra mesmo...

Quem comprava a sua roupa? Ele e a minha mãe... ele e minha mãe eram a maior parceria, os dois iam junto na loja, no shopping e compravam minhas roupas... e tinha roupa que ele queria que eu usasse e minha mãe não permitia porque o gosto dele e quase o mesmo que o meu... aí a minha mãe: Não! está muito curta esta... ele: Então eu vou comprar e ela usa quando ela estiver na minha casa, então leva pra sua casa, porque se estiver na minha eu vou rasgar... minha mãe gosta dele. As tias perguntam aqui, o que ela acha do pai da minha filha... perguntam se ele é bonito... minha mãe: eu não gosto de branco, ele é branco, mas ele é legal... eu gosto dele. Perguntam: a filha da Evelyn vai ser bonita, se puxar o pai? Minha mãe fala: Ah! Eu não sei... aí elas perguntam: Ele é bonito? ... Eu não sei, porque ele é branco eu não gosto de branco, eu gosto de negro de moreno. Porque minha mãe é branca e ela fala que branco com branco não se dá bem ... aí minha mãe fica: Vai ser legalzinho... ele é legal... aí eu falo; Vai ser linda a minha filha se puxar o pai dela? ... eu fico falando isto... aí a minha mãe fala: Não vai ser tudo isto! Às vezes eu falo que meu pai era um negrão lindo, meu pai não era tudo isto não, mas eu falo só para encher o saco da minha mãe... aí minha mãe fica: Olha esse negão, quando passa alguém na rua... eu falo: Sou mais o meu pai, meu pai era o maior lindo, fortão, não sei o que... e meu pai nem era isto... ai minha mãe: Aonde? Fica uma tirando o sarro da outra...

Vocês parecem que se dão bem? Aqui dentro... porque ela só vem me ver uma vez por semana, porque se eu ficasse todo dia como eu morava com ela, a gente nunca se dá bem... deixava ela falando sozinha... ela torrava as minhas paciências e eu torrava as dela... nos duas morando juntas não dá certo... A gente não se dá bem... eu quero fazer

alguma coisa a minha mãe não concorda... aí ela manda eu fazer alguma coisa e eu não concordo também... na hora de sentar para conversar... ela tenta, direto, eu vejo que ela tenta conversar comigo e se dar bem, mas eu nem dou atenção, fico calado... aí ela começa a chorar, fala que não entende porque eu fico deixando ela falando sozinha... aí eu falo que é porque ela não me entende também... aí eu não entendo ela e ela não me entende... aí eu não sei o que fazer para entender a minha mãe e nem ela sabe o que fazer para me entender... Ela vive falando que não sabe mais o que fazer para se entender comigo, mas ela fala que eu não deixo, mas eu falo que é ela que não deixa e fica nessa... Uma acha que é a outra e nenhuma das duas sabe o que fazer mais é por isto que fica neste desentendimento, mas quando ela vem aqui a gente só quer saber de ficar abraçada... lá na casa dela, ela me pedia um abraço eu falava: Sai fora mãe, olha o meu tamanho... ela ficava brincando na frente do meu namorado... falava: Filha senta aqui no colo da minha... eu falo: Sai fora! Olha o meu tamanho... mas hoje eu sinto falta disto. Toda vez que ela vem sou eu quem falo: Mãe deixa eu sentar no seu colo? Mãe me pega no colo? Brincando... aí ela “ Ochi” Pegar você e uma bola! Sai fora... hoje ela que não me aguenta mais ... Ah! Eu gosto da minha mãe

Ela também gosta de você... Gosta muito, ela se preocupa muito comigo... no dia que ela ficou sabendo que eu briguei, ela já ficou com medo... já ligou para mim, assim que eu terminei de brigar... me xingando: você quer perder a minha neta! ... não sei o que... e agora tudo é a neta dela, chegou aqui no sábado passado: Ah! Ganhei umas roupas para minha netinha ela vai ficar muito linda... eu: Mãe! E a sua filha aqui? Ela: Ah, minha filha... eu não quero saber da minha filha, eu quero saber da minha neta. Você está cuidando da minha neta? Eu: Mãe estou cuidando também de mim... eu estou bem... minha mãe: mas eu não quero saber de você, tipo zuando comigo... depois ela vê que eu fico meia com ciúmes, eu fico com ciúmes não, eu finjo que eu estou com ciúmes, porque eu gosto quando minha mãe dá atenção, fala assim da minha neta... porque é a primeira neta dela também, eu gosto... aí eu fico zuando fingindo que eu estou com ciúmes, aí ela para de falar da minha filha e fala de mim... Tá bom minha nega e você está bem? Eu: Ah! Até que enfim... minha mãe é doidinha, eu e ela

Ela cuidou bastante de você quando você era pequena? Cuidou... bastante... ela só acha ruim porque eu dei muito trabalho para ela...

Você deu muito trabalho à ela? Eu tenho certeza que eu dei muito trabalho... já aprontei muito com a minha mãe... com quatro anos e meio, quase cinco eu fugi de casa pela

primeira vez... fiz uma mentira enorme e fui para casa da minha madrinha, não queria sair, não queria ficar lá eu queria ver o meu pai, meu pai estava morando com a minha mãe ainda, minha mãe falava: Filha você vai passar o final de semana com a sua madrinha... tá bom... aí eu fui todo mundo dormindo, brinquei muito, todo mundo dormiu, eu fui lá embaixo, peguei a chave, abri o portão da garagem, não sei nem como eu fiz isto, falei para o povo da rua, que a minha madrinha saiu e que me deixou sozinha e pedi para eles abrirem o portão para eu sair...minha madrinha lá encima dormindo, eles abriram o portão eu fui lá encima coloquei a chave no mesmo lugar e saí... e eles trancaram o portão e me levaram para casa... chegaram lá três ou quatro horas da manhã, falando que eu estava gritando, me esgoelando, falando que minha madrinha tinha me deixado sozinha e minha madrinha dormindo, daí minha madrinha não pegou mais confiança em mim... porque também, olha o que eu falei, olha o que eu fiz... eles todos dormindo e as pessoas ficaram pensando: como povo deixa uma criança, uma bebê em casa sozinha... aí meu pai e minha mãe ficaram com a maior raiva de mim... ela fala para todo mundo, se um dia você vir minha mãe e você sentar e conversar um pouquinho ela sempre fala disto, você fala: Sua filha deu muito trabalho? Ela vai dizer: Desde os quatro anos ela dá trabalho? Você fala: Porque desde os quatro anos? Ai ela fala esta história... Eu aí meu Deus do céu, minha mãe repete esta história toda vez que alguém pergunta...

E você lembra!? Eu nem lembro... eu só falo porque minha mãe fala, minha mãe que lembra, eu nem sabia que eu tinha feito isto... minha mãe de tanto ela falar, repetir isto umas dez vezes para a mesma pessoa e as pessoas tanto perguntarem eu decorei esta história ... minha madrinha fala a mesma coisa... ..

E as coisas legais que você fez? Não sei... minha mãe não fala muito comigo, ela não gosta de me elogiar muito, porque eu fico me achando muito ... quando os outros me elogiam eu fico me achando...

Você se acha o quê? Não me acho melhor que os outros, mas quando só falam que só tem elogio, esse negócio assim... sempre tem um tempo que os outros, me xingam, falam que eu não estou comportada... aí tem um tempo que é só elogio, que aí eu mudo, de uma hora para outra ... será? Eu acho que eu sou meia doida, uma hora eu estou bem e fico uns três meses bem, aí os outros só me elogiam, quando eu escuto muito elogio eu caio de novo, começo a fazer coisa errada e já é normal isto...

Como é estar bem? *Quando eu não arrumo briga, os outros ficam jogando piadinha eu fico quieta... faço as minhas obrigações direitinho... aí depois quando os outros começam a elogiar eu brigo, discuto... fala eu falo também, as minhas obrigações eu faço fora do horário, não levanto na hora certa, aí eu quero fazer pirraça ... isto é reclamação. Só que agora eu estou me comportando porque a minha mãe ... só a minha mãe vem me visitar, ela disse que um dia antes da visita ela vai ligar, para saber se eu estou bem. Se elas falarem que eu estou bem, que eu não aprontei esta semana, tal, minha mãe vem. Agora se eles derem uma ou duas reclamações, minha mãe não vai vir mais me visitar. Toda a vez que tiver reclamação... por isto que eu faço por onde agora, porque eu não quero ficar sem... vem todo mundo visitar sábado, fazer visita para as meninas e minha mãe não... ainda mais este final de semana a minha madrinha vem... aí vem meus primos, se eu me comportar né!*

É difícil se comportar? *É muito difícil, tem umas meninas que eu não falo aqui da casa... de dez meninas eu só não falo com três ... aí eu briguei com uma e esta eu também não falo... eu não me dou bem com elas... elas vem passam, já jogam uma piada, eu fico calada, porque eu quero ver a minha mãe ... eu quero falar alguma coisa mas aí eu já penso na minha mãe... nos meus irmãos, em quem vai vir no final de semana... mas se não fosse isto, antes eu falava eu abria a boca... aí tá falando o que? Eu estou tentando me segurar porque eu estou grávida e as meninas vem pra cima, elas não querem saber. Quem nem a menina que eu briguei, ela sabia que eu estava grávida, mas ela não queria saber ela veio pra cima, mesmo que depois ela pediu desculpa, tal... ela veio pra cima mesmo...*

Qual foi a briga? *Esta que ela ficou de leva a traz já no segundo dia que eu cheguei ela falou, que eu já estava falando do filho da Ângela... que eu estava xingando ele, que eu estava querendo dar uns tapas nele... e toda a mãe se dói pelo filho... vai encostar a mão no meu filho porquê? Ainda mais uma menina grande bater em uma criança... Ela pegou e veio tirar satisfação, eu fiquei conversando com ela normal... meu conversar e discutir... gritar... aí eu fiquei discutindo com ela, falando para ela fechar a boca dela e cuidar da vida dela, porque eu não tinha dito isto nada, que eu acabei de chegar e nem conheço a criança para ficar falando isto e tal... ela foi me empurrando, eu falei para ela tirar a mão, teve uma hora que ela me chamou de uns nomes... aí eu parei, no brigamos um pouco aí eu parei, aí ela foi e xingou a minha mãe... eu fiquei com muita raiva, uma coisa que eu não gosto que xinguem minha mãe, meu pai e minha filha eu não gosto...*

quer xingar meu vô, meus tios, eu ... eu não estou nem aí, mas minha mãe, meu pai e minha filha, não gosto... ela sabia, porque desde o dia que eu entrei elas ainda perguntaram para mim, para quando pegar em um dia de briga pegar em um ponto fraco, perguntaram: O Evelyn quando você está brigando você não gosta que fale o que para você? Eu falei... de bobona eu falei... não gosto que xinguem, minha mãe, meu pai e minha filha... só isto, o resto, se você quiser me xingar, xinga, não estou nem aí... foi a primeira coisa que ela fez, foi xingar a minha mãe... ainda depois eu fiquei falando, desgraçada ela perguntou, para fazer o que não era para ter falado, depois ela veio pedir desculpa... a gente uma desculpou a outra, mas eu não falo com ela não... ..

Como são as amizades aqui? As meninas só tem intriga com estas três, porque ontem já teve uma briga com a colega desta menina que eu briguei... que é uma destas três... aí uma menina que eu falo se pegou com estas três que a gente não fala... e a briga foi feia, aí entrou grávida para separar no meio... Eu e a Natalia, que está grávida, a menina não quis nem saber, aí hoje parece que ela queria apanhar de novo, porque ela apanhou feio da menina e ainda ficou falando que ela que bateu, ficou se gabando para as tias, falando que ela que bateu, que isto que aquilo... a menina ficou com raiva e queria bater nela de novo, a gente não deixou a gente conversou, porque aí elas vão perder, ainda mais agora em dezembro tem bastante passeio... bastante coisa assim, se a gente brigar ou fugir a gente vai perder tudo... nós nos controlamos, a gente fica falando se controla... estamos de boa por enquanto... ..

É difícil fazer amizade aqui dentro? Não. Eu cheguei já vieram três falar comigo... eu fiquei na minha, porque eu sou a maior sei lá... não sei o que eu sou... eu sei que eu chego em um lugar e o pessoal fala que eu tenho a maior cara de brava... não sei o que, porque eu chego séria. Eu não sou estas de chegar sorrindo para as meninas, a tia foi me apresentando a casa e eu a maior séria... com a maior cara feia... aí elas nem ficaram com medo, chegaram e perguntaram se eu estava mesmo com raiva... e eu não, porque? Porque você faz uma cara feia... de nervosa... aí eu peguei amizade com ela, mais rápido. Eu fiquei na minha assim... elas que vieram falar comigo, aí eu gostei da amizade delas e comecei a conversar com elas.... a gente conversar bastante, isto eu gosto. A gente zoa muito dia de festa, a gente tira muita foto, a gente aqui é bem única, nos que conversamos... Eu gostaria de ser unida com estas meninas que a gente não fala, mas não dá... porque elas põe o pé pra trás assim, porque agora elas dão uma de amigas e depois elas mesmas ferram com a gente... tirando essas três, eu me dou bem com todas

as outras ... aí eu fico triste quando elas fogem, toda vez que elas fogem tem uma coisa nova, ou tem... até uma aula de inglês faz diferença... cadê aquela ali? Ah fugiu, ficou faltando ela aqui e tal... a gente sente falta delas...

Quais atividades vocês têm aqui? A gente tem aulas de inglês, tem dia de mexer no facebook, cabelo, unha, de fazer artesanato, esses negócios assim... ai agora em dezembro vai ter bastante passeio, para gente, bastante presente, todo mundo gosta... agora só fico preocupada, que nem, já veio três pessoas pedindo para fazer carta pedindo presente não muito caro, porque eles não podem, mas uma coisinha assim até uns quatrocentos, quinhentos reais, já fica assim... nossa! tudo isto. Eu pensei que eles iam falar cem reais... aí eu peço tudo para a minha filha, não peço nada para mim... eu peço banherinha, eu peço roupinha, esses negócios e ela e para você? Não eu não quero nada eu só quero para minha filha... a não você pode pedir para duas eu deixo, porque ela vê que eu só penso na minha filha... aí eu peço, uma calça para mim e uma dúzia de roupas para a minha filha... porque eu tenho medo de ficar sem as coisas para ela... aí eu já peço tudo, toda vez que é presente para mim eu já peço para minha filha...

Você pensa bastante nela? Penso... nem sei... eu só fico pensando para ela sair logo da minha barriga... me fazer uma companhia... aí eu fico pensando em trocar ela toda hora... a menina nem nasceu eu já fico pensando nisto, todo dia uma roupinha nova, colocar bastante coisinha no cabelo dela, eu fico pensando igual uma menininha mesmo... porque eu sou vaidosa comigo e eu quero ser vaidosa com a minha filha também... cuidar bem dela... e tem uma menina aí que não cuida da filha dela e eu cuida da filha dela como se fosse minha. Tem vez até que eu falo: Filha para com isto... aí eu fico assim, filha!? Olha o que eu falei... na hora que eu chamo a menina de filha eu falo, nossa o que eu falei... Aí eu olha para a minha amiga e falo a minha filha está na minha barriga ainda... mas eu gosto das crianças...

E ela mexe? Bastante. Mais na hora de dormir, aí eu estou morrendo de sono, mas eu não quero dormir só pra ficar sentindo ela chutando... eu fico feliz, antigamente eu ficava mexe, mexe, mexe... agora só mexe e eu, para, para, para... que quero dormir e ela mexe mais à noite... a tarde ela mexe se eu colo alguma criança no colo, ela parece que tem ciúmes, sei lá... ainda mais quando é menina... eu fico falando, olha a minha filha chutando a sua.... zuando com as meninas, acho que minha filha não gostou da sua filha não... acho que ela está com ciúmes, quando é menino ela fica quietinha... menino dorme rápido no meu colo... aí minha filha já é safada... fico zuando. Todo mundo fala, nossa

você só fala da sua filha... eu tenho medo, porque eu já estou de sete meses eu não quero que ela nasça de sete meses, mas quero que ela saia logo também... tenho medo dela nascer com alguma coisa... muito pequena e ficar na incubadora eu quero que ela nasça e já venha embora logo comigo, depois de dois ou três dias... não quero que ela fique internada. Eu tenho medo, que nem o da Natalia vai ter que ficar, porque ele está muito pequeno e ela já está de oito meses... aí vai ter que ficar na incubadora. Ela está muito triste, aí eu fico falando que eu não quero... se nem que a minha está gordinha já pelo ultrassom... o último ultrassom que eu fiz ela disse que ela está bem gorda, que não tem risco de ficar na incubadora não... só continuar comendo como eu estou comendo...

Você está fazendo o pré-natal? Está tudo certo? Está... ..

Você pensa no rostinho dela? Eu já estava discutindo coma minha mãe sábado, falando que tem que nascer com o meu olho, minha orelha e minha cabeça, porque o pai da minha filha é pernambucano, ele tem a cabeça mais ou menos assim... grande né!? Só que ele é muito lindo, tem covinha, aqui e aqui, assim... aí eu falo em que nascer com as covinhas dele, o sorriso dele que é perfeitinho, o nariz dele, que o meu é muito assim (largo)... Eu fico zuando assim, falando o que eu quero meu e o que eu quero dele, nela... aí a minha mãe diz que é a cara dele, não vai ter o meu olho, minha orelha, nada disto... aí eu fico triste... triste e feliz... tem uma hora que eu penso quero que nasça com a cara dele para ele ver que é dele mesmo, mas tem uma hora que eu falo: tem que nascer com alguma coisa minha! Mas, vai vir de mim, isto é o que importa... é minha filha.... e todo mundo já fica meio feliz, porque eu falo é minha filha e nem está aqui ainda... não, mas é minha filha... as tias falam... ganhei dois macacãozinhos eu fico olhando todo o dia... as tias Evelyn não enjoa não!? Não. Eu fico cheirando, eu fico pensando, tem vezes que eu até 'briso' coloco o macacãozinho assim no meu colo, fico 'brisando' no macacão... as tias falam, que eu sou muito... já quero logo minha filha aqui... imagina quando ela estiver aqui...

Agora você só pensa na sua filha? Só... eu e minha filha... não é nem eu mais... eu é só na hora de me arrumar... tem visita... e sim, tomo banho, me arrumo... só uma meia horinha eu e o resto tudo a minha filha.... antes de brigar eu penso na minha filha, eu não quero perder a minha filha... antes de fazer algum esforço, não minha filha... antes de discutir, antes de fazer até coisa boa... antes de ir para o Sesc eu já tenho medo de bater a minha barriga na piscina... alguma coisa assim, eu não vou... Hopi Hare também eu não vou, porque eu posso tomar susto por causa dos monstros, esses negócios... porque falam que

pode prejudicar... aí tem coisa ruim e tem coisa boa que eu já penso na minha filha... eu não vou fazer... também uma coisa me incomoda o pai da minha filha diz que, quando a ex-namorada dele falou que estava grávida, ele ficou triste no começo porque ele não queria um filho, a mesma coisa que eu... aí quando ele estava se conformando ela perdeu e ele ficou feliz que ela perdeu, porque ele não queria ter um filho novinho... aí agora a minha, eu tenho medo de perder e fazer o gosto dele, porque ele não quer, e se eu perder ele vai ficar feliz de novo, eu não quero fazer o gosto dele também... eu já penso, eu não quero perder a minha filha, porque é minha primeira, eu vou ficar triste... eu já estou imaginando como se ela estivesse aqui comigo e outra ele também vai ficar feliz se eu perder ela... eu não quero... minha mãe está feliz, a minha família toda já está toda de acordo com isto... minha mãe disse que já tem uma pá de gente querendo vir me ver... quando nascer também já vai querer vim ver... até trazer coisinha para eu guardar... e minha mãe falando ao telefone quando eu ligo aqui para ela... ela sempre está olhando as roupinhas da minha filha... minha mãe fica chorando ao telefone, eu pergunto o que é mãe que você está chorando, estou vendo as roupinhas da minha neta... aí fica ela chorando lá e eu chorando aqui... aí eu fico imaginando ela assim, porque a minha mãe disse que é a cara do pai, eu fico imaginando, como ela vai ser, a cara dele... mas tem vezes que eu não fico triste, porque eu penso na minha filha... antes de ficar triste eu começo a pensar nela e no pai da minha filha que eu também gosto... fico pensando nos dois, pensando nos meus irmãos, na minha mãe... eu fico feliz do nada, de novo...

Como você acha que vai ser sua vida depois que ela nascer? Depois que ela nascer!?

O que você acha que vai mudar? Tudo, vai mudar tudo... porque eu só vou querer pensar nela, nela... tudo que eu fizer vai ser por ela... minha preocupação também... eu sei que tem momentos que as meninas ficam nervosas com o filho e tal, eu também... aí as meninas fogem e deixam o filho aqui... eu nunca vou fazer isto... porque o filho de um bate no outro, sem a mãe ver e a mãe deixa no chão, as adolescentes mau tratam... minha filha vai ficar só no meu colo, vai ficar junto comigo, na minha cama, eu que vou querer cuidar dela, quando os outros pedirem para segurar será cinco minutos... aí quando nascer eu vou querer deixar no colo dos outros... aí cansou o meu braço, tó... eu faço isto com o filho delas, seguro... eu gosto muito de criança, mas eu seguro meia horinha e aí toma... cansei...

Você acha que vai continuar aqui? Não vou. Minha mãe disse que está só esperando uma melhora minha que ela vai me tirar daqui... eu estou fazendo de tudo para mudar... eu

quero ficar aqui sim, até a minha filha nascer... porque aí sabe, eu vou aprender como cuidar dela aqui dentro... então, quando eu tiver... se bem que lá se eu não aprender aqui, eu aprendo com a minha mãe, porque minha mãe tem paciência demais para me ensinar... antes dela nascer eu seguro a bebezinha das meninas, aí a minha mãe já fala: não é assim, é assim... minha mãe já me viu dando banho na delas e fica me falando... lá no banheiro, a maioria das coisas é a minha mãe nem é as educadoras... minha mãe vem, sai de lá da zona norte e vem aqui para me ensinar... isto é bom... ..

Você acha que depois pode morar com sua mãe? Acho que depois que ela nascer sim... agora não, porque eu ainda tenho que mudar algumas coisas de mim... preciso me dar bem melhor com a minha mãe... vai que esta saudade que eu sinto dela muda, quando eu for morar com ela... eu não sei... e pode estar assim agora porque é começo, porque a gente não se vê ainda, depois voltar tudo de novo... eu maltratar a minha mãe, minha mãe me maltratar de novo... aí eu quero ficar mais um pouco aqui... está bom assim ela me vendo só de final de semana, da saudade, na hora de ir embora todo mundo chora, para ela não ir... mas está bom... .. Eu fico pensando no meu pai, meu pai que ia gostar de ser vô, meu pai vivia falando eu quero um moleque, igual o pai da minha filha... quero um moleque... aí não veio um menino, mas ele está feliz do mesmo jeito, meu pai também ia ficar, minha mãe também queria um menino. Ela não queria que eu tivesse uma menina, mas aí veio uma menina, agora é só a minha neta... Pensei que a minha mãe fosse ficar meio assim, porque é menina, mas eu acho que é a mesma coisa... aí eu fico feliz... .. Eu não, sempre quis menina, só porque a minha mãe falou, menino ia vir com a minha cara e menina com a cara do pai. Aí eu falei: Então que quero uma menina... só por causa disto... Porque menininha tem mais coisinha, para enfeitar, ficar mais bonitinha, rosinha... eu sou a maior criança durmo de rosa, rosinho, branco... tudo que eu ganho, está tudo lá encima, tudo rosinha para a minha filha. Me dá uma coisa branca eu já fico meio assim... eu quero rosa... ..

Ela vai gostar de rosa? (Faz que sim com a cabeça) ... ainda mais com a minha irmã que é puxa saco de rosa, também... aí minha irmã vem aqui e a minha mãe fica, olha aí... ela não tira a mão da minha barriga. Eu morrendo de calor e ela com a mão lá na minha barriga... eu não falo nada, né... fica com a mão na minha barriga... chuta, chuta sobrinha! É bonitinho minha irmã chamando ela de sobrinha, chuta sobrinha é a tia... ela faz igual a mim, fala como se ela estivesse aqui já... aí fica chuta sobrinha é a tia, todo vez que ela vem ela traz um lençol, um lenço, um macacãozinho... fica, olha o que a

tia trouxe para você, ah é, não dá para você ver... eu fico rindo com ela ... meu irmão não, meu irmão fica meio assim porque ele queria um menino... porque ele é o único home da casa agora... o único homem da casa, aí ele queria um menino para fazer companhia para ele... ele não fica muito perto de mim, não fica com mão na barriga... aí eu fico o Airton vai ser tio... ele faz ochi menina!, com aquele jeitão dele de nervosinho... a minha mãe: ele fale ochi mas ele gosta, ele não para de falar de você lá... ..

O que você acha que precisa mudar para voltar morar com a sua mãe? Acho que o meu jeito porque eu sou muito arrogante... ..

Como assim arrogante? Porque a pessoa fala que é e eu falo que não é, tem que ser do meu jeito... só isto... quando eu ganho as coisinhas assim eu fico me gabando... porque eu fico feliz quando eu ganho coisinha para a minha filha, aí eu começo a mostrar para as meninas e as meninas, que eu falo já entendem... é a primeira filha dela, eu também já fiquei assim, ela está mostrando para a gente, agora as outras já não entendem... ah essa menina quer se mostrar, mostrar que ganhou... mas eu não penso assim, eu mostro porque eu fiquei feliz e quero compartilhar com elas... minha filha ganhou mais uma coisinha, não sei o que... é rosa, aí que eu mostro mesmo, aí eu fico perguntando para elas, não é bonito? Aí as meninas ficam achando que eu estou me achando, porque eu ganhei... que nem quando minha mãe, toda vez que ela vem aqui, eu sempre ganhei uma coisinha, eu falo ah mãe eu vou mostrar para a senhora... agora já é de lei, minha mãe chega e começa conversar comigo e já pergunta, se tem alguma coisa para mostrar para ela... aí eu vou lá e mostro... .. é só isto que eu tenho que mudar... ..

Você está bem? Sem tirar esta parte de ficar presa eu estou bem... ver a mesma coisa a mesma casa todo dia, eu nem sei qual é a cor da casa de lá... vou começar a sair agora neste final de semana...

Quantos dias você não sai? Uns quinze dias já... foi o meu castigo, porque é seis dias para me conhecer, ver se eu estou me comportando, para depois sair livre assim sozinha... aí eu peguei um castigo de alguns dias, porque eu briguei, deu quinze dias tudo isto... mas já acabou... .. este final de semana eu já saio, vai ser o primeiro passeio...

E sua mãe vindo te visitar... Ah! Eu me preocupo quando ela ... toda vez que eu ligo para a minha mãe eu pergunto se ela vai parar de vir... porque ela depende do carro do novo namorado dela, para trazer ela... o meu padrasto... quando ele não traz ela dá um jeito de vir de ônibus, só que minha mãe não tem condições para poder vir todo final de

semana ... aí eu fico triste, porque eu quero ver minha mãe todo o final de semana, mas ela não pode vir todo final de semana... eu fico meia assim, fico pensando em um monte de coisa, se eu pudesse fazer, para minha mãe vir todo final de semana, eu penso em trabalhar para quando a minha mãe vir eu poder dar o dinheiro para o próximo final de semana, eu penso um monte de coisa... porque eu vejo minha mãe só uma vez por semana e por mim eu via toda semana, para ver só uma vez... mas para ela não dá, este final de semana passado ela não viria porque não tinha dinheiro, ela disse que fez um bico lá que ela não quis me falar, eu fiquei sabendo isto pelos meus irmãos, que ela fez um bico, só para arrumar dinheiro para vir me ver... aí eu conversei com a minha mãe ela começou a chorar, mas eu quero vir te ver... aí eu fico sentida, porque minha mãe não tem dinheiro para vir me ver e faz de tudo para arrumar dinheiro para vir me ver...

Ela trabalho com o que? Minha mãe não trabalha, ela fazia bico de radiador de carro, porque meu pai era mecânico e ele ensinou a minha mãe. Aí minha mãe começou a trabalhar, mas deu o maior rolo, porque o patrão dela não quer falar com ela porque ela arrumou um namorado e o patrão dela gostava dela. Só que ele não falava para ele que ele gostava dela, ela não sabia... aí ele parou de falar com a minha mãe por causa disto, aí ela parou de trabalhar, agora ela não trabalha mais... aí ela faz uns bicos de vez em quando por aí ou limpa a casa de alguém uma coisa assim para ela arrumar dinheiro e vir me ver... aí eu fico triste né!?

Ela está morando com seu padrasto? Ele mora embaixo, porque a casa que a minha mãe está morando é dele e tem três andares, a minha mãe alugou o do meio e ele mora no primeiro.. aí os dois moram um embaixo do outro... mas eles se vêem toda hora... um sobe outro desce... eu gosto dele, tirando a parte que ele quer tomar o lugar do meu pai... eu não aceito isto, não tem como tomar o lugar do meu pai... minha mãe fala mas pai qualquer um pode ser pai, mãe que é única, para mim não, para mim pai é o que morreu... aí ele fica falando.. chamando nós de filha, aí ele vem aqui e fala cadê minha filha, toda vez que ele traz a minha mãe faz questão de me dar um abraço um beijo... eu não gosto que ele me chama de filha, meus irmãos já chamam ele de pai eu fico olhando assim... ichi! Para de chamar ele de pai, me dá raiva... porque já é o segundo padrasto, minha mãe arruma um marido, meus irmão vão... minha mãe ilude eles e eles chama ele de pai... pai o caramba... aí minha mãe, chama ele de pai... você tá achando que eu tenho dez anos mãe eu tenho dezesseis, meu pai é um só... é meu irmão que fica chamando, aí ele quer vir com presentinho... ah! presente tá, eu não vou te chamar de pai... vem com

chantagem, me dá uma coisa para eu chamar ele de pai ou de padrasto ou sei lá o quê, que ele quer que eu chame ele. Vire e mexe ele traz uma coisinha para mim, uma barra de chocolate ou alguma coisa, querendo me chantagear, eu já falei eu não vou chamar ele de pai... vou ver até se minha mãe vem, aí ele traz uma caixa de chocolate para mim, tá brigado, mas eu não vou te chamar de pai... Evelyn! Ele tá querendo me chantagear, tá querendo que eu chame ele de pai eu não vou chamar... aí minha mãe fica meio assim e pede desculpas para ele... aí minha mãe: Pede desculpas... eu não, porque é verdade... eu fico meia assim, não gosto não quando ele fala que... ele senta para conversar comigo, você ainda vai ver eu vou ser melhor que o seu pai... eu fico meia assim, para mim não tem homem melhor que o meu pai, não interessa, ele pode me dar uma casa, um carro, não interessa meu pai é um só... ah! você vai ser melhor que meu pai, ele é você vai ver eu vou fazer sua mãe muito feliz e não sei o quê... mas meu pai também fez a minha mãe muito feliz, minha mãe nunca falou que se arrependeu de ter namorado meu pai, casado com nove anos... você se arrepende mãe e minha mãe não... aí eu começo a falar do meu pai ele fica com raiva... eu não estou nem aí... conheceu a minha mãe agora e já quer tomar o lugar do meu pai... se ele estivesse pelo menos uns dois anos com a minha mãe... tem meses ainda com ela... mas tirando isto ele é legal... ... ele quer agradar os filhos para ganhar a mãe, mas ele já ganhou minha mãe... se eu tivesse lá acho que ele não ia querer casar com a minha mãe, porque minha mãe fala que é maior difícil para ela arrumar um alguém por minha causa, porque ela levava um, mas minha mãe não é dessas mães que leva um cada semana, ela leva um este ano, o outro no próximo e depois no outro ano... ela levava e eu falava a mãe este não... a minha mãe falava eu que tenho que gostar, e eu falava tá bom, aí eu aprontava... fala para a minha mãe separar dele, falava mãe ele me bateu, mãe ele fez isto... aí minha mãe conversava com ele, falava não dá mais, não sei o que... eu fazia isto de propósito... depois eu pensei, deixa a minha mãe cuidar da vida dela... eu falo mãe eu não gostei, mas se você quer... vou deixar minha mãe ser feliz... eu queria meu pai mas minha mãe não quis mais o meu pai... meu pai só teve duas mulheres em toda a vida dele, ele morreu com trinta e oito anos... ele veio de Pernambuco com dezesseis anos, namorou com uma menininha lá, dos treze aos dezesseis, aí dos dezessete ele veio para São Paulo, conheceu a minha mãe e viveu com ela, depois da minha mãe ele não ficou com mais ninguém... meu pai era o maior doidinho, maior mongô, ele não chegava em nenhuma mulher para conversar ou... ele terminou com a minha mãe não namorou com mais ninguém porque ele gostava da minha mãe... para ele, ele só queria a minha mãe, só a minha mãe... eu ficava feliz né, meu pai

gosta da minha mãe e minha mãe vivia falando que não gostava mais dele, que não ia dar certo, quando ele morreu ela falou que gostava dele, mas ela não queria que ele soubesse, porque senão ele ia continuar usando droga, ele não ia se levantar, ou ele ia só se recuperar por interesse, para voltar para minha mãe... a minha mãe já falou para ele melhorasse, saísse das drogas, se trabalhasse tudo direitinho, minha mãe voltava para ele... ela falou isto para mim e falou para ele e ele ficou mais amimado, a gente viu que ele estava melhorando só por interesse, aí depois ele caiu de novo... eu fico com medo do pai da minha filha morrer cedo ou aprontar alguma coisa ou volta para o Pernambuco, porque ele é de lá... ele veio novinho para cá, mas a família dele toda é de lá... ele vive postando no face, que ele quer ir embora porque ele está com saudades, quer passar uns meses lá'... ele só tem a mãe dele aqui, o pai dele faleceu, mas os tios, primos dele são todos de lá... mas também ele não quer ir embora porque tem muito colega aqui... o emprego fixo dele é aqui, ele falou que ia embora este mês de novembro que passou, só que eu falei que estava grávida ele ficou. Disse que não quer ir embora agora enquanto não souber se a filha é dele, falou que quando nascer vai fazer o exame de DNA e se for dele ele fica, senão for ele vai embora... então filho desfaz as malas porque é sua, ele fica dando risada, ele vai esperar nascer para ver se é ou não é aí ele vai ficar... fazer uma companhia para ajudar ele é bom é só isto que mexe com ele, eu não soube desde o primeiro mês que eu estava grávida eu só soube no terceiro, isto confundiu com a cabeça dele... minha mãe fala, ele fala agora que não é dele, mas quando nascer ele vai ver que é a cara dele, ele vai até esquecer o nome dele de DNA... vamos ver né, mas ele é uma pessoa boa, eu gosto dele

Vamos descansar? *Sim.*

Eu volto aqui outra vez e se houver alguma coisa que você queira conversar, ou alguma dúvida que você tiver sobre o que conversamos hoje a gente pode conversar novamente, tudo bem? *Tá.*

Comentários: Ao longo da entrevista vou ficando cansado, foi uma das entrevistas que mais me cansaram pela velocidade da fala da jovem e sua extrema ansiedade em estar em um lugar desconhecido com jovens com quem não pode confiar.

Oitava entrevista – Gabriela.

Oi tudo bem!? *Tudo...*

Qual seu nome? *Eu sou a Gabriela.*

E esta é quem? *Esta é a Heloísa.*

Gabriela, meu nome é Claudinei e venho aqui para saber um pouco da sua história de vida. Como foi sua gravidez, seu parto, como é ter um bebê, você pode me falar um pouco sobre estas coisas?

Quando ela nasceu ela teve que ficar no hospital.

O que aconteceu? Porque ela tinha comido coco dentro da barriga e fazia muito tempo que ela estava lá... passou da hora... aí fui ter ela... ela ficou muito tempo presa muito tempo, porque eu tive ela normal ... ela ficou muito tempo presa lá embaixo... aí ela perdeu o fôlego né e nasceu preta, preta, preta... aí eu não consegui terminar porque eu desmaiei e tiveram que fazer fórceps... aí ela nasceu, ficou na UTI uma semana, depois ela melhorou um pouquinho foi para a semi UTI, depois foi para o berçário e foi quando eu fui buscar ela... aí ela ficou lá... ficou lá uma semana e depois eu tinha que ir todo o dia lá dar leite para ela... cuidar dela... aí depois quando eu ia embora dava um aperto para não deixar ela sozinha, aí eu fui perguntar para minha mãe ... mãe!? Eu não sei se estão cuidando bem, não sei o que estão fazendo... mas só que eu gostei daquele hospital...

Qual foi o hospital? Hospital da Mulher, lá em Santo André... aí eu fiquei lá... eles me trataram super bem. Primeiro, eu fui no Nardine para ganhar ela, só que eles não quiseram aceitar, eles falaram: Não! você é muito nova! a gente não pode correr este risco... eu estava sentindo muita dor e eu fui lá para o Hospital da Mulher e eles fizeram o parto...

Quem te levou? Fui minha mãe... eu estava em casa sem dor nenhuma, aí de repente começou aquela contração... aí fui para o médico e ganhei ela, fiquei lá uma hora e seis no hospital para ganhar ela... minha mãe assistiu meu parto todinho... quando ela nasceu murcha tiveram que dar choque nela, aí a minha mãe também desmaiou e tiveram que tirar ela da sala... aí ficou eu desmaiada de um lado e ela de outro...

Você desmaiou de dor!? *Não sei, acho que foi perda de memória, não sei... de repente desmaiei... no parto... a hora que estava saindo o corpo dela inteira eu não aguentei... desmaiei... ainda estourou uma veia e eu fiquei com hemorragia só que graças à Deus eu não fiquei no hospital... ..*

Foi perigoso então... Foi bem perigoso... foi assim que eu tive ela e hoje ela está aí saudável, não tem nenhuma doença... eu também estou bem ...

Mas porque você veio para cá Gabriela? Você estava na casa dos seus pais? *Eu estava na casa do meu tio... aí eu fiquei lá na casa do meu tio... meu tio ia viajar demais... acham que eles não gastam... na rua tinham um monte de meninos, não tinha como eles não parar e olhar... meu tio era amigo de todos eles na rua... aí eu ficava lá... os meninos brincavam assim, normal... ai teve um dia que eu saí, falei: Tio... eu vou para a casa do pai da minha filha e volto mais tarde... aí ele falou: Você não vai. Eu falei: Vou sim! ... Aí fui no dia da festa do meu primo, meu primo ia fazer vinte seis ou vinte sete anos... foi de noite a festa dele, acabou meio noite... uma hora da manhã... eu falei: Tio! ... eu perguntei para ele... Porque você não gosta do pai da minha filha, essas coisas... aí ele falou assim: Porque não, ele nunca te sustentou... eu falei: Sustentou sim, porque eu morei com ele sete meses e mais um ano ainda... ele falou: Tá bom então... aí ele pegou e começou a me bater, porque eu queria ir para casa do pai da minha filha e ele não queria deixar ... ai ele foi dormir eu peguei e saí de casa... falei assim, você não quer deixar eu sair, então tá bom... Eu saí de casa, ela já tinha nascido, ela já tinha um mês, dois... não ela tinha três meses... aí eu peguei e fui para lá... falei: Eu não quero ficar aqui mais... aí falou assim: Vai se você quiser... aí eu peguei e fui morar com o pai dela... quando eu fui lá para o pai dela, o pai dela já não estava mais, porque ele tinha ido viajar... eu fui mostrar para ele, porque ele nunca viu ela... ele sabe que ela nasceu, mas não sabe nem o nome direito... ele acha que o nome dela é Heloísa Vitória... ele acha que é Vitória... aí eu peguei e falei: Mãe eu quero mostrar ela para o pai dela... o pai dela tem direito de ver ela, se eu proibir, futuramente eu posso me arrepender ou o juiz também pode me “dar o coice” porque o juiz sempre faz isto, este daí... porque ele fala que é direito dos pais... aí eu peguei fui lá para casa dele fiquei lá... levei ela... isto era uma hora da manhã... aí eu dormi lá... no outro dia eu liguei para minha mãe, falei para minha mãe que eu estava lá, porque ela estava me procurando... ela foi lá me buscou e me trouxe para cá... me levou para outro abrigo, que só tinha adolescente misto, sabe tudo misturado... mas, não tinha jeito de ficar com ela lá, os nenês que tinham lá eram*

todos para adoção... aí se eu ficasse lá mais um tempo, ela ia sair para a adoção também... aí eles foram e me mandaram para cá... aí eu vim para cá e fiz amizade com todas as meninas... hoje nós vivemos bem com todo mundo...

Quantos anos tem o pai dela? Ah! ele é bem mais velho que eu...tem vinte e seis...

Quantos anos você tinha quando ele te conheceu? Ele me conheceu eu tinha doze... mas eu já falei para ele, você corre um sério risco... ele falou: Não tudo bem eu assumo... porque ele já tem três filhos, uma que ele adotou e as outras duas que são dele... porque a Graziela que ele adotou, a Grace que é dele e a minha que é a Heloísa que é a mais nova dele... ele disse que ele assume... e todas as filhas dele ele assumiu, todas eram menor (se refere as mães das outras filhas)... agora elas são bem mais velhas, agora tem uma que tem vinte, a outra deve ter uns vinte e poucos... a mais velha que eu conheci, que eu briguei com ela, tem vinte e seis... eu saí nos tapas com ela... ela foi para o hospital, eu não fui não... eu peguei a corrente do portão e dei nela...

Porque? Ela ficou me provocando... ela sabia que eu estava grávida e não podia passar nervoso, continuava me provocando... a gente morava assim, eu morava num quintal com ele, aí passava uma esquina ela morava... ela passava lá meio me provocando, teve um dia que eu me injuriei... eu estava estendendo roupa, que eu tinha lavado dela (filha)... aí ela me provocou, eu fiquei quieta, aí ela passou de volta e continuou, quando ela passou de volta, pronto... aí foi o fim, eu voei encima dela e ela é mil vezes maior do que eu.. Voei encima dela, dei uns puxões de cabelo, vários tapas... aí o pai dela ouviu, estava dormindo... tinha acabado de chegar do serviço... dei vários tapas nela... aí ele escutou a gritaria e foi lá ver o que era... quando ele foi ver, ela estava toda estirada no chão cheia de sangue, lá no chão... a única coisa que ela me deu foi um tapa, a única coisa que ela conseguiu acertar ... na hora eu estava com tanta raiva... eu sou igual a minha mãe, quando a pessoa mexe eu vou continuando na minha, eu vou aguentando... quando eu vejo que não dá mais, também eu parto para cima e ninguém me tira da pessoa... que nem, eu tive várias reclamações de escola por causa disto... toda escola que eu fui, não teve uma que eu não briguei... ou é por causa de namorado ou é por causa de provocação... todas que eu fui eu briguei... eu brigo de soco, não brigo de dar tapa e nem de puxão de cabelo... que nem a favela lembra!? ... briga de puxão e de tapa isto é briga de galinha e de puta, briga de mulher de verdade é briga de soco, de muro, de ponta pé... minha mãe também, minha mãe quando me pegava para bater era só “fiozada” que rolava... meu tio, um dia me pegou pra bater uma vez, era só as “fiozada”, ficou só os

vergões saindo sangue... aí hoje ninguém me bate mais... na casa da minha mãe mesmo os outros me chamam de barraqueira... na casa do meu tio o pessoal fala: olha a barraqueira tá chegando, não mexe com ela não que ela parte pra cima... lá eles falam assim quando eu chego lá para visitar a minha mãe... agora nem posso ir lá mais, estou proibida de visitar os parentes... eles que tem que vir...

Você não pode ver? Todo mundo aqui... todo mundo aqui... tem vezes, ninguém respeita, todo mundo vai na casa do parente... ninguém respeita, né... porque quem vai conseguir ficar mais de um mês, dois meses sem ver a família... ninguém consegue... eu não fui ainda porque eu ainda não tive oportunidade, mas quando eu tiver eu vou ou senão eu falo tia: Eu preciso ir ver a minha família, assim, assim, assim... mas eu volto na hora certa. Que nem sábado... não foi domingo, eu saí... aí era para ter voltado as seis horas da tarde, eu voltei cinco para a meia noite, mas porquê... eu tinha ido visitar... eu tinha ido para o parque, tinha ido visitar... tinha ido ver por aqui... aí eu não tinha nem noção da hora, eu falei: Deve ser umas oito e pouco ainda... aí chegou aqui era cinco para a meia noite, a gente ficou de advertência de três semanas... aí estamos de advertência ainda... aí passa três semanas depois de três semanas a gente sai...

Três semanas você não pode sair de jeito nenhum? Não. Três finais de semana... sábado e domingo, sábado e domingo, sábado e domingo ... seis né! ... seis finais de semana...

Como você se sentiu quando ficou sabendo que estava grávida? Eu fiquei com choque... eu fiquei com choque mas ao mesmo tempo eu fiquei feliz... eu falei, nossa mãe... minha mãe não sabia... eu já estava grávida faz tempo e minha mãe não sabia... eu estava de uns cinco meses e minha barriga não aparecia... aí quando eu vi que a minha menstruação estava atrasada eu falei: Mãe, minha menstruação está atrasada... eu falei, nem ligo porque minha menstruação foi sempre desregulada, nem ligo... mas depois eu vi, minha barriga começou a crescer eu comecei a ficar enjoada... eu falei: Mãe é normal? Ela falou assim: Não! Você está grávida né!? Falei: Não mãe... fui fazer o teste deu negativo, eu menti para ela... aí teve um dia que ela foi lá no posto fez eu fazer o teste e deu positivo, foi eu e o pai da minha filha... aí eu liguei para ela e falei: Mãe eu estou grávida. Ela ficou super preocupada, veio voando para a casa da minha vó, porque eu estava morando com ela... morando com a minha vó, assim... a casa minha e do pai da minha filha e a casa da minha vó do lado...

No mesmo quintal? *No mesmo quintal... ele ficou feliz também, ele falou: Mais uma. Tá bom, a gente luta e cuida junto... aí minha mãe pegou veio, falou comigo... aí pegou e ficou feliz e agora ela é vó coruja dela... e a mãe coruja, né... porque todo lugar que eu ia, minha mãe ia junto com ela... minha mãe hoje gosta dela pra caramba... se entendeu com o pai da minha filha... estamos juntos aí, mas ele não sabe que eu estou aqui... para ele eu estou lá em casa dormindo, na boa ou arrumando a casa... para ele eu estou lá, mas se ele descobrir ele vem ver ela... ele está doido, doido para ver ela... se ele vier aqui, ele vem ver ela...*

Como foi o pré natal dele? *Fiz o pré-natal todinho, me tratou bem, falou o peso que ela estava, o ultrassom certo... atendeu bem, Dr. Sergio...*

Na gravidez você teve algum problema? *Não. Não tive problema... só tive mais problema assim... um pouco... com droga, né... mas graças a Deus eu saí desta vida porque isto não é vida para ninguém ... que nem, eu sempre explicava para o meu pai, para com isto, porque isto não é vida para ninguém. Eu já me envolvi com isto e não me levou a nada, isto aí é apenas uma ilusão, uma hora você está lá de boa e depois voltam todos seus problemas de novo... meu pai falava: Eu uso para esquecer os problemas, eu falei: Pai você vai esquecer até a 'brisa' da droga passar, quem nem o pessoal fala tem a 'brisa' da droga, depois você vai lembrar tudo de novo, fora que você vai estragar a sua saúde, minha mãe sempre falou isto para mim também... aí faz um ano que eu não uso...*

Quem te ajudou na gravidez? *Foi minha mãe... todo momento que eu mais precisei foi a minha mãe que me ajudou... minha mãe, a tia dele e o pai dela... os três que mais me ajudaram foram eles e o meu tio também foi um dos principais... ..*

O que eles fizeram? *Me acolheram... foram atrás de psicólogo... ..*

Você foi ao psicólogo? *Não. Nunca gostei. Minha mãe falou que psicólogo não é só para louco, ela fala que é para se desabafar, para você falar o que sente, o que você não sente, para você não ficar com esta angústia, porque isto vai virando doença... você vai ficando com depressão... eu fiquei com depressão depois que eu larguei do pai dela... eu fiquei com depressão, não comia nada, ficava triste, não queria falar com ninguém, só ficava na minha, as vezes, até... quando eu estava grávida dela, porque eu separei quando eu estava grávida dela... estava de nove meses completo, aí eu não comia, mas ao mesmo tempo pensava nela, pensava em me matar... o que eu estou fazendo aqui, eu não mereço esta vida... depois eu parei e pensei, se ele não me quer tem muita gente que me quer e*

que vai cuidar de mim... aí eu peguei e separei dele e fiquei de boa... só que até aí eu me encontrava com ele, conversava de boa ele perguntava dela... aí ficou tudo bem... hoje a gente se separou de boa, ele liga a gente conversa e pronto... hoje ainda eu tenho uma certa saudade dele, ele ainda tem de mim, mas é o que todo mundo fala se eu ficar com ele é pedofilia... eu falo para ele: Eu gosto de você demais, mas é melhor você ficar na sua e eu fico na minha, porque ninguém ia gostar nem a sua família se eu ficasse com você... você iria preso... ia 'pagar um pato' que eu mesmo quis, mas só que na visão do juiz é pedofilia... é melhor você ficar do seu lado e eu fico no meu...

Porque? Eu tinha treze e ele vinte e seis, na visão do juiz é pedofilia... se ele fosse registrar ia correr para o juiz, mesmo assim ele ia se 'ferrar' ... qualquer coisa a gente vai ao juiz conversa com ele e a gente registra junto... Ele está lá correndo atrás dos advogados dele, ele quer os direitos de pai dele também, eu estou correndo atrás dos meus para ele dar pensão e pronto... ..

O que sua mãe acha disto? Ela ficou meio cismada... meu pai quase me mata, quando soube que eu estava grávida, ele quase me mata... minha mãe ligou para ele e contou para minha vó, minha vó ligou para ele e contou. Ele falou: Essa menina é louca... Ela está louca. Ela tá doida. Falei: Pai tá feito, o que tá feito eu não vou tirar... ele pegou e falou: Você vai tirar. Eu falei: Eu não vou. Eu não sou obrigada a tirar, a fazer o que você fez para minha mãe, para minha mãe me abortar... eu não sou obrigada a cometer o mesmo erro que você cometeu, o erro do seu passado... não sou obrigada a cometer os mesmos erros que você cometeu, fez a minha mãe beber óleo, fez ela beber um monte de comprimido...

Quando ela estava grávida de você? De mim e da minha outra irmã, aí fez ela beber óleo, um monte de comprimido, até que ela perdeu dois, que eram gêmeos, por causa dele... ela acabou bebendo e se ela não bebesse ele ia bater nela... acabou bebendo, ela desmaiou, quando ela percebeu tinha perdido logo dois... ai depois destes dois, era para eu ter uma irmã e uma mais velha que eu... aí ia ter eu, só que depois eu também fui planejada, nem quis dar muita bola... aí veio a minha irmã Carol e a Leticia... aí ela ficou junto do meu pai, não deu certo... aí foi o Rafael e o Guilherme que são do meu padrasto e eles estão juntos até hoje...

Você morou com eles? Morei... não achei bom, porque lá eu não tinha nenhuma liberdade, não deixava eu sair, não deixava eu fazer nada, como o meu tio, os dois são

iguais em algumas partes em algumas partes meu tio é mais legal, eu sou mais mimada pelo meu tio... quando eu vim para cá meu tio nem queria saber de mim mais...

Porque? Porque eu tinha desrespeitado ele, mandado ele para aquele lugar... aí hoje ele liga para mim a gente conversa também... hoje eu ainda sou bem mimada por ele ainda... hoje ainda eu sou bem mimada... bem mimada pelo meu tio... a gente conversa...

Eles vêm te visitar? Meu tio viaja quando ele está trabalhando, minha tia também, aí não dá para eles virem aqui e eles também tem o filhinho deles pequenininho de três anos...aí não vem não...

Como é a relação sua com a bebê? A gente se dá bem, eu brinco com ela e ela ri, falo do pai dela, de vezes em quando eu estou triste, ela sabe que eu estou triste, eu choro e ela começa a chorar também, ela é assim... quando eu falo do pai dela, dos momentos bons que eu fiquei com o pai dela, para mim ela entende, por isto que eu falo para ela. É como eu falo para minha mãe, a minha amiga mesmo que eu sei é a minha filha... e o meu verdadeiro amigo que eu sei é Deus... falei mãe, você pode ser uma pessoa que eu entendo, mas a minha verdadeira amiga mesmo é minha filha, o que eu conto para ela, ela não conta para ninguém... eu conto para ela, fica entre eu e ela... minha mãe falou está bom... eu desabafo com ela mesmo, as vezes fica eu e minha filha conversando... As tias falam, mas ela não te entende, eu falo: Ela me entende sim. ... ela me ouve... eu falo com ela, ela fica bem prestando a atenção... eu e ela nos damos bastante bem... ..

Quando ela estava na sua barriga você imaginava com ela ia ser? Imaginava... sonhava que ela ia ter bastante cabelo, que ela ia ser grandona, até cheguei a sonhar como ela ia ser, aí o jeito que eu sonhei ela é igual... é igual o jeito que eu sonhei, carequinha, meio japonesinha... igual eu sonhei ela nasceu, eu falei: Foi Deus que me revelou o jeito que a minha filha ia ser... hoje ela tem a mesma mania que eu, o jeito que eu durmo, ela dorme do mesmo jeito... como eu ficava bastante na gravidez mordendo os beiços, hoje ela fica mordendo os beiços!... só que tem algumas coisas dela que ela puxou para o pai dela... ela não tem muita paciência, ela não espera quando eu tenho que fazer muita coisa ela não espera... quando ela está com fome, ela nem está com tanta fome e ela fica desesperada, ela fica gritando, aí quando eu vou dar, ela nem mama... aquele desespero do pai dela, que ela tem... mas, ela é a cara do pai dela... tudinho do pai dela... ele é desesperado, nervoso... o que eu e o pai dela não nos demos muito bem foi esta coisa dele ser nervoso e eu ser muito estressada, sabe... qualquer coisinha eu, para, sai daqui, vai

embora, some... era assim, eu era assim, ele também não tinha muita paciência comigo... eu falava ai meu sai daqui, vai dormir me deixa em paz... aí ele falava porque, eu falava: eu não sei, porque eu não quero você aqui... como ele não era muito... ele já levava mau... você não quer mais me ver aqui? Então tá bom, vou embora de casa e você não vai me ver mais e eu: Não, não, não é assim não, desculpa... aí ele: ah! tá bom então... tinha de ver quando ele ficava emburrado também, podia falar com ele o que você quisesse que ele não respondia... ele era bem birrento e ela também é assim... as vezes eu brigo com ela assim, ela entende e começa a chorar, aí eu vou brincar com ela e ela começa a sorrir, a mesma coisa que o pai dela é... eu brigava com ele a gente ficava sem falar... a mesma coisa que ela, o jeito que ela fica... eu reparo bem sabe, eu sou uma pessoa que repara bem na outra pessoa... ela fica assim, eu olhava para ela, olhava para o pai dela, eu lembro que o pai dela fazia, ela faz a mesma coisa... é igualzinho, o tamanho que o pai dela nasceu é igual, o jeito que o pai dela nasceu foi igual o jeito que ela nasceu, foi tudo idêntico...

Ele também nasceu assim? Teve complicação também... ele falou: Eu também nasci assim por isto ela deve ter puxado... eu falei: Puxou a pior coisa que foi isto... ele não ter muita paciência também, coisa que eu também não sou muito paciente, quando eu quero uma coisa eu vou até o fim, eu teimo até eu conseguir... quando eu teimo alguma coisa, cismo alguma coisa, eu vou até o final... minha mãe também é bem assim, eu peguei esta mania da minha mãe, quando eu cismo vou até o final, até eu conseguir o que eu quero... aí eu consegui... aí eu vim para cá e estou aqui até hoje...

E você sabe até quando você vai ficar aqui? Aí eu não sei, depende do juiz, né... tem a minha madrinha me querendo, tem muita coisa... depende do juiz, se eu vou ficar aqui até os dezoito, ou se eu vou sair daqui e vou para alguém da minha família... depende dele, mas eu falei para minha mãe se Deus quiser eu vou sair daqui...

E o que você quer fazer? Eu quero ir para minha madrinha, eu quero trabalhar, eu quero ter a minha casa, eu quero cuidar dela (filha) do jeito que eu não fui cuidada, porque eu não tive muito também sabe... eu nunca fiquei morando para sempre com a minha mãe, sabe... sempre fui jogada de um lado para outro, então não quero que ela fique do mesmo jeito, não quero que ela use drogas, quero que ela estude, que tenha a família dela futuramente e tenha os filhos dela ou tenha os meus netos, que futuramente eu vou ter, eu querendo ou não... quero que ela seja feliz também, o que eu não tive ela possa ter... que foi muito carinho, essas coisas... que eu não tive, pelo menos da minha parte ela vai ter...

Está sendo fácil cuidar dela? *Está um pouco... para mim, não é a mesma coisa que cuidar do seu próprio irmão... é mais difícil, tem que ter mais cuidado... eu cuidei dos meus irmãos todos e para mim, começava a chorar eu dava para a minha mãe, agora ela não é assim, ela chora, tem que acalmar, as vezes é cólica, com ela é assim... agora eu entendo, como se eu fosse mãe, cuidando dos meus outros irmãos, dela eu cuido, do jeito que eu cuidava dos meus irmãos eu cuido dela*

Você se sente diferente? *Com ela eu fiquei mais paciente, eu não era muito paciente não... com ela as vezes eu ainda perco a paciência, mas eu falo... não... com ela eu tenho que respeitar, porque é a minha filha, porque querendo ou não eu procurei ter ela... só que hoje ela está aí... está aí para contar a história né ... muita história para contar...*

Você acha que você mudou? *Mudei bastante... me tirou do caminho das drogas... fez eu mudar assim... fazer eu cuidar mais de mim mesma, cuidar mais das coisas dela, cuidar mais dela, ir mais ao médico, porque antes eu não gostava de ir ao médico, odiava... agora eu me cuido mais, cuido mais dela, sei que ela mudou muita coisa, na minha vida, a da minha família... muita coisa ela mudou... o jeito do pai dela ser também ela mudou, coisa que ninguém conseguia mudar ela mudou sem fazer nada... só ela nascendo.... ele não gostava de trabalhar muito, vivia neste mundo de droga, agora ele saiu das drogas e está trabalhando por causa dela... para mim, ela só nasceu e mudou a vida dele... ele já falou isto para mim, ela nasceu para mudar e minha vida e a sua ... aí hoje, ela mudou a minha vida e mudou a dele... ..*

O que você acha de estar morando aqui? *Ah eu não sei... não tem muita coisa para eu falar, porque eu estou aqui a pouco tempo... só um mês e meio... gostei um pouco daqui, porque aqui você tem uma certa liberdade, que na rua você não poderia ter... aqui é bom, mas por outro lado também é ruim, porque não pode sair para ver os seus familiares... algumas coisas são ruins aqui, mas outras são boas... porque tem uma liberdade que na rua você não poderia ter e se tivesse na sua casa você também não poderia ...*

Por exemplo? *Estudar melhor, ir para o curso, sair daqui com um trabalho, cuidar bem da minha filha, ter mais tempo para ela do que pra você mesmo, para mim é melhor do que em casa, porque em casa não ia ter nada disto... aqui tem muita coisa... ..*

Você amamentou? *Até os dois meses porque eu não tive muito leite...*

E ela mamava bem? *Mamava bem, eram vinte e quatro horas no peito... (risos) aí o leite secou, por causa de nervoso, de muito nervoso que eu passava, eu ficava muito nervosa, eu me estressava muito rápido...*

Porque? *Não, porque era assim... eu estava em casa e qualquer coisa eu já me estressava... aí eu... aí que inferno, sai daqui, aí que ódio... e eu ficava nervosa e ia tentar dar leite para ela e não saia nada, aí eu me acalmava e ela mamava, então teve uma época que eu comecei a ficar muito estressada e quando eu fui ver não tinha mais leite... tudo me irritava, se a minha mãe vinha falar comigo uma coisa que eu não gostava, eu mandava ela sair da minha frente.... até bater de frente com a minha mãe eu já bati, até sair nos tapas com ela eu já sai ... aí hoje a minha mãe conversa de boa, nós somos super de boa, só pensando nela mesmo... pensando no bem estar dela, a gente pensando nela... a gente pensa futuramente o que eu fiz eu vou poder pagar, porque tudo que se planta se colhe mais tarde, então eu penso assim... vou tentar mudar a minha vida, estudar e trabalhar e cuidar dela do meu jeito... ..*

O que você já conhece da sua filha? *Ela vai ser um pouquinho teimosa, não é todas as coisas que ela obedece... com uns cinco, seis meses que ela vai fazer... eu vou conhecer mais quando eu conhecer mais ela não vai ser muito paciente, ela vai ser muito extrovertida, vai rir demais... ela vai ser legal... uma futura companhia dela vai ser legal... o que eu consegui identificar dela foi isto, que ela vai ser tipo uma amiga, aquelas amigas de verdade, que você conta e fala... que você conta e ela fica lá de boa e reflete... que eu entendo dela é isto... o que eu vi ainda nela foi isto...conforme o tempo eu vou vendo mais ... ela tem muitas qualidades, tem poucos defeitos e muitas qualidades ... não é só porque é minha filha que ela tem muitas qualidades, mas ela tem...*

Você deu banho nela quando ela era pequenininha? *Dei... Minha mãe mesmo queria dar banho nela e eu nunca deixei... eu nunca deixava, eu falava: Não mãe, a filha é minha quem vai dar banho nela sou eu... no primeiro dia eu dei banho nela e fiquei com ela de boa... foi difícil... minha tia que me ajudou... foi no primeiro dia de casa, né... porque no hospital quem deu banho foram eles lá... no primeiro dia que eu encostei nela no hospital, assim que ela nasceu, eu já abracei ela, beijei ela, aí foi na hora que eu desmaiei né... aí aquele monte de aparelho ligado em mim, ligado nela... aí começou a vir aquela depressão de novo... imagina a minha filha no hospital e eu em casa e não sei se estão tratando dela... tem vários nenês que morrem porque dão injeção errada, eu ficava pensando, não queria sair do hospital por causa dela... aí teve o dia que eu recebi a*

notícia que ela poderia sair do hospital... aí eu chorei demais, chorei de tristeza porque ela estava um pouco mal e chorei de alegria porque ela ia sair ... hoje ela está aqui saudável, de boa, bagunceira, impaciente mas está bem esperta já...

Ela dorme bem? Dorme... dia, noite, a madrugada inteira... ela vai ser paciente para dormir assim, dorme demais

Ela chora muito? Não. Ela é de boa, só chora mesmo quando está com fome ... quando ela está com fome ela faz um escândalo ou quando está com cólica... mas ela é de boa ...

E a família do pai dela conhece ela? Já viram ela já... a tia dele...

O que eles acharam? Que é muito parecida com ele... que ela tem várias qualidades que ele tem também ... como ela nasceu... ela era bem miudinha, do jeito que o pai dela nasceu... o pai dela também não é muito grande, assim... é um pouco maior do que eu... mas ele é louco pra ver ela... a família dele já tirou foto, mas quando foi enviar para ele não deu... aí ele ficou mais nervoso, porque queria ver a filha dele mas não pode... ele falou que qualquer dia ele vem ver ela, se Deus quiser ele vai mudar mais do que ele está mudado e vai ver ela... ..

Você acha que ele vai te ajudar? Eu acho. O primeiro dia que ele falou que ia arcar com as consequências dele... eu já pensei na hora, ele não é daqueles caras que brinca com você e depois pega e te joga fora, para mim é assim... para mim, que eu acho assim, que eu conheci dele nestes um ano e sete meses... que ele vai cuidar de mim, se um dia a gente ficar junto ou se ele arrumar outra ou eu arrumar outro, que a gente possa continuar se falando, ele possa estar vindo ver a filha dele, eu acho assim... que um dia, ela vai ter que conhecer o pai dela, querendo ou não... senão qualquer dia ela vai crescer e vai dizer cadê meu pai... ..

Você já pensou que não iria dar conta de cuidar dela? Já! Olha, quando ela nasceu eu olhei para a minha mãe e falei: Mãe. Eu não vou dar conta. São muitas coisas que você tem que fazer... tem que dar leite, tem que trocar fralda, tem que trabalhar, tem que cuidar, eu falava assim: Mãe eu não dou conta. Mas graças a Deus hoje eu dou conta...

E sua mãe disse o quê? Minha mãe falava, não filha, não fala isto porque você vai dar conta, você vai cuidar da sua filha, vai ter sua família, e assim vai... de geração em geração... aí você cuida, sua filha futuramente vai cuidar do marido dela, da filha dela, futuramente a filha dela, vai cuidar do marido, essas coisas... mas também, tudo que eu

não tive, futuramente eu posso dar para ela, o que eu não tive... foi muito carinho, paparicação, este mela-mela, eu sou muito apegada com ela, se dão um grito com ela eu já fico nervosa... Não, está aí é minha filha quem vai tratar dela sou eu...

E ela tira você do sério ou não? Algumas vezes, quanto ela chorar demais... eu falo: Menina, fica quieta, dá licença, vai dormir... as vezes, é cólica também ... ela fica resmungando lá, tipo querendo falar com você, ela fica resmungando... né amor da mãe, né amor da mãe (ela começa a brincar e a falar a com a filha)... ela fica resmungando, é o que eu entendo, ela já está querendo falar, me xingar... ah já quer xingar a mãe já, numa idade desta... já quer xingar né (fala infantilizada, afetiva, brincando com a filha, o bebê sorri) ...

Você tem algum medo? Medo de ficar aqui... de não sair daqui... de ficar aqui... como eu falei para a minha mãe: Mãe! abrigo não é vida para ninguém ... ela disse: Não interessa que você está no abrigo, se você está no abrigo é para ser ajudada... mesmo assim, eu não gosto de estar aqui... eu queria estar com a minha família, eu sabia que existia abrigo, mas... eu nunca percebi que eu ia estar em um deles, este aqui já é o segundo abrigo que eu passo...

Já teve em outro? Naquele que era misturado, sabe... mas eu tenho contato com eles, eu saí de lá, mas eles deixaram uma certa saudade ... quando eu saí de lá uma tia falou para mim, você vai, mas vai deixar muitas lembranças aqui... hoje elas me ligam, eu ligo para elas e a gente conversa, mantem contato até hoje... e tem uma amiga lá que nela eu confio, hoje eu ainda ligo para ela e a gente conversa... até hoje, ela mesmo fala que é madrinha da Heloisa... ela ficou muito apegada com a Heloisa... ela chorava, ela já pegava a Heloisa no colo... ela parava na hora de chorar, ela é muito apegada com a Heloisa... hoje a gente ainda mantem contato... é assim, a minha vida, o que eu tenho para contar é isto... sofri bem mais que algumas pessoas daqui, pelo que me contaram, acho que eu sou a que menos entenderam o ponto de vista... para mim que eu acho daqui foi o mais grave... porque eu já vivi algumas coisas que algumas delas já viveram ou vivi muito pior que algumas delas estão por viver ou vão viver ainda...

Qual a pior coisa que você viveu? Este momento de droga... fiquei pensando como o meu pai, vou para esquecer os problemas... depois eu lembrava os problemas tudo de novo...

Quantos anos você tinha quando começou? Eu tinha uns onze, doze... usei até os treze, depois eu não usei mais. Falei, não se eu quero cuidar da minha filha eu não vou fazer

isto... Graças à Deus a minha filha nasceu sem nenhuma doença, sem nenhuma dificuldade, só ficou na UTI, mas graças à Deus hoje ela não tem nada... está super saudável

Nesta época você ficava com quem? Ficava tipo largada... as vezes ficava na rua, dormia na rua, sabe... dormia assim, de ficar na rua... saia para as baladas, bebia demais, a fui conhecer as drogas, fui no embalo, eu via usando, eu usava também ... era assim, ia no embalo dos amigos, amigos não colegas, porque amigo a gente só tem um... ficava no embalo, ele vai usar eu também vou, ele vai baforar eu também vou, ele vai fumar eu também vou fumar, naquelas companhias... usava farinha e maconha e o famoso lança, que todo mundo comenta... nas festas, até nas ruas... aí usava, ficava naquele brisa louca depois lembrava de todos os problemas e usava de novo, ia nos embalos, fazia o que você tinha que fazer, o que não podia fazer, depois quando você ia ver já tinha feito... até depois, eu fazia besteira, de ficar com cara de já tinha mulher, depois você ficava sabendo e se metia em confusão e sua vida enrola todinha... por causa disto... foi nesta época que eu fui morar com o pai da minha filha, porque ele já foi gerente de biqueira, já fui dono, ele ainda é dono de uma... mas, ele falou que não vai ser mais, que ele vai tomar vergonha na cara dele e cuidar da filha dele... hoje ele mexe com isto também... eu uso isto eu falei, eu vou ficar com este cara, ele é o pai da minha filha e eu vou ficar com esse cara... aí continuei com ele... aí ele usava muito também, eu comecei ir no embalo dele também, aí fiquei... mas graças à Deus nunca cheguei a ficar viciada... Como a minha mãe fala: Viciada você pega ali e não larga mais... ai vai para o resto da sua vida... como teve este meu tio que morreu por causa que ele tinha preconceito de ser gay, sabe... eu era mais mimada por ele também... aí teve um dia que ele ligou o som no último, se enrolou no cobertor e tomou veneno ... ninguém sabia de nada, não ele tá dormindo, o som no último volume, não ele tá de boa... meu vô: Abaixa este som, abaixa este som... foi quando eu era neném, isto que me comoveu mais, isto me deixou mais triste, até hoje eu paro e penso é uma coisa que eu não vou conseguir tirar do coração, por mais que eu fale com alguém, por mais que eu desabafe com alguém, eu não vou tirar do meu peito isto ... como do pai dela, quando eu larguei dele, eu não tiro do peito também. Por causa do meu tio, foi uma das piores coisas foi quando ele morreu ... é que eu era bebê também ... fiquei super triste também... aí hoje qualquer coisa, qualquer coisa que eu fique triste, fique nervosa, eu lembro dele também ... eu fico assim, eu falo: Pelo menos um vento que vier e eu estiver na rua, vai ser meu tio me ajudando, meu tio me

dando uma luz do que eu faço, do que eu vou parar de fazer, do que eu estou fazendo de bom, do que eu estou fazendo de errado... eu acho assim, tem uma música que fala, qualquer lugar que você esteja e um parente seu estiver morto, ele vai estar lá, porque ou vai soar um vento ou vai soar um raio de sol perto de você... tem uma música que fala isto, então eu fui me apoiar nesta musica ... eu falo não, se vir um vento ele está perto de mim, se vir um raio de luz ele está perto de mim, pelo menos eu acho assim, ele nunca está longe de mim... a mais mimada, ele nunca está longe de mim... com meus irmãos. ele não brincava tanto... todo tio brinca, só que no geral eu era a mais mimada por ele...

Quem te falou isto? Minha mãe... minha mãe também era muito apegada nele... e hoje a gente está aí... estamos levando esta luta por causa do meu tio e estamos aí...

Comentários: Percebo que a bebe começa a ficar agitada e chorosa parece estar cansada, menciono que talvez seja melhor pararmos a entrevista, pergunto para Gabriela se tem algo mais que ela gostaria de falar ou perguntar. Ela diz que não mas fala: O que pudermos me ajudar... só isto só.

Na realidade, percebo ao final que a conversa com G. me deixou exausto, sua confusão, desorganização e velocidade da sua fala me levaram a exaustão. Na realidade percebi que não queria continuar a entrevista, não conseguia focar o pensamento, não conseguia me distanciar, estava totalmente envolto na confusão que cada vez mais se apresentava, assim como, a sensação de que a fala estava totalmente desconexa e confusa.